

## Dicionário de Vampire Academy

Antes de começarmos, é bom esclarecer alguns termos da mitologia romena que estão nesse livro.

### Dhampir

Um Zamphir ou Dhampir no folclore balcânico e nas ficções é a criança de um vampiro com uma humana, com os poderes de vampiro mas nenhuma de suas fraquezas. (na ficção o inverso também ocorre). Acredita-se que um dhampir tem a habilidade única de ver vampiros, mesmo quando estão invisíveis, e são extraordinários conhecedores de como matá-los.

### Moroi

São vampiros completos e são mortais. Bebem sangue, mas para o suficiente para matar. Sua mordida estimula sua vítima, dando lhes um sentimento prazeroso. São guardados por Dhampirs do Strigoi.

### Strigoi

Vampiros imortais que originam dos Moroi que mataram para se alimentar. Podem somente ser matados por uma estaca de prata através do coração, decapitando, ou pelo fogo. Moroi, Dhampirs, e os seres humanos podem ser transformados em Strigoi por outro Strigoi.

Vampire Academy por Richelle Mead

## UM

SENTI SEU MEDO ANTES de escutar seus gritos.

O pesadelo dela pulsou em mim, me tirando de meus próprios sonhos, no qual tinha alguma coisa a ver com uma praia e um cara gostoso espalhando óleo bronzeador em mim. Imagens – dela, não minhas – faziam baderna em minha mente: fogo e sangue, o cheiro de fumaça, o metal torcido de um carro. As figuras me envolveram, me sufocando, até que alguma parte racional de meu cérebro lembrou-me que esse não era *meu* sonho.

Eu acordei, longas mechas de um cabelo escuro grudando na minha testa.

Lissa deitada em sua cama, se debatia e gritava. Eu escapuli da minha, passando rapidamente pelos poucos metros que nos separava.

“Liss,” eu disse, sacudindo-a. “Liss, acorde.”

Seus gritos morreram, sendo substituídos por fracos choramingos. “Andre,” lamentou-se. “Oh, Deus.”

Eu a ajudei a sentar-se. “Liss, você não está mais lá. Acorde.”

Depois de algum tempo, seus olhos agitaram-se e abriram, e na iluminação turva, eu pude ver uma centelha de consciência começar a despertar. Sua respiração frenética diminuiu, e ela se inclinou sobre mim, descansando sua cabeça em meu ombro. Eu a envolvi com meu braço e passei minha mão em seus cabelos.

“Está bem,” disse a ela gentilmente. “Está tudo bem.”

“Eu tive aquele sonho.”

“Yeah. Eu sei.”

Ficamos sentadas assim por muitos minutos, sem dizer mais nada. Quando senti suas emoções se tranquilizarem, me inclinei sobre o criado-mudo entre nossas camas e acendi o abajur. Ele incandesceu de forma tênue, mas nenhuma de nós precisava de muito para enxergar. Atraído pela luz, nosso companheiro de quarto felino, Oscar, pulou em cima do peitoril da janela aberta. Ele manteve a distância de mim – animais não gostam de dhampirs, por alguma razão – mas pulou na cama e esfregou sua cabeça contra Lissa, ronronando baixinho. Animais não

tinham problemas com Moroi, e todos eles amavam Lissa em particular. Sorrindo, ela acariciou seu queixo, e eu senti sua calma ainda mais.

“Quando foi a última vez que nós fizemos uma alimentação?” eu perguntei, estudando seu rosto. Sua bela pele estava mais pálida de que costume. Grandes olheiras embaixo de seus olhos, e havia um ar de fraqueza nela. A escola tinha sido agitada essa semana, e eu não me recordava da última vez que havia lhe dado sangue. “Foi a... mais de dois dias, não foi? Três? Por que você não disse algo?”

Ela se encolheu e não olhou em meus olhos. “Você estava ocupada. Eu não queria –” “Que se dane isso,” eu disse, me colocando numa posição melhor. Não era surpresa que ela aparentava tão fraca. Oscar, não me querendo por perto, pulou da cama e retornou para a janela, onde ele podia olhar de uma distância segura. “Venha. Vamos fazer isso.”

“Rose –”

“Vamos. Vai fazer você se sentir melhor.”

Eu inclinei minha cabeça e joguei meu cabelo para trás, descobrindo meu pescoço. Eu vi ela hesitar, mas a visão do meu pescoço e o que ele poderia oferecer se mostrou ser muito poderoso. Uma expressão de rosto perpassou por seu rosto, e seus lábios ligeiramente se entreabriram, expondo os caninos que ela normalmente mantém escondidos ao viver entre os humanos. Aquelas presas contrastavam estranhamente com o resto de suas feições. Com seu rosto bonito e seu cabelo loiro pálido, ela aparentava mais um anjo do que um vampiro. Enquanto seus dentes se aproximavam de minha pele nua, eu senti meu coração correr numa mistura de medo e antecipação. Eu sempre detestava sentir o segundo, mas não havia nada que eu pudesse fazer, era uma fraqueza da qual não poderia me livrar.

Seus caninos me morderam, fortemente, e eu gritei na breve explosão de dor. Então desapareceu, substituído por um maravilhoso e excelente prazer que se espalhou por meu corpo. Era melhor do que todas as vezes em que estive bêbada ou doidona. Melhor que sexo – ou eu imaginava que sim, já que eu nunca havia feito. Era um coberto do mais absoluto, puro prazer, que me envolvia e prometia que tudo ficaria bem no mundo. E assim foi, continuamente. As químicas em sua saliva provocaram uma alta de endorfina, e eu perdi a noção do mundo, perdi a noção de quem eu era.

Então, infelizmente, tudo havia acabado. Durou menos de um minuto.

Ela se afastou, limpando sua boca com a mão enquanto me examinava. “Você está bem?” “Eu...yeah.” Me deitei na cama, tonta pela perda de sangue. “Eu só preciso dormir. Estou bem.”

Seus pálidos, olhos verde-jade me olhavam com interesse. Ela se levantou. “Vou pegar alguma coisa para você comer.”

Meus protestos chegaram desastrosamente até meus lábios, e ela havia saído antes que eu conseguisse reformular uma frase. A agitação de sua mordida tinha diminuído assim que ela cortou a conexão, mas ainda havia um pouco disso correndo em minhas veias, e eu senti um sorriso pateta surgir em meu rosto. Virando a minha cabeça, dei uma olhada em Oscar, ainda sentado na janela.

“Você não sabe o que está perdendo,” disse a ele.

Sua atenção estava voltada para o lado de fora. Pondo-se de cócoras num agachamento, ele inflou em sua pele de um preto forte e lustroso. Seu rabo começou a se agitar.

Meu sorriso desapareceu, e me forcei a sentar. O mundo girou, e eu esperei que ele se endireitasse antes de tentar levantar. Quando consegui isso, a vertigem voltou e dessa vez se recusou a ir embora. Mesmo assim, me senti bem o bastante para tropeçar até a janela e espiei com Oscar. Ele me olhou cuidadosamente, escapou um pouco para o outro lado, e então retornou para o que quer que tenha prendido sua atenção.

Uma brisa morna – um morno fora de estação para a primavera de Portland – brincou com meu cabelo enquanto me inclinava para fora. A rua estava escura e relativamente quieta. Eram três da manhã, justamente o único horário que o campus da faculdade se aquietava, pelo menos um pouco. A casa na qual nós alugávamos um quarto pelos últimos oito meses ficava numa rua residencial com casas velhas que não combinavam. Do outro lado da rua, a luz de um poste piscava, quase pronta para queimar. Ainda tinha luz o suficiente para que eu pudesse perceber as formas dos carros e prédios. No nosso velho quintal, eu podia ver as silhuetas das árvores e dos arbustos.

E um homem olhando para mim.

Eu me joguei para trás surpresa. A pessoa ficava ao lado de uma árvore no quintal, há cerca de nove metros de distância, onde ele podia facilmente ver pela janela. Ele estava perto o suficiente para que eu jogasse algo que pudesse acertá-lo. Certamente, ele estava perto o suficiente para ver o que Lissa e eu tínhamos acabado de fazer.

As sombras o acobertavam tão bem que mesmo com a minha visão elevada, eu não podia distinguir nenhuma de suas feições, exceto por sua altura. Ele era alto. Realmente alto. Ele ficou ali por um momento, mal perceptível, então andou para trás, desaparecendo nas sombras projetadas pelas árvores do lado mais distante do quintal. Eu tinha quase certeza de que vi alguém mais se mexer perto dali, se juntando a ele antes que a escuridão engolisse os dois.

Quem quer que fossem, Oscar não gostava deles. Sem contar comigo, normalmente ele se dava com quase todo mundo, desenvolvendo um estranhamento somente quando alguém afirmava ser um perigo imediato. O indivíduo lá fora não havia feito nada que ameaçasse Oscar, mas o gato sentiu alguma coisa, alguma coisa que o colocava de sobreaviso. Alguma coisa similar ao que ele sente sobre mim.

Um medo congelante passou por mim, quase – mas não completamente – erradicando a agradável felicidade da mordida de Lissa. Recuando da janela, vesti um par de calças que encontrei no chão, quase caindo no processo. Uma vez que estava vestida, eu peguei o meu casaco e do de Lissa, junto com nossas carteiras. Enfiando meu pé nos primeiros sapatos que vi, me dirigi porta afora.

No andar de baixo, encontrei ela na cozinha apertada, inspecionando a geladeira. Um de nossos companheiros de quarto, Jeremy, sentado à mesa, com a mão em sua testa enquanto olhava tristemente para o livro de cálculos. Lissa me observou com surpresa.

“Você não devia estar de pé.”

“Nós temos que ir. Agora.”

Seus olhos se arregalaram, e então um momento depois, a compreensão bateu. “Você está ....falando sério? Você tem certeza?”

Eu acenei com a cabeça. Eu não podia explicar como eu tinha certeza. Eu simplesmente tinha. Jeremy nos olhava curioso. “Qual é o problema?”

Uma idéia me veio à cabeça. “Liss, pegue as chaves do carro dele.”

Ele olhou de um lado para o outro entre nós. “O que vocês – “

Lissa andou até ele sem hesitação. Seu fluiu até mim através de nossa ligação mental, mas havia outra coisa também: a total confiança dela de que eu tomaria conta de tudo, de que nós estaríamos seguras. Como sempre, eu esperava que eu fosse digna desse tipo de confiança. Ela sorriu amplamente e olhou diretamente nos olhos dele. Por um segundo, Jeremy simplesmente encarou, ainda confuso, então vi o servo aprisioná-lo. Seus olhos se vidraram, e ele a estimou veneravelmente.

“Nós precisamos pegar seu carro emprestado,” ela disse com uma voz gentil. “Onde estão as suas chaves?”

Ele sorriu, e eu tremi. Eu tinha uma alta resistência à coerção/imposição, mas eu ainda podia sentir seus efeitos disso quando era direcionado para outra pessoa. Isso, e eu havia sido

ensinada minha vida inteira que usar isso era errado. Alcançando seu bolso, Jeremy entregou uma série de chaves pendurados num grande chaveiro vermelho.

“Obrigada,” Lissa disse. “E onde está estacionado?”

“No fim da rua,” ele disse sonhadamente. “Na esquina. Perto da Brown.” Quatro quarteirões de distância.

“Obrigada,” ela disse novamente, recuando. “Assim que nós sairmos, eu quero que você volte a estudar. Esqueça que nos viu hoje à noite.”

Ele acenou condescendentemente. Eu tive a impressão de que ele saltaria de um penhasco por ela assim que ela pedisse. Todos os humanos era suscetíveis à coerção, mas Jeremy pareceu ser mais fraco que a maioria. Isso foi conveniente agora.

“Vamos,” eu falei para ela. “A gente tem que se mexer.”

Nós andamos para fora, nos direcionando para a esquina que ele havia mencionado. Eu ainda estava tonta da mordida e continuava tropeçando, incapaz de me movimentar tão rápido quanto queria. Lissa teve que me segurar algumas vezes para impedir que eu caísse. A todo momento, aquela ansiedade vinha até mim pela sua mente. Eu tentei o meu melhor para ignorá-la, eu tinha meus próprios para lidar.

“Rose... o que nós vamos fazer se eles nos pegarem?” ela sussurrou.

“Eles não vão,” disse ferozmente. “Não vou permitir isso.”

“Mas se eles nos encontraram – “

“Eles já nos encontraram antes. E mesmo assim eles não nos pegaram. Nós, simplesmente, dirigiremos até a estação de trem e iremos até L.A. Eles vão perder o rastro.”

Eu fiz com que soasse simples. Eu sempre fazia isso, apesar de não ser nada simples fugir das pessoas com quem nós crescemos juntos. Nós estávamos fazendo isso por dois anos, nos escondendo em qualquer lugar que podíamos e simplesmente tentar terminar o colegial. Nosso último ano tinha acabado de começar, e morar num campus de faculdade parecia seguro. Nós estávamos tão perto da liberdade.

Ela não disse mais nada, e eu senti a sua fé em mim dar um impulso mais uma vez. Esse era o modo que sempre foi entre nós. Eu era aquela que agia, que fazia com que as coisas acontecessem – apesar de algumas vezes de forma imprudente. Ela era mais a parte mais racional, aquela que pensava nas coisas e as pesquisava extensivamente antes de agir. Ambos os estilos tinham suas utilidades, mas no momento, a imprudência era exigida. Nós não tínhamos tempo para hesitar.

Lissa e eu éramos amigas desde o jardim da infância, quando nossa professora nos colocou em duplas para os exercícios de escrita. Forçar uma criança de cinco anos a soletrar *Valisia Dragomir* e *Rosemarie Hathaway* era mais do que cruel, e nós teríamos – ou melhor, *eu teria* – respondido apropriadamente. Eu atirei meu livro na professora e a chamei de fascista bastarda. Eu não sabia o que aquelas palavras significavam, mas eu sabia como acertar um alvo em movimento.

Lissa e eu tínhamos sido inseparáveis desde então.

“Você escutou isso?” ela perguntou repentinamente.

Demorou alguns segundos para que eu escutar o que seus sentidos afiados já haviam pressentido. Passos, se movendo rapidamente. Eu fiz uma careta. Nós ainda tínhamos mais dois quarteirões para atravessar.

“Nós temos que correr,” eu disse, segurando o seu braço.

“Mas você não pode – “

“Corre.”

Eu usei cada grama da minha força de vontade para não desmaiar na calçada. Meu corpo não queria correr depois de perder sangue ou enquanto ainda estivesse metabolizando os efeitos da saliva dela. Mas eu mandei meus músculos pararem de reclamar e me agarrei em Lisa enquanto nossos pés golpeavam o concreto. Normalmente eu a teria ultrapassado sem

nenhum esforço extra – especialmente porque ela estava descalça – mas hoje à noite, ela era tudo que me mantinha ereta.

Os passos perseguidores ficaram mais altos, mais perto. Estrelas negras dançavam perante meus olhos. Na nossa frente, pude distinguir o Honda verde de Jeremy. Oh Deus, se pudéssemos simplesmente alcançá-lo – Há três metros do carro, um homem pisou exatamente no nosso caminho. Nós demos uma parada brusca, e eu joguei Lissa para trás pelo seu braço. Era *ele*, o cara que vi do outro lado da rua me observando. Ele era mais velho que nós, talvez vinte e poucos, e tão alto quanto havia imaginado, talvez 1,95cm ou 2,00cm. E sob circunstâncias diferentes – digamos, se ele não estivesse retardando nossa fuga perigosa – eu diria que o achava gostoso. Cabelo castanho na altura dos ombros, amarrado para trás num curto rabo de cavalo. Olhos castanho escuro. Um longo casaco marrom – um sobretudo, creio que era o nome.

Mas a sua gostosura era irrelevante agora. Ele era somente um obstáculo mantendo Lissa e a mim longe do carro e de nossa liberdade. Os passos atrás de nós diminuiu, e eu sabia que o nosso perseguidor havia nos alcançado. Nos lados, eu detectei mais movimento, mais pessoas se aproximando. Deus. Eles haviam mandando quase uma dúzia de guardiões para nos reaverem. A própria rainha não viaja com tantos.

Apavorada e não inteiramente no controle de meu raciocínio mais elevado, eu agi por instinto. Eu imprenssei Lissa, mantendo-a atrás de mim e longe do homem que aparentava ser o líder. “Deixe ela em paz,” eu rosnei. “Não toque nela.”

Seu rosto era ilegível, mas ele levantou suas mãos no que aparentou ser algum tipo de gesto para que eu me acalmasse, como se eu fosse algum tipo de animal raivoso que ele estava planejando sedar.

“Eu não vou – “

Ele deu um passo para frente. Perto demais.

Eu o ataquei, saltando numa manobra ofensiva na qual não usava há dois anos, não usava desde que Lissa e eu tínhamos fugido. A manobra era estúpida, outra reação nascida do instinto e do medo. E era inútil. Ele era um guardião habilidoso, não um novato que ainda não tinha terminado seu treinamento. Ele também não era fraco e não estava a ponto de desmaiar.

E, cara, ele era rápido. Eu havia esquecido o quão rápido os guardiões podem ser, como eles podiam se mexer e atacar como cobras. Ele me nocauteou como se estivesse espantando uma mosca, e suas mãos me golpearam e me mandaram para trás. Eu não acho que ele teve a intenção de bater tão forte – provavelmente só almejou me manter longe – mas minha falta de coordenação interferiu na minha capacidade de reagir. Incapaz de me manter de pé, eu comecei a cair, me dirigindo diretamente para a calçada num ângulo torto, com o quadril na frente. Isso ia doer. *Muito*.

Só que não doeu.

Simplesmente, tão rápido quanto ele havia me bloqueado, o homem se esticou e pegou meu braço, me colocando de pé. Quando eu me firmei, notei que ele estava olhando para mim – ou, mais precisamente, para o meu pescoço. Ainda desorientada, eu não percebi de imediato. Então, lentamente, minha mão livre alcançou o lado da minha garganta e tocou levemente na ferida que Lissa havia feito mais cedo. Quando puxei meus dedos de volta, eu vi o escorregadio, sangue preto na minha pele. Embaraçada, eu agitei meu cabelo para que ele caísse ao redor do meu rosto. Meu cabelo era longo e cheio e cobriu meu pescoço completamente. Eu o deixei crescer precisamente por esse motivo.

Os olhos escuros do cara continuaram na marca, agora coberta, por mais um instante e então encontrou meus olhos. Eu devolvi seu olhar audaciosamente e me puxei rapidamente de sua mão no meu braço. Ele me soltou, apesar de perceber que ele poderia me segurar a noite toda se ele quisesse. Lutando contra a vertigem nauseante, voltei para onde Lissa estava de novo,

me preparando para outro ataque. De repente, sua mão segurou a minha. “Rose,” ela disse serenamente. “Não.”

Suas palavras não tiveram nenhum efeito sobre mim no início, mas, gradualmente, pensamentos tranquilizantes começaram a se instalar na minha mente, vindos através de nossa ligação. Não era exatamente coerção – ela não usaria isso em mim – mas era eficaz como era o fato de que nós estávamos irremediavelmente em menor número e superadas. Até eu sabia que lutar seria inútil. Eu senti a tensão deixando meu corpo, e eu sucumbi à derrota. Sentindo minha resignação, o homem andou para frente, voltando sua atenção para Lissa. O rosto dele era calmo. Ele fez uma reverência e conseguiu ser gracioso ao fazer isso, o que me surpreendeu considerando a sua altura. “Meu nome é Dimitri Belikov,” ele disse. Eu consegui sentir um leve sotaque russo. “Eu vim para leva-la de volta à Academia St. Vladimir, Princesa.”

## DOIS

NÃO OBSTANTE MEU ÓDIO, EU TINHA que admitir que Dimitri Beli-sei-lá-o-quê era bastante inteligente. Depois deles terem nos despachado para o aeroporto e para o jato particular da Academia, ele deu uma olhada em nós duas cochichando e mandou nos separar. “Não deixem que elas falem uma com a outra,” ele advertiu ao guardião que me escoltava até o fundo do avião. “Cinco minutos juntas, e elas vão armar um plano de fuga.”

Eu lhe lancei um olhar arrogante e saí esbravejando pelo corredor. Não importava o fato de que nós *estávamos* planejando uma fuga.

Como era de praxe, as coisas não estavam boas para nossos heróis – ou heroínas, no caso. Uma vez que estávamos no ar, nossas chances para escapar caíram ainda mais. Mesmo supondo que um milagre acontecesse e eu conseguisse nocautear todos os dez guardiões, nós ainda teríamos o problema de como sair do avião. Eu imaginei que eles tivessem pára-quadras a bordo, mas na improvável hipótese de usar um, ainda havia a pequena questão da sobrevivência, vendo que nós provavelmente aterrissaríamos nas Montanhas Rocky. Não, nós não sairíamos do avião até que ele estivesse pousado nos arredores de Montana. Então, eu teria que pensar em alguma coisa, alguma coisa que envolvia passar pelas vigilâncias mágicas da Academia e dez vezes mais o número de guardiões. Yeah. Sem problema. Embora Lissa se sentasse na parte da frente com o cara Russo, seu medo uivava de volta para mim, martelando dentro de minha cabeça como um martelo. Minha preocupação por ela interferiu na minha fúria. Eles não podiam levá-la de volta para *lá*, não aquele lugar. Me perguntei se Dimitri hesitaria se ele sentisse o que eu senti e se ele soubesse o que eu sabia. Provavelmente não. Ele não se importava.

Suas emoções tornaram-se tão fortes em certo momento, que eu tive a desnorteante sensação de estar sentada em seu lugar – em sua *pele*. Isso acontecia algumas vezes, e sem nenhum aviso, ela me puxava diretamente para a sua mente. A alta compleição de Dimitri sentava ao seu lado, e minha mão – a mão *dela* – agarrou uma garrafa d’água. Ele se inclinou para frente para pegar alguma coisa, revelando seis pequenos símbolos tatuados em sua nuca: marcas *molnija*\*. Pareciam-se com dois raios de linhas irregulares se cruzando num símbolo em “X”. Um para cada Strigoi que ele havia matado. Acima deles havia uma linha serpenteante, mais ou menos como uma cobra, que o marcava como um guardião. A marca da promessa.

Piscando, lutei contra ela e me desloquei de volta para a minha própria mente com uma careta. Eu detestava quando isso acontecia. Sentir as emoções de Lissa era uma coisa, mas deslizar para dentro dela era algo que nós duas desprezávamos. Ela via isso como uma invasão de privacidade, então eu normalmente não a contava quando isso acontecia. Nenhuma de nós podia controlar isso. Era outro efeito da ligação, uma ligação que nenhuma das duas entendia

inteiramente. Existiam lendas sobre as ligações psíquicas entre os guardiões e seu Moroi, mas nenhuma das histórias mencionava algo como isso. Nós lidávamos com isso do melhor jeito possível.

Perto do fim do vôo, Dimitri veio até onde eu estava sentada e trocou de lugar com o guardião ao meu lado. Eu, explicitamente, me afastei, olhando para a janela distraidamente. Passamos muito tempo em silêncio. Finalmente, ele disse, “Você realmente ia atacar todos nós?”

Eu não respondi.

“Fazendo isso... protegendo ela desse jeito – foi muito corajoso.” Ele pausou. “*Estúpido*, mas muito corajoso. Por que você ao menos tentou?”

Olhei ele de relance, tirando o meu cabelo do rosto para que eu pudesse olhar em seus olhos de igual para igual. “Porque eu sou a sua guardiã.” Me virei de volta para a janela.

Depois de mais um momento em silêncio, ele se levantou e retornou para a parte da frente do jato.

Quando pousamos, Lissa e eu não tivemos outra opção a não ser deixar os comandos\* nos levarem até a Academia. Nosso carro parou no portão e o nosso motorista com os guardas que verificaram se nós não éramos Strigoi prestes a começar uma matança por diversão. Depois de um minuto, eles nos deixaram passar vigilância e entrar na Academia propriamente dita. Era por volta do horário do pôr do sol – o começo do dia vampírico – e o campus estava envolvido por sombras.

Provavelmente se parecia como sempre, disperso e gótico. Os Moroi eram fiéis às tradições; nada nunca mudava com eles. Essa escola não era tão velha quanto a de lá da Europa, mas foi construída no mesmo estilo. Os prédios ostentamente elaborados, parecido com a arquitetura de igreja, com picos elevados e esculturas de pedra. Portões forjados de ferro bloqueiam pequenos jardins e entradas aqui e ali. Depois de morar num campus universitário, eu tive uma nova apreciação pelo fato desse lugar se parecer mais com uma universidade do que um simples colégio.

Nós estávamos no campus secundário, que era dividida em colégio inferior e superior. Cada um foi construído ao redor de um pátio aberto decorado com alguns caminhos de pedra e enormes árvores centenárias. Nós estávamos indo para o pátio do superior, no qual havia prédios acadêmicos de um lado, enquanto os dormitórios dos dhampirs e o ginásio ficavam do lado oposto. Os dormitórios dos Moroi ficavam numa das outras extremidades, e defronte deles haviam os prédios administrativos que também serviam à escola inferior. Estudantes mais novos viviam no campus primário, mais distante ao oeste.

Ao redor de todos os campus havia espaço, espaço, e mais espaço. Nós estávamos em Montana, afinal de contas, a quilômetros de distância de uma cidade de verdade. O ar parecia fresco para meus pulmões e cheirava a pinheiro e a umidade, folhas caindo. Florestas, por demais crescidas, rodeavam todo o perímetro da Academia, e durante o dia, você podia ver as montanhas elevando-se no horizonte.

Enquanto nós entrávamos na parte principal do colégio superior, eu me livrei do meu guardião e corri até Dimitri.

“Hey, camarada.”

Ele continuou a andar e não me olhou. “Você quer conversar agora?”

“Você está nos levando para a Kirova?”

“Diretora Kirova,” ele corrigiu. Do seu outro lado, Lissa me mandou um olhar que dizia, *Não arranje encrenca*.

“Diretora. O que seja. Ela ainda é uma velha hipócrita de uma figa – “

Minhas palavras morreram quando os guardiões nos guiaram através de umas portas duplas – direto para a área comum. Eu suspirei. Essas pessoas eram *realmente* tão cruéis? Deviam existir, no mínimo, uma dúzia de caminhos para o escritório de Kirova, e eles estavam nos levando diretamente para o centro da área comum.

E era o horário do café da manhã.

Guardiões novatos – dhampirs como eu – e Moroi sentavam juntos, comendo e socializando, rostos ligados em qualquer fofoca nova que prendessem a atenção da Academia. Quando entramos, o cochicho alto das conversas cessaram instantaneamente, como se alguém tivesse desligado o interruptor. Centenas de pares de olhos giraram em nossa direção.

Eu devolvi os olhares de meus antigos colegas de classe com um sorriso amargo malandro, tentando perceber se as coisas haviam mudado. Não. Não parecia. Camille Conta ainda aparentava ser a cadela hipócrita perfeitinha que eu lembrava, ainda a autodenominada líder da associação real Moroi da Academia. Por outro lado, a prima desajeitada de Lissa, Natalie prestava a atenção com os olhos arregalados, tão inocentes e ingênuos quanto antes.

E do outro lado do aposento... bem, isso era interessante. Aaron. Coitadinho, coitadinho do Aaron, que sem dúvida teve seu coração partido quando Lissa foi embora. Ele ainda era tão bonito como nunca – talvez mais agora – sempre com aquela aparência dourada que complementava tão bem a dela. Seus olhos seguiram cada movimento dela. Sim. Definitivamente ainda não a havia superado. Era triste, de verdade, porque Lissa nunca foi realmente afim dele. Eu acho que ela saiu com ele simplesmente porque pareceu ser a coisa certa a fazer.

Mas o que eu achei mais interessante foi que Aaron aparentemente arranjou um modo de passar o tempo sem ela. Do lado dele, segurando sua mão, estava uma garota Moroi que parecia ter uns onze anos, mas devia ser mais velha, a não ser que ele tenha se tornado um pedófilo na nossa ausência. Com pequenas bochechas gordinhas e cachinhos dourados, ela parecia uma boneca de porcelana. Ela agarrou forte a mão dele e lançou a Lissa um olhar ódio tão ardente que isso me chocou. O que diabos era tudo isso? Ela não era ninguém que eu conhecesse. Só uma namorada ciumenta, eu supus. Eu também ficaria pirada se o meu cara olhasse para outra assim.

Nossa passarela da vergonha havia terminado, apesar do nosso novo rumo – o escritório da Diretora Kirova – não dar uma melhorada na situação. A bruxa velha estava exatamente do mesmo jeito que eu lembrava, nariz pontudo e cabelo grisalho. Ela era alta e magra, como a maioria dos Moroi, e sempre me lembrava um abutre. Eu a conhecia bem porque passei muito tempo em seu escritório.

A maioria de nossa escolta nos deixou assim que Lissa e eu nos sentamos, e eu me senti um pouco menos como uma prisioneira. Somente Alberta, a capitã dos guardiões da escola, e Dimitri ficaram. Eles tomaram suas posições ao longo da parede, aparentando estóicos e aterrorizantes, do modo como as descrições do cargo exigia.

Kirova fixou seus olhos furiosos em nós e abriu sua boca para começar, ao que eu não tenho dúvida, o maior sermão de todos os tempos. Uma profunda voz delicada a interrompeu.

“Valisia.”

Alarmada, percebi que havia mais alguém na sala. Não havia notado. Negligente para um guardião, mesmo para um novato.

Com um grande esforço, Victor Dashkov levantou-se de uma cadeira no canto. *Príncipe* Victor Dashkov. Lissa levantou-se num salto e correu para ele, jogando seus braços ao redor do frágil corpo dele.

“Titio,” ela sussurrou. Ela soou como se estivesse à beira das lágrimas enquanto ela apertava seu abraço.

Com um pequeno sorriso, ele gentilmente deu tapinhas nas costas dela. “Você não tem idéia de como estou feliz por vê-la a salvo, Valisia.” Ele olhou para mim. “E você também, Rose.” Eu acenei de volta, tentando esconder o quanto estava chocada. Ele estava doente quando fomos embora, mas isso – isso era *horrível*. Ele era o pai de Natalie, somente uns quarenta e pouco, mas ele aparentava o dobro da idade. Pálido. Encolhido. Com as mãos tremendo. Meu coração se partiu olhando para ele. Com todas as pessoas más no mundo, não era justo que



essa pessoa pegasse uma doença que o mataria jovem e, em última análise, o impediria de se tornar rei.

Apesar de não ser tecnicamente seu tio – os Moroi usam termos familiares de forma muito imprecisa, especialmente a realeza – Victor era um amigo íntimo da família de Lissa e havia feito de tudo para ajudá-la depois que seus pais morreram. Eu gostava dele; era a primeira pessoa que eu estava feliz em ver aqui.

Kirova deixou que eles tivessem mais alguns minutos e então, rigidamente, puxou Lissa de volta para seu lugar.

Hora do sermão.

Foi um dos bons – um dos melhores de Kirova, o que já dizia algo. Ela era uma mestre nisso. Eu juro que deve ter sido a única razão para ela ter ido para a administração do colégio, porque eu ainda tinha que ver outra evidência dela realmente *gostar* de crianças. O discurso abrangeu os assuntos usuais: comportamento de responsabilidade negligente, egocentrismo...blá, blá. Eu rapidamente me encontrei divagando, ponderando as logísticas de escapar pela janela do escritório.

Mas quando o discurso se voltou para mim – bem, foi aí que voltei à realidade.

“Você, srta. Hathaway, quebrou a mais sagrada promessa entre os de nossa espécie: a promessa de um guardião de proteger um Moroi. É um grande ato de confiança. A confiança que você violou egoisticamente ao levar a princesa daqui. Os Strigoi amariam acabar com os Dragomir; *you* quase os permitiu fazer isso.”

“Rose não me raptou.” Lissa falou antes que eu pudesse fazê-lo, sua voz e rosto serenos, apesar de seus desconfortáveis sentimentos. “Eu quis ir. Não a culpe.”

A sra. Kirova fez “tsic tsic” para nós duas e marchou pelo escritório, as mãos entrelaçadas nas suas costas estreitas.

“Srta. Dragomir, você pode ter sido aquela que orquestrou todo o plano pelo que eu saiba, mas ainda era a responsabilidade *dela* ter certeza de que você não levaria isso adiante. Se ela tivesse feito o seu trabalho, ela teria notificado alguém. Se ela tivesse cumprido com o seu dever, ela a manteria salva.”

Eu perdi o controle.

“Eu *cumpri* com meu dever!” eu gritei, pulando de minha cadeira. Dimitri e Alberta, ambos hesitaram, mas me deixaram em paz já que eu não estava tentando bater em ninguém. Ainda. “Eu a mantive salva! Eu a mantive salva quando nenhum de *vocês* – eu fiz um gesto amplo ao redor da sala – “pôde fazer isso. Eu a levei embora para protegê-la. Eu fiz o que eu tinha que fazer. Vocês certamente não iriam fazê-lo.”

Pela nossa ligação, eu pude sentir Lissa mandando mensagens tranqüilizadoras, novamente insistindo para que a raiva não tomasse conta de mim. Era tarde demais.

Kirova me encarou, seu rosto inexpressivo. “Srta. Hathaway, perdoe-me por não entender a lógica de como tirá-la de um ambiente altamente protegido e magicamente assegurado é protegê-la. A não ser que haja algo que você não esteja me contando.”

Mordi meu lábio.

“Estou vendo. Está bem. Pela minha avaliação, a única razão de você ter ido – além da novidade que isso envolvia, sem dúvida – foi para evitar as conseqüências daquela horrível e destrutiva façanha que você fez pouco antes de desaparecer.”

“Não, isso não – “

“E isso só torna minha decisão ainda mais fácil. Como uma Moroi, a princesa deve continuar aqui na Academia pela sua própria segurança, mas nós não temos nenhuma obrigação para com você. Você será mandada embora o mais rápido possível.”

Minha ousadia se esgotou. “Eu... o quê?”

Lissa se levantou ao meu lado. “Você não pode fazer isso! Ela é minha guardiã.”

“Ela não é nada disso, especialmente porque ela nem é uma guardiã. Ela ainda é uma novata.”

“Mas meus pais – “

“Eu sei o que seus pais queriam, que Deus abençoes suas almas, mas as coisas mudaram. Srta. Hathaway é dispensável. Ela não merece ser uma guardiã, e ela irá embora.”

Eu olhei para Kirova, incapaz de acreditar no que estava escutando. “Para onde você vai me mandar? Para minha mãe no Nepal? Ela pelo menos sabe que estive ausente? Ou talvez você vá me enviar para o meu *pai*?”

Os olhos dela se estreitaram em reação àquela última palavra. Quando falei novamente, minha voz estava tão calma, que eu mal reconheci.

“Ou talvez você esteja tentando me mandar para ser uma meretriz de sangue. Tente isso, e nós teremos ido embora antes do fim do dia.”

“Srta. Hathaway,” ela sibilou, “você está agindo inadequadamente.”

“Elas tem uma ligação.” A voz acentuada e baixa de Dimitri quebrou o clima pesado, e todos nós nos viramos para ele. Eu acho que Kirova havia esquecido que ele estava ali, mas eu não. Sua presença era muito poderosa para ser ignorada. Ele ainda estava contra a parede, parecendo com um daqueles cowboy de vigília naquele longo casaco ridículo dele. Ele olhou para mim, não para Lissa, seus olhos escuros encarando diretamente os meus. “Rose sabe o que Vasilisa está sentindo. Não sabe?”

Pelo menos eu tive a satisfação de ver Kirova ser pega de guarda baixa enquanto ela entre nós e Dimitri. “Não... isso é impossível. Isso não acontece há séculos.”

“É óbvio,” ele disse. “Eu suspeitei assim que comecei a observá-las.”

Nem Lissa nem eu respondemos, e eu desviei meus olhos dos dele.

“Isso é uma benção,” murmurou Victor de seu canto. “Algo raro e maravilhoso.”

“Os melhores guardiões tinham essa ligação,” Dimitri acrescentou. “Nas histórias.”

A indignação de Kirova voltou. “Histórias que tem séculos,” ela exclamou. “Certamente você não está sugerindo que a deixemos ficar na Academia depois de tudo que ela fez?”

Ele se encolheu. “Ela pode ser selvagem e desrespeitosa, mas se ela tem potencial – “

“Selvagem e desrespeitosa?” eu interrompi. “E quem diabos é você, afinal? Ajuda terceirizada?”

“Guardião Belikov é o guardião da princesa agora,” Kirova disse. “O guardião *autorizado* dela.”

“Você contratou mão-de-obra barata estrangeira para proteger Lissa?”

Aquilo foi uma coisa muito maldosa de se dizer – particularmente porque a maioria dos Moroi e seus guardiões eram descendentes de Russos ou Romanos – mas o comentário pareceu ser mais inteligente do que realmente foi. E não era como se eu pudesse falar. Eu posso ter nascidos na América, mas meus pais eram nascidos no estrangeiro. Minha mãe dhampir era Escocesa – ruiva, com um sotaque ridículo – e me falaram que meu pai Moroi era Turco. Essa combinação genética havia me dado uma pele da mesma cor do interior de uma amêndoa, junto com, o que eu gostava de pensar que eram, as características de uma princesa semi-exótica do deserto: grandes olhos escuros e cabelos de um castanho tão escuro que normalmente parecia ser preto. Eu não teria me importado de ter herdado o cabelo ruivo, mas a gente usa o que tem.

Kirova jogou suas mãos para cima em irritação e se virou para ele. “Você viu? Totalmente indisciplinada! Com toda as ligações psíquicas e potenciais *imatuross* do mundo não vão compensar isso. Um guardião sem disciplina é pior do que nenhum guardião.”

“Então a ensine disciplina. As aulas mal começaram. A coloque de volta e a faça treinar novamente.”

“Impossível. Ela ainda ficará atrás de seus colegas.”

“Não, eu não vou,” eu argumentei. Ninguém me escutava.

“Então a dê sessões de treinamento extra,” ele disse.

Eles continuaram enquanto o resto de nós assistia a troca como se fosse uma partida de Ping-Pong. Meu orgulho ainda estava ferido acerca da facilidade com que Dimitri havia nos

enganado, mas me ocorreu que ele poderia muito bem me manter aqui com Lissa. Melhor ficar nesse fim de mundo do que sem ela. Pela nossa ligação, eu pude sentir seu pingão de esperança.

“E quem vai gastar esse tempo extra?” Kirova exigiu. “Você?”

O argumento de Dimitri deu uma parada abrupta. “Bem, isso não era o que eu –” Kirova cruzou os braços com satisfação. “Sim. Foi isso que pensei.”

Claramente perdendo, ele franziu as sobrancelhas. Seus olhos passaram rapidamente de Lissa para mim, e me perguntei o que ele viu. Duas garotas patéticas, com grandes olhos pedintes? Ou duas fugitivas que haviam passado pela forte segurança do colégio e levado metade da herança de Lissa?

“Sim,” ele disse finalmente. “Eu posso orientar Rose. Vou dar a ela aulas extras junto com as normais.”

“E então o quê?” Kirova replicou furiosamente. “Ela fica sem punição?”

“Ache outra forma de castigá-la,” respondeu Dimitri. “O número de Guardiões tem caído muito para arriscarmos perder mais um. Uma garota, em particular.”

Suas palavras não ditas me fizeram tremer, me lembrando da minha declaração de mais cedo sobre “meretrizes de sangue.” Poucas garotas dhampir tem se transformado em guardiões. De repente Victor falou de seu canto. “Estou inclinado a concordar com o Guardião Belikov. Mandar Rose embora seria vergonhoso, um desperdício de talento.”

Sra. Kirova olhava fixamente para a janela. Estava completamente escuro do lado de fora. Com a programação noturna da Academia, *manhã* e *tarde* eram termos relativos. Isso, e eles mantinham as janelas pintadas para bloquear o excesso de luz.

Quando ela se virou, Lissa encontrou seus olhos. “Por favor, sra. Kirova. Deixe Rose ficar.”

*Oh, Lissa*, eu pensei. *Seja cuidadosa*. Usar coerção em outro Moroi era perigoso – particularmente na frente de testemunhas. Mas Lissa só estava usando um pouquinho, e nós precisávamos de toda a ajuda que pudéssemos arranjar. Felizmente, ninguém pareceu perceber o que estava acontecendo.

Eu nem sabia se a coerção havia feito alguma diferença, mas, finalmente, Kirova acenou.

“Se a srta. Hathaway ficar, é assim que vai ser.” Ela se virou para mim. “Sua matrícula regular no St. Vladimir é estritamente probatório. Saia da linha *uma* vez, e você está fora. Você vai freqüentar todas as aulas e treinamentos exigidos para os novatos de sua idade. Você também irá treinar com o Guardião Belikov em cada folga que tiver – antes e depois das aulas. Fora disso, você está banida de qualquer evento social, exceto as refeições, e ficará no seu dormitório. Não cumpra com alguma dessas coisas, e você será mandada... embora.”

Dei uma risada áspera. “Banida de todas as atividades sociais? Você está tentando nos manter separadas?” eu acenei na direção de Lissa. “Com medo de que nós fuçamos novamente?”

“Estou tomando precauções. Tenho certeza de que se lembra, você nunca foi punida por destruir propriedade da escola. Você tem muito o que compensar.” Seus lábios finos se apertaram numa linha reta. “Está lhe sendo oferecido uma proposta muito generosa. Eu sugiro que você não deixe a sua atitude pôr isso em risco.”

Eu comecei a dizer que não era nada generoso, mas então eu encontrei o olhar de Dimitri. Era difícil de ler. Ele poderia estar me dizendo que acreditava em mim. Ele poderia estar me dizendo que eu era uma idiota por continuar brigando com Kirova. Eu não sabia dizer. Olhando para longe dele pela segunda vez nessa reunião, eu encarei o chão, ciente de Lissa ao meu lado e seu próprio encorajamento queimando em nossa ligação. Finalmente, eu expirei e olhei de volta para a diretora.

“Está bem. Eu aceito.”

NOS MANDAR DIRETO PARA AS NOSSAS AULAS depois de nossa reunião me pareceu ser mais do que cruel, mas foi exatamente o que Kirova fez. Lissa foi conduzida para longe, e eu a assisti ir, satisfeita com que a ligação me permitisse ler sua temperatura emocional.

Na verdade, primeiro eles me mandaram para um orientador. Ele era um ancião Moroi, um do qual me lembrava de antes de partir. Eu honestamente não acreditava que ele ainda estava por aqui. O cara era tão absurdamente velho, ele devia ter se aposentado. Ou morrido.

A visita toda demorou uns cinco minutos. Ele não falou nada sobre o meu retorno e fez algumas perguntas sobre as aulas que tive em Chicago e Portland. Ele as comparou com as do meu velho arquivo e apressadamente rabiscou um novo horário. Eu o peguei com tristeza e me dirigi para a minha primeira aula.

*1º Horário Técnicas de Combate Avançado para Guardiões*

*2º Horário Teoria do Guarda-Costas e Proteção Pessoal 3*

*3º Horário Musculação e Condicionamento Físico*

*4º Horário Artes Lingüísticas do 3º ano (Aprendizes)*

*– Almoço –*

*5º Horário Comportamento e fisiologia animais*

*6º Horário Pré-cálculo*

*7º Horário Cultura Moroi 4*

*8º Horário Artes Eslava\**

Argh. Eu havia esquecido como eram longos os dias escolares na Academia. Aprendizes e Moroi tinham aulas separados na primeira metade do dia, o que significava que não veria Lissa até depois do almoço – se nós tivéssemos alguma aula no período da tarde juntas. A maioria delas eram aulas padrões do 3º ano, então eu senti que minhas chances seriam boas. Artes Eslava me impressionou por ser uma daquelas opcionais que ninguém se inscreve, então tomara que a coloquem nessa aula também.

\* eslavo (dos povos eslavos, russo, búlgaro, tcheco, eslovênio)

Dimitri e Alberta me escoltaram até o ginásio do guardião para o meu primeiro período, nenhum dos dois reconhecendo a minha existência. Andando atrás deles, vi como ela o seu cabelo curto, corte de fadinha\* que mostrava a marca da promessa e as marcas *molnija*.

Muitas das guardiãs faziam isso. Agora não me importava muito, tendo em vista que minha nuca ainda não tinha tatuagens, mas eu nunca iria cortar meu cabelo.

Ela e Dimitri não disseram nada e andavam lado a lado quase como se fosse um dia qualquer. Quando nós chegamos, as reações de meus colegas indicaram que não era nada disso. Eles estavam no meio do aquecimento, e igualmente como na área comum, todos os olhos caíram em mim. Não conseguia me decidir se me sentia como uma estrela do rock ou como uma aberração do circo.

Ok, então. Se eu fosse ficar por algum tempo aqui, eu não iria mais agir como se tivesse medo deles. Antigamente, Lissa e eu tínhamos o respeito dessa escola, e estava na hora de lembrar todo mundo disso. Fazendo a varredura dos olhares, nas bocas abertas dos aprendizes, procurei por algum rosto familiar. A maioria deles eram garotos. Um deles atraiu meu olhar, e eu quase não consegui segurar o riso.

“Hey Mason, enxugue a baba da cara. Se você vai pensar em mim pelada, faça isso num lugar apropriado.”

Alguns pigarros e risos abafados quebraram o silêncio temeroso, e Mason Ashford despertou

de seu atordoamento, me dando um sorriso torto. Com aquele cabelo vermelho arrogante para todo o lado e com sardas, ele era bonito, embora não exatamente gostoso. Ele também era um dos caras mais engraçados que eu conhecia. Nós éramos bons amigos antigamente. “Essa é a minha vez, Hathaway. Eu estou conduzindo a aula de hoje.” “Oh, é?” eu repliquei. “Huh. Bem, eu acho que essa é uma boa hora para você pensar em mim pelada, então.” “Sempre é uma boa hora pensar em você pelada,” acrescentou alguém por perto, quebrando ainda mais o clima pesado. Eddie Castile. Um outro bom amigo meu.

Dimitri balançou a cabeça e foi embora, murmurando alguma coisa em russo que não soava como algo gentil. Mas quanto a mim... bem, rapidinho, eu já era um dos aprendizes novamente. Eles eram um grupo descontraído, menos focados em linhagem e políticas do que a maioria dos Moroi.

A turma veio para cima de mim, e eu me encontrei rindo e vendo aqueles dos quais eu quase achei que havia me esquecido. Todo mundo queria saber onde nós estivemos; aparentemente, Lissa e eu tínhamos virado lendas. Eu não poderia contá-los o porquê de termos ido embora, lógico, então os brindei com vários sarcasmos e alguns você-não-vai-acreditar que serviram direitinho.

A reunião feliz durou mais algum tempo antes que um guardião adulto que vigiava o treinamento viesse e ralhasse com Mason por negligenciar suas funções. Ainda sorrindo, ele gritou ordens para todo mundo, explicando quais exercícios deveriam começar. De modo constrangedor percebi que não conhecia a maioria deles.

“Venha, Hathaway,” ele disse, pegando o meu braço. “Você pode ser minha parceira. Vamos ver o que você tem feito todo esse tempo.”

Uma hora depois, ele tinha a sua resposta.

“Não vem praticando, huh?”

“Ow,” eu gemi, momentaneamente incapaz de falar normalmente.

Ele estendeu a mão e me ajudou a levantar da tatame no qual ele havia me derrubado – por cerca de umas quinze vezes.

“Eu te odeio,” eu falei para ele, esfregando uma parte da minha perna que iria ficar com um roxo monstruoso amanhã.

“Você me odiaria mais se eu me contivesse.”

“Yeah, isso é verdade,” eu concordei, vacilante, enquanto a turma guardava os equipamentos.

“Na verdade você foi bem.”

“O que? Eu só levei porrada.”

“Bem, lógico que levou. Se passaram dois anos. Mas hey, você ainda está andando. Já é alguma coisa.” Ele sorriu de forma zombeteira.

“Eu mencionei que te odeio?”

Ele me deu outro sorriso, que logo se desfez para algo mais sério. “Não me leve a mal... quero dizer, você realmente é uma lutadora, mas não tem chance de você fazer os seus exames na primavera – “

“Eles estão fazendo com que eu tenha aulas extras de treinamento,” eu expliquei. Não que isso importasse. Eu estava planejando tirar Lissa e eu daqui antes que esses treinos se tornassem num problema. “Vou estar pronta.”

“Aulas extras com quem?”

“Com o cara alto. Dimitri.”

Mason parou de andar e olhou para mim. “Você foi posta para ter aulas extras com Belikov?”

“Sim, e daí?”

“Daí porque o cara é um *deus*.”

“Exagerando muito?”

“Não, eu falo sério. Quer dizer, ele é todo quieto e anti-social normalmente, mas quando ele

luta... wow. Se você acha que está machucada agora, você vai estar morta quando ele acabar com você.”

Ótimo. Mais uma coisa para melhorar o meu dia.

Eu acotovelei ele e fui para a minha segunda aula. A aula cobria o essencial sobre ser um guarda-costas e era exigido para todos do 3º ano. Na verdade, era o terceiro de uma série que havia começado no 1º ano. Isso quer dizer que eu também estava atrasada nessa matéria, mas eu esperava que proteger Lissa no mundo real houvesse me dado alguma vantagem.

Nosso instrutor era Stan Alto, a quem nós nos referíamos simplesmente como “Stan” por trás dele e “Guardião Alto” em ocasiões especiais. Ele era um pouco mais velho que Dimitri, mas não tão alto quanto, e ele sempre parecia estar irritado. Hoje, essa aparência se intensificou quando ele entrou na sala de aula e me viu lá sentada. Seus olhos se arregalaram numa surpresa fingida enquanto ele circulava pela sala e veio ficar do lado de minha mesa.

“O que é isso? Ninguém me disse que teríamos uma palestrante convidada hoje. Rose Hathaway. Que privilégio! Que *generosidade* a sua de achar uma folga na sua agenda tão apertada e vir dividir seu conhecimento conosco.”

Eu senti minhas bochechas esquentarem, mas numa grande demonstração de auto-controle, eu consegui me impedir de mandá-lo se danar. Eu tenho certeza que meu rosto conseguiu transmitir a mensagem, de qualquer forma, porque seu desdém aumentou. Ele fez um gesto para que eu ficasse de pé.

“Bem, venha, venha. Não sente aí! Venha para a frente para que possa me ajudar a ensinar à turma.”

Eu me afundei na minha cadeira. “Você não quer realmente dizer —“

O sorriso zombeteiro morreu. “Eu quis dizer *exatamente* o que eu disse, Hathaway. Vá para a frente da classe.”

Um silêncio pesado envolveu a sala. Stan era um instrutor assustador, e a maioria da classe ainda estava muito temerosa para poder rir da minha desgraça. Me recusando a fraquejar, eu caminhei até a frente da sala e virei-me de frente para a classe. Eu lhes dei um olhar destemido e joguei meus cabelos para trás dos ombros, ganhando alguns sorrisos simpáticos de meus colegas. Então eu notei que tinha uma platéia maior do que esperava. Alguns Guardiões – inclusive Dimitri – ficaram no fundo da sala. Fora da Academia, os Guardiões se focavam na proteção um-a-um. Aqui, eles tinham bem mais pessoas para proteger e eles tinham que treinar os aprendizes. Então, em vez de seguir cada pessoa por aí, eles trabalhavam em turnos protegendo a escola como um todo e monitorando as aulas.

“Então, Hathaway,” disse Stan alegremente, passeando de volta para mim. “Nos ilumine sobre as suas técnicas protetoras.”

“Minhas... técnicas?”

“Claro. Porque, presumivelmente, você deve ter tido algum tipo de plano que o resto de nós não podíamos entender para que você levasse uma Moroí da realeza menor de idade para fora da Academia e a expusesse a constantes ameaças Strigoi.”

Era o discurso da Kirova todo novamente, exceto que com mais testemunhas.

“Nós nunca encontramos com um Strigoi,” eu respondi rigidamente.

“Obviamente,” ele disse com um risinho. “Eu já percebi isso, vendo como você continuava viva.”

Eu queria gritar que talvez eu tenha derrotado um Strigoi, mas depois de ter levado uma surra na aula anterior, eu, agora, suspeitava que não conseguiria sobreviver a um ataque de Mason, quem dirá um Strigoi de verdade.

Quando eu não disse nada, Stan começou a andar na frente da classe.

“Então o que você fez? Como você se certificava para que ela continuasse segura? Vocês evitavam sair à noite?”

“Algumas vezes.” Isso era verdade – especialmente da primeira vez que nós fugimos. Nós relaxamos um pouquinho depois que se passaram meses sem nenhum ataque.

“*Algumas vezes,*” ele repetiu com uma voz aguda, fazendo com que minha resposta parecesse incrivelmente ridícula. “Bem, eu suponho que você tenha dormido durante o dia e ficado de guarda à noite.”

“Err... não.”

“Não? Mas isso é uma das primeiras coisas mencionadas no capítulo sobre guarda solo. Oh, espere, você não saberia disso porque  *você não estava aqui.*”

Eu engoli mais alguns xingamentos. “Eu vigiava a área sempre que nós saíamos,” eu disse, precisando me defender.

“Oh? Isso já é algo. Você usou o Método de Fiscalização do Quadrante Carnegie ou a Análise Rotativa?”

Eu não disse nada.

“Ah. Eu acho que você usou o Método-Olhar-Em-Volta-Quando-Se-Lembrava-Hathaway.”

“Não!” eu exclamei irritadamente. “Isso não é verdade. Eu a vigiei. Ela ainda está viva, não está?”

Ele andou de volta até mim e se inclinou até o meu rosto. “Porque você teve *sorte.*”

“Strigoi não estão à espreita à cada esquina lá fora,” eu devolvi. “Não é como o que nós temos aprendido. É mais seguro do que vocês fazem parecer.”

“Seguro? *Seguro?* Nós estamos em guerra com os Strigoi!” ele gritou. Eu podia sentir o cheiro de café em seu hálito de tão perto que ele estava. “Um deles poderia ter ido até você e quebrado o seu lindo pescocinho antes mesmo que você o notasse – e eles nem chegam a suar fazendo isso. Você pode ter mais velocidade e força do que um Moroi ou um humano, mas você não é nada, *nada*, comparada a um Strigoi. Eles são mortais e são perigosos. E você sabe o que os deixam mais poderosos?”

De jeito nenhum que eu ia deixar esse imbecil me fazer chorar. Olhando para longe dele, tentei me focar em alguma outra coisa. Meus olhos repousaram em Dimitri e nos outros Guardiões. Ele assistiam à minha humilhação, os rostos impassíveis.

“Sangue Moroi,” eu sussurrei.

“O que foi isso?” Stan pediu mais alto. “Eu não ouvi.”

Virei-me de volta para encará-lo. “Sangue Moroi! Sangue Moroi os deixam mais fortes.”

Ele balançou a cabeça com satisfação e deu alguns passos para trás. “Sim. É isso. Deixam os mais fortes e mais difíceis para se destruir. Eles matem e bebem de humanos ou dhampirs, mas eles querem sangue Moroi mais que todo o resto. Eles procuram por isso. Eles se viraram para o lado negro para ganhar imortalidade, e eles fazem qualquer coisa para manter essa imortalidade. Strigoi desesperados já atacaram Moroi em público. Grupos de Strigoi já invadiram Academias iguais a esta. Existem Strigoi que viveram por vários séculos e se alimentaram de gerações de Moroi. Eles são quase impossíveis de se matar. E isso é o porque do número de Moroi estar caindo. Eles não são fortes o suficiente – mesmo com guardiões – para se protegerem. Alguns Moroi nem vêem mais sentido em fugir e simplesmente se entregam aos Strigoi por vontade própria. E quanto mais desaparecem os Moroi...”

“... mais desaparecem os dhampirs,” eu terminei.

“Bem,” ele disse, lambendo o cuspe salpicado de seus lábios. “Parece que você aprendeu alguma coisa apesar de tudo. Agora nós temos que ver se você consegue aprender o suficiente para passar nessa matéria e se qualificar para o campo prático semestre que vem.”

Ouch. Eu passei o resto daquela aula horrível – felizmente, no meu lugar – repassando aquelas últimas palavras na minha mente. O campo prático do 3º ano era a melhor parte na formação de um aprendiz. Nós não tínhamos aula por meio semestre. Em vez disso, cada um era designado com um estudante Moroi a quem deveria proteger e seguir por aí. Os Guardiões adultos iriam nos monitorar e nos testar com ataques encenados e outras ameaças. Como um

aprendiz passava no campo prático era quase tão importante quanto todo o resto de suas aulas combinadas. Isso iria influenciar sobre qual Moroi lhe seria designado depois da formatura.

E quanto a mim? Só havia um Moroi que eu queria.

Duas aulas mais tarde, eu finalmente ganhei minha folga na hora do almoço. Enquanto eu tropeçava pelo campus para a área comum, Dimitri começou a caminhar ao meu lado, não parecendo particularmente divino – a não ser que você contasse com a sua beleza sobre-humana.

“Suponho que tenha visto o que aconteceu na aula de Stan?” eu perguntei, não me importando com títulos.

“Sim.”

“E você não acha q foi injusto?”

“Ele estava certo? Você achar que estava inteiramente preparada para proteger Valisia?”

Eu olhei para o chão. “Eu a mantive viva,” murmurei.

“Como você foi lutando contra os seus colegas hoje?”

A pergunta era maldosa. Eu não respondi e sabia que não precisava. Eu tive outra aula com treinamento depois da de Stan, e sem dúvida Dimitri me viu apanhar lá também.

“Se você não consegue lutar com *eles* –“

“Yeah, yeah, eu sei,” eu o cortei.

Ele retardou seus longos passos para acompanhar o meu cheio de dor. “Você é forte e rápida por natureza. Você só precisa se manter treinada. Você não praticou nenhum tipo de esporte enquanto esteve fora?”

“Claro,” dei de ombros. “Aqui e ali.”

“Você não se juntou a nenhuma equipe?”

“Muito trabalho. Se eu quisesse praticar tanto, eu teria ficado aqui.”

Ele me deu um olhar irritado. “Você nunca vai ser realmente capaz de proteger a princesa se você não aperfeiçoar suas habilidades. Você sempre vai ficar para trás.”

“Eu serei capaz de protegê-la,” disse ferozmente.

“Você não tem nenhuma garantia de que será designada para ela, você sabe – no seu campo prático *ou* depois da sua formatura.” A voz de Dimitri era baixa e sem remorso. Eles não haviam me dado um mentor bonzinho e amigável. “Ninguém quer quebrar com a ligação – mas também ninguém vai dar a ela um guardião inadequado. Se você quiser ficar com ela, então você vai ter se esforçar para isso. Você tem as suas aulas. Você tem a mim. Nos use ou não. Você é a escolha ideal para proteger Valisia quando as duas se formarem – se você conseguir provar que é digna. Espero que consiga.”

“Lissa, a chame de Lissa,” eu corrigi. Ela detestava o seu nome completo, preferindo muito mais o seu apelido americanizado.

Ele foi embora, e de repente, eu não me senti mais com tanto mau-humor.

Até agora, já havia perdido muito tempo saindo das aulas. Quase todo o resto já havia corrido até a área comum para o almoço, ansiosos para maximizar o seu horário social. Eu mesma quase consegui voltar para lá quando uma voz por detrás de uma porta entreaberta me chamou.

“Rose?”

Espreitando na direção da voz, tive um deslumbre de Victor Dashkov, seu rosto afável sorrindo para mim enquanto ele se apoiava numa bengala perto da parede dos prédios. Seus dois guardiões estavam próximos a uma distância educada.

“Sr. Dash— er, Sua Alteza. Oi.”

Eu me peguei a tempo, praticamente havia esquecido dos termos Moroi da realeza. Eu não os usei enquanto vivi com os humanos. Os Moroi escolhem seu lidere rei dentre doze famílias reais. O mais velho da família ganhava o título de “príncipe” ou “princesa”. Lissa ganhou o dela



porque ela era a única viva de sua linhagem.

“Como foi seu primeiro dia?” ele perguntou.

“Ainda não acabou,” tentei pensar em alguma coisa para conversar. “Você está visitando aqui por um pouco?”

“Estarei indo embora nesta tarde depois que de dizer um oi para Natalie. Quando escutei que Valisia – e você – haviam retornado, eu simplesmente tinha que vir vê-las.”

Eu acenei com a cabeça, sem saber mais o que dizer. Ele era mais amigo de Lissa do que meu.

“Eu queria te dizer...” Ele falou hesitantemente. “Eu compreendo a gravidade do que você fez, mas eu acho que a Diretora Kirova falhou em não reconhecer uma coisa. Você *manteve* Valisia salva por todo esse tempo. Isso é impressionante.”

“Bem, não é como se eu tivesse enfrentado Strigoi ou coisa parecida,” eu disse.

“Mas você enfrentou alguma coisa?”

“Claro. Uma vez o colégio mandou psi-hounds.”

“Notável.”

“Na verdade não. Evitá-los foi bastante fácil.”

Ele riu. “Eu já cacei com eles antes. Eles não são assim *tão* fáceis de se iludir, não com a sua força e inteligência.” Isso era verdade. Psi-hounds eram uma das muitas espécies de criaturas mágicas que vagavam pelo mundo, criaturas das quais os humanos nunca souberam que existia ou então não acreditavam no de que realmente viram. Os hounds viajavam em bandos e compartilhavam um tipo de comunicação psíquica que os tornavam particularmente mortais para as suas presas – como também o fato deles se assemelharem a lobos mutantes. “Você enfrentou alguma outra coisa?”

Dei de ombros. “Pequenas coisas aqui e ali.”

“Notável,” ele repetiu.

“Sorte, eu acho. Parece que eu estou realmente atrasada em toda essa coisa de guardião.” Eu soei igual a Stan agora.

“Você é uma garota inteligente. Você vai se recuperar. E você também tem a sua ligação.”

Eu desviei o olhar. Minha habilidade de “sentir” Lissa havia sido um segredo por tanto tempo, era estranho ter outras pessoas sabendo disso.

“A história está cheia de relatos de guardiões que podiam sentir quando seus encargos estivessem em perigo.” Victor continuou.

“Eu desenvolvi o hobby de estudar isso e alguns dos costumes antigos. Ouvi que isso é um enorme trunfo.”

“Acho que sim.” Dei de ombros. *Que hobby chato*, eu pensei, imaginando ele lendo atentamente histórias pré-históricas em alguma biblioteca úmida coberta com teias de aranha.

Victor inclinou sua cabeça, a curiosidade por todo o seu rosto. Kirova e os outros tiveram essa mesma expressão quando nós mencionamos nossa ligação, como se fossemos ratos de laboratório. “Como é que é – se você não se importar com a minha pergunta?”

“É... eu não sei. Eu meio que sempre tive esse sussurro de com ela está se sentindo.

Normalmente são só emoções. Nós não podemos mandar mensagens ou coisa parecida.” Eu não o contei sobre escorregar para a sua mente. Essa parte era ainda mais difícil até para eu entender.

“Mas isso não funciona no caminho reverso? Ela não consegue te sentir?”

Eu balancei a cabeça.

Seu rosto se iluminou maravilhado. “Como isso aconteceu?”

“Eu não sei,” eu disse, ainda desviando o olhar. “Simplesmente começou dois anos atrás.”

Suas sobrancelhas se franziram. “Perto da época do acidente?”

Hesitantemente, eu acenei com a cabeça. O acidente era algo sobre o que eu não queria falar, isso eu tinha certeza. As memórias de Lissa já eram ruins o suficiente sem ter as minhas próprias se misturando a elas. Metal retorcido. Uma sensação quente, depois fria, então

quente novamente. Lissa gritando sobre mim, gritando para que eu acordasse, gritando para que seus pais e seu irmão acordarem. Nenhum deles acordou, só eu.

E os médicos disseram que isso já era um milagre por si só.

Aparentemente, vendo o meu desconforto, Victor deixou o momento passar e voltou para a sua excitação inicial.

“Eu ainda mal posso acreditar nisso. Faz tanto tempo desde que isso aconteceu. Se isso acontecesse mais vezes... pense só no que isso poderia fazer para a segurança dos Moroi. Se, pelo menos, outros pudessem experimentar isso também. Eu preciso fazer mais pesquisar e ver se nós podemos replicar isso com outros.”

“Yeah.” Eu estava ficando impaciente, não importando o quanto eu gostava dele. Natalie falava muito, e estava bem claro de qual pai ela havia herdado *essa* qualidade. O horário do almoço estava acabando, e apesar de Moroi e aprendizes compartilharem as aulas da tarde, Lissa e eu não tínhamos muito tempo para conversar.

“Talvez nós pudéssemos—” Ele começou a tossir, um grande ataque dominador que fez todo o seu corpo tremer. Sua doença, Síndrome de Sandovsky, atacavam seus pulmões enquanto arrastava o corpo para a morte. Eu lancei um olhar ansioso para os seus guardiões, e um deles deu um passo a frente. “Sua Alteza,” ele disse educadamente, “você precisa entrar. Está muito frio aqui fora.”

Victor acenou. “Sim, sim. E eu tenho certeza que a Rose aqui quer comer.” Ele se virou para mim. “Obrigado por conversar comigo. Eu não consigo salienta o quanto significa para mim que Valisia esteja a salvo – e que você ajudou com isso. Eu prometi ao seu pai de que cuidaria dela se algo acontecesse com ele, e me senti completamente fracassado quando vocês foram embora.”

Eu senti como se meu estômago estivesse afundando quando eu o imaginei se corroendo com culpa e preocupação pelo nosso desaparecimento. Até agora, eu realmente nunca havia pensado como os outros devem ter se sentido quando nós fomos embora.

Nós nos despedimos, e eu finalmente cheguei na escola. Quando cheguei, senti a ansiedade de Lissa aumentar. Ignorando a dor em minhas pernas, eu apressei o meu passo até a área comum.

E eu quase me esbarrei nela.

Mas ela não havia me visto. Nem as pessoas que estavam ao redor dela: Aaron e aquela bonequinha. Eu parei e escutei, só pegando o final da conversa. A garota se inclinou para Lissa, que parecia mais chocada do que qualquer outra coisa.

“Para *mim* parece como algo que veio de uma venda de coisas usadas\*. Eu pensava que uma preciosa Dragomir teria um certo nível.” O escárnio transbordando na palavra *Dragomir*.

Agarrando a Garota Boneca pelo ombro, eu a empurrei para longe. Ela era tão leve, que ela tropeçou por quase um metro e quase caiu.

“Ela tem nível,” eu disse, “e esse é o motivo pelo qual você já terminou de falar com ela.”

\* Não sei se todo mundo está familiarizado com o termo “garage sale”, mas é quando as pessoas pegam as coisas que não querem mais e fazem uma liquidação, geralmente em frente às suas casas.

## QUATRO

NÓS NÃO TÍNHAMOS A ATENÇÃO de toda a área comum dessa vez, graças a Deus, mas alguns transeuntes pararam para olhar.

“O que diabos você pensa que está fazendo?” perguntou a Garota Boneca, grandes olhos azuis e brilhando com fúria. De perto, agora, eu podia ter uma visão melhor dela. Ela tinha a mesma

compleição magra da maioria dos Moroi, mas não o peso normal, o que era parte do motivo dela aparentar ser tão jovem. O pequenino vestido roxo que ela estava usando era lindo – o que me lembrava que, na verdade, eu estava vestida com roupas de brechó\* - mas uma inspeção mais atenciosa me fez pensar que era uma imitação falsa de algum designer. Eu cruzei os braços ao redor do peito. “Está perdida, garotinha? O primário fica do lado oeste do campus.”

Eu cruzei os braços ao redor do peito. “Está perdida, garotinha? O primário fica do lado oeste do campus.”

Um rubor rosa se espalhou por toda a sua bochecha. “Nunca mais toque em mim. Se você ferrar comigo, eu ferro com você também.”

Oh cara, que tipo de frase de efeito era essa. Somente um balanço de cabeça de Lissa me impediu de soltar toda uma quantidade de respostas hilárias. Em vez disso, eu optei pela simples força bruta, por assim dizer.

“E se você mexer conosco de novo, eu quebro você em duas. Se você não acredita, pergunte a Dawn Yarrow sobre o que eu fiz ao braço dela na oitava série. Você, provavelmente, devia estar na hora da soneca\*\*quando isso aconteceu.”

\*No original "thrift-shop". Aparentemente, são lugares, estilo brechós e antiquários, onde parte do dinheiro das coisas que se vendem vai para doações, ou então onde você pode simplesmente fazer doações.

\*\* No jardim da infância nos Estados Unidos existe o “nap time”, depois do almoço, onde as crianças tomam leite e dormem na sala de aula.

O incidente com Dawn não havia sido um dos meus melhores momentos. Eu realmente não esperava quebrar nenhum osso dela quando a empurrei da árvore. Mesmo assim, o incidente havia me dado uma má reputação, acrescentando à de sabichona. A história tinha ganhado um status legendário, e eu gostava de imaginar que isso ainda era contado em volta de fogueiras tarde da noite. Julgando pelo olhar no rosto da garota, ainda era.

Um dos membros da patrulha deu a volta justo nessa hora, lançando um olhar suspeito para a nossa reuniãozinha. A Garota Boneca se afastou, pegando Aaron pelo braço. “Venha,” ela disse.

“Hey, Aaron,” eu disse alegremente, me recordando de que ele estava lá. “Foi bom vê-lo novamente.”

Ele me deu um aceno rápido e um sorriso desconfortável, enquanto a garota o arrastava para fora. O bom velho Aaron. Ele podia ser bonzinho e bonitinho, mas agressivo ele não era. Me virei para Lissa. “Você está bem?” Ela afirmou com a cabeça. “Alguma idéia de quem seja a pessoa que eu acabei de ameaçar?”

“Nenhuma.” Eu comecei a conduzi-la para a fila do almoço, mas ela agitou a sua cabeça para mim. “Preciso ir ver os alimentadores.”

Um sentimento engraçado se estabeleceu em mim. Eu tinha ficado acostumada a ser sua fonte principal de sangue e o pensamento sobre retornar à rotina normal Moroi pareceu estranha. De fato, quase me incomodou. Não deveria. Alimentação diária fazia parte da vida de um Moroi, uma coisa na qual não pude oferecê-la enquanto morávamos por nossa conta. Tinha sido uma situação incômoda, uma que me deixava fraca nos dias de alimentação e ela fraca nos dias entre eles. Eu deveria estar feliz pelo fato de que ela teria alguma normalidade. Eu forcei um sorriso. “Claro.”

Nós andamos para a sala de alimentação, que ficava adjacente à cafeteria. Era feito de pequenos cubículos, separando o lugar numa tentativa de oferecer privacidade. Uma mulher Moroi de cabelos escuros nos cumprimentou na entrada e olhou de relance para a sua prancheta, passando as páginas. Achando o que ela queria, fez algumas anotações e então fez

um gesto para que Lissa a acompanhasse. Ela me deu um olhar confuso, mas não me impediu de entrar.

Ela nos guiou para um dos cubículos onde uma mulher gorda de meia-idade estava sentada folheando uma revista. Ela olhou para cima devido à nossa aproximação e sorriu. Em seus olhos, eu podia ver a aparência sonhadora e vidrada que a maioria dos alimentadores tinham. Ela provavelmente já tinha quase alcançado a sua quota do dia, julgando pelo modo como ela parecia estar doidona.

Reconhecendo Lissa, seu sorriso alargou. “Bem-vinda de volta, Princesa.”

A recepcionista nos deixou, e Lissa se sentou na cadeira próxima à mulher. Eu senti um sentimento de desconforto nela, um pouco diferente do meu próprio. Era estranho para ela também; depois de tanto tempo. A alimentadora, no entanto, não tinha tal estranhamento. Um olhar faminto percorreu seu rosto – como uma viciada que estava prestes a ganhar mais uma dose.

Uma aversão caiu sobre mim. Era um velho instinto, um que havia sido trabalhado através dos anos. Alimentadores eram essenciais à vida dos Moroi. Eles eram humanos que se dispuseram por livre e espontânea vontade a ser uma fonte regular de sangue, humanos das extremidades da sociedade que haviam dado suas vidas para o mundo secreto dos Moroi. Eles eram bem cuidados e tinham todos os confortos de que poderiam precisar. Mas no fundo disso, eles eram como usuários de drogas, viciados na saliva dos Moroi e da adrenalina oferecida em cada mordida. Os Moroi – e os guardiões – desprezavam essa dependência, apesar dos Moroi não sobreviverem sem isso, a não ser que pegassem as vítimas à força. Hipocrisia em seu nível mais elevado.

A alimentadora inclinou sua cabeça, dando a Lissa acesso total ao seu pescoço. Sua pele ali estava marcada com cicatrizes de anos de mordidas diárias. As alimentações infreqüentes que Lissa e eu tínhamos feito mantiveram meu pescoço limpo; as marcas de mordida não duravam mais que um dia ou dois.

Lissa se inclinou para frente, as presas mordendo a pele dócil da alimentadora. A mulher fechou os olhos, fazendo um som suave de prazer. Eu engoli, assistindo Lissa beber. Eu não podia ver nenhum sangue, mas podia imaginá-lo. Um impulso de emoção surgiu em meu peito: desejo. Ciúmes. Eu desviei os meus olhos, encarando o chão fixamente. Mentalmente, eu me censurei.

*Qual é o seu problema? Por que você deveria sentir falta disso? Você só fazia isso uma vez por dia. Você não é uma viciada, não como ela. E você não quer ser.*

Mas eu não podia evitar, não podia evitar o modo como me sentia quando lembrava da felicidade e adrenalina da mordida de um vampiro.

Lissa terminou e nós voltamos para a área comum, indo para a direção da fila do almoço. Era pequena, sendo que só tínhamos mais quinze minutos, e eu me adiantei e comecei a encher meu prato com batata fritas e alguns pedacinhos redondos de algo que parecia com nuggets de frango. Lissa só pegou um iogurte. Moroi precisava de comida, como dhampirs e humanos precisavam, mas raramente tinham algum apetite depois de beber sangue.

“Então, como foram as aulas?” eu perguntei.

Ela deu de ombros. Seu rosto estava iluminado com cor e vida agora. “Tudo bem. Um monte de olhares. *Muitos* olhares. Muitas perguntas sobre onde nós estávamos. Cochichos.”

“Comigo também,” disse. A atendente fez um exame minucioso da gente, e nós nos dirigimos para uma mesa. Eu olhei Lissa de esguelha. “Tudo bem isso para você? Eles não estão te incomodando, estão?”

“Não – está tudo bem.” As emoções vindas através da ligação contradiziam suas palavras. Sabendo que eu podia sentir isso, ela tentou mudar de assunto me dando o seu horário das aulas. Eu dei uma conferida.

1º Horário Russo 2  
2º Horário Literatura Colonial Americana  
3º Horário Princípios do Controle Elementar  
4º Horário Poesia Antiga  
– Almoço –  
5º Horário Comportamento e Fisiologia Animal  
6º Horário Cálculo Avançado  
7º Horário Cultura Moroi 4  
8º Horário Artes Eslavas

“Nerd,” eu disse. “Se você fosse estúpida em matemática igual a mim, nós teríamos a mesma programação pela tarde.” Eu parei de andar. “Porque você está em princípios elementar? Isso é uma aula do primeiro ano.”

Ela me olhou. “Porque os veteranos têm aulas especializadas.”

Nós caímos no silêncio com isso. Todo o poder da magia elementar Moroi. Era uma das coisas que diferenciavam vampiros vivos dos Strigoi, os vampiros mortos. Moroi viam a magia como um dom. Era parte de suas almas e os conectavam com o mundo.

Há muito tempo atrás, eles usavam a magia abertamente evitando desastres naturais e ajudando com coisas como comida e produção de água. Eles não precisavam mais fazer isso tanto assim, mas a magia ainda estavam em seu sangue. Queimando-os e fazendo com que quisessem alcançar a terra e aperfeiçoar seu poder. Academias como esta existiam para ajudar os Moroi a controlar a magia e aprender a fazer coisas cada vez mais complexas com ela. Estudantes também tinham de aprender as regras que rodeavam a magia, regras que foram impostas a séculos e que eram reforçadas de forma estrita.

Cada Moroi tinha uma pequena habilidade em cada elemento. Quando eles chegavam à nossa idade, estudantes se “especializavam” quando um elemento se tornava mais forte que os outros: terra, água, fogo, ou ar. Não se especializar era como ser um adolescente sem passar pela puberdade.

E Lissa... bem, Lissa não tinha se especializado ainda.

“É a Sra. Carmack quem ainda ensina isso? O que ela disse?”

“Ela disse que não está preocupada. Ela pensa que ainda virá.”

“Você – você contou a ela sobre – “

Lissa balançou a cabeça. “Não. Lógico que não.”

Nós deixamos o assunto morrer. Era um do qual nós pensávamos muito sobre, mas que raramente falávamos.

Nós começamos a andar novamente, olhando as mesas enquanto decidíamos onde sentar.

Alguns pares de olhos nos olhavam com evidente curiosidade.

“Lissa!” veio uma voz próxima. Olhando de relance, vimos Natalie acenar para nós. Lissa e eu trocamos olhares. Natalie era meio que a prima de Lissa do mesmo modo que Victo era meio que seu tio, mas nós nunca andávamos muito com ela.

Lissa deu de ombros e se dirigiu em sua direção. “Porque não?”

Eu a segui relutantemente. Natalie era boazinha, mas também a pessoa mais desinteressante que já conheci. A maioria da realeza no colégio desfrutava de um tipo de status de celebridade, mas Natalie nunca se encaixou com esse pessoal. Ela era muito simples, muito desinteressada na política da Academia, e muito sem noção para realmente lidar com isso.

Os amigos de Natalie nos olhou com uma curiosidade quieta, mas ela não se controlou. Ela jogou seus braços ao nosso redor. Como Lissa, ela tinha os olhos verde-jade, mas seus cabelos eram de um preto azeviche, como os de Victor haviam sido antes da doença os deixar grisalhos.

“Você está de volta! Eu sabia que voltaria! Todo mundo dizia que você havia ido para sempre, mas eu nunca acreditei nisso. Sabia que você não poderia ficar longe. Porque você foi? Há tantas histórias sobre o porquê de você ter ido embora!” Lissa e eu trocamos olhares enquanto Natalie tagarelava. “Camille disse que uma de vocês ficara grávida e fugiram para poder fazer um aborto, mas eu sabia que isso não poderia ser verdade. Mais alguém disse que vocês fugiram para ficar com a mãe da Rose, mas eu imaginei que Sra. Kirova e Papai não ficariam tão chateados se vocês tivessem ido para lá. Você sabia que nós podemos virar companheiras de quarto? Eu estava falando com...”

Continuamente ela conversou, mostrando suas presas enquanto falava. Eu sorri educadamente, deixando Lissa lidar com a ofensiva até que Natalie fez uma pergunta perigosa. “Como você conseguia sangue, Lissa?”

A mesa nos observava questionando o congelamento de Lissa, mas eu imediatamente entrei na conversa, a mentira vindo facilmente aos meus lábios.

“Oh, isso é fácil. Existem muitos humanos que querem fazer isso.”

“Sério?” perguntou uma das amigas de Natalie, com os olhos bem abertos.

“Yep. Você os encontra em festas e coisas do tipo. Eles todos estão procurando uma dose de alguma coisa, eles nem percebem que é um vampiro que está fazendo isso: a maioria está tão doído que nem lembram de nada.” Meus já vagos detalhes se acabaram, então eu simplesmente dei de ombros do melhor jeito maneiro e confiante que consegui. Não era como se algum deles soubesse fazer melhor. “Como eu disse, era fácil. Quase mais fácil do que ter nossos próprios alimentadores.”

Natalie aceitou isso e então se lançou em outro assunto. Lissa me deu um olhar agradecido. Ignorando a conversa novamente, eu observei os rostos familiares, tentando entender quem estava andando com quem e como o poder havia sido transferido dentro do colégio. Mason, sentado com um grupo de aprendizes, captou meu olhar, e eu sorri. Perto dele, estava sentado um grupo da realeza Moroi, rindo de alguma coisa. Aaron e a garota loira sentavam lá também.

“Hey, Natalie,” eu disse, me virando e a cortando. Ela não pareceu perceber ou se importar.

“Quem é a nova namorada de Aaron?”

“Huh? Oh. Mia Rinaldi.” Vendo minha expressão vazia, ela perguntou, “Não se lembra dela?”

“Eu devia? Ela estava aqui quando fomos embora?”

“Ela sempre esteve aqui,” disse Natalie. “Ela só é um ano mais nova que nós.”

Eu disparei um olhar questionador para Lissa, que somente deu de ombros.

“Por que ela está tão pirada com a gente?” eu perguntei. “Nenhuma de nós duas a conhece.”

“Eu não sei,” Natalie respondeu. “Talvez ela esteja com ciúmes do Aaron. Ela não era muita coisa quando vocês partiram. Ela ficou *muito* popular *muito* rápido. Ela não é da realeza nem nada, mas uma vez que começou a namorar com Aaron, ela—”

“Okay, obrigada,” eu interrompi. “Isso realmente não —”

Eu olhei para cima do rosto de Natalie para o do Jesse Zeklos, no momento em que ele estava passando pela nossa mesa. Ah, Jesse. Eu havia esquecido dele. Você flerta com outros garotos simplesmente pelo prazer do flerte. Você flerta com Jesse na esperança de ficar semi-nua com ele. Ele era da realeza Moroi, e ele era gostoso, ele devia usar uma placa CUIDADO: INFLAMÁVEL. Ele encontrou meus olhos e sorriu.

“Hey Rose, bem vinda de volta. Você ainda está despedaçando corações?”

“Está se oferecendo?”

Seu sorriso se alargou. “Vamos sair um dia desses e descobrir. Se você se livrar da sua condicional.”

Ele continuou andando, e eu o olhei de forma admiravelmente. Natalie e suas amigas me olharam incrédulas. Eu podia não ser um deus no estilo Demitri, mas nesse grupo, Lissa e eu éramos deuses — ou pelo menos ex-deuses — de uma outra forma.

“Oh meu Deus,” exclamou uma garota. Eu não lembrava seu nome. “Aquele era o *Jesse*.”  
“Sim,” eu disse, sorrindo. “Certamente que era.”  
“Eu queria me parecer como você,” ela acrescentou com um suspiro.

Seus olhos caíram em mim. Tecnicamente, eu era meia-Moroi, mas minha aparência era humana. Eu me misturava bem com os humanos durante o nosso tempo fora, tão bem que eu raramente pensava sobre a minha aparência. Aqui, entre as garotas Moroi magras e sem peitos, certas características – ou seja, meus seios maiores e meu quadril definido – se destacavam. Eu sabia que era bonita, mas para garotos Moroi, meu corpo era mais que só bonito: era sexy de um modo obscuro. Dhampirs eram uma conquista exótica, uma novidade que todos os caras Moroi queriam “tentar”.

Era irônico que Dhampirs despertasse tamanho fascínio aqui, porque as delgadas garotas Moroi se pareciam muito as modelos de passarela super-magras tão famosas no mundo humano. A maioria dos humanos nunca poderá alcançar esse “ideal” de magreza, como as garotas Moroi nunca poderão se parecer comigo. Todo mundo queria o que não podia ter.

Lissa e eu sentamos juntas nas aulas que dividíamos pela tarde mas não conversamos muito. Os olhares que ela havia mencionado certamente nos seguiam, mas eu descobri que quanto mais eu conversava com as pessoas, mais elas se abriam. Lentamente, gradualmente, eles pareceram se lembrar de quem nós éramos, e a novidade – mas não a intriga – da nossa louca façanha foi desaparecendo.

Ou talvez eu devesse falar, eles lembravam de quem *eu* era. Porque eu era a única falando. Lissa olhava diretamente para frente, escutando mas sem reconhecer ou participar das minhas tentativas de travar um conversa. Eu podia sentir ansiedade e tristeza transbordando dela. “Tudo bem,” eu disse a ela quando as aulas finalmente acabaram. Nós estávamos do lado de fora do colégio, e eu estava totalmente ciente de que fazendo isso, eu já estava quebrando um dos termos de meu acordo com Kirova. “Nós não vamos ficar aqui,” disse a ela, olhando pelo campus de forma desconfortável. “Eu vou achar um jeito de nos tirar daqui.”

“Você acha que nós poderíamos fazer isso pela segunda vez?” Lissa perguntou baixinho. “Absolutamente.” Eu falei com certeza, novamente aliviada de que ela não podia ler meus sentimentos. Escapar da primeira vez já havia sido bastante difícil. Fazer isso de novo poderia ser um verdadeiro inferno, não que eu não achasse uma saída.

“Você realmente faria, não é?” Ela sorriu, mais para si mesma do que para mim, como se ela houvesse pensado em uma coisa engraçada. “Lógico que você faria. É só que, bem...” Ela suspirou. “Eu não acho que nós deveríamos ir. Talvez – talvez devêssemos ficar.”

Eu pisquei em surpresa. “O quê?” Não foi uma de minhas respostas mais eloqüentes, mas a melhor que pude fazer. Eu nunca esperaria isso dela.

“Eu te vi, Rose. Eu vi você conversando com os outros aprendizes nas aulas, conversando sobre o treino. Você sentiu falta disso.”

“Isso não vale a pena,” eu discuti. “Não se... não se você...” Eu não podia terminar, mas ela estava certa. Ela tinha me lido. Eu *tinha* sentido falta dos outros aprendizes. Até de alguns Moroi. Mas havia mais do que só isso. O peso da minha inexperiência, o quanto estava para atrasada, havia crescido durante todo o dia.

“Talvez seja melhor,” ela reagiu. “Eu não tenho tido tantos... você sabe, coisas acontecendo há algum tempo. Eu não tenho sentido como se alguém estivesse nos seguindo ou nos observando.”

Eu não disse nada sobre isto. Antes de deixarmos a Academia, ela sempre sentia como se alguém a estivesse seguindo, como se ela estivesse sendo perseguida. Eu nunca encontrei evidências para apoiar isso, mas uma vez eu escutei uma de nossas professoras falar e falar sobre o mesmo tipo de coisa. Sra. Karp. Ela havia sido uma bonita Moroi, com cabelos de um profundo castanho e com a ossatura da bochecha proeminentes. Eu tinha quase certeza de

que ela era maluca.

“Você nunca sabe quem está observando,” ela costumava dizer, andando ligeiramente pela sala de aula enquanto fechava todas as cortinas. “Ou quem está te seguindo. Melhor estar precavido. Melhor *sempre* estar precavido.” Nós falávamos abafando o riso para nós mesmos porque era isso que os estudantes fazem perto de professores excêntricos e paranóicos. O pensamento de Lissa agir como ela me incomodava.

“Qual o problema?” Lissa perguntou, notando que eu estava perdida em meus pensamentos.

“Huh? Nada. Só pensando.” Eu suspirei, tentando balancear meus próprios desejos com o que era melhor para ela. “Liss, nós podemos ficar, eu acho... mas com algumas condições.”

Isso fez com que ela risse. “Um ultimato Rose, huh?”

“Falo sério.” Palavras que não usava com frequência. “Eu quero que você fique longe da realza. Não como Natalie ou algo parecido mas você sabe, os outros. Os que jogam com o poder. Camille. Carly. Esse grupo.”

Seu divertimento se transformou em surpresa. “Você fala sério?”

“Claro. Você nunca gostou deles de qualquer forma.”

“Você gostava.”

“Não. Não de verdade. Eu gostava do que eles podiam oferecer. Todas as festas e outras coisas.”

“E você pode ficar sem isso agora?” Ela pareceu cética.

“Claro. Nós ficamos assim em Portland.”

“Yeah, mas lá era diferente.” Seus olhos fitaram o nada, sem focalizar em algo específico.

“Aqui... *aqui* eu tenho de ser parte disso. Não posso evitar.”

“O diabo que você pode. Natalie fica fora de tudo isso.”

“Natalie não vai herdar o título da família,” ela replicou. “Eu já tenho isso. Eu tenho que estar envolvida, começar a fazer conexões. Andre –”

“Liss,” eu gemi. “Você *não* é Andre.” Eu não podia acreditar que ela ainda se comparava com o seu irmão.

“Ele sempre esteve envolvido nessas coisas.”

“Yeah, bem,” eu vociferei de volta, “ele está *morto* agora.”

Seu rosto endureceu. “Sabe, algumas vezes você não é nem um pouco gentil.”

“Você não me mantém por perto para ser gentil. Você quer gentileza, há uma dúzia de carneirinhos aqui que dilacerariam a garganta um dos outros para ficar nos bons grados com a princesa Dragomir. Você me mantém por perto para lhe contar a verdade, e aqui está ela: Andre está morto. Você é a herdeira agora, e você vai ter de lidar com isso do jeito que puder. Mas, por agora, isso significa ficar longe dos outros da realza. Nós vamos ser discretas. Navegar com a correnteza. Se envolver nessas coisas novamente, Liss, e você vai ficar...”

“*Maluca?*” ela completou quando eu não terminei.

Agora eu olhava para longe. “Eu não quis dizer...”

“Tudo bem” ela disse, depois de um tempo. Ela suspirou e tocou no meu braço. “Está bem. Nós ficamos e eu vou me manter longe de tudo isso. Nós vamos navegar com a correnteza conforme você quer. Andar com Natalie, eu acho.”

Para ser completamente honesta, eu não queria nada disso. Eu queria ir para todas as festas reais e selvagens festividades alcoólicas como fazíamos antes. Nós ficamos de fora dessa vida por anos até que os pais e irmão de Lissa morreram. Andre deveria ter sido aquele a herdar o título da família, e ele certamente agia como tal. Lindo e extrovertido, ele encantava qualquer um que via e tinha sido o líder de todos os grupinhos e clubes reais que existiam no campus. Depois de sua morte, Lissa sentiu que era seu dever familiar tomar o seu lugar. Eu pude desfrutar desse mundo com ela. Era fácil para mim, porque não tinha que realmente lidar com a parte política. Eu era uma bonita dhampir, uma que não ligava se meter em encrenca e fazer façanhas loucas. Eu me tornei uma novidade; eles gostavam de me por perto



pelo divertimento que eu representava.

Lissa tinha de lidar com outros assuntos. Os Dragomirs eram uma das doze famílias governantes. Ela tinha uma posição muito poderosa na sociedade Moroi, e os outros jovens da realeza queriam ter o bom grado dela. Amigos falsos tentaram agradá-la e fazer com que ela ficasse contra outras pessoas. Os da realeza podiam subornar e te apunhalar pelas costas num mesmo fôlego – e isso era somente *um com os outros*. Para os dhampirs e plebeus, eles eram completamente imprevisíveis.

Essa atitude cruel eventualmente teve resultado em Lissa. Ela tinha uma natureza boa e gentil, uma que eu amava, e eu odiava vê-la chateada e estressada devido aos joguinhos da realeza. Ela tinha ficado frágil desde o acidente, e nem todas as festas do mundo valiam ao vê-la magoada.

“Tudo bem então,” eu disse finalmente. “Vamos ver como as coisas vão. Se alguma coisa der errado – qualquer coisinha – nós partimos. Sem discussão.”

Ela afirmou com a cabeça.

“Rose?”

Nós duas olhamos para a figura avultante de Dimitri. Eu esperava que ele não tivesse escutado a parte sobre nós partindo.

“Você está atrasada para o treino,” ele disse tranquilamente. Vendo Lissa, ele deu um educado aceno. “Princesa.”

Enquanto ele e eu íamos embora, me preocupei com Lissa e me perguntei se ficando aqui seria a coisa certa a fazer. Eu não senti nada alarmente através da ligação, mas suas emoções davam pontadas por todo o lugar. Confusão. Nostalgia. Medo. Esperança. De uma forma forte e muito poderosa, eles me inundaram.

Eu senti o puxão um pouco antes de acontecer. Era exatamente como havia acontecido no avião: suas emoções haviam ficado tão fortes que eles me “sugaram” para a sua mente antes que eu pudesse pará-los. Agora eu podia ver e sentir o que ela fazia.

Ela andava lentamente pela área comum, se dirigindo para a capela Ortodoxa Russa que serviam para a maioria das necessidades religiosas do colégio. Lissa sempre freqüentou à missa regularmente. Eu não.

Eu tinha um acordo sólido com deus: eu concordava em acreditar nele – somente – se ele me deixasse dormir aos domingos.

Mas enquanto ela entrava, eu podia sentir que ela não estava lá para rezar. Ela tinha outro propósito, um que eu desconhecia. Olhando em volta, ela verificou se nem o padre ou algum adorador estava por perto. O lugar estava vazio.

Se esgueirando por uma porta nos fundos da capela, ela subiu por uma estreita escada que rangia até o sótão. Aqui estava escuro e empoeirado. A única luz que entrava vinha de uma grande janela suja que quebrava a fraca luz do amanhecer e transforma em pequenos pontos multicoloridos pelo chão.

Eu não sabia até o momento que esse lugar era o refúgio de Lissa. Mas agora eu podia sentir, sentir as memórias de como ela costumava escapar para ficar sozinha aqui e pensar. A ansiedade nela acalmou-se ficando bem fraca enquanto ela entrava no ambiente familiar. Ela subiu até o assento perto à janela e inclinou a cabeça para trás apoiando nos lados, momentaneamente ingressando no silêncio e na luz.

Moroi podiam suportar alguma luz, diferentemente do Strigoí, mas eles tinham que limitar sua exposição. Sentando aqui, ela quase podia fingir que estava embaixo da luz do sol, protegida pelo vidro que diluía os raios.

*Respire, só respire, ela disse a si mesma. Tudo vai ficar bem. Rose vai tomar conta de tudo.*

Ela acreditava nisso apaixonadamente, como sempre, e relaxou mais ainda.

A voz baixa falou da escuridão.

“Você pode ficar com a Academia, mas não com o assento da janela.”

Ela deu um salto, o coração batendo. Eu compartilhei da sua ansiedade, e minha própria pulsação acelerou. “Quem está aí?”

Um momento depois, uma forma emergiu por detrás da uma pilha de engradados, um pouco fora de seu campo de visão. A figura deu um passo para frente, e na luz fraca, as expressões familiares se materializaram. Cabelo preto bagunçado. Pálidos olhos azuis. Um eterno sorriso afetado sarcástico.

Christian Ozera.

“Não se preocupe,” ele disse. “Eu não vou morder. Bem, pelo menos não no modo que você tem medo.” Ele deu uma risada de sua própria piada.

Ela não havia achado graça. Ela tinha esquecido completamente sobre Christian. Eu também. Não importa o que acontece em nosso mundo, algumas verdades básicas sobre os vampiros permaneciam as mesmas. Moroi eram vivos; Strigoi eram mortos-vivos. Moroi eram mortais; Strigoi eram imortais. Moroi nasciam; Strigoi eram *feitos*.

E haviam duas maneiras de se fazer um Strigoi. Strigoi podiam eficazmente transformar humanos, dhampirs, ou Moroi com uma única mordida. Moroi tentados pela promessa de imortalidade poderiam se transformar em Strigoi por escolha própria se eles intencionalmente matassem sobre pessoa enquanto se alimentava. Fazer isso era considerado errado e doentio, o maior de todos os pecados, tanto para o modo de vida Moroi quanto para a natureza como um todo. Moroi que escolhiam esse caminho sombrio perdiam sua habilidade de se conectar com a magia elementar e com outras forças do universo. Isso era o porquê deles não poderem ficar mais sob o sol.

Isso foi o que aconteceu com os pais de Christian. Eles eram Strigoi.

## CINCO

OU MELHOR, ELES *TINHAM SIDO* Strigoi. Uma tropa de guardiões os caçaram e mataram. Se os rumores fossem verdadeiros, Christian havia testemunhado tudo isso quando era muito novo. E por mais que ele não seja Strigoi, algumas pessoas pensavam que ele não está longe disso, do jeito que ele sempre vestia preto e era introspectivo.

Strigoi ou não, eu não confiava nele. Ele era um idiota, e eu silenciosamente gritava para Lissa sair dali – não que meu grito tenha adiantado alguma coisa. Estúpida ligação mental de uma só via.

“O que você está fazendo aqui?” ela perguntou.

“Apreciando a vista, é claro. Essa cadeira de lona é particularmente adorável nesse período do ano. Logo ali, temos uma velha caixa cheia de escritas do abençoado e louco St. Vladimir. E não vamos nos esquecer dessa linda mesa sem o pé no canto.”

“Que seja.” Ela girou seus olhos e moveu-se em direção à porta, querendo sair, mas ele bloqueou seu caminho.

“Bem, e quanto a você?” ele replicou com escárnio. “Por quê você está aqui em cima? Você não tem festas para ir ou vidas para destruir?”

Um pouco do velho brilho de Lissa retornou. “Wow, isso é hilário. Eu sou como um ritual de passagem agora? Vai e veja se você consegue deixar a Lissa brava para provar o quão legal você é? Uma garota que eu nem conheço gritou comigo hoje, e agora eu tenho que lidar com você? O que é preciso para ser deixada em paz?”

“Oh. Então é por isso que você está aqui em cima. Para uma festinha de auto-piedade.”

“Isso não é brincadeira. Estou falando sério”. Eu poderia dizer que Lissa estava ficando brava. Isso estava prevalecendo sobre seu sofrimento anterior.

Ele deu de ombros e se encostou casualmente numa quina da parede. “Eu também estou. Eu amo festinhas de auto-piedade. Quem dera ter trazido os chapéus. Sobre o que você quer se lastimar primeiro? Sobre como vai te custar um dia todo para que você novamente seja

popular e adorada? Como você terá de esperar umas duas semanas para que a Hollister possa lhe enviar novas roupas? Se você optou pelo frete rápido, não deve ter que esperar tanto.”

“Deixe-me sair”, ela disse irritadamente, dessa vez empurrando ele para o lado.

“Espere,” ele disse quando ela alcançava a porta. O sarcasmo desapareceu de sua voz.

“Como... ahn, como era?”

“Como era o *quê?*” ela rebateu.

“Estar lá fora. Longe da Academia.”

Ela hesitou por um momento antes de responder, pega com a guarda baixa pelo o que pareceu uma genuína tentativa de estabelecer uma conversa. “Foi maravilhoso. Ninguém sabia quem eu era. Eu era apenas mais um rosto. Não uma Moroi. Não da realeza. Não era ninguém.” Ela olhou para o chão. “Todo mundo aqui acha que sabe quem eu sou.”

“Yeah. É meio duro deixar seu passado para trás,” ele disse amargamente.

Naquele momento, ocorreu à Lissa – e a mim, por tabela – o quão difícil deve ser estar na pele de Christian. Na maior parte do tempo, as pessoas o tratam como se ele não existisse. Como se fosse um fantasma. Elas não falam com ele nem sobre ele. Simplesmente não se davam conta de sua existência. O estigma do crime de seus pais era muito forte, lançando suas sombras sobre toda a família Ozera.

Ainda assim, ele a deixou irritada, e ela não estava disposta a sentir pena dele.

“Espere – essa é a sua festinha de auto-piedade agora?”

Ele riu, quase como um incentivo. “Já faz um ano que essa sala tem sido o lugar da minha festinha de auto-piedade.”

“Desculpe,” disse Lissa sarcasticamente. “Eu vinha aqui antes de ir embora. Eu tenho mais direito que você.”

“Direito dos sem-teto. Além disso, eu tenho de estar por perto da capela sempre que possível, para que as pessoas saibam que eu não me tornei um Strigoi... ainda.” Novamente, sua voz soou com uma tonalidade amarga.

“Eu costumava sempre te ver na missa. Essa é a única razão de você ir? Para parecer bem?” Strigoi não pode entrar em local sobre solo sagrado. Um pouco mais daquela coisa de pecando-contra-o-mundo.

“É claro,” ele disse. “Por quê mais eu iria? Pelo bem da sua *alma?*”

“Que seja,” disse Lissa, que claramente tinha uma opinião diferente. “Eu o deixarei sozinho então.”

“Espere,” ele disse novamente. Não parecia que ele queria deixá-la ir. “Vou te propor um acordo. Você pode ficar por aqui também se me disser uma coisa.”

“O quê?” Ela olhou de volta para ele.

Ele se inclinou para frente. “De todos os rumores que ouvi sobre você hoje – e acredite, eu escutei muitos, mesmo que ninguém dissesse algo diretamente a mim – tem um que não foi muito comentado. Eles dissecaram todo o resto: porque você fugiu, o que você fez lá fora, porque você voltou, a sua especialização, o que Rose disse para Mia, blá blá blá. E no meio de tudo isso, ninguém, ninguém nunca questionou aquela história estúpida que a Rose contou sobre o fato de existir vários tipos de gatinha que deixam você tomar seu sangue.”

Ela desviou o olhar, e eu pude sentir que suas bochechas começaram a arder. “Não é estúpida, nem uma história.”

Ele riu suavemente. “Eu vivi com humanos. Minha tia e eu estivemos longe depois que meus pais...morreram. Não é tão fácil assim encontrar sangue.” Quando ela não respondeu, ele riu novamente. “Foi a Rose, não foi? Ela te alimentou.”

Um medo renovado surgiu através dela e de mim. Ninguém na escola poderia saber sobre isso. Kirova e os guardiões que estavam presentes durante a cena sabiam, mas eles guardaram essa informação para si.

“Bem. Se isso não é amizade, eu não sei o que seria,” ele disse.

“Você não pode dizer a ninguém,” ela soltou.

Isso era tudo o que precisávamos. Como eu tinha sido lembrada, alimentadores eram viciados em mordidas de vampiro. Nós aceitávamos isso como parte da vida, mas ainda assim os desprezávamos por isso. Para todos os outros – *especialmente* para um Dhampir – deixar um Moroi tomar o seu sangue era quase, bem, sujo. Na realidade, uma das coisas mais pervertidas, praticamente pornográfica que um Dhampir pode fazer é deixar um Moroi tomar o seu sangue durante o sexo.

Lissa e eu não tínhamos feito sexo, lógico, mas ambas sabíamos o que os outros iriam pensar sobre eu a alimentar.

“Não conte a ninguém.” Lissa repetiu.

Ele enfiou suas mãos nos bolsos do casaco e sentou em um dos engradados. “Para quem eu iria contar? Olhe, vá se sentar no assento da janela. Você pode tê-lo hoje e ficar aí por um tempo. Se você não estiver ainda com medo de mim”.

Ela hesitou, estudando-o. Ele parecia obscuro e rude, lábios curvados em um tipo de sorriso “sou-um-rebelde-e-tanto”. Mas ele não parecia tão perigoso. Não parecia Strigoi.

Cuidadosamente, ela sentou novamente no assento da janela, esfregando inconscientemente seus braços contra o frio.

Christian a observava, e um momento depois, o ar esquentou consideravelmente.

Lissa encontrou os olhos de Christian e sorriu, surpresa por nunca não ter notado o quão azul eles eram. “Você se especializou em fogo?”

Ele assentiu e puxou uma cadeira quebrada. “Agora nós temos acomodações de luxo”.

Eu sai da visão bruscamente.

“Rose? Rose?”

Piscando, eu me foquei no rosto de Dimitri. Ele estava se inclinando em minha direção, suas mãos agarrando meus ombros. Eu tinha parado de andar; nós paramos no meio do pátio que separava os edifícios da parte superior da escola.

“Você está bem?”

“Eu...yeah. Eu estava...estava com Lissa...” Eu pus uma mão na minha testa. Eu nunca tinha tido uma experiência tão longa ou clara como essa. “Eu estava em sua cabeça”.

“Sua...cabeça?”

“Yeah. É uma parte da nossa ligação mental.” Eu não estava muito afim de explicar sobre isso.

“Está tudo bem com ela?”

“Yeah, ela está...” Eu hesitei. *Estava* tudo bem com ela? Christian Ozera tinha acabado de convidá-la para ficar um tempo com ele. Nada bom. Havia o “navegar com a correnteza”, e havia o se virar para o lado negro da força. Mas os sentimentos que se agitavam em nossa ligação mental não eram mais chateados ou de medo. Ela estava quase contente, apesar de ainda um pouco nervosa. “Ela não está em perigo”, eu disse finalmente. Eu espero.

“Você pode continuar?”

O rígido, estóico guerreiro que eu conheci antes tinha ido embora – apenas por um minuto – e realmente parecia preocupado. Verdaderamente preocupado. Sentindo seus olhos em mim daquela forma fez algo se agitar dentro de mim – o que era estúpido, é claro. Eu não tinha razão alguma para ficar tão pateta só porque o homem era bonito demais para o seu próprio bem. Afinal, ele é um deus anti-social, de acordo com Mason. Um que supostamente iria me deixar com todos os tipos de dores.

“Yeah. Estou bem.”

Eu fui para o vestiário do ginásio e vesti as roupas de ginástica que alguém finalmente resolveu me dar depois de passar um dia treinando de jeans e camiseta. Nojento. Lissa estando com Christian me perturbava, mas eu deixei esse pensamento para depois assim que meus músculos me informaram que não queriam ser submetidos a mais nenhum exercício por hoje.

Então eu sugeri a Dimitri que, quem sabe, ele poderia me dispensar dessa vez.

Ele riu, e eu tive a total certeza de que era *de mim e não comigo*.

“Por quê isso é engraçado?”

“Oh,” ele disse, seu sorriso sumindo. “Você falou sério.”

“É claro que eu falei! Olhe, eu estive, tecnicamente, acordada por *dois* dias. Por quê nós temos que começar esse treinamento agora? Me deixa ir para a cama,” eu choraminguei. “É só uma horinha”.

Ele cruzou seus braços e olhou para mim. Sua preocupação de mais cedo havia ido embora. Agora eram apenas negócios. Amor Bruto. “Como você se sente agora? Depois do treinamento que fez até agora?”

“Dói pra caramba.”

“Você vai se sentir pior amanhã.”

“E daí?”

“E daí, melhor entrar de cabeça no treinamento agora enquanto você não se sente... tão mal.”

“Que tipo de lógica é essa?” Eu retruquei.

Mas eu não discuti mais enquanto ele me conduzia até a sala de musculação. Ele me mostrou os pesos e apontou os exercícios que queria que eu fizesse, depois se espichou num canto com uma novela de Velho Oeste. Que deus.

Quando eu terminei, ele parou do meu lado e demonstrou alguns exercícios de alongamento.

“Como você acabou sendo alocado como guardião da Lissa?” eu perguntei. “Você não estava aqui há alguns anos atrás. Ao menos você foi treinado nesta escola?”

Ele não respondeu de imediato. Eu tive a sensação de que ele não costuma falar sobre si mesmo com frequência. “Não, eu frequentei uma escola na Sibéria.”

“Whoa. Esse deve ser o único lugar pior do que Montana.”

Um vislumbre de algo – talvez divertimento – brilhou nos olhos dele, mas ele não demonstrou ter notado a brincadeira. “Depois da formatura, eu fui guardião de um lorde da família Zeklos. Ele foi morto recentemente.” Seu sorriso sumiu, seu rosto ficou obscuro. “Me mandaram aqui porque necessitavam de guardiões extras no campus. Quando a princesa apareceu, eles me designaram para ela, já que eu já estava por aqui. Não que isso seja importante até que ela deixe o campus.”

Eu pensei no que ele disse antes. Algum Strigoi matou o cara que ele estava designado a proteger? “Esse lorde morreu durante a sua vigia?”

“Não. Ele estava com o seu outro guardião. Eu estava longe.”

Ele ficou em silêncio, sua mente obviamente em outro lugar. Os Moroi esperavam muito de nós, todavia reconheciam que os guardiões são – mais ou menos – apenas humanos. Então, guardiões eram pagos e tinham folga como em qualquer outro emprego. Alguns guardiões radicais – como a minha mãe – recusam férias, jurando nunca sair do lado de seus Moroi. Olhando para Dimitri, tive a sensação de que ele poderia muito bem se tornar um desses. Se ele tivesse estado longe por causa de uma dispensa legítima, ele mal poderia se culpar pelo o que ocorreu com aquele lorde. Ainda assim, ele provavelmente se culpa. Eu também me culparia se algo acontecesse com Lissa.

“Ei,” eu disse, repentinamente querendo animá-lo, “você ajudou a fazer o plano para nos trazer de volta? Porque foi muito bom. Força brutal e tudo aquilo.”

Ele levantou curiosamente uma das sobrancelhas. Legal. Eu sempre quis fazer isso. “Você está me elogiando por isso?”

“Bem, foi bem melhor do que a tentativa anterior deles.”

“Tentativa anterior?”

“Yeah. Em Chicago. Com um bando de psi-hounds.”

“Essa foi a primeira vez que encontramos vocês. Em Portland.”

Eu parei de me alongar e sentei de pernas cruzadas. “Hum, eu não acho que tenha imaginado psi-hounds. Quem mais poderia tê-los enviado? Eles só respondem aos Moroi. Talvez ninguém

tenha te contado.”

“Talvez,” ele disse encerrando o assunto. Eu poderia dizer que, pela sua expressão, ele não acreditou na história.

Eu retornei ao dormitório dos aprendizes depois disso. Os estudantes Moroí viviam do outro lado do pátio, perto das áreas comuns. A forma de organização do ambiente era parcialmente baseada na conveniência. Estar aqui deixava nós, aprendizes, perto do ginásio e áreas de treinamento. Todavia, nós também vivíamos separados para favorecer as diferenças entre os estilos de vida Moroí e dhampir. O dormitório deles quase não tinha janela alguma, tirando algumas pintadas que ofuscavam os raios de sol. Eles também tinham uma seção especial onde alimentadores sempre estavam à disposição. O dormitório dos aprendizes foi construído de uma forma mais aberta, permitindo maior entrada de luz.

Eu tinha o meu próprio quarto porque existiam poucos aprendizes, garotas menos ainda. O quarto que me deram era pequeno e simples, com duas camas de solteiro e uma escrivaninha com um computador. Meus poucos pertences foram trazidos de Portland e estavam, naquele momento, distribuídos em caixas pelo quarto. Eu revistei as caixas, tirando uma camiseta para dormir. Achei duas fotos quando fiz isso, uma de Lissa e eu num jogo de futebol americano em Portland e outra tirada durante a viagem de férias com a família dela, um ano antes do acidente.

Eu as coloquei na minha escrivaninha e liguei o computador. Alguém do suporte técnico me deixou um papel com as instruções de renovação do meu e-mail e criação de uma senha. Eu fiz as duas coisas, feliz por descobrir que ninguém tinha se tocado de que isso serviria como uma forma de me comunicar com Lissa.

Como estava muito cansada para escrever para ela naquele momento, estava para desligar o computador quando notei que eu já tinha recebido uma mensagem. De Janine Hathaway. Era curta:

*Estou feliz que tenha voltado. O que você fez é imperdoável.*

“Amo você também, mãe,” eu resmunguei, desligando tudo.

Quando eu fui para a cama, mais tarde, eu peguei no sono antes mesmo de encontrar o travesseiro, e exatamente como Dimitri tinha previsto, eu me senti dez vezes pior quando acordei na manhã seguinte. Deitada na cama, reconsiderarei as vantagens de fugir. Nesse momento, lembrei de ter levado uma surra e cheguei a conclusão de que a única forma de prevenir que isso ocorresse novamente era sofrer um pouco mais nessa manhã.

Meu corpo dolorido fez com que tudo fosse muito pior, mas eu sobrevivi ao treinamento pré-aula com Dimitri e às aulas subseqüentes sem passar mal ou desmaiar.

No almoço, eu logo arranquei Lissa da mesa de Natalie e passei um sermão digno-de-Kirova sobre Christian – particularmente castigando-a por ter deixado ele saber sobre nosso acordo quanto ao sangue. Se isso vazasse, iria nos matar socialmente, e eu não confiava nele para guardar o segredo.

Lissa tinha outras preocupações.

“Você estava na minha cabeça de novo?” ela exclamou. “Por *tanto* tempo?”

“Eu não fiz de propósito,” argumentei. “Apenas aconteceu. E esse não é o ponto. Por quanto tempo vocês ficaram juntos, afinal?”

“Não muito tempo. Foi meio que...divertido.”

“Bem, você não pode fazer isso de novo. Se as pessoas descobrem que você está andando com ele, irão te crucificar.” Eu olhei para ela cautelosamente. “Você não está, digamos, afim dele, está?”

Ela zombou. “Não. É claro que não.”

“Ótimo. Porque se é para você ir atrás de algum garoto, roube Aaron de volta.” Ele era chato, é verdade, mas era seguro. Assim como Natalie. Porque todas as pessoas inofensivas eram tão sem graça? Talvez essa era a definição de “seguro”.

Ela riu. “Mia arrancaria meus olhos fora”.

“Nós podemos com ela. Aliás, ele merece alguém que não faça compras na GAP Infantil.”

“Rose, você precisa parar de dizer coisas como essa.”

“Eu só estou dizendo o que você não diz.”

“Ela é só um ano mais nova,” disse Lissa. Ela riu. “Não posso acreditar que você acha que sou *eu* quem vai nos colocar em problemas.”

Sorrindo enquanto caminhávamos em direção à aula, olhei de lado para ela. “Aaron realmente está bem gatinho, huh?”

Ela sorriu e evitou os meus olhos. “É. Bem gatinho.”

“Ooh. Está vendo? Você deveria ir atrás dele.”

“Que seja. Eu estou bem em só sermos amigos por agora.”

“Amigos que costumavam enfiar a língua dentro da boca um do outro.”

Ela girou os olhos.

“Tudo bem.” Eu parei de provocá-la. “Deixe o Aaron no jardim de infância. Enquanto isso, fique o mais longe possível de Christian. Ele é perigoso.”

“Você está exagerando. Ele não vai se tornar um Strigoi.”

“Ele é uma má influência.”

Ela riu. “Você acha que *eu* estou em perigo de me tornar uma Strigoi?”

Ela não esperou por minha resposta, em vez disso empurrou a porta, abrindo-a para a nossa aula de ciências. Parada ali na porta, eu repassei apreensiva as palavras dela e então a segui um momento depois. Quando fiz isso, fui obrigada a ver o poder da realeza em ação. Alguns garotos – com algumas garotas que assistiam e davam risadinhas – estavam provocando um desengonçado Moroi. Eu não o conhecia muito bem, mas sabia que ele era pobre e definitivamente não era da realeza. Uma dupla de seus provocadores eram usuários de magia de ar, e fizeram voar os papéis de sua mesa, lançando correntes de ar para que voassem enquanto o garoto tentava alcançá-los.

Meus instintos me compeliram a fazer algo, talvez ir acertar um dos usuários de ar. Mas eu não podia começar uma briga com todo mundo que me incomodasse, e certamente não com um grupo da realeza – especialmente quando Lissa precisava ficar longe de seus radares. Então eu apenas pude lançar a eles um olhar de desgosto enquanto caminhava para minha mesa. Logo que fiz isso, uma mão agarrou meu braço. Jesse.

“Hey,” eu disse brincando. Felizmente, ele pareceu não estar participando da sessão de tortura. “É proibido tocar na mercadoria”.

Ele me lançou um sorriso, mas manteve sua mão em mim. “Rose, conte ao Paul sobre aquela vez em que você começou uma briga na aula da Sra. Karp.”

Ergui minha cabeça na direção deles, dando um sorriso divertido. “Eu comecei um monte de brigas na aula dela.”

“Aquela com o caranguejo-ermitão. E o gerbil.”\*

Eu ri, lembrando. “Oh, yeah. Era um hamster, eu acho. Eu só joguei ele dentro do tanque do caranguejo, e eles dois estavam tão emocionados por estar tão próximos de mim, que eles foram com tudo.”

Paul, um garoto sentado perto e que eu não conhecia, começou a rir também. Ele foi transferido no ano passado, aparentemente, e não tinha escutado a história. “Quem ganhou?”

Eu olhei para Jesse de forma cômica. “Eu não lembro. Você lembra?”

“Não. Eu só me lembro de Karp enlouquecendo.” Ele se virou para Paul. “Cara, você devia ter visto essa professora toda atrapalhada que nós tínhamos. Costumava pensar que as pessoas estavam atrás dela e explodia com coisas que não faziam o mínimo sentido. Ela era maluca. Tinha o hábito de andar pelo campus enquanto todos estavam dormindo.”

Eu sorri rigidamente, como se eu pensasse que isso era engraçado. Em vez disso, eu lembrei da Sra. Karp de novo, surpresa por pensar nela de novo em dois dias. Jesse estava certo – ela

*costumava* andar muito pelo campus enquanto trabalhava aqui. Era de dar arrepios. Eu encontrei com ela uma vez – inesperadamente.

Eu tinha descido da minha janela do dormitório para ir encontrar umas pessoas. Já era tarde, e todos nós devíamos estar em nossos quartos, dormindo. Essas táticas de fuga eram uma prática regular para mim. Eu era boa nisso.

Mas eu caí naquela vez. O meu quarto ficava no segundo andar, e eu perdi meu apoio mais ou menos na metade do caminho até o chão. Sentindo o chão chegar perto de mim, eu tentei desesperadamente me agarrar em algo que diminuísse a velocidade da minha queda. Eu estava muito preocupada para sentir os cortes que a pedra rígida do edifício causaram em minha pele. Caí com tudo na terra gramada, as costas primeiro, tendo minha arrogância nocauteada.

“Mau jeito, Rosemarie. Você devia ser mais cautelosa. Seus instrutores iriam ficar desapontados.”

Espiando entre o embaraçado do meu cabelo, vi a Sra. Karp me olhando, um olhar perplexo em seu rosto. Dor, nesse meio tempo, jorrou através de cada parte do meu corpo.

Ignorando isso da melhor forma que eu podia, me levantei com dificuldade. Estar em sala de aula com a Louca Karp enquanto rodeada de outros estudantes é uma coisa. Estar ali fora sozinha com ela era totalmente diferente. Ela sempre teve um sinistro, distraído brilho em seus olhos que fazia minha pele se encher de arrepios. Também havia, agora, a grande possibilidade dela me arrastar até Kirova para uma detenção. Mais assustador ainda.

No lugar disso, ela apenas sorriu e tomou as minhas mãos. Eu vacilei, mas deixei que ela as tomasse. Ela fez “tsic tsic” quando viu os arranhões. Estreitando seu aperto neles, ela levemente franziu as sobrancelhas. Um formigamento ardeu na minha pele, junto de uma espécie de zunido agradável, e então as feridas se fecharam. Eu tive uma breve sensação de vertigem. Minha temperatura elevou-se. O sangue desapareceu, assim como as dores no meu quadril e na minha perna.

Ofegando, eu puxei minhas mãos num solavanco. Eu já tinha visto bastante da magia Moroi, mas nunca algo parecido com aquilo.

“O quê...o quê você fez?”

Ela me deu aquele sorriso esquisito novamente. “Volte para seu dormitório, Rose. Existem coisas ruins aqui fora. Nunca se sabe o que está te seguindo.”

Eu continuava encarando minhas mãos. “Mas...”

Olhei novamente para ela e pela primeira vez notei cicatrizes nos cantos de sua testa. Como se unhas tivessem sido cravadas nela. Ela piscou para mim. “Eu não vou contar sobre você se você não contar sobre mim.”

Eu voltei ao presente, perturbada pela memória daquela noite bizarra. Jesse, nesse meio tempo, estava me falando sobre uma festa. “Você tem que se soltar da sua coleira hoje à noite. Nós vamos até aquele local na floresta em torno de oito e meia. Mark conseguiu alguma maconha.”

Eu suspirei melancolicamente, arrependimento substituindo o calafrio que senti com a lembrança de Sra. Karp. “Não posso me livrar da coleira. Eu tenho um carcereiro Russo.”

Ele largou meu braço, parecendo desapontado, e passou uma mão em seu cabelo cor de bronze. Yeah. Não poder estar com ele era uma grande vergonha. Eu realmente vou ter que consertar isso algum dia. “Você não pode sair por bom comportamento?” Ele brincou.

Eu dei a ele o que eu esperava que fosse um sorriso sedutor enquanto encontrava meu assento. “Claro,” eu disse sobre meu ombro. “Se eu algum dia tivesse sido boa”.

SEIS

POR MAIS QUE O ENCONTRO de Lissa com Christian me incomodasse, acabou me dando uma idéia no dia seguinte.



“Hey, Kirova – er, Sra. Kirova.” Eu parei na porta de sua sala, não me preocupando em marcar um horário. Ela levantou seus olhos de alguns documentos, claramente irritada por me ver.

“Sim, Srtª Hathaway?”

“A minha detenção significa que eu não posso ir à Igreja?”

“Perdão?”

“Você disse que sempre quando eu não estiver em aula ou praticando, eu devo ficar no dormitório. Mas e quanto a igreja aos domingos? Eu não acho que seja justo me deixar longe das minhas necessidades...hum, religiosas.” Ou me privar de outra chance – não importando o quão curta e chata – de estar com Lissa.

Ela empurrou seus óculos até o meio do nariz. “Eu não estava consciente de que você tinha alguma necessidade religiosa.”

“Eu encontrei Jesus enquanto estava longe.”

“Sua mãe não é atéia?” ela perguntou com desconfiança.

“E meu pai provavelmente é muçulmano. Mas eu sigo o meu próprio caminho. Você não deveria me afastar dele.”

Ela fez um som que meio que pareceu como uma zombaria. “Não, Srtª Hathaway, eu não deveria. Muito bem. Você poderá estar presente na missa aos domingos.”

A vitória foi curta, no entanto, porque quando fui à missa alguns dias depois, vi que a igreja era tão chata quanto eu lembrava. Eu consegui sentar ao lado de Lissa, pelo menos, o que me fez sentir como se estivesse tendo algum lucro nisso tudo. Na maior parte do tempo eu apenas observei as pessoas. Ir à igreja era opcional para os estudantes, mas com tantas famílias do Leste Europeu, vários estudantes eram Cristãos Ortodoxos e freqüentavam a igreja ou porque acreditavam ou porque seus pais lhes obrigavam.

Christian sentou no lado oposto do corredor, fingindo ser tão santo como tinha dito. Por mais que eu não gostasse dele, sua falsa fé me fez sorrir. Dimitri sentou atrás, sua face contornada de sombras e, como eu, não comungou. Por mais pensativo que aparentasse, eu me perguntava se ele sequer havia escutado ao sermão. Eu escutava apenas algumas partes.

“Seguir o caminho de Deus não é sempre fácil,” o padre estava dizendo. “Até mesmo o Santo Vladimir, santo patrono dessa escola, passou por momentos difíceis. Ele era tão espirituoso que as pessoas sempre se reuniam ao seu redor, extasiadas por apenas ouvi-lo e por estar em sua presença. Tão grande era seu espírito, os textos antigos dizem, que ele podia curar os doentes. Ainda assim, apesar desses dons, muitos não o respeitavam. Estes zombavam dele, afirmando que era desorientado e perturbado.”

O que foi uma boa forma bonita de dizer que Vladimir era maluco. Todo mundo sabia disso. Ele era um dos poucos santos Moroí, por isso o padre gostava de falar muito sobre ele. Eu já tinha escutado tudo sobre ele, por muitas vezes antes de fugirmos. Legal. Parecia que eu teria uma infinidade de domingos para escutar a sua história de novo e de novo.

“...e assim foi com a Anna Shadow-Kissed\*.”

Eu levantei a minha cabeça. Eu não fazia idéia do que o padre estava falando, porque eu não estava escutando por um tempo. Mas essas palavras arderam em mim. Shadow-Kissed. Já fazia um tempo desde que eu as tinha ouvido, mas nunca as tinha esquecido. Eu aguardei, esperando que ele continuasse, mas ele já havia passado para a próxima parte da missa. O sermão tinha terminado.

A missa terminou, e quando Lissa se virou para sair, eu virei minha cabeça para ela. “Espere por mim. Eu já volto.”

Eu forcei o meu caminho pela multidão, indo até a frente, onde o padre estava conversando com algumas poucas pessoas. Eu esperei impacientemente até que ele terminasse. Natalie estava lá, questionando-o sobre algum trabalho voluntário que ela pudesse fazer. Ugh.

Quando terminou, ela partiu, me cumprimentando enquanto passava.

O padre levantou suas sobrancelhas quando me viu. “Olá, Rose. É bom te ver novamente.”

“Yeah... você também,” eu disse. “Eu ouvi você falando sobre Anna. Sobre como ela era ‘shadow-kissed’. O que isso significa?”

Ele fez uma carranca. “Eu não tenho certeza absoluta. Ela viveu há muito tempo atrás. Era comum se referir a pessoas por rótulos que refletiam algo de suas características pessoais. Devem ter lhe dado esse nome para que soasse de um modo feroz.”

Eu tentei esconder meu desapontamento. “Ah. Então, quem ela era?”

Dessa vez sua carranca foi mais de desaprovação do que pensativa. “Eu mencionei isso por diversas vezes.”

“Oh. Eu devo ter, um, perdido essa parte.”

Seu desapontamento aumentou, e ele se virou. “Espere só um momento.”

Ele desapareceu pela porta próxima ao altar, aquela que Lissa usou para ir até o sótão.

Considere fugir, mas pensei que Deus poderia se vingar de mim por isso. Menos de um minuto depois, o padre retornou com um livro. Ele o passou para mim. *Santos Moroi*.

“Você pode aprender sobre ela aqui. Da próxima vez em que eu te ver, gostaria de ouvir o que você aprendeu.”

Fiz cara feia enquanto saía. Ótimo. Lição de casa passada pelo padre.

Na entrada da capela, encontrei Lissa conversando com Aaron. Ela sorria enquanto falava, e os sentimentos emanando dela eram felizes, apesar de certamente não serem de paixão.

“Você está brincando,” ela exclamou.

Ele sacudiu sua cabeça. “Nope.”

Me vendo chegar, ela se virou para mim. “Rose, você não vai acreditar nisso. Você conhece Abby Badica? E Xander? O guardião deles quer se demitir. E casar com *outra* guardiã.”

Agora sim, *isso* era fofoca excitante. Um escândalo, na verdade. “Sério? Eles vão, tipo, fugir juntos?”

Ela assentiu. “Eles estão comprando uma casa. Vão procurar emprego entre os humanos, eu acho.”

Eu olhei para Aaron, que repentinamente tinha ficado tímido comigo ali. “Como Abby e Xander estão lidando com isso?”

“Okay. Constrangidos. Eles acham que é estupidez.” Então, ele percebeu com quem estava falando. “Oh. Eu não queria dizer—”

“Não importa.” Eu dei a ele um estreito sorriso. “Isso é estupidez.”

Wow. Eu estava perplexa. A parte rebelde em mim amava qualquer história onde as pessoas “lutavam contra o sistema”. Só que, nesse caso, eles estavam lutando contra o *meu* sistema, aquele em que eu fui treinada para acreditar durante toda a minha vida.

Dhampirs e Moroi tinham um acordo estranho. Dhampirs originalmente tinham nascido das relações entre Moroi e humanos. Infelizmente, dhampirs não podiam reproduzir entre si – ou com humanos. É uma dessas coisas estranhas sobre genética. Mulas eram do mesmo jeito, me contaram, apesar de ser uma comparação que não gostei muito de escutar. Dhampirs e Moroi puros *podiam* ter filhos juntos, e por meio de outra esquisitice da genética, seus filhos nasciam como dhampirs padrão, com metade dos genes humanos, metade dos genes vampiros.

Com os Moroi sendo os únicos com quem os dhampirs poderiam reproduzir, nós tínhamos que estar próximos e unidos a eles. Isto é, se tornou importante para nós que os Moroi simplesmente *sobrevivessem*. Sem eles, nós estaríamos acabados. E do jeito que os Strigoi adoravam destruir um por um dos Moroi, sua sobrevivência se tornou uma preocupação legítima para nós.

É assim que se desenvolveu o sistema guardião. Dhampirs não podiam usar magia, mas nós dávamos como ótimos guerreiros. Nós herdamos os sentidos e reflexos aguçados de nossos genes vampiros, e uma força e resistência mais aprimorada dos genes humanos. Também não éramos limitados pela necessidade de sangue ou pelos problemas com a luz do sol. Claro, nós não éramos tão poderosos quanto os Strigoi, mas nós treinávamos duro, e guardiões faziam

um trabalho bom pra caramba em manter os Moroi seguros. A maioria dos dhampirs sentiam que valia a pena arriscar suas vidas para garantir que nossa espécie pudesse continuar reproduzindo.

Considerando que os Moroi normalmente queriam ter e criar filhos Moroi, você não encontrava muitos romances duradouros entre Moroi-dhampir. Principalmente, você não encontrava muitas mulheres Moroi se amarrando com caras dhampir. Mas um monte de jovens Moroi gostavam de sair por aí pegando mulheres dhampir, apesar de geralmente eles acabarem casando com mulheres Moroi. Isso resultava em um monte de mães solteiras dhampir, mas nós éramos fortes e podíamos lidar com isso.

No entanto, muitas mães dhampir escolhiam não se tornar guardiãs para poder criar seus filhos. Essas mulheres, às vezes, possuíam empregos “comuns”, trabalhando com Moroi ou humanos; algumas delas viviam juntas em comunidades. Essas comunidades tinham uma má reputação. Eu não sei o quanto disso é verdade, mas os rumores contavam que homens Moroi as visitavam *a todo tempo* em busca de sexo. E que algumas mulheres dhampir deixavam que eles tomassem seu sangue enquanto isso. Meretrizes de sangue.

Além do mais, quase todos os guardiões eram homens, o que significa que existiam muito mais Moroi do que guardiões. A maioria dos caras dhampir aceitavam que não poderiam ter filhos. Eles sabiam que era de sua responsabilidade proteger os Moroi enquanto suas irmãs e primas tinham filhos.

Algumas mulheres dhampir, como minha mãe, ainda sentiam que era seu dever se tornarem guardiãs – mesmo que isso significasse não criar seus próprios filhos. Depois que eu nasci, ela me entregou para ser criada por um Moroi. Moroi e dhampirs começam a freqüentar a escola bem novos, e a Academia essencialmente me assumiu como meus pais quando eu tinha quatro anos.

Em conseqüência do exemplo que ela me deu e minha vida na Academia, eu acreditava piamente que o dever de um dhampir é proteger os Moroi. Era parte de nossa herança, e a única forma de continuar existindo. Simples assim.

E isso era o que acabou tornando a atitude do guardião dos Badicas tão chocante. Ele tinha abandonado seu Moroi e fugido com outra guardiã, o que significa que ela abandonou Moroi *dela*. Eles não poderiam nem ter filhos juntos, e agora duas famílias estavam desprotegidas. Qual era o objetivo nisso? Ninguém se importava se os adolescentes dhampirs namorassem ou se os dhampirs adultos tivessem alguns casos. Mas um relacionamento sério? Particularmente um que envolvia os dois fugindo? Um completo desperdício. E uma desgraça.

Depois de um pouco mais de especulação sobre os Badicas, Lissa e eu deixamos Aaron. Assim que demos um passo afora, eu escutei um engraçado barulho de movimento seguido de algo deslizando. Tarde demais percebi o que tinha acontecido, só quando um montão de neve derretida caiu do teto da capela em cima de nós. Era início de outubro e tínhamos tido neve antes da época na noite anterior, que começou a derreter quase imediatamente. Como resultado, a coisa que caiu em cima da gente era muito úmida e muito gelada.

Em Lissa caiu a maior parte, mas mesmo assim eu soltei um gritinho logo que a água gelada caiu no meu cabelo e pescoço. Alguns outros, ali perto, gritaram também, tendo visto a mini-avalanche.

“Você está bem?” eu perguntei para ela. Seu casaco estava ensopado, e seu cabelo de platina grudado nos lados de sua face.

“Y-yeah,” ela disse rangendo os dentes.

Eu tirei o meu casaco e passei para ela. Ele tinha uma superfície mais impermeável e tinha repellido a maior parte da água. “Tire o seu.”

“Mas você vai ficar—”

“Pegue esse.”

Ela pegou, e assim que se enfiava no meu casaco, eu finalmente percebi as gargalhadas que

sempre seguem uma situação como essa. Eu evitei os olhares, me focando, em vez disso, em segurar o casaco molhado de Lissa enquanto ela se trocava.

“Querida que você não estivesse usando um casaco, Rose,” disse Ralf Sarcozy, um Moroi peculiarmente corpulento e rechonchudo. Eu o odiava. “Essa blusa ficaria boa molhada.”

“Essa blusa é tão feia que deveria ser queimada. Você pegou isso de um mendigo?”

Eu olhei para cima enquanto Mia passava e entrelaçava seu braço no de Aaron. Seus cachos loiros estavam perfeitamente arrumados, e ela estava em um incrível par de sapatos de salto alto pretos que ficariam muito melhores em mim. Pelo menos eles a deixavam mais alta, eu admito. Aaron estava a alguns passos atrás de nós, mas miraculosamente tinha evitado ser atingido pela neve derretida. Vendo o quão arrogante ela estava, eu decidi que não tinha milagre algum envolvido ali.

“Eu imagino que você queira se oferecer para queimá-la, huh?” eu perguntei, me recusando a deixá-la saber o quanto aquele insulto tinha me incomodado. Eu sabia perfeitamente bem que minha noção de moda tinha escorregado nos últimos dois anos. “Oh, espere – fogo não é o seu elemento, é? Você trabalha com água. Que coincidência que um monte tenha caído justamente em nós.”

Mia olhou como se tivesse sido insultada, mas o brilho em seus olhos mostrou que ela estava gostando demais disso para ser apenas uma inocente espectadora. “O que isso deveria significar?”

“Nada para mim. Mas Sra. Kirova provavelmente terá algo a dizer quando ela descobrir que você usou magia contra outro estudante.”

“Isso não foi um ataque,” ela zombou. “E não fui eu. Foi um ato de Deus.”

Alguns poucos riram, o bastante para a diversão dela. Em minha imaginação eu respondi com, *Isso também*, e em seguida a arremessava para um lado da igreja. Na vida real, Lissa simplesmente me cutucou e disse “Vamos.”

Ela e eu andamos em direção de nossos respectivos dormitórios, deixando para trás gargalhadas e piadas sobre nosso estado ensopado e sobre como Lissa não saberia nada sobre especialização. Por dentro, eu fervia. Eu tinha que fazer algo quanto Mia, me toquei. Além da normal irritação causada pela chateação de Mia, eu não queria que Lissa tivesse que lidar com mais stress do que ela já tinha. Nós tínhamos ficado bem nessa primeira semana, e eu queria manter desse jeito.

“Você sabe,” eu disse, “eu penso cada vez mais que você roubar Aaron de volta é uma coisa boa. Vai ensinar a essa Boneca Vaca uma lição. Eu aposto que ia ser fácil, também. Ele ainda é louco por você.”

“Eu não quero ensinar uma lição a ninguém,” disse Lissa. “E eu não sou louca por ele.”

“Deixa disso, ela arma brigas e fala de nós pelas costas. Ontem ela me acusou de pegar calças jeans do Exército da Salvação.”

“Suas calças jeans são do Exército da Salvação.”

“Bem, yeah,” eu retruquei, “mas ela não tem o direito de tirar sarro delas quando ela está vestindo coisas da Target.”\*

“Hey, não tem nada errado com a Target. Eu gosto da Target.”

“Eu também. Essa não é a questão. Ela tenta fazer com que as coisas dela pareçam da Stella McCartney.”

“E isso é um crime?”

Eu fingi uma expressão solene. “Absolutamente. Você tem que se vingar.”

“Eu já te disse, não estou interessada em vingança.” Lissa me retalhou com um longo olhar.

“Eu você também não deveria estar.”

Eu sorri da forma mais inocente que consegui, e quando cada uma seguiu seu caminho, eu me senti novamente aliviada pelo fato de que ela não podia ler meus pensamentos.

“E então, quando a grande briga de mulheres vai acontecer?”

Mason estava me esperando do lado de fora do dormitório após eu ter me separado de Lissa. Ele parecia preguiçoso e fofo, encostado na parede com os braços cruzados enquanto me olhava.

“Eu com certeza não sei o que você quer dizer.”

Ele desdobrou os braços e caminhou comigo para dentro do edifício, me passando seu casaco já que eu tinha deixado Lissa ir com o meu seco. “Eu vi vocês discutindo do lado de fora da capela. Você não tem respeito algum pela casa de Deus?”

Eu bufei. “Você tem praticamente o mesmo respeito que eu tenho, seu bárbaro. Você nem ao menos vai até lá. Aliás, como você mesmo disse, nós estávamos *do lado de fora*.”

“E você ainda não respondeu a pergunta.”

Eu só dei um largo sorriso e me enfiei em seu casaco.

Nós ficamos na área comum do dormitório, um saguão muito bem inspecionado e área de estudo onde estudantes dos dois sexos podiam se misturar, além dos convidados Moroi. Sendo domingo, estava bastante lotado de tarefas de última hora por causa da aula do próximo dia. Espiando uma mesa pequena e vazia, eu agarrei o braço de Mason e o puxei na direção dela.

“Você não deveria ir direto para o seu quarto?”

Fiquei de cócoras no meu assento, olhando em volta cautelosamente. “Tem muita gente aqui hoje, vai demorar um tempo até que me notem. Deus, eu estou tão cheia de estar trancafiada. E só se passou uma semana.”

“Eu também estou cheio disso. Nós sentimos sua falta na noite passada. Uma porção de nós foi e jogamos sinuca na sala de jogos. Eddie estava pegando fogo.”

Eu suspirei. “Não me diga isso. Eu não quero ouvir sobre sua glamurosa vida social.”

“Tudo bem.” Ele apoiou seu cotovelo na mesa e pousou seu queixo em sua mão. “Então me fale de Mia. Você está para se virar e dar um soco nela um dia, não está? Eu acho que me lembro de você fazendo isso no mínimo dez vezes com pessoas que te tiravam do sério.”

“Eu sou uma nova, renovada Rose,” eu disse, passando a minha melhor impressão de seriedade. Que não era muito boa. Ele emitiu uma risada abafada. “Além do mais, se eu fizer isso, eu vou quebrar a minha condicional com Kirova. Tenho que andar na linha.”

“Em outras palavras, ache algum jeito de se vingar de Mia sem que entre em problemas.”

Eu senti um sorriso forçando os cantos dos meus lábios. “Sabe o que eu gosto em você, Mase? Você pensa exatamente como eu.”

“Teoria assustadora,” ele replicou secamente. “Me diga então o que pensa disso: eu posso saber algo sobre ela, mas eu provavelmente não devo lhe contar...”

Eu me inclinei a frente. “Oh, agora você já começou. Você *tem* que me contar agora.”

“Seria errado,” ele provocou, “Como eu vou saber que você vai usar essa informação para o bem em vez do mal?”

Eu pisquei várias vezes. “Você consegue resistir a esse rostinho?”

Ele me estudou por um momento. “Não. Eu não consigo, na verdade. Okay, aqui vai: Mia não é da realeza.”

Eu relaxei de novo na cadeira. “Não brinca. Eu já sabia disso. Eu sei quem é da realeza desde que tinha dois anos de idade.”

“Yeah, mas não é só isso. Os pais dela trabalham para um dos lordes Drozdovs.” Eu acenei minha mão impacientemente. Um monte de Moroi trabalha no mundo humano, mas a sociedade Moroi também tem várias vagas de trabalho para sua própria raça. Alguém precisava preenchê-las. “Coisa de limpeza. São praticamente servos. Seu pai corta grama e sua mãe é uma criada.”

Na realidade eu tinha um grande respeito por qualquer um que tinha um trabalho integral, independentemente do emprego. Pessoas em todos os lugares tinham que fazer coisas nojentas para viver. Mas, assim como ocorria com a Target, se tornava outro assunto quando alguém tentava se passar por algo que não é. E durante a semana que estive aqui, me liguei do quão desesperadamente Mia queria se encaixar com a elite da escola.

“Ninguém sabe,” eu disse pensativamente.

“E ela não quer que saibam. Você sabe como a realeza é.” Ele fez uma pausa. “Bem, exceto por Lissa, é claro. Eles fariam Mia passar por maus bocados por isso.”

“Como você sabe de tudo isso?”

“Meu tio é guardião para os Drozdovs.”

“E você vem guardando esse segredo, huh?”

“Até você descobrir. Então qual é o caminho que você irá escolher: bem ou mal?”

“Eu acho que vou dar a ela a honra—“

“Srta. Hathaway, você sabe que não deveria estar aqui.”

Uma das inspetoras do dormitório parou em nossa frente, com desaprovação em toda a sua face.

Eu não estava brincando quando disse que Mason pensava como eu. Ele podia enrolar tão bem quanto eu. “Nós temos um projeto em grupo para fazer para nossa classe de línguas. Como nós deveríamos fazer se Rose estiver isolada?”

A inspetora estreitou seus olhos. “Não parece que vocês estejam fazendo um trabalho.”

Eu puxei o livro do padre e o abri aleatoriamente. Eu havia colocado ele na mesa quando nos sentamos. “Nós estamos, um, trabalhando nisso.”

Ela ainda parecia desconfiada. “Uma hora. Eu vou dar mais uma para você aqui embaixo, e é bom que eu veja você trabalhando.”

“Sim senhora,” disse Mason de rosto sério. “Absolutamente.”

Ela se afastou ainda olhando para nós. “Meu herói,” eu declarei.

Ele apontou para o livro. “O que é isso?”

“Algo que o padre me deu. Eu tinha uma dúvida sobre o sermão.”

Ele me encarou, estupefocado.

“Oh, pare com isso e pareça interessado.” Eu passei os olhos sobre o índice. “Eu estou tentando achar uma mulher chamada Anna.”

Mason arrastou sua cadeira, de forma que acabou sentado bem ao meu lado. “Tudo bem. Vamos estudar.”

Eu encontrei o número da página que me levou até a seção sobre Santo Vladimir, sem surpresa alguma. Nós lemos rapidamente o capítulo procurando pelo nome de Anna. Quando achamos, o autor não tinha muito o que dizer sobre ela. Ele tinha incluído um trecho escrito por um outro cara que aparentemente tinha vivido na mesma época de Santo Vladimir:

*E com Vladimir sempre está Anna, filha de Fyodor. O amor deles é inocente e puro como o de irmão e irmã, e por diversas vezes ela o defendeu contra os Strigoi que buscavam destruir a ele e a sua santidade. Outrossim, é ela quem o conforta quando o espírito se torna difícil de suportar, e a escuridão de Satã tenta envolvê-lo e enfraquecer seu próprio corpo e saúde. Contra isso ela também o defende, pois eles estavam interligados desde que ele salvou a vida dela quando criança. É um sinal do amor de Deus que Ele tenha enviado ao abençoado Vladimir uma guardiã como ela, uma que é shadow-kissed e sempre sabe o que está no coração e na mente dele.*

“Aqui está,” Mason disse. “Ela era a guardiã dele.”

“Aqui não diz o que shadow-kissed significa.”

“Provavelmente não significa nada.”

Algo em mim não acreditava nisso. Eu li de novo, tentando interpretar a linguagem antiga.

Mason me observava curiosamente, aparentando querer muito ajudar.

“Talvez eles estivessem namorando,” ele sugeriu.

Eu ri. “Ele era um *santo*.”

“E daí? Santos provavelmente gostavam de sexo também. Esse negócio de “irmão e irmã” é provavelmente fachada.” Ele apontou para uma das frases. “Vê? Eles estavam “interligados”. Ele deu uma piscada. “É um código.”

Interligados. É uma escolha estranha de palavra, mas não quer dizer necessariamente que Anna e Vladimir estavam arrancando as roupas um do outro.

“Eu não acho isso. Eles eram apenas íntimos. Garotos e garotas podem ser apenas amigos.” Eu disse isso enfaticamente, e ele me deu um olhar seco.

“Yeah? Nós *somos* amigos e eu não sei o que está no seu ‘coração e mente’” Mason fez uma expressão de falso filósofo. “É claro, alguns argumentam que nunca se sabe o que se passa no coração de uma mulher—”

“Oh, cala a boca,” eu bufei, socando o braço dele.

“Pois elas são criaturas estranhas e misteriosas,” ele continuou em sua voz de professor, “e um homem deve saber ler mentes se deseja fazê-las felizes.”

Eu comecei a rir incontrolavelmente e sabia que provavelmente estaria com problemas de novo. “Bem, tente ler a minha mente e pare de ser tão—”

Eu parei de rir e olhei para baixo, de volta para o livro.

*Interligados e sempre sabe o que está no coração e na mente dele.*

Eles tinham uma ligação, eu me toquei. Eu poderia apostar tudo que tinha – o que não era muito – nisso. A revelação era assustadora. Existiam um monte de vagas histórias e mitos sobre como guardiões e Moroi ‘costumavam ter ligações’. Mas essa era a primeira que eu já tinha ouvido sobre alguém específico com o qual isso ocorreu.

Mason notou o meu choque. “Você está bem? Você parece meio estranha.”

Eu encolhi os ombros. “Yeah. Bem.”

## SETE

ALGUMAS SEMANAS SE PASSARAM DEPOIS disso, e eu logo esqueci sobre a coisa da Anna assim que a vida na Academia me envolveu. O choque da nossa volta tinha passado um pouco, e nós começamos a cair numa rotina semi-confortável. Meus dias se resumiam em igreja, almoço com Lissa, e qualquer tipo de vida social que eu poderia conseguir além disso. Negado qualquer tempo livre real, eu não tive dificuldade para ficar de fora do centro das atenções, embora tenha dado um jeito de roubar um pouco de atenção aqui e ali, apesar de meu nobre discurso a ela sobre ‘navegar com a correnteza’. Eu não podia evitar. Eu gostava de flertar, eu gostava de grupos, e eu gostava de fazer comentários espertinhos na aula.

O novo e incógnito papel dela chamava atenção simplesmente porque era tão diferente de antes de fugirmos, quando ela tinha sido tão ativa com a realeza. A maioria das pessoas logo deixou isso passar, aceitando que a princesa Dragomir estava saindo do radar social e contente em andar com Natalie e seu grupo. As divagações de Natalie ainda me faziam querer bater a minha cabeça na parede às vezes, mas ela era legal - mais legal do que quase todos da realeza – e eu gostava de estar perto dela na maior parte do tempo.

E, exatamente como Kirova tinha avisado, eu estava realmente treinando e trabalhando o tempo todo. Mas quanto mais o tempo passava, mais meu corpo parava de me odiar. Meus músculos ficavam mais resistentes, e meu vigor aumentava. Eu ainda apanhava durante o treino, mas não tanto quanto eu costumava, o que já era alguma coisa. O maior problema agora parecia ser a minha pele. Ficar do lado de fora no frio por tanto tempo estava rachando o meu rosto, e só o estoque de cremes faciais de Lissa me impediram de envelhecer antes da hora. Ela não podia fazer muito pelas bolhas nas minhas mãos e pés.

Uma rotina também se desenvolveu entre Dimitri e eu. Mason estava certo sobre ele ser anti-social. Dimitri não saía muito com os outros guardiões, apesar de estar claro que todos o respeitavam. E quanto mais eu trabalhava com ele, mais eu o respeitava também, apesar de não entender realmente os seus métodos de treinamento. Eles não pareciam muito agressivos. Nós sempre começávamos com o alongamento no ginásio, e ultimamente ele me mandava para fora para correr, encarando o cada vez mais frio outono de Montana.

Três semanas depois do meu retorno à Academia, eu fui um dia até o ginásio antes da escola e achei ele espichado num colchonete lendo um livro de Louis L'Amour. Alguém tinha trazido um CD player portátil, e enquanto isso, de primeira, me animou de primeira, a música que vinha dele não o fez: "When Doves Cry" do Prince. Era embaraçoso saber o título da música, mas um dos nossos colegas de quarto era obcecado pelos anos 80.

"Whoa, Dimitri," eu disse, jogando minha mochila no chão. "Eu entendo que esse é um hit do momento no Leste Europeu atualmente, mas você acha que podemos escutar alguma coisa que não tenha sido gravada antes de eu nascer?"

Apenas os olhos dele passaram por mim, o resto da sua postura continuou a mesma. "O que isso importa para você? Eu que vou continuar ouvindo isso. Você vai estar lá fora correndo." Eu fiz uma careta enquanto coloquei meu pé em cima de uma das barras e estiquei os tendões da perna. Considerando todas as coisas, Dimitri tinha uma boa tolerância para meu sarcasmo. Desde que eu não folgasse no meu treinamento, ele não ligava para meus comentários constantes.

"Hey", eu perguntei, passando para a próxima sessão de alongamentos, "qual é a da corrida, afinal de contas? Quero dizer, eu entendo a importância da força e tudo mais, mas eu não deveria estar passando para algo com um pouco mais de luta? Eles ainda estão me matando na prática em grupo."

"Talvez você devesse bater mais forte," Ele replicou secamente.

"Eu falo sério."

"Difícil dizer a diferença." Ele abaixou o livro, mas não moveu seu corpo. "Meu trabalho é te preparar para defender a princesa e lutar com criaturas das trevas, certo?"

"Sim."

"Então me diga isto: supondo que você consiga sequestrá-la de novo e levá-la para um shopping. Enquanto vocês estão lá, um Strigoi vai até vocês. O que você vai fazer?"

"Depende da loja em que estivermos."

Ele me encarou.

"Certo. Eu o apunhalaria com uma estaca de prata."

Dimitri sentou-se agora, cruzando suas pernas em um movimento fluido. Eu ainda não entendia como alguém tão alto podia ser tão gracioso. "Oh?" Ele levantou suas sobrancelhas escuras. "Você tem uma estaca de prata? Você pelo menos sabe usar uma?"

Eu arrastei meus olhos para longe do corpo dele e olhei de cara feia. Feitas com magia elementar, estacas de prata eram as armas mais mortíferas dos guardiões. Apunhar um Strigoi no coração significava morte imediata. As lâminas eram igualmente mortais aos Morois, então elas não eram dadas facilmente para os aprendizes. Minha classe estava apenas começando a aprender como usá-las. Eu treinei com uma arma antes, mas ninguém iria me deixar chegar perto de uma estaca ainda. Felizmente, há outros dois jeitos de matar um Strigoi.

"Okay. Eu iria cortar a cabeça dele fora."

"Ignorando o fato de que você não tem uma arma para fazer isso, como você compensaria o fato de que ele poderia ser 30 centímetros mais alto do que você?"

Eu endireitei meu corpo, parando de tocar meus dedos dos pés, irritada. "Certo, então eu iria botar fogo nele."



“De novo, com o quê?”

“Certo, eu desisto. Você já tem a resposta. Você está apenas brincando comigo. Eu estou num shopping e eu vejo um Strigoi, o que eu faço?”

Ele olhou para mim e não piscou. “Você corre.”

Eu reprimi o desejo de jogar alguma coisa nele. Quando eu terminei meu alongamento, ele falou que iria correr comigo. Essa era nova. Talvez correr me daria alguma visão sobre sua super reputação.

Nós saímos na noite fria de Outubro. Estar de volta a uma programação vampira ainda me fazia sentir estranha. Com a escola para começar em cerca de uma hora, eu esperava o sol nascer, e não se pôr. Mas ele estava afundando no horizonte a Oeste, iluminando as montanhas brancas de neve com um brilho laranja. Isso não chegou realmente a aquecer o lugar, e logo senti o ar gelado perfurar meus pulmões assim que minha necessidade de oxigênio aumentou. Nós não falamos. Ele desacelerou seu ritmo para combinar com o meu, assim nós permanecemos juntos.

Alguma coisa sobre isso me incomodou; de repente eu queria muito sua aprovação. Então eu fui no meu próprio ritmo, trabalhando meus pulmões e músculos mais duramente. Doze voltas ao redor da pista resultaram em 5 quilômetros; ainda tínhamos nove para percorrer.

Quando chegamos na antepenúltima volta, alguns outros aprendizes passaram por nós, se preparando para ir para a prática de grupo em que eu logo estaria também. Ao me ver, Mason torceu por mim. “Boa forma, Rose!”

Eu sorri e acenei de volta.

“Você está ficando mais lenta” Dimitri falou rispidamente, tirando meu olhar dos rapazes. A dureza em sua voz me surpreendeu. “É por isso que seus tempos de corrida não estão ficando nada mais rápidos? Você se distrai facilmente?”

Envergonhada, eu aumentei minha velocidade mais uma vez, apesar do fato de meu corpo ter começado a gritar obscenidades para mim. Nós terminamos a décima segunda volta, e quando ele checkou, viu que fizemos dois minutos a menos que o meu melhor tempo.

“Nada mal, huh?” Eu vociferei quando voltamos para dentro para fazer alongamentos de relaxamento. “Parece que eu poderia ir tão longe quanto a divisa do país antes que os Strigoi me peguem no shopping. Só não tenho certeza de como Lissa faria.”

“Se ela estivesse com você, ela estaria bem.”

Olhei-o surpresa. Era o primeiro elogio de verdade que ele me deu desde que começamos o treinamento. Seus olhos castanhos me observavam, tanto com diversão quanto com aprovação.

E foi aí que aconteceu.

Eu senti como se alguém tivesse me dado um tiro. Afiado e aguçado, o terror explodiu em meu corpo e na minha cabeça. A minha visão ficou turva, e por um momento, eu não estava parada lá. Eu estava descendo e correndo por um lance de escadas, assustada e desesperada, precisando sair dali, precisando encontrar... a mim.

A minha visão clareou, deixando-me de volta na pista e fora da cabeça de Lissa. Sem uma palavra à Dimitri, retirei-me dali, correndo o mais rápido que pude em direção ao dormitório Moroi. Não importava que eu tinha acabado de botar minhas pernas para correr numa mini-maratona. Elas correram sem esforço e rapidamente, como se elas fossem novas e brilhantes. Distantemente, eu tinha consciência de que Dimitri me alcançava e perguntava o que estava errado, mas eu não pude respondê-lo. Eu tinha uma tarefa e somente uma: chegar ao dormitório.

Sua forma gigantesca e coberta de hera estava apenas chegando em minha visão quando Lissa nos encontrou, seu rosto coberto de lágrimas. Eu parei subitamente, meus pulmões a ponto de explodir.

“O que está errado? O que aconteceu?” Eu exigi, chacoalhando seus braços, forçando-a a olhar para os meus olhos.

Mas ela não podia responder. Ela apenas jogou seus braços ao meu redor, soluçando no meu peito. Eu segurei ela ali, alisando seu lustroso e sedoso cabelo enquanto dizia que tudo ficaria bem – seja lá o que ‘tudo’ fosse. E sinceramente, eu não me importava com o que fosse naquele momento. Ela estava ali e estava segura, e isso era só o que importava. Dimitri estava perto de nós, alerta e pronto para qualquer ameaça, seu corpo posicionado para o ataque. Eu me senti segura com ele ao nosso lado.

Uma meia hora depois, estávamos todos dentro do quarto de Lissa com outros três guardiões, Sra. Kirova, e a inspetora do saguão. Esta era a primeira vez que eu via o quarto de Lissa. Natalie tinha efetivamente conseguido obtê-la como colega de quarto, e os dois lados do quarto davam um estudo sobre contrastes. O de Natalie era vivo, cheio de fotos na parede e uma colcha de flores que não combinavam com um dormitório. Lissa tinha poucas posses como eu, tornando sua metade pouco notável. Ela tinha uma imagem pendurada na parede, tirada no último Dia das Bruxas, quando tínhamos nos vestido de fadas, completando a fantasia com asas e maquiagem de glitter. Ver essa foto e lembrar de como as coisas costumavam ser fez com que uma dor maciça se formasse em meu peito.

Com toda a agitação que havia ninguém notou que eu supostamente não deveria estar ali. Lá fora no saguão, outras meninas Moroi se juntaram, tentando descobrir o que estava acontecendo. Natalie passou por meio delas, querendo saber qual era o motivo da inquietação em seu quarto. Quando ela descobriu, ela parou bruscamente.

Choque e nojo apareceram no rosto de quase todos assim que olhamos para a cama de Lissa. Havia uma raposa em seu travesseiro. O seu pelo era laranja-avermelhado, com um quê de branco. Ela parecia tão suave e fofa que poderia ser um animal de estimação, um gato talvez, algo que você colocaria em seus braços e faria carinho.

Desconsiderando o fato de que sua garganta tinha sido cortada.

O interior da garganta era rosa e parecido com gelatina. O sangue tinha manchado o pêlo macio e escorregado até a colcha amarela, formando uma piscina escura que se espalhava por todo o tecido. Os olhos da raposa olhavam fixamente para cima, envidrados, com uma espécie de choque neles, como se a raposa não pudesse acreditar no que estava acontecendo. Náusea se acumulou em meu estômago, mas eu me forcei a continuar olhando. Eu não podia me dar ao luxo de ficar nauseada. Eu estaria matando Strigoi algum dia. Se eu não podia lidar com uma raposa, eu nunca iria sobreviver a mortes maiores.

O que tinha acontecido com a raposa era perverso e doentio, obviamente feito por alguém tão perturbado que não há palavras para descrevê-lo. Lissa olhou fixamente para ela, sua cara pálida como um cadáver, e andou alguns passos em sua direção, mãos involuntariamente tentando alcançá-la. Esse ato nojento a atingiu duramente, eu sabia, considerando seu amor por animais. Ela os amava, eles a amavam. Enquanto estávamos por nossa conta, ela muitas vezes implorou por um animal de estimação, mas eu sempre recusei, lembrando a ela de que não poderíamos cuidar de um quando poderíamos ter de fugir a qualquer momento. Além do mais, eles me odiavam. Então ela se contentou em ajudar e cuidar de animais perdidos que encontrava, e fazer amizade com os bichos dos outros, como o gato Oscar.

Entretanto, ela não podia cuidar dessa raposa. Não tinha como trazê-la de volta, mas eu vi em seu rosto que ela queria ajudar, assim como queria ajudar em tudo. Eu peguei a sua mão e a afastei, recordando de repente uma conversa de dois anos atrás.

*“O que é isso? É uma gralha?”*

*“Muito grande. É um corvo.”*

*“Está morto?”*

*“Yeah, definitivamente morto. Não toque nele.”*

Ela não tinha me dado ouvidos na época. Eu esperava que o fizesse agora.

“Ela ainda estava viva quando eu voltei.” Lissa sussurrou para mim, sacudindo meu braço. “Por muito pouco. Oh deus, ela estava se contorcendo. Ela deve ter sofrido tanto.”

Eu senti bile subir na minha garganta. Sob nenhuma circunstância eu iria vomitar agora. “Você –?”

“Não...eu queria...eu comecei...”

“Então esqueça sobre isso,” eu disse ríspidamente. “É estúpido. Uma brincadeira estúpida de alguém. Eles vão limpar tudo. Até mesmo lhe dar um quarto novo, se você quiser.”

Ela se virou para mim, seus olhos quase selvagens. “Rose... você lembra... aquela vez...”

“Pare com isso,” eu disse. “Esqueça sobre isso. Isto não é a mesma coisa.”

“E se alguém viu? E se alguém sabe?...”

Eu estreitei meu aperto no seu braço, cravando minhas unhas para que ela prestasse atenção. Ela se encolheu. “Não. Não é o mesmo. Não tem nada a ver com aquilo. Você me ouviu?” Eu podia sentir tanto os olhos de Natalie quanto de Dimitri em nós. “Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem.”

Não parecendo que acreditava em mim, Lissa afirmou com a cabeça.

“Limpe isso,” Kirova disse severamente para a inspetora. “E descubra se alguém viu algo.”

Alguém finalmente se tocou que eu estava ali e ordenou que Dimitri me levasse embora, não importando o quanto eu implorasse para me deixarem ficar com Lissa. Ele me acompanhou até o dormitório dos aprendizes. Ele não falou até estarmos quase lá. “Você sabe de alguma coisa. Alguma coisa sobre o que aconteceu. Foi isso o que você quis dizer quando falou à Diretora Kirova que Lissa estava em perigo?”

“Eu não sei de nada. É só alguma brincadeira doentia.”

“Você tem idéia de quem faria isso? Ou por quê?”

Eu ponderei sobre isso. Antes de fugirmos, isso poderia ter sido feito por diversas pessoas. É assim que acontece quando se é popular. Pessoas te amam, pessoas te odeiam. Mas agora? Lissa tinha deixado de ser popular em certa extensão. A única pessoa que realmente e verdadeiramente a desprezava era Mia, mas Mia parecia lutar as suas batalhas com palavras, não ações. E mesmo que ela tivesse decidido fazer algo mais agressivo, por que fazer isso? Ela não parecia ser deste tipo. Existiam milhões de outros jeitos de se vingar de uma pessoa.

“Não,” eu falei a ele. “Nenhuma idéia”.

“Rose, se você sabe de algo, me conte. Nós estamos do mesmo lado. Nós dois queremos protegê-la. Isto é sério.

Eu me virei, descontando minha raiva da raposa em cima dele. “Yeah, isso é sério. É tudo sério. E você fica me fazendo dar voltas todos os dias enquanto eu deveria estar aprendendo a lutar e defendê-la! Se você quer ajudá-la, me ensine alguma coisa!*Me ensine a lutar.* Eu já sei como fugir.”

Eu não percebi até aquele momento o quanto eu queria aprender, o quanto eu queria me provar para ele, para Lissa, e para todo mundo. O incidente com a raposa me fez sentir impotente, e eu não gostei daquilo. Eu queria fazer alguma coisa,*qualquer coisa.*

Dimitri observou minha explosão calmamente, sem mudar sua expressão. Quando eu terminei, ele simplesmente me chamou adiante como se eu não tivesse dito nada. “Vamos lá. Você está atrasada para o treino.”

## OITO

ARDENDO DE RAIVA, EU LUTEI melhor e mais duramente naquele dia do que jamais tinha lutado em qualquer uma de minhas aulas com os aprendizes. Tanto que eu finalmente ganhei minha primeira luta corpo-a-corpo, aniquilando Shane Reyes. Nós sempre nos demos bem, e ele levou isso de boa, aplaudindo meu desempenho, assim como fizeram alguns outros.

“A revanche está começando,” observou Mason depois da aula.

“É o que parece.”

Ele gentilmente tocou meu braço. “Como está Lissa?”

Não me surpreendeu o fato de ele saber. Fofoca se espalhava tão rápido por aqui algumas vezes, parecia que todo mundo tinha uma ligação mental.

“Okay. Se recuperando.” Eu não comentei como eu sabia disso. Nossa ligação mental era um segredo do corpo estudantil. “Mase, você diz que sabe sobre Mia. Você acha que ela pode ter feito aquilo?”

“Whoa, hey, eu não sou um expert nela nem nada. Mas, honestamente? Não. Mia não faria nem dissecações nas aulas de biologia. Eu não consigo imaginá-la pegando uma raposa, menos ainda, hum, matando-a.”

“Nenhum amigo que poderia fazer isso por ela?”

Ele balançou sua cabeça. “Na verdade não. Eles não são exatamente do tipo que sujam suas mãos, tampouco. Mas quem pode saber?”

Lissa continuava abatida quando a encontrei mais tarde para o almoço, seu humor ficou pior quando Natalie e sua turma não conseguiam parar de falar sobre a raposa. Aparentemente Natalie superou seu nojo o suficiente para curtir a atenção que o espetáculo trouxe para ela. Talvez ela não estivesse tão contente com seu status de impopular como eu sempre acreditei. “E eu estava bem *lá*,” ela explicou, agitando as mãos para enfatizar. “Bem no meio da cama. Tinha sangue em *toda parte*.”

Lissa parecia tão verde quanto o suéter que vestia, e eu a empurrei para longe antes mesmo de terminar a minha comida e imediatamente lancei uma série de obscenidades quanto às habilidades sociais de Natalie.

“Ela é legal,” Lissa disse automaticamente. “Você estava me dizendo outro dia o quanto gostava dela.”

“Eu gosto dela, só que ela é incompetente quanto a certas coisas.”

Nós paramos do lado de fora da nossa classe de comportamento animal, e eu notei pessoas nos dando olhares curiosos e cochichando enquanto passavam. Eu suspirei.

“Como você está com tudo isso?”

Um meio sorriso apareceu em sua face. “Você já não pode sentir isso?”

“Yeah, mas eu quero ouvir de você.”

“Eu não sei. Eu vou ficar bem. Eu queria que todos parassem de ficar me encarando como se eu fosse uma esquisita.”

Minha raiva explodiu novamente. A raposa foi ruim. Pessoas chateando ela tornou tudo pior, mas pelo menos eu podia fazer algo quanto a eles. “Quem está te incomodando?”

“Rose, você não pode bater em todo mundo com quem a gente tiver problemas.”

“Mia?” eu adivinhei.

“E outros,” ela disse evasivamente. “Olha, não importa. O que eu quero saber é como isso pode ter... isto é, eu não consigo parar de pensar sobre aquela vez—”

“Não,” eu avisei.

“Por quê você continua fingindo que não aconteceu? Você de todas as pessoas. Você tira sarro de Natalie por ficar tagarelando, mas não é como se você tivesse um bom controle sobre si mesma. Você normalmente fala sobre qualquer coisa.”

“Mas não sobre *aquilo*. Nós temos que esquecer isso. Já faz muito tempo. Nós nem ao menos sabemos realmente o que aconteceu.”

Ela me encarou com aqueles grandes olhos verdes, calculando seu próximo argumento.

“Hey, Rose.”

Nossa conversa parou assim que Jesse veio até nós. Eu dei meu melhor sorriso.

“Hey.”

Ele acenou cordialmente para Lissa. “Então, hey, eu vou estar no seu dormitório hoje à noite para um grupo de estudos. Você acha... talvez...”

Momentaneamente esquecendo de Lissa, eu foquei minha atenção inteiramente em Jesse.

Repentinamente, eu precisava muito fazer algo selvagem e errado. Muito coisa tinha acontecido hoje. “Claro.”

Ele me disse quando estaria lá, e eu lhe disse que o encontraria em uma das áreas comuns, com “maiores informações”.

“Eu não quero exatamente ‘conversar’ com ele. Nós vamos escapular.”

Ela resmungou. “Eu não te entendo às vezes.”

“Isso porque você é a cuidadosa, e eu sou a negligente.”

Assim que Comportamento Animal começou, eu analisei a possibilidade de Mia ser a responsável. Pelo olhar arrogante em seu rosto de anja-psicopata, ela certamente parecia ter adorado a sensação causada pela raposa sangrenta. Mas isso não significava que ela era culpada, e depois de observá-la durante as últimas duas semanas, eu sabia que ela iria gostar de qualquer coisa que chateasse a Lissa e a mim. Ela não precisava ser a pessoa que havia feito isso.”

“Lobos, como muitas outras espécies, diferenciam seus grupos em machos alfas e fêmeas alfas aos quais os outros se reportam. Alfas são quase sempre os mais fortes fisicamente, apesar de que muitas vezes, confrontos acabam sendo mais uma questão de força de vontade e personalidade. Quando um alfa é desafiado e substituído, esse lobo possivelmente será banido do grupo ou até mesmo atacado.”

Eu parei de sonhar acordada e foquei na Sra. Meissner.

“A maioria dos desafios tende a ocorrer durante a temporada de acasalamento,” ela continuou. Isto naturalmente trouxe risinhos dos alunos. “Na maior parte dos grupos, os casais alfas são os *únicos* que se acasalam. Se o macho alfa é um lobo ancião, um competidor mais novo pode pensar que tem alguma chance contra ele. Se isso realmente é verdade depende de cada caso. Os mais jovens geralmente não percebem o quanto são seriamente ameaçados pelo mais experiente.”

Deixando de lado o negócio de velho-e-jovem-lobo, eu pensei que o resto era bastante relevante. Certamente na estrutura social da Academia, eu decidi amargamente, parecia existir um monte de alfas e competições.

Mia levantou sua mão. “E quanto às raposas? *Elas* têm alfas também?”

A turma toda segurou a respiração, seguidamente de alguns risinhos nervosos. Ninguém acreditava que Mia tinha tocado nesse ponto.

Sra. Meissner ficou vermelha com o que eu suspeitei que fosse raiva. “Nós estamos discutindo lobos hoje, Srt<sup>a</sup> Rinaldi.”

Mia não pareceu se importar com a bronca sutil, e quando a classe se formou em pares para trabalhar em uma tarefa, ela passou a maior parte do tempo olhando para nós e rindo. Através da ligação, eu pude sentir Lissa ficando mais e mais chateada, enquanto as imagens da raposa continuavam a passar por sua mente.

“Não se preocupe,” eu disse a ela. “Eu arranjei um jeito—”

“Hey, Lissa,” alguém interrompeu.

Nós olhamos para cima assim que Ralf Sarcozy parou em frente às nossas mesas. Ele estava com aquele estúpido sorriso de sempre, e eu tive a sensação de que ele tinha vindo até nós por causa de uma provocação de seus amigos.

“Então, admita,” ele disse. “Você matou a raposa. Você estava tentando convencer Kirova de que está louca, daí você pode sair daqui de novo.”

“Vai se ferrar,” eu falei em uma voz baixa.

“Você está oferecendo?”

“Pelo o que eu ouvi, não tem muito o que ferrar,” eu retruquei.

“Wow,” ele zombou. “Você *mudou*. Pelo que eu me lembre, você não era tão exigente para

escolher com quem ficava nua.”

“E pelo que eu me lembro, as únicas pessoas que você viu nuas estavam na Internet.”

Ele levantou sua cabeça com ar de superior, de um jeito exageradamente dramático. “Hey, eu acabei de perceber: foi você, não foi?” Ele olhou para Lissa, ficando de costas para mim. “Ela fez você matar a raposa, não foi? Algum tipo estranho de vodu lésbic—ahhh!”

Ralf explodiu em chamas.

Eu pulei e empurrei Lissa para fora do caminho – não algo fácil de fazer, já que estávamos sentadas em nossas carteiras. Nós duas terminamos no chão enquanto os gritos – de Ralf em particular – encheram nossa sala de aula e Sra. Meissner correu para alcançar o extintor de incêndio.

E aí, do nada, as chamas desapareceram. Ralf ainda estava gritando e se batendo, mas ele não tinha nenhuma marca de queimado. O único indicativo do que acabara de acontecer era o cheiro de fumaça no ar.

Por vários segundos, a sala inteira congelou. Daí, lentamente, todos juntaram as peças do quebra-cabeça. As especializações de magia dos Moroi era conhecidas por todos, e depois de procurar na sala, eu identifiquei três usuários de fogo: Ralf, seu amigo Jacob, e Christian Ozera.

Sendo que nem Jacob nem Ralf botariam fogo em Ralf, isso meio que deixou óbvio quem era o culpado. O fato de que Christian estava rindo histericamente meio que entregou também.

Sra. Meissner mudou do vermelho para o roxo. “Sr Ozera!” ela gritou. “Como você se atreve – você faz alguma idéia – vá para a sala da Diretora Kirova agora mesmo!”

Christian, completamente inabalável, se levantou e jogou sua mochila sobre um ombro.

Aquele sorriso continuou em seu rosto. “É claro, Sra. Meissner.”

Ele desviou do seu caminho para passar do lado de Ralf, que rapidamente recuou enquanto ele passava. O resto da classe encarava, de boca aberta.

Depois disso, Sra. Meissner tentou fazer com que a classe voltasse ao normal, mas era uma causa perdida. Ninguém podia parar de falar sobre o que tinha acontecido. Era chocante em diferentes níveis. Primeiro, nunca ninguém tinha visto aquele tipo de feitiço: um montante de fogo que não queimava nada de verdade. Segundo, Christian tinha usado isso ofensivamente. Ele havia atacado outra pessoa. Moroi nunca faziam isso. Eles acreditavam que a magia era destinada à proteção da terra, para ajudar pessoas a terem vidas melhores. Nunca, jamais tinha sido usada como arma. Instrutores de magia nunca ensinavam esses tipos de feitiços; eu nem acreditava que eles sabiam algum. Finalmente, o mais louco de tudo, *Christian* tinha feito isso. Christian, que nunca tinha sido notado e com quem ninguém se importava. Bem, agora eles o tinham notado.

Parecia que alguém ainda conhecia feitiços ofensivos, apesar de tudo, e por mais que eu tenha gostado do olhar de terror na cara de Ralf, subitamente me ocorreu que Christian deveria ser realmente e verdadeiramente um psicopata.

“Liss,” eu disse enquanto saíamos da sala, “por favor me diga que você não está se encontrando com ele de novo.”

A culpa que se agitou por meio de nossa ligação mental me disse mais do que qualquer explicação.

“Liss!” eu agarrei seu braço.

“Não tanto assim,” ela disse apreensiva. “Ele é realmente okay—”

“Okay? Okay?” As pessoas no hall nos encaravam. Eu percebi que estava praticamente gritando. “Ele está fora de si. *Ele pôs fogo no Ralf*. Eu pensei que tínhamos decidido que você não o veria novamente.”

“Você decidiu, Rose. Não eu.” Havia um tom em sua voz que eu não ouvia fazia um tempo.

“O que está acontecendo aqui? Vocês estão... você sabe?...”

“Não!” ela insistiu. “Eu já te disse. Deus.” Ela me lançou um olhar de desgosto. “Nem todo

mundo pensa – e age – que nem você.”

Eu me encolhi com essas palavras. Nessa hora percebemos que Mia estava passando por ali. Ela não tinha escutado a conversa, mas tinha entendido o tom. Um sorriso sarcástico apareceu em seu rosto. “Problemas no paraíso?”

“Vai procurar seu apaziguador e cala a droga da boca,” eu disse a ela, não esperando para ouvir a resposta. Ela ficou boquiaberta, e depois sua boca se estreitou em uma carranca. Lissa e eu andamos em silêncio, e de repente Lissa começou a ter um ataque de riso. Desse jeito, nossa briga se dissipou.

“Rose...” Seu tom estava mais leve agora.

“Lissa, ele é perigoso. Eu não gosto dele. Por favor, tome cuidado.”

Ela tocou meu braço. “Eu vou. Eu sou a cuidadosa, lembra? Você é a negligente.”

Eu esperava que isso ainda fosse verdade.

Porém mais tarde, depois da escola, eu tive minhas dúvidas. Eu estava no meu quarto fazendo dever de casa quando eu senti uma fisgada do que só poderia ser chamado de dissimulação vindo de Lissa. Perdendo o raciocínio do meu trabalho, eu encarei o vazio, tentando entender mais detalhadamente o que se passava com ela. Se já tivesse existido uma hora certa de entrar na mente dela, era agora, mas eu não sabia como controlar isso.

Me concentrando, tentei pensar no que normalmente faz nossa conexão ocorrer. Geralmente ela estava tendo uma forte emoção, uma emoção tão poderosa que tentava invadir minha mente. Eu tive que trabalhar duro para lutar contra isso; eu sempre tentei manter uma parede mental levantada.

Focando nela agora, eu tentei remover essa parede. Eu controlei minha respiração e clareei minha mente. Meus pensamentos não importavam, somente os dela. Eu precisava me abrir para ela e deixar que nos conectássemos.

Eu nunca tinha feito algo como isso antes; eu não tinha paciência para meditação. Minha necessidade era tão grande, no entanto, que eu me forcei em um intenso e focado relaxamento. Eu precisava saber o que acontecia com ela, e depois de mais alguns momentos, o esforço valeu a pena.

Eu estava dentro.

## NOVE

EU ENTREI NA MENTE DELA, mais uma vez vendo e diretamente experimentando o que se passava ao seu redor.

Ela estava entrando no sótão da capela novamente, confirmando meus piores receios. Tal como da última vez, ela não encontrou resistência. *Bom Deus, eu pensei, aquele padre poderia ser pior quanto a garantir a segurança em sua capela?*

O pôr do sol iluminou a janela de vidro colorido, e a silhueta de Christian foi moldada sobre ele: ele estava sentado no assento da janela.

“Você está atrasada,” ele disse a ela. “Fiquei esperando um tempão.”

Lissa puxou uma instável cadeira, tirando o pé dela. “Eu achei que você estaria preso com a Diretora Kirova.”

Ela sacudiu a cabeça. “Não chegou a isso. Eles me suspenderam por uma semana, isso é tudo. Não que fosse difícil escapar.” Ele acenou sua mão ao redor. “Como você pode ver.”

“Eu estou surpresa que você não tenha pegado mais tempo de detenção.”

Um raio de luz iluminou seus olhos azul-cristal. “Decepcionada?”

Ela olhou em choque. “Você botou fogo em alguém!”

“Não, eu não botei. Você viu alguma queimadura nele?”

“Ele estava coberto de chamas.”

“Eu as tinha sob controle. Eu as mantive longe dele.”

Ela suspirou. “Você não devia ter feito aquilo.”

Deixando sua posição relaxada, ele se sentou e inclinou-se na direção dela. “Eu fiz isso por você.”

“Você atacou alguém por mim?”

“Claro, ele estava implicando com você e a Rose. Ela estava fazendo um bom trabalho contra ele, eu acho, mas eu achei que ela podia usar o apoio. Além do mais, isso vai calar a boca de qualquer outra pessoa quanto à coisa da raposa, também.”

“Você não deveria ter feito isso,” ela repetiu, afastando o olhar. Ela não sabia como se sentir acerca dessa “generosidade”. “E não aja como se fosse tudo por mim. Você *gostou* de fazê-lo. Parte de você queria – só isso.”

A expressão de orgulho de Christian caiu, sendo substituída por uma surpresa não característica. Lissa poderia não ser adivinha, mas tinha a incrível capacidade de ler as pessoas. Vendo-o com a guarda baixa, ela continuou. “Atacar alguém com magia é proibido – e esse é *exatamente* o motivo pelo qual você queria fazê-lo. Você se sentiu excitado com isso.”

“Aquelas regras são estúpidas. Se nós usarmos mágica como uma arma em vez de somente para coisas idiotas, os Strigois não iriam matar tantos de nós.”

“É errado,” disse ela firmemente. “Magia é um dom. É pacífica.”

“Só porque eles dizem que é. Você está repetindo a mesma linha de pensamento com a qual nós temos sido alimentados por toda a vida.” Ele se levantou e passeou pelo pequeno espaço do sótão. “Não foi sempre assim, sabe. Nós costumávamos lutar bem do lado dos guardiões – séculos atrás. De repente as pessoas começaram a ficar assustadas e pararam. Achando que era mais seguro apenas se esconder. Eles esqueceram os feitiços de ataque.”

“Então como você sabe disso?”

Ele deu um sorriso torto para ela. “Nem todos esqueceram.”

“Como a sua família? Como seus pais?”

O sorriso desapareceu. “Você não sabe nada sobre os meus pais.”

Seu rosto ficou mais obscuro, seu olhar mais duro. Para a maioria das pessoas, ele poderia ter aparentado assustador e intimidador, mas assim que Lissa estudou e admirou suas feições, ele de repente pareceu muito, muito vulnerável.

“Tem razão,” ela admitiu suavemente, depois de um momento. “Eu não sei. Me desculpe.”

Pela segunda vez neste encontro, Christian parecia espantado. Provavelmente, ninguém se desculpava com ele com tanta frequência. Que inferno, ninguém nem falava com ele com frequência. Certamente, ninguém nem escutava. Como sempre, ele logo retomou ao seu jeito arrogante.

“Esquece.” Abruptamente, ele parou de andar e se ajoelhou na frente dela para que pudessem se olhar nos olhos. Senti-lo tão perto fez com que ela prendesse a respiração. Um sorriso perigoso surgiu em seu rosto. “E realmente, eu não sei porque você, de todas as pessoas, deveria estar tão indignada por eu ter usado magia ‘proibida’.”

“Eu entre todas as pessoas? O que você quer dizer?”

“Você pode se fazer de inocente o quanto quiser – e você faz um trabalho muito bom – mas eu sei a verdade.”

“Que verdade é essa?” Ela não podia esconder seu constrangimento de mim ou de Christian.

Ele chegou ainda mais perto. “Que você usa compulsão. O tempo todo.”

“Não, eu não uso.” Ela disse imediatamente.

“É claro que você usa. Eu tenho ficado acordado à noite tentando descobrir como que vocês duas foram capazes de alugar um lugar e ir para a escola secundária sem que ninguém ao menos quisesse conhecer seus pais. Então eu adivinhei. Você estava usando compulsão. Esse é provavelmente o modo como vocês saíram daqui, em primeiro lugar.”



"Ah sim. Você apenas adivinhou. Sem qualquer prova."

"Eu tenho toda a prova de que necessito, apenas observando você."

"Você ficou me observando – me espionando – para provar que eu estou usando compulsão?"

Ele se encolheu. "Não. Na verdade, eu estive observando você só porque eu gosto disso. A compulsão foi um bônus. Eu vi você usá-la no outro dia para estender o prazo de entrega da tarefa de matemática. E você a utilizou em Sra. Carmack quando ela quis que você fizesse mais provas."

"Então você presumiu que é compulsão? Talvez eu seja apenas muito boa em convencer as pessoas." Havia um tom desafiante em sua voz: compreensível, considerando o seu medo e a sua raiva. Mas, ela entregou a mensagem com uma sacudida de cabelo, que – se eu não soubesse – poderia ter sido considerado um flerte. E eu sabia... certo? De repente, eu não tinha certeza.

Ele continuou, mas algo em seus olhos me disse que ele reparou no cabelo, que ele sempre reparava em tudo sobre ela. "Pessoas ficam com esse olhar pateta quando você fala com elas. E não é qualquer pessoa – você é capaz de fazer isso com Moroi. Provavelmente dhampirs, também. Agora, *isso* é loucura. Eu nem sabia que isso era possível. Você é algum tipo de celebridade. Algum tipo maligno de celebridade usuária de compulsão." Isso era uma acusação, mas seu tom e sua presença irradiava a mesma linha de flerte dela.

Lissa não sabia o que dizer. Ele estava certo. Tudo o que ele disse estava certo. Sua compulsão era aquilo que tinha nos permitido driblar as autoridades e viver mundo afora sem ajuda de adultos. Era o que tinha nos permitido convencer o banco a deixá-la tocar em sua herança. E era considerado tão errado quanto usar magia como uma arma. Porque não? Isto era uma arma. Uma poderosa, uma que poderia ser utilizada abusivamente com muita facilidade. Crianças Moroi aprendiam desde cedo que compulsão era algo muito, muito errado. Ninguém era ensinado a usá-la, apesar de que todo Moroi, tecnicamente, tinha essa habilidade. Lissa apenas meio que se envolveu com ela – profundamente – e, como Christian tinha salientado, ela podia fazer isso em Morois, bem como em humanos e Dhampirs.

"E o que você vai fazer, então?" ela perguntou. "Você vai me dedurar?"

Ele sacudiu a cabeça e sorriu. "Não. Eu acho que é atraente."

Ela o encarou, com o olhar bem aberto e coração acelerado. Algo sobre o formato de seus lábios a intrigava. "Rose acha que você é perigoso," ela soltou por causa do nervosismo. "Ela pensa que você pode ter matado a raposa."

Eu não sabia como me sentir por ter sido envolvida nessa conversa bizarra. Algumas pessoas tinham medo de mim. Talvez ele também tivesse.

A julgar pela diversão em sua voz quando ele falou, parecia que ele não tinha. "As pessoas pensam que sou instável, mas devo dizer-lhe, Rose é dez vezes pior. Claro, isso torna mais difícil para as pessoas ferrarem com você, então por mim está tudo bem." Inclinando sobre seus calcanhares, ele finalmente quebrou o espaço íntimo entre eles. "E eu com certeza não fiz *aquilo*. Descobrir quem fez, no entanto... e o que eu fiz com Ralf nem vai se comparar."

Sua galante oferta de vingança assustadora não exatamente tranquilizou Lissa... mas a deixou um pouco emocionada. "Eu não quero você fazendo nada disso. E eu ainda não sei quem fez aquilo."

Ele se inclinou de volta na direção dela e pegou os pulsos delas em suas mãos. Ele começou a dizer alguma coisa, depois parou e olhou para baixo surpreso, passando seus dedos sobre leves, quase apagadas cicatrizes. Olhando novamente para ela, ele tinha uma estranha – para ele – bondade em seu rosto.

"Você pode não saber quem fez. Mas você sabe alguma coisa. Algo que você não está contando."

Ela o encarou, uma espiral de emoções brincando em seu peito. "Você não pode saber todos os meus segredos," ela murmurou.

Ele olhou novamente para os pulsos dela e os liberou, retomando aquele seu seco sorriso. “Não, eu acho que não.”

Um sentimento da paz estabeleceu-se sobre ela, um sentimento que eu pensei que somente eu poderia trazer. Retornando à minha própria cabeça e a meu quarto, eu sentei no chão encarando meu livro de matemática. Então, por razões que não sabia ao certo, eu o fechei com tudo e o joguei contra a parede.

Eu passei o resto da noite pensando até que a hora do meu suposto encontro com Jesse chegou. Descendo as escadas, eu fui para a cozinha – um lugar que eu podia visitar livremente contanto que não me demorasse – e encontrei seus olhos enquanto atravessava a área dos visitantes.

Passando por ele, eu parei e sussurrei. “Existe uma sala no quarto andar que ninguém utiliza. Pegue as escadas do outro lado dos banheiros e me encontre lá em cinco minutos. A fechadura da porta está quebrada.”

Ele obedeceu no mesmo segundo, e nós encontramos o salão escuro, empoeirado e deserto. A queda no número de guardiões ao longo dos anos implicou em um monte de dormitórios completamente vazios, um triste sinal para a sociedade Moroi, mas terrivelmente conveniente agora.

Ele se sentou no sofá, e eu deitei ali, colocando meus pés em seu colo. Eu ainda estava irritada com o bizarro romance de Lissa e Christian no sótão, e não queria nada mais do que esquecer tudo aquilo por um tempo.

“Você está aqui realmente para estudar ou foi só uma desculpa?” Eu perguntei.

“Não. Era verdade. Tinha que fazer um trabalho com Meredith” O tom em sua voz indicou que ele não estava muito feliz com a idéia.

“Oooh,” eu provoquei. “Fazer um trabalho com uma dhampir apesar de seu sangue real? Eu deveria ficar ofendida?”

Ele sorriu, mostrando uma boca com perfeitos dentes e presas. “Você é muito mais atraente que ela.”

“Ainda bem que eu passei no teste.” Havia um tipo de calor em seus olhos que estava me excitando, assim como a mão dele que deslizava na minha perna. Mas eu precisava fazer algo primeiro. Era hora de ter alguma vingança. “Mia também, já que a deixam andar com vocês. Ela não é da realeza.”

Seus dedos cutucaram divertidamente minha panturrilha. “Ela está com Aaron. E eu tenho muitos amigos que não são da realeza. E amigos que são dhampir. Eu não sou um total idiota.”

“Sim, mas você sabia que seus pais são praticamente serventes dos Drozdovs?”

A mão sobre a minha perna parou. Eu tinha exagerado, mas ele era louco por fofocas – e era conhecido por espalhá-las.

“Sério?”

“Yeah. Lavando o chão e coisas do tipo.”

“Huh.”

Eu podia ver as engrenagens girando em seus olhos azul-escuro, e tive que esconder um sorriso. A semente tinha sido plantada.

Sentando-me, eu me movi para perto dele e coloquei uma perna em cima de seu colo. Eu pus meus braços em volta dele, e sem mais delongas, os pensamentos de Mia desapareceram enquanto a sua testosterona tomava conta. Ele me beijou ansiosamente – até meio negligente – empurrando-me contra a parte de trás do sofá, e eu relaxei no que seria a primeira atividade física agradável que eu fazia em semanas.

Nós nos beijamos daquela forma por muito tempo, e eu não o parei quando ele tirou minha blusa.

"Eu não vou fazer sexo," Eu avisei entre beijos. Eu não tinha qualquer intenção de perder minha virgindade em um sofá de uma sala.

Ele parou, pensando sobre isso, e finalmente decidiu não forçar. "Okay."

Mas ele me empurrou no sofá, deitando sobre mim, ainda beijando com a mesma ferocidade. Seus lábios foram para a minha nuca, e quando as pontas afiadas de seus caninos roçaram minha pele, eu não pude evitar um suspiro excitado.

Ele se levantou um pouco, olhando para mim com uma enorme surpresa. Por um momento eu mal pude respirar, recordando aquele fluxo de prazer que uma mordida de vampiro poderia me fazer sentir, perguntando como seria sentir isso enquanto dava uns amassos. Então os velhos tabus vieram. Mesmo se nós não fizéssemos sexo, dar sangue enquanto fazíamos isto ainda era sujo, era errado.

"Não." Eu avisei.

"Você quer." A voz dele transparecia uma animada admiração. "Eu posso ver."

"Não, eu não quero."

Seus olhos se acenderam. "Você quer. Como – Hey, você já fez isso antes?"

"Não" Eu zombei. "É claro que não."

Aqueles lindos olhos azuis me olhavam, e eu podia ver as engrenagens girando através deles. Jesse podia flertar muito e ter uma boca grande, mas ele não era estúpido.

"Você age como se tivesse feito. Você ficou excitada quando encostei em seu pescoço."

"Você beija bem," eu contrariei, apesar de não ser inteiramente verdade. Ele babava um pouco mais do que eu preferiria. "Você não acha que todo mundo saberia se eu estivesse dando sangue?"

A compreensão o atingiu. "A menos que você não estivesse fazendo antes de partir. Você fez isso enquanto estava longe, não é? Você alimentou Lissa."

"Claro que não," Eu repeti.

Mas ele estava na pista certa e ele sabia disso. "Era o único jeito. Vocês não tinham alimentadores. Oh, cara."

"Ela encontrou alguns," Eu menti. Era mesma linha de pensamento com a qual tínhamos dado a Natalie, a que ela tinha espalhado e ninguém – exceto Christian – tinha questionado. "Muitos humanos topam fazer isso."

"Claro" Ele disse sorrindo. Ele levou sua boca de volta para o meu pescoço.

"Eu não sou uma Meretriz de sangue." Eu rebati, me afastando dele.

"Mas você quer. Você gosta. Todas as garotas dhampirs gostam." Seus dentes estavam em minha pele novamente. Afogados. Maravilhoso.

Eu senti que hostilidade só pioraria as coisas, então eu contornei a situação com provocação.

"Pare," eu disse gentilmente, colocando um dedo sobre seus lábios. "Eu lhe disse, eu não sou assim. Mas se você quiser fazer alguma coisa com sua boca, eu posso te dar algumas idéias."

Aquilo despertou seu interesse. "Yeah? Como o qu—?"

E foi quando a porta abriu.

Nós nos separamos rapidamente. Eu estava pronta para lidar com um colega estudante ou mesmo possivelmente um inspetor. Com quem eu não estava pronta para lidar era Dimitri.

Ele arrebentou a porta como se esperasse nos encontrar, e naquele terrível momento, com ele feroz como uma tempestade, eu compreendi por que razão Mason o tinha chamado de 'deus'. Num piscar de olhos, ele atravessou o quarto e pegou Jesse por sua camisa, quase levantando o Moroí do chão.

"Qual é seu nome?" gritou Dimitri.

"J-Jesse, senhor. Jesse Zeklos, senhor."

"Sr. Zeklos, você tem permissão para estar nesta parte do dormitório?"

"Não, senhor."

"Você conhece as regras sobre as interações entre os sexos masculino e feminino por aqui?"

"Sim, senhor."

"Então eu sugiro que você saia daqui o mais rápido que puder antes que eu lhe entregue para alguém que irá lhe punir de acordo. Se eu te ver mais alguma vez desse jeito"—Dimitri apontou para onde eu me encolhia, semi-vestida, no sofá—"Eu vou ser quem irá punir você. E irá doer. Muito. Você entendeu?"

Jesse engoliu, olhos bem abertos. Nada de sua usual bravata estava sendo mostrada agora. Eu acho que havia um "normalmente" e, então, havia o ser segurado pela gola por um cara russo muito violento, muito alto, e muito irritado. "Sim, senhor!"

"Então vá." Dimitri o liberou e, se possível, Jesse saiu de lá mais rápido ainda do que Dimitri havia passado pela porta. O meu mentor, em seguida, virou-se para mim, um perigoso brilho em seus olhos. Ele não disse nada, mas a furiosa mensagem de desaprovação foi passada em alto e bom som.

E de repente houve uma mudança.

Era quase como se ele tivesse sido pego de surpresa, como se nunca tivesse me notado antes. Se fosse qualquer outro cara, eu teria dito que ele estava me secando. Fosse o que fosse, ele estava definitivamente me estudando. Estudando meu rosto, meu corpo. Então eu repentinamente percebi que eu estava apenas de jeans e sutiã - um sutiã preto. Eu sabia perfeitamente que não tinham muitas garotas nessa escola que ficariam bem em um sutiã como eu. Mesmo um cara como Dimitri, que parecia tão focado no dever e no treinamento e em tudo isso, tinha que apreciar isto.

E, finalmente, constatei que um jorro de calor estava se espalhando sobre mim, e que o seu olhar estava causando mais em mim do que os beijos de Jesse. Dimitri era quieto e distante às vezes, mas ele também tinha uma dedicação e uma intensidade que eu nunca vi em nenhuma outra pessoa. Eu me perguntei como esse tipo de poder e força se traduzia em... bem, sexo. Imaginei como seria se ele me tocasse e—Droga!

O que eu estava pensando? Eu estava louca? Envergonhada, eu escondi meus sentimentos com atitude.

"Você vê alguma coisa de que gosta?" Eu perguntei.

"Se vista."

A forma de sua boca endureceu, e qualquer coisa que ele tivesse sentido estava terminada. Sua fúria me deixou mais sóbria e me fez esquecer de minha perturbada reação. Eu imediatamente botei minha blusa de volta, apreensiva por ver seu lado agressivo.

"Como você me achou? Você está me seguindo para ter certeza que eu não fugi?"

"Fique quieta," ele repreendeu, se inclinando para baixo de modo que nos encaramos no mesmo nível. "Um zelador viu você e relatou isso. Você tem alguma idéia do quão estúpido isso foi?"

"Eu sei, eu sei, toda essa coisa de condicional, né?"

"Não só isso. Eu estou falando da estupidez de ficar nesse tipo de situação em primeiro lugar."

"Eu fico nesse tipo de situação todo o tempo, camarada. Não é grande coisa." Raiva substituiu meu medo. Eu não gostava de ser tratada como criança.

"Pare de me chamar disso. Você nem sabe do que você está falando."

"Claro que eu sei. Eu tive que fazer um relatório sobre a Rússia e a R.S.S.R no ano passado."

"U.R.S.S. É uma grande coisa para um Moroi estar com uma garota dhampir. Eles gostam de se gabar."

"E daí?"

"E daí?" Ele me olhou com desgosto. "Você não tem nenhum respeito? Pense em Lissa. Você faz você mesma parecer fácil. Você vive de acordo com o que muita gente já pensa sobre garotas dhampirs, e isso reflete nela. E em mim."

"Oh, entendi. É sobre isso que estamos falando? Eu estou ferindo seu grande e malvado orgulho masculino? Você está com medo de que eu arruine a sua reputação?"

"Minha reputação já esta formada, Rose. Eu defini minhas metas e batalhei por elas há muito

tempo. O que será da sua ainda está para ser visto.” A voz dele endureceu novamente. “Agora volte para o seu quarto – se você conseguir fazer isso sem se atirar em outra pessoa.”

“Este é o seu jeito sutil de me chamar de vadia?”

“Eu ouço as histórias que vocês contam. Eu ouvi histórias sobre você.”

Ouch. Eu queria gritar que não era da conta dele o que eu fazia com o meu corpo, mas algo sobre a raiva e o desapontamento em seu rosto me fez hesitar. E eu não sabia o que era.

“Desapontar” alguém como Kirova não era grande coisa, mas Dimitri?... Eu me lembrei de como me senti orgulhosa quando ele me elogiou nas últimas vezes em que praticamos. Vendo isso desaparecer dele...bem, repentinamente me fez sentir como se eu fosse tão fácil quanto ele supôs que eu era.

Alguma coisa se quebrou em mim. Piscando para afastar as lágrimas, eu disse, “Por quê é tão errado... não sei, se divertir? Eu tenho dezessete anos, sabe. Eu deveria poder aproveitar isto.”

“Você tem dezessete, e em menos de um ano, a vida e a morte de alguém vai estar em suas mãos.” A voz dele continuava firme mas havia uma delicadeza também. “Se você fosse humana ou Moroi, poderia se divertir. Você poderia fazer coisas que as outras garotas podem.”

“Mas você está dizendo que eu não posso.”

Ele se distanciou, e seus olhos negros ficaram sem foco. Ele estava pensando em alguma coisa bem longe daqui. “Quando eu tinha dezessete anos eu conheci Ivan Zeklos. Nós não éramos como você e Lissa, mas nos tornamos amigos, e ele me requisitou como seu guardião quando eu me formei. Eu era o melhor estudante da escola. Eu prestava atenção em tudo nas minhas aulas, mas no fim, não foi o suficiente. É assim que é nessa vida. Um deslize, uma distração...” Ele suspirou. “E é tarde demais”.

Um caroço se formou na minha garganta quando pensei em um deslize ou uma distração custando a vida de Lissa.

“Jesse é um Zeklos,” Eu disse repentinamente percebendo que Dimitri tinha expulsado um parente de seu antigo amigo e encarregado.

“Eu sei.”

“Isso incomoda você? Ele te faz lembrar de Ivan?”

“Não importa como eu me sinto. Não importa como nenhum de nós nos sentimos.”

“Mas isso incomoda você.” Isso repentinamente ficou óbvio para mim. Eu podia ler sua dor, embora ele trabalhasse duramente para escondê-la. “Você sofre. Todos os dia. Não é? Você sente falta dele.”

Dimitri olhou surpreso, como se não quisesse que eu soubesse disto, como se eu tivesse exposto alguma parte secreta dele. Eu estive pensando que ele era um cara durão, alienado e anti-social, mas talvez ele estivesse se mantendo afastado das pessoas para não se machucar se as perdesse. A morte de Ivan tinha claramente deixado uma marca permanente.

Eu me perguntava se Dimitri era solitário.

O olhar surpreso desapareceu, e seu olhar sério de sempre voltou. “Não importa como eu me sinto. Eles vêm antes. Protegê-los.”

Eu pensei em Lissa novamente. “Sim, eles vêm.”

Um longo silêncio pairou até ele falar de novo.

“Você me falou que quer lutar, *realmente* lutar. Isto ainda é verdade?”

“Sim. Absolutamente.”

“Rose... eu posso te ensinar, mas eu tenho que acreditar que você vai se dedicar. Se dedicar realmente. Eu não posso ter você distraída com coisas como esta.” Ele gesticulou ao redor da sala. “Eu posso confiar em você?”

Mais uma vez, senti vontade de chorar sob aquele olhar, sobre a seriedade do que ele perguntou. Eu não entendia como ele tinha todo esse poderoso efeito sobre mim. Eu nunca me importei tanto com o que alguém pensava. “Sim, eu prometo.”

“Então bem, eu vou te ensinar, mas preciso que você seja forte. Eu sei que você odeia a corrida, mas é realmente necessário. Você não tem idéia de como são os Strigois. A escola tenta preparar vocês, mas até você ver o quão forte e rápido eles são...

bem, você não pode nem imaginar. Então eu não posso parar com a corrida e o condicionamento. Se você quiser aprender mais sobre luta, precisamos adicionar mais treinamentos. Eu vou tomar mais do seu tempo. Você não vai ter muito tempo de sobra para os deveres ou para qualquer outra coisa. Você ficará cansada. Muito cansada.”

Eu pensei sobre isso, sobre ele e sobre Lissa. “Isso não importa, o que você disser para fazer, eu farei.”

Ele me estudou longamente, como se estivesse decidindo se iria acreditar em mim. Finalmente satisfeito, ele assentiu. “Começaremos amanhã.”

DEZ

“COM LICENÇA, SR NAGY? EU NÃO POSSO realmente me concentrar com Lissa e Rose passando bilhetinhos logo ali.”

Mia estava tentando distrair a atenção de si mesma – como também a sua incapacidade de responder a pergunta do Sr. Nagy – e estava arruinando o que estava prometendo ser um bom dia. Alguns dos rumores da raposa ainda circulavam, mas a maioria das pessoas queriam conversar sobre Christian atacando Ralf. Eu ainda não havia absolvido Christian do incidente com a raposa – eu tinha absoluta certeza que ele era psicopata o suficiente para ter feito aquilo como um sinal doentio de afeição por Lissa – mas quaisquer que fossem seus motivos, ele havia deslocado a atenção dela, assim como ele havia dito.

Sr. Nagy era lendário por sua habilidade de humilhar estudantes ao ler os bilhetes em voz alta, se dirigindo a nós como um míssil. Ele agarrou o bilhete, e a classe excitada se ajoelhou para uma leitura completa. Eu engoli um gemido, tentando aparentar o mais impassível e indiferente possível. Ao meu lado, Lissa parecia que queria morrer.

“Ora, ora,” ele disse, olhando o bilhete. “Se ao menos os estudantes escrevessem esse tanto nos seus ensaios. Uma de vocês tem, consideravelmente, a escrita pior que a outra, portanto me perdoem se eu ler alguma coisa errada aqui.” Ele limpou a garganta. “‘Então, eu vi J ontem à noite’ começa a pessoa com a escrita ruim, no qual a resposta é, ‘O quê aconteceu,’ seguidos pelo mínimo de cinco sinais de interrogação. Compreensível, sendo que às vezes uma – quem dirá quatro – não passa a mensagem necessária, eh?” A classe riu, e eu notei Mia me lançando um sorriso especialmente malvado. “O primeiro locutor responde: ‘O quê você acha que aconteceu? Nós ficamos em uma das salas vazias.’”

Sr. Nagy deu uma olhada de relance depois de escutar uns risinhos na sala. Seu sotaque britânico só aumentava a hilaridade.

“Posso presumir por essa reação que o uso da palavra ‘ficar’ pertence à mais recente, digamos, aplicação *carneal* do que o termo discreto que usávamos quando eu crescia?”

Mais risinhos abafados se seguiram. Endireitando-me, eu disse corajosamente, “Sim, senhor, Sr. Nagy. Isso estaria correto, senhor.” Um grande número de pessoas riram de forma abertamente.

“Obrigado pela confirmação, Sr<sup>a</sup> Hathaway. Agora, onde eu estava? Ah sim, a outra locutora então pergunta, ‘Como é que foi?’ A resposta foi, ‘Bom,’ pontuado com uma carinha feliz para confirmar o dito adjetivo. Bem. Eu suponho que o crédito é para o misterioso J, hmmm? ‘Então, tipo assim, até onde vocês foram?’ Uh, senhoritas,” Sr. Nagy disse, “Eu espero que isso não ultrapasse a censura livre. ‘Não muito. Nós fomos pegos.’ E novamente, nos foi mostrado a severidade da situação, dessa vez pelo uso de uma carinha infeliz. ‘O quê aconteceu?’ ‘Dimitri apareceu. Ele expulsou Jesse e me deu um puta sermão.’”

A classe emudeceu, tanto por escutar o Sr. Nagy falar “puta sermão” e por finalmente saber os nomes dos participantes.

“Por quê, Sr. Zeklos, você é o supracitado J? Aquele que conseguiu uma carinha feliz da medíocre escritora?” O rosto de Jesse ficou vermelho-beterraba, mas ele não aparentou inteiramente descontente por ter tido sua façanha conhecida por todos os seus amigos. Ele havia mantido o que aconteceu em segredo até agora – incluindo a conversa sobre sangue – porque eu suspeitava que Dimitri o tinha matado de susto. “Bem, por mais que eu aprecie uma boa desgraça tanto quanto o próximo professor cujo tempo está sendo desperdiçado completamente, lembre aos seus ‘amigos’ no futuro que aqui não é uma sala de bate-papo.” Ele atirou o bilhete de volta à mesa de Lissa. “ Srtª Hathaway, parece que não há uma maneira possível de puni-la sendo que você já está no limite máximo de penalidades por aqui. Por conseguinte, você, Srtª Dragomir, vai cumprir duas detenções em vez de uma em nome de sua amiga. Fique aqui quando o sinal tocar, por favor.”

Depois da aula, Jesse me encontrou, com uma aparência desconfortável em seu rosto. “Hey, um, sobre o bilhete... você sabe eu não tive nada a ver com isto. Se Belikov descobrir sobre isso... você diria a ele? Quero dizer, você diria a ele que eu não – “  
“Yeah, yeah,” eu o interrompi. “Não se preocupe, você está a salvo.”  
Ao meu lado, Lissa observou ele sair da sala. Pensando em como havia sido fácil para Dimitri enxotá-lo – e a sua aparente covardia – eu não pude deixar de notar, “Sabe, de repente Jesse não parece ser tão gostoso como pensei que fosse.”  
Ela somente riu. “É melhor você ir. Eu tenho carteiras para lavar.”  
Eu a deixei, me dirigindo para o meu dormitório. Enquanto o fazia, passei por um número de estudantes reunidos em pequenos grupos do lado de fora do prédio. Eu os observei saudosamente, desejando que eu tivesse tempo livre para socializar.

“Não, é verdade,” eu ouvi uma voz confiante dizer. Camille Conta. Bonita e popular, de uma das mais prestigiosas famílias no clã Conta. Ela e Lissa haviam sido meio que amigas antes de irmos embora, numa maneira desconfortável onde dois grandes poderosos ficam de olho um no outro. “Eles, tipo, limpam banheiros ou algo do tipo.”  
“Oh meu Deus,” a amiga dela disse. “Eu morreria se fosse Mia.”  
Eu sorri. Aparentemente Jesse espalhou algumas das histórias que eu havia contado ontem à noite. Infelizmente, o próximo pedaço de conversa que ouvi arruinou a minha vitória.  
“– escutei que ainda estava *viva*. Tipo, se retorcendo na cama dela.”  
“Eu não sei. Por quê matar em primeiro lugar?”  
“Você acha que Ralf estava certo? Que ela e Rose fizeram isso para serem expulsas –“  
Eles me viram e calaram a boca.  
Olhando de cara feia, eu escapei pelo pátio. *Ainda viva. Ainda viva.*  
Eu havia recusado a Lissa falar sobre as similaridades entre a raposa e o que havia acontecido há dois anos atrás. Eu não queria acreditar que eles estavam conectados, e eu certamente não queria que ela achasse isso também.  
Mas eu não fui capaz de parar de pensar nesse incidente, não só porque era assustador, mas porque isso realmente tinha me lembrado do que tinha acontecido no quarto dela.  
Nós estávamos na floresta perto do campus numa noite, tendo matado a nossa última aula. Eu havia trocado um par de lindas sandálias incrustada de pedrinhas da Abby Badica por uma garrafa de schnapps\* de pêssego – desesperado, sim, mas você fazia o que tinha de fazer em Montana – no qual, de alguma forma, ela ficou segurando. Lissa havia balançando a cabeça em desaprovação quando eu sugeri matar aula para pegarmos uma garrafa e pôr um fim na nossa desgraça, mas ela veio de qualquer jeito. Como sempre.

Nós encontramos um velho pedaço de lenha para sentar perto imundo pântano verde. Uma meia-lua lançava tênue luz prateada sobre nós, mas era mais que suficiente para vampiros e meio-vampiros poderem enxergar. Passando a garrafa de lá para cá, eu a questionei sobre Aaron. Ela confessou que os dois haviam feito sexo no fim-de-semana passado, e eu senti uma explosão de ciúmes por ela ter sido a primeira a fazer sexo.

“Então, como é que é?”

Ela se encolheu e tomou outro gole. “Eu não sei. Não foi nada.”

“O quê você quer dizer com não foi nada? A terra não tremeu ou os planetas se alinharam ou qualquer coisa?”

“Não,” ela disse abafando uma risada. “Lógico que não.”

Eu realmente não havia entendido porque aquilo deveria ser engraçado, mas eu podia notar que ela não queria falar sobre isso. Isso foi pela época que nossa ligação havia começado a se formar, e suas emoções estavam começando a deslizar em mim de vez em quando. Eu segurei a garrafa e olhei-a curiosamente.

“Eu acho que essa coisa não está funcionando.”

“Isso é porque quase não há álcool no –”

O som de alguma coisa se mexendo nos arbustos veio de perto. Eu imediatamente me levantei, colocando meu corpo entre ela e o barulho.

“É algum animal,” ela disse quando se passou um minuto em silêncio.

Isso não queria dizer que não era perigoso. Os vigias do colégio mantinham os Strigoi longe, mas animais selvagens sempre perambularam pelas margens do campus, levantando suas próprias ameaças. Ursos. Pumas.

“Venha,” eu disse a ela. “Vamos voltar.”

Nós não tínhamos ido muito longe quando eu ouvi alguma coisa se mexendo novamente, e alguém se colocou no nosso caminho. “Senhoritas”

Sra. Karp.

Nós congelamos, e qualquer rápida reação que eu havia demonstrado lá no pântano desapareceu quando eu atrasei alguns instantes para esconder a garrafa atrás das minhas costas.

Um meio-sorriso apareceu no seu rosto, e ela estendeu sua mão.

Envergonhadamente, eu entrei a garrafa a ela, e ela enfiou-a debaixo do braço. Ela virou-se sem dar uma palavra, e nós seguimos, sabendo que haveriam conseqüências para com que lidarmos.

“Vocês acham que ninguém nota quando metade da classe some?” ela perguntou depois de algum tempo.

“Metade da classe?”

“Alguns de vocês, aparentemente, escolheram hoje para matar aula. Deve ser o tempo bom. Primavera, calor.”

Lissa e eu andamos com dificuldade. Eu nunca ficava confortável perto da Sra. Karp desde àquela época que ela curou minhas mãos. Seu comportamento esquisito e paranóico tinha uma estranha propriedade sobre mim – muito mais estranho que antes. Assustador, até. E ultimamente eu não podia olhar para ela sem ver aquelas marcas em sua testa. Seu cabelo vermelho-escuro geralmente os cobria, as nem sempre. Algumas vezes haviam novas marcas; algumas vezes as velhas desapareciam do nada.

Uma estranha agitação ressoou à minha direita. Nós todas paramos.

“Um de seus colegas de classe, eu imagino,” murmurou Sra. Karp, se virando para a direção do som.

Mas quando nós chegamos ao local, encontramos uma grande ave preta deitada no chão. Aves – e a maioria dos animais – não significavam nada para mim, mas até eu tive de admirar suas penas lustrosas e o bico feroz. Ele poderia, provavelmente, bicar os olhos de uma pessoa em trinta segundos – se ele não estivesse obviamente morrendo. Com uma última, desanimada



sacudida, a ave finalmente ficou imóvel.

“O quê é isso? É uma gralha?” Eu perguntei.

“Muito grande,” disse Sra. Karp. “É um corvo.”

“Está morto?” Lissa perguntou.

Eu dei uma olhada nele. “Yeah. Definitivamente morto. Não toque.”

“Provavelmente foi atacado por outra ave,” observou Sra. Karp. “Eles lutam acerca de território e suprimentos às vezes.”

Lissa se ajoelhou, compaixão em sua face. Eu não fiquei surpresa, sendo que ela sempre teve uma queda por animais. Ela me deu um sermão por dias depois de eu ter instigado a infame luta hamster-carangueijo-ermitão. Eu tinha visto a luta como um teste de oponentes dignos. Ela havia visto como crueldade com os animais.

Petrificada, ela se esticou até o corvo.

“Liss!” Eu exclamei, horrorizada. “Provavelmente tem alguma doença.”

Mas a sua mão se moveu como se ela não tivesse me escutado. Sra. Karp ficou parada lá como uma estátua, seu rosto pálido parecendo com a de um fantasma. Os dedos de Lissa acariciaram as asas do corvo.

“Liss,” eu repeti, começando a me mexer em sua direção, para puxá-la de volta. De repente, uma estranha sensação inundou a minha cabeça, a doçura do que era bonito e cheio de vida. O sentimento era tão intenso que eu parei no meu caminho.

Então o corvo se moveu.

O corvo bateu as asas, lentamente tentando se endireitar e ficar de pé. Quando ele conseguiu fazer isso, ele se virou para nós, se fixando em Lissa com um olhar que parecia ser muito inteligente para uma ave, seus olhos se prenderam nos dela, e eu não pude ler sua reação através da ligação. Finalmente, o corvo quebrou o contato e se elevou ao ar, suas asas fortes o levando para longe.

O vento balançando as folhas era o único som que restava.

“Oh meu Deus,” Lissa sussurrou. “O quê acabou de acontecer?”

“Como se eu soubesse,” eu disse, escondendo meu completo pavor.

Sra. Karp caminhou para frente e agarrou o braço de Lissa, fazendo ela se virar forçosamente para que pudessem se encarar. Eu estava lá num instante, pronta para reagir se a Maluca Karp tentasse alguma coisa, apesar de até eu ter certos escrúpulos sobre nocautear uma professora.

“Não aconteceu nada,” disse Sra. Karp numa voz urgente, com olhos selvagens. “Você me escutou? Nada. E você não pode contar a ninguém – *ninguém* – sobre o que você viu. As duas. Prometam-me. Prometam-me que vocês nunca mais vão falar sobre isso novamente.”

Lissa e eu trocamos olhares desconfortáveis. “Okay,” ela grasnou.

O aperto da Sra. Karp relaxou um pouco. “E nunca mais faça isso novamente. Nunca mais.”

No pátio, do lado de fora do meu dormitório, alguém estava chamando o meu nome.

“Hey, Rose? Eu te chamei, tipo, umas cem vezes.”

Eu esqueci acerca da Sra Karp e do corvo e espiei Mason, que aparentemente havia começado a andar comigo para o dormitório enquanto eu estava viajando na terra la-la.

“Desculpe,” eu murmurei. “Eu estava viajando. Só... um, cansada.”

“Muita excitação ontem à noite?”

Eu o olhei estreitando os olhos. “Nada com o que eu não pudesse agüentar.”

“Acho que sim,” ele riu, apesar dele não soar exatamente entretido. “Parece que Jesse foi quem não pôde agüentar.”

“Ele foi okay.”

“Se você diz. Mas pessoalmente, eu acho que você tem mau gosto.”

Eu parei de andar. “E *eu* acho que isso não é da sua conta.”

Ele olhou para longe furiosamente. “Você fez com que fosse da conta de toda a classe.”

“Hey, eu não fiz isso de propósito.”

“Aconteceria de qualquer forma. Jesse tem uma boca grande.”

“Ele não diria.”

“Yeah,” Mason disse. “Porque ele é tão fofo e tem uma família tão importante.”

“Deixe de ser idiota,” eu o interrompi. “E por que você se importa? Com ciúmes porque eu não estou fazendo isso com você?”

Seu rubor cresceu, percorrendo todo o rosto até as raízes de seu cabelo vermelho. “Eu só não gosto de escutar as pessoas falando merdas sobre você, só isso. Há várias piadinhas indecentes por aí. Eles a estão chamando de vagabunda.”

“Eu não ligo do quê eles me chamem.”

“Oh, yeah. Você é realmente durona. Você não precisa de ninguém.”

Eu parei. “Não preciso. Eu sou uma das melhores aprendizes desse maldito lugar. Eu não preciso de você agindo todo galante e vindo em minha defesa. Não me trate como uma garota indefesa.”

Eu me virei e continuei andando, mas ele me alcançou facilmente. A desgraça de ter 1,67 cm.

“Olhe... eu não queria te aborrecer. Eu só estava preocupado com você.”

Eu dei um riso áspero.

“Estou falando sério. Espere...” ele começou. “Eu, uh, fiz algo por você. Mais ou menos. Eu fui ontem a noite à biblioteca e tentei pesquisar sobre St. Vlademir.”

Eu parei novamente. “Você fez isso?”

“Yeah, mas não havia muito coisa sobre Anna. Todos os livros eram meio genéricos. Só falavam sobre ele curando as pessoas, trazendo eles de volta do leito de morte.”

A última parte me sensibilizou.

“Havia... havia mais alguma coisa?” eu gaguejei.

Ele balançou a cabeça. “Não. Você provavelmente vai precisar de um documento primário, mas nós não temos nenhum aqui.”

“Documento o quê?”

Ele zombou, um sorriso surgindo em seu rosto. “Você faz alguma coisa além de passar bilhetinhos? Nós acabamos de falar sobre isso noutra dia na aula de Andrew. Existem livros em tempo real do período que você quer estudar. Os secundários são os que são escritos por pessoas nos dias atuais. Você vai achar uma informação melhor se você achar alguma coisa escrita pelo próprio cara. Ou por alguém que realmente não o conhecia.”

“Huh. Okay. O quê é você, algum tipo de garoto gênio agora?”

Mason me deu um leve murro no braço. “Eu presto atenção, só isso. Você é tão distraída. Você perde todos os tipos de coisas.” Ele sorriu nervosamente. “E olhe... eu realmente sinto muito sobre o que disse. Eu só queria –”

Ciúmes, eu percebi. Eu podia ver em seus olhos. Como foi que eu nunca havia notado isso antes? Ele era louco por mim. Eu acho que eu realmente era distraída.

“Está tudo bem, Mase. Esquece isso.” Eu sorri. “E obrigada por pesquisar aquelas coisas.”

Ele sorriu de volta, e eu entrei, triste por não sentir a mesma coisa por ele.

ONZE

“VOCÊ PRECISA DE ALGUMA COISA PARA VESTIR?” Lissa perguntou.

“Hmn?”

Eu olhei de relance para ela. Nós estávamos esperando a aula de artes do Mr. Nagy Slavic começar, e eu estava preocupada em ouvir Mía negar os rumores sobre seus pais para os amigos dela.

“Não é como se eles fossem serviçais ou coisa parecida.” Ela exclamava, claramente frustrada.

Endireitando sua expressão, ela optou por arrogância. “Eles são conselheiros praticamente. Os Drozovs não decidem *nada* sem eles.”

Eu estrangulei um riso e Lissa balançou sua cabeça.

“Você está aproveitando muito esse momento.”

“Porque ele é impressionante. O que você acabou de me perguntar?” Eu remexia na minha mochila, a procura do meu brilho labial. Eu fiz uma careta quando eu o encontrei. Estava quase vazio; Eu não sabia aonde estava ia arranjar mais.

“Eu perguntei se você vai precisar de alguma coisa para vestir hoje à noite,” ela disse.

“Bem, *sim*, lógico que quero. Mas nenhuma de suas coisas cabem em mim.”

“O que você vai fazer?”

Eu dei de ombros. “Improvisar, como sempre. De qualquer jeito eu não me importo. Eu apenas estou feliz porque Kirova me deixou ir.

Nós tínhamos uma assembleia hoje a noite. Era dia 1 de Novembro, Dia de todos os santos – também significava que fazia um mês que voltamos. Um grupo da realeza estava visitando a escola, inclusive a rainha Tatiana em pessoa. Honestamente, não era isso que me empolgava. Ela já tinha visitado a academia antes. Isso era muito comum e muito menos legal do que soava. Além de, após viver entre os humanos e seus líderes eleitos, eu não pensava muito na realeza. Mesmo assim, consegui permissão para ir pois todos estariam lá. Essa era uma chance de dar uma volta com pessoas reais para variar em vez de ficar trancada no meu quarto. Por um pouco de liberdade, definitivamente valia a dor de sentar e escutar um discurso tedioso.

Eu não fiquei conversando com Lissa depois da aula como eu geralmente fazia. Dimitri estava mantendo a sua promessa de treinamentos e eu estava tentando manter a minha. Eu agora tinha duas horas adicionais de treinamento com ele, uma antes e outra depois das aulas. Quanto mais eu o assistia em ação, mais eu compreendia a sua fama de fodão. Ele claramente sabia muito – suas seis marcas *molnija* provavam isso – e eu ansiava por ele me ensinar o que sabia.

Quando eu cheguei no ginásio, eu observei que ele estava com uma camiseta e largas calças de corrida, que era o oposto do seu usual jeans. Era um bom visual para ele. Muito bom. *Pare de olhar*, eu imediatamente avisei a mim mesma.

Ele me posicionou para que nós pudéssemos nos encarar sobre o colchonete então ele cruzou seus braços. “Qual é o primeiro problema que você vai encontrar quando confrontar um Strigoi?”

“Eles são imortais?”

“Pense em alguma coisa mais básica.”

Mais básico que isso? Eu considereei. “Eles podem ser maiores que eu. E mais fortes.”

A maioria dos Strigois- ao menos que tenham sido humanos antes- tinham a mesma altura que seus primos Moroi. Strigoi também tinham mais força, reflexos, e sentidos que dhampir. Esse era o porquê os guardiões treinavam tão duro; nós tínhamos uma “curva de aprendizagem” para compensar.

Dimitri concordou. “O que torna isso difícil mas não impossível. Você pode usar a altura e peso extra de uma pessoa contra elas.”

Ele se virou e demonstrou várias manobras, salientando onde se mover e como derrubar alguém. Passando os movimentos com ele, eu ganhei um pouco de conhecimento em porque eu levava, regularmente, tantas surras na prática em grupo. Eu absorvi suas técnicas rapidamente e não podia esperar para poder usá-las. Perto do final do nosso tempo junto, ele me deixou tentar.

“Vá em frente.” Ele disse “Tente me bater”

Não precisava pedir duas vezes. Indo em frente, eu tentei dar um golpe e fui prontamente bloqueada e derrubada no tapete. Dor surgiu pelo meu corpo, mas eu me recusei a ceder a ela.

Eu pulei novamente, esperando pegar ele fora de guarda. Eu não peguei.

Depois de muitas tentativas fracassadas, eu me levantei e gesticulei com as mãos um sinal de trégua. “Ok, o que eu estou fazendo de errado?”

“Nada”

Eu não estava convencida. “Se eu não estivesse fazendo nada errado, eu já teria deixado você inconsciente.”

“Improvável. Seus movimentos estão certos, mas é a primeira vez que você tenta. Eu faço isso há anos.”

Eu balancei minha cabeça e rolei meus olhos para as velhas-e-sábias formas. Uma vez ele me disse que tinha vinte e quatro anos. “Tanto faz o que você diz, vovô. Podemos tentar de novo?”

“Nós não temos tempos. Você não quer ir se arrumar?”

Eu olhei para o relógio empoeirado pendurado na parede e me animei. Era quase a hora do banquete. Esse pensamento me fez sentir tonta e me senti como a cinderela, mas sem as roupas.

“Diabos, yeah, eu quero.”

Ele andou na minha frente. Eu o estudei com cuidado, percebi que não podia deixar a oportunidade passar. Eu pulei atrás dele, me posicionando exatamente como ele me ensinou.

Eu tinha o elemento surpresa. Tudo estava perfeito, e ele nem me veria chegando.

Antes de eu fazer contato, ele girou em uma ridiculamente alta velocidade. Em um movimento, ele me agarrou como se eu não pesasse nada e me jogou no chão, me deixando lá.

Eu gemi. “Eu não fiz nada errado!”

Os olhos dele estavam no mesmo nível que os meus enquanto ele segurava meus pulsos, mas ele não estava tão sério como ele estava durante a aula. Ele parecia achar isso engraçado. “O grito de guerra meio que te entregou. Tente não gritar da próxima vez.”

“Faria diferença se eu tivesse ficado quieta?”

Ele pensou sobre isso. “Não. Provavelmente não”

Eu suspirei ruidosamente, eu ainda estava de muito bom humor para deixar que aquele desapontamento me entristecesse. Tinha algumas vantagens em ter um mentor tão bom – um que era quase uma cabeça mais alto que eu e me superava no peso consideravelmente. E isso sem considerar sua força. Ele não era todo musculoso mas seu corpo tinha muitos músculos duros e esbeltos. Se eu pudesse vencer *ele*, eu venceria qualquer um.

De repente, me ocorreu que ele ainda estava me segurando. A pele de seus dedos estava quente enquanto ele agarrava meus pulsos. Seu rosto se encontrava a centímetros do meu, e suas pernas e tronco estavam se pressionando contra mim. Alguns de seus longos cabelos castanhos caíam sobre seu rosto, e ele parecia estar reparando em mim também, como aquela noite na sala. E oh *Deus*, ele tinha um cheiro tão bom. Respirar se tornou difícil para mim, e não tinha nada a ver com o meu treino ou com meus pulmões sendo esmagados.

Eu seria capaz de dar qualquer coisa para ler a mente dele naquela hora. Desde aquela noite na sala, eu percebo ele me olhando com aquela mesma expressão estudiosa. Ele nunca realmente faz isto durante os treinos – aqueles eram apenas *negócios*. Mas antes e depois, ele às vezes aliviava um pouco, e eu via ele olhando para mim de um jeito que era quase admiração. E às vezes, se eu fosse muito, muito sortuda, ele sorria para mim. Um sorriso de verdade, também – não um seco como o que acompanhava o sarcasmo que usávamos com frequência. Eu não queria admitir isto a ninguém – não a Lissa, nem para mim mesma – mas alguns dias, eu vivia por aqueles sorrisos. Eles iluminavam o rosto dele. “Maravilhoso” nem de longe era adequado para descrever ele.

Esperando parecer calma, eu tentei pensar em algo profissional e relacionado a guardiões para dizer. Em vez disso eu disse: “Então hm... você tem algum outro movimento para me mostrar?”

Seus lábios se torceram, e por um momento, eu pensei que iria obter um daqueles sorrisos. Meu coração pulou. Então, com um visível esforço, ele retirou o sorriso e mais uma vez se tornou meu mentor durão-gentil. Ele saiu de cima de mim, inclinando-se nos calcanhares e levantou. “Venha. Precisamos ir.”

Eu tropecei em meus próprios pés e o segui para fora do ginásio. Ele não olhou para trás enquanto andava, e eu mentalmente me chutei no caminho até meu quarto.

Eu estava tendo uma queda pelo meu mentor. Tendo uma queda pelo meu mentor *mais velho*. Eu tinha que estar fora de mim. Ele era sete anos mais velho que eu. Velho o suficiente para ser meu... bem, ok, nada. Mas ainda mais velho que eu. Sete anos era muito. Ele estava aprendendo a escrever quando eu nasci. Eu estava aprendendo a escrever e jogar livros em meus professores, ele provavelmente estava beijando garotas, considerando a sua aparência. Então eu não precisava de mais uma complicação na minha vida agora.

Eu achei um suéter passável lá no meu quarto e depois de um banho rápido, eu me dirigi até o campus para a recepção.

Apesar da iminência das paredes de pedra, estátuas caras, e torres do lado de fora do prédio, o interior da academia era bastante moderno. Nós tínhamos Wi-fi, luzes fluorescentes, e qualquer coisa tecnológica que você possa imaginar. Os áreas comuns, em particular, se pareciam muito o restaurante no qual eu comia em Portland e Chicago, com mesas retangulares simples, paredes aconchegantes, e uma pequena sala larga ao lado onde nossas duvidosas refeições eram servidas. Alguém tinha pelo menos pendurado fotos em preto-e-branco ao longo da parede, em um esforço para decorá-la, mas eu não considero fotos de vasos e árvores “arte”.

Esta noite, no entanto, alguém tinha conseguido transformar as áreas comuns chatas em uma boa sala de jantar. Vasos transbordando com rosas vermelhas e delicados lírios brancos. Velas brilhantes. Toalhas de mesa feitas de – esperem isso - linho vermelho sangue. O efeito foi deslumbrante. Era difícil acreditar que era o mesmo lugar que eu normalmente comia sanduíches com pedaços de galinha. Parecia feito para, bem, uma rainha.

As mesas tinham sido arrumadas em linha reta, criando um corredor no meio da sala. Tivemos os lugares marcados, e naturalmente, eu não pude sentar nem perto de Lissa. Ela sentou na frente com um outro Moroi; e eu sentei nos fundos com os aprendizes. Mas ela trocou um olhar comigo quando entrei e ela me mandou um sorriso. Ela tinha pegado um vestido de Natalie emprestado – tomara-que-caia azul de cetim – que ficava lindo com suas características pálidas. Quem diria que Natalie tinha uma coisa tão boa? Isso fez meu suéter perder alguns bons pontos.

Eles sempre conduziam esses banquetes da forma. Uma mesa principal ficava na frente do estrado, onde nós podíamos fazer os “ohh” e “ahh” e assistir a rainha Tatiana e os outros nobres comiam o jantar. Os guardiões alinharam-se nas paredes, tão duros e formais como estátuas. Dimitri estava entre eles, e uma sensação estranha se retorceu meu estomago quando eu recordei o que aconteceu no ginásio. Os olhos deles estavam fixados diretamente para frente, como se estivesse se concentrando em nada e em tudo na sala em uma só vez. Quando a hora da entrada da realeza chegou, todos nós nos levantamos em respeito e prestamos atenção enquanto andavam pelo corredor. Eu reconheci alguns, a maioria que tinham filhos freqüentando a academia. Victor Dashkov estava entre eles, caminhando devagar e com uma bengala. Enquanto eu estava feliz por ver ele, eu me encolhi por ver cada agonizante passo que ele dava até a frente da sala.

Uma vez que o grupo tinha passado, quatro guardiões solenes com casacos listrados vermelhos e pretos entraram no cômodo. Todos menos os guardiões ao longo da parede ficaram de joelhos para uma idiota demonstração de lealdade.

Quanta cerimônias e pose, eu pensava cansadamente. Monarcas Moroi eram escolhidos pelo monarca precedente de dentro das famílias reais. O rei ou a rainha não podiam escolher entre

seu ou sua própria descendência, e um conselho de nobres e famílias reais poderiam escolher com um motivo suficiente. O que nunca aconteceu, no entanto.

Rainha Tatiana seguiu seus guardas, vestindo um vestido de seda vermelha com um casaco combinando. Ela estava no início dos seus sessenta anos e tinha cabelos cinza escuro cortado na altura do queixo e coroada com uma tiara no estilo Miss America. Ela andava lentamente, como se estivesse dando um passeio, com mais quatro guardiões às suas costas.

Ela se moveu através da sessão dos aprendizes bastante rapidamente, apesar de ter acenado e sorrido aqui e ali. Dhampirs podia ser meio humano, filhos ilegítimos dos Moroi, mas nós treinávamos e dedicávamos nossas vidas para servi-los e protegê-los. A probabilidade de que muitos de nós aqui morreria jovem era alta, e a rainha tinha que mostrar respeito por isso. Quando ela chegou na sessão dos Moroi, ela fez uma longa pausa e até falou com alguns estudantes. Era um grande negócio ser reconhecido, sobretudo um sinal de que os pais de alguém estava nas graças dela. Naturalmente, a realeza tinha mais atenção. Ela não disse muito a eles que fosse realmente interessante, na maioria dos casos foram só algumas palavras bonitas.

“Vasilisa Dragomir”

Minha cabeça levantou. Alarme fluindo através da ligação ao som do nome dela. Quebrando o protocolo, eu saí de minha posição e me ajustei para ter uma visão melhor, sabendo que ninguém iria me notar quando a rainha em pessoa chamava a última dos Dragomir. Todo mundo estava ansioso para ver o que a monarca iria dizer para Lissa, a princesa fugitiva.

“Nós ouvimos falar que você retornou. Nós estamos felizes em ter os Dragomirs de volta, embora só reste um. Lamentamos profundamente a perda de seus pais e seu irmão, eles estavam entre os melhores dos Moroi, sua morte foi uma verdadeira tragédia.”

Eu nunca realmente entendi a realeza, a coisa do “nós”, mas fora isso, tudo soou bem.

“Você tem um nome interessante,” ela continuou. “Muitas heroínas de contos de fadas na Rússia se chamavam Vasilisa. Vasilisa a Corajosa, Vasilisa a Bonita. Elas eram mulheres diferentes, todas tendo o mesmo nome e as mesmas excelentes qualidades:

força, inteligência, disciplina e virtude. Todas realizaram grandes coisas, triunfando sobre seus adversários.”

“Da mesma forma, o nome Dragomir comanda o mesmo respeito. Reis e rainhas Dragomir tem governado sabiamente e justamente em nossa história. Eles tem usado seus poderes para fins miraculosos. Eles tem matado Strigois, lutando ao lado de seus guardiões. Eles eram da *realeza* por um motivo”

Ela esperou um momento, deixando o peso de suas palavras fazerem efeito. Eu podia sentir o humor mudar na sala, bem como a surpresa e um tímido prazer crescia em Lissa. Isso iria mexer na balança social. Nós provavelmente poderíamos esperar alguns tientes tentando cair nas graças de Lissa amanhã.

“Sim” Tatiana continuou, “você provavelmente tem um nome com poder. Seus nomes representam as melhores qualidades que uma pessoa pode oferecer e olhando para o passado esperar por atos de grandeza e valor.” Ela parou um momento. “Mas, como você teve demonstrando, nomes *não* não fazem uma pessoa. Nem tem qualquer relação no que essa pessoa se transforma.”

E com esse tapa verbal na cara, ela virou de costas e continuou sua procissão.

Um choque coletivo encheu a sala. Eu brevemente contemplei, e em seguida, desisti de qualquer tentativa de pular no corredor e atacar a rainha. Meia dúzia de guardiões iriam me derrubar no chão antes de eu tivesse dado cinco passos. Então me sentei impaciente durante o jantar, todo o tempo sentindo a absoluta mortificação de Lissa.

Quando a recepção pós-jantar começou, Lissa fez uma linha reta em direção aos pátios. Eu

segui, mas me retardei tendo de acenar por aí e evitando me misturar, socializar com as pessoas.

Ela vagava num pátio adjacente, um que combinava com o estilo externo da academia. Um teto entalhado com torções de madeira cobria o jardim, com alguns buracos aqui e ali para permitir a entrada de alguma luz, mas não o suficiente para causar danos aos Moroi. Árvores, folhas agora caídas por causa do inverno, alinhavam a área e os caminhos levando para fora os outros jardins, pátios, e um pátio central. Um lago, também esvaziada para o inverno, ficava num canto, e de pé sobre ela uma estátua imponente do próprio São Vladimir. Esculpida em pedra cinza, ele usava vestes longas e tinha uma barba e um bigode.

Rodeando uma esquina, eu parei quando vi que Natalie tinha me batido em relação à Lissa. Eu considerei interromper, mas voltei antes de me verem. Espionar poderia ser ruim, mas eu estava repentinamente curiosa para ouvir o que Natalie tinha a dizer para Lissa.

“Ela não deveria ter dito aquilo” Natalie disse. Ela usava um vestido amarelo semelhante ao corte de Lissa, mas de alguma maneira estava faltando a graça e o porte para fazê-lo parecer bonito. Amarelo também era uma cor horrível para ela. Colidia com seu cabelo preto, que ela quis colocar num coque central. “Isso não foi certo” ela continuou. “Não deixe isso incomodar você”

“Um pouco tarde para isso” os olhos de Lissa estavam fixados numa pedra distante.

“Ela estava errada”

“Ela esta *certa*,” Lissa exclamou. “Meus pais...e Andre... eles iriam me odiar pelo que eu fiz.”

“Não, eles não iriam” Natalie disse com uma voz gentil.

“Fo estúpido fugir. Irresponsável.”

“Então o quê? Você cometeu um erro. Eu cometo erros o tempo todo. Outro dia, eu estava fazendo um trabalho de ciências, e era sobre o capítulo dez, mas eu li o capítulo onz –” Natalie parou, e em uma amostra notável de comedimento, ela voltou aos trilhos. “As pessoas mudam. Nós estamos sempre mudando, certo? Você não é a mesma de quando era naquela época. Eu não sou a mesma daquela época.”

Na verdade, Natalie parece *exatamente* a mesma para mim, mas isso não me incomoda mais. Eu tinha me afeiçoado a ela.

“Além do mais,” ela adicionou, “fugir foi mesmo um erro? Você deve ter feito isso por uma razão. Você deve ter obtido algo com isso, certo? Havia um monte de coisas ruins acontecendo com você, não é? Com seus pais e seu irmão. Quero dizer, talvez era a coisa certa a fazer.”

Lissa escondeu um sorriso. Ambas de nós tínhamos certeza de que Natalie estava tentando descobrir porque nós tínhamos ido embora – assim como todo mundo na escola. Ela meio que era péssima em ser discreta.

“Eu não sei se isso foi, não,” Lissa respondeu. “Eu era fraca. Andre não teria fugido. Ele era tão bom. Bom em tudo. Bom em ficar junto das pessoas e toda essa porcaria de realza.”

“Você é boa nisso também.”

“Eu acho. Mas eu não gosto disso. Eu quero dizer, eu gosto de pessoas... mas a maioria das coisas que elas fazem é tão falsa. É disso que eu não gosto.”

“Então não se sinta mal por não se envolver.” Natalie disse. “Eu não ando com todas aquelas pessoas, e olhando para *mim*. Eu estou bem. Papai dizia que ele não se importava se eu andar com a realza ou não. Ele só quer me ver feliz.”

“E isso,” eu disse, finalmente me fez aparecer, “é porque ele deveria estar governando em vez daquela rainha vadia. Ele foi roubado.”

Natalie pulou quase dez passos. Eu tinha quase a absoluta certeza de que o vocabulário de xingamentos dela consistiam basicamente de “deus do céu” e “maldição”.

“Estava me perguntando por onde você andava,” Lissa disse.

Natalie olhou para frente e para trás entre nós, de repente parecendo um pouco envergonhada de estar entre um grupo de melhores amigas. Ela se mexeu

desconfortavelmente e enfiou um pouco do seu desorganizado cabelo atrás de sua orelha.

“Bem... Eu deveria encontrar meu papai. Te vejo lá no quarto.”

“Até logo,” Lissa disse. “E obrigada.”

Natalie saiu apressadamente.

“Ela chama mesmo ele de ‘papai’?”

Lissa me cortou com um olhar. “Deixe ela em paz. Ela é legal.”

“Ela é, de verdade. Eu ouvi o que ela falou, e por mais que eu odeie admitir, não tinha nada do que fazer graça. Era tudo verdade.” Eu parei. “Eu vou matar ela, você sabe. A rainha, não Natalie. Se ferrem os guardiões. Eu faço isso. Ela não pode se safar dessa.”

“Deus, Rose! Não diga isso. Eles vão te prender por traição. Deixe disso.”

“Deixar isso? Depois do que ela disse para você? Na frente de todo mundo?”

Ela não respondeu e nem olhou para mim. Ao invés disso, brincou distraidamente com os ramos de um desordenado arbusto, que tinha ficado adormecido pelo inverno. Havia um olhar vulnerável nela que eu pude reconhecer – e temia.

“Hey” Eu abaixei minha voz. “Não fique assim. Ela não sabe do que ela estava falando, ok? Não deixe isso te deixar triste. Não faça nada que você não deva.”

Ela olhou de relance para mim. “Vai acontecer de novo, não é?” ela sussurrou. A mão dela, ainda agarrando a árvore, começou a tremer.

“Não se você não deixar.” Eu tentei olhar para seus pulsos sem ser muito óbvia. “Você não teve?...”

“Não” Ela sacudiu a cabeça e piscou para reprimir as lágrimas. “Eu não queria. Eu estava chateada por causa da raposa, mas está tudo bem. Eu gosto da coisa de andar na correnteza. Eu sinto falta de ver você, mas tudo vai ficar bem. Eu gosto...” Ela pausou.

Eu pude ouvir as palavras se formando na mente dela.

“Christian”

“Eu desejo que você não pudesse fazer isso. Ou não fizesse.”

“Desculpe. Eu preciso te dar a conversa sobre o Christian é um psicopata perdedor de novo?”

“Eu acho que tenho isso memorizado depois das dez últimas vezes.” Ela murmurou.

Eu estava começado a de número onze quando eu ouvi o som de risos e o barulho de saltos altos nas pedras. Mia andou com alguns amigos a reboque, mas sem Aron. Imediatamente, meus instintos de defesa se ligaram.

Internamente, Lissa ainda estava abalada com os comentários da rainha. Tristeza e humilhação estavam serpenteando dentro dela. Ela se sentia envergonhada pelo que os outros iriam pensar dela agora e continuava pensando sobre como a família dela a teria odiado por fugir. Eu não acreditava nisso, mas parecia real para ela, e suas emoções obscuras se agitavam e agitavam. Ela *não* estava bem, não importando o quanto casual ela estava tentando agir, e eu estava preocupada que ela fosse fazer algo imprudente. Mia era a última pessoa que ela precisava ver agora.

“O que você quer?” Eu exigi.

Mia sorriu arrogantemente para Lissa e me ignorou, dando alguns passos a frente. “Só quero saber como é se sentir *tão* importante e *tão* nobre. Você deve ter ficado tão empolgada de que a rainha falou com você.” Risinhos vieram a tona a partir do grupo reunido.

“Você está muito perto.” Eu me pus de pé entre elas, e Mia recuou um pouco, provavelmente ainda preocupada com que eu pudesse quebrar o braço dela. “E hey, pelo menos, a rainha sabia o nome dela, que é mais do que eu posso dizer sobre você e o seu presunçoso ato real. *Ou* de seus pais.”

Eu pude ver a dor que isso causou a ela. Cara, ela queria tanto ser da realeza. “Ao menos eu vejo meus pais,” ela retrucou.

“Ao menos eu sei quem são ambos. Só Deus sabe quem é o seu pai. E sua mãe é a guardiã mais famosa por aqui, mas ela também não dá a mínima para você. Todos sabem que ela nunca te



visita. Provavelmente ficou feliz quando você foi embora. Se ela ao menos *notou* isso." Essa doeu. Eu trinquei meus dentes. "Yeah, bem, pelo menos ela é famosa. Ela realmente aconselha a realeza e os nobres. Ela não faz a limpeza depois disso." Eu ouvi um de seus amigos abafar uma risadinha atrás dela. Mia abriu a boca, sem dúvidas para soltar várias de suas réplicas que ela deve ter acumulado desde que a história começou, quando uma lâmpada subitamente apagou em cima de sua cabeça. "Foi você," ela disse abrindo os olhos. "Alguém me contou que foi Jesse que começou com isso, mas ele não podia saber nada sobre mim. Ele pegou isso de você, quando você *dormiu* com ele." Agora ela estava realmente começando a me aborrecer. "Eu não dormi com ele." Mia apontou para Lissa e voltou a mim. "Então é isso, huh? Você fez o trabalho sujo dela porque ela é patética demais para fazer por ela mesma. Você não poderá sempre protegê-la" Ela avisou. "Você também não está segura." Ameaças vazias. Eu me inclinei para frente, fazendo minha voz parecer a mais ameaçadora possível. E no meu humor atual, não era difícil. "É? Experimente e me toque agora e descubra." Eu esperava que o fizesse. Eu queria. Nós não precisávamos de uma vingança suja nas nossas vidas exatamente agora. Ela era uma distração – uma que eu queria muito socar agora. Olhando atrás dela, eu vi Dimitri se movendo no jardim, os olhos procurando alguma coisa – ou alguém. Eu tinha uma idéia muito boa de quem era. Quando ele me viu, ele seguiu adiante, mudando a sua atenção quando ele percebeu a multidão em torno de nós. Guardiões conseguem sentir cheiro de luta a uma milha de distancia. É claro, uma criança de seis anos poderia sentir o cheiro dessa luta. Dimitri ficou ao meu lado e cruzou seus braços. "Está tudo bem?"

"Certamente, Guardião Belikov." Eu sorri enquanto disse isso, mas eu estava furiosa. Enraivecida, até. Todo esse confronto com Mia só fez Lissa se sentir pior. "Nós estamos apenas trocando histórias familiares. Já ouviu a de Mia? *É fascinante.*" "Vamos" ela disse a seus seguidores. Ela os levou embora, mas não sem antes me dar um último olhar frio. Eu não precisava ler a mente dela para saber o que ela dizia. Não estava acabado. Ela ia tentar pegar uma de nós ou as duas novamente. Legal. Pode vir, Mia. "Eu deveria levá-la de volta ao seu dormitório," Dimitri me disse secamente. "Você não estava prestes a começar uma luta, estava?" "Claro que não," eu disse, ainda olhando fixamente para a entrada vazia pela qual Mia tinha desaparecido. "Eu não começo lutas onde as pessoas possam ver elas" "Rose," Lissa gemeu. "Vamos. Boa noite, princesa." Ele se virou, mas eu não me movi. "Você vai ficar bem, Liss?" Ela acenou com a cabeça. "Eu estou bem." Isso era uma mentira, eu não pude acreditar que ela teve a coragem de tentar passar essa em mim. Eu não precisava da ligação para ver lágrimas brilhando em seus olhos. Nós nunca deveríamos ter voltado a este lugar, eu percebi desolada. "Liss..." Ela me deu um pequeno, e triste sorriso e acenou na direção de Dimitri. "Eu disse a você, eu estou bem. Você tem que ir." Relutante, eu segui ele. Ele me levou para fora, na direção do outro lado do jardim. "Nós deveríamos acrescentar um treinamento extra de auto controle." Ele observou. "Eu tenho um abundante auto contr– hey!" Eu parei de falar quando vi Christian passar por nós, se movendo pelo trajeto que nós tínhamos vindo. Eu não o tinha visto na recepção, mas se Kirova tinha me permitido vir esta noite, eu suponho que ela tenha feito o mesmo com ele. "Você esta indo ver Lissa?" Eu exigí, deslocando minha raiva de Mia para ele.

Ele colocou suas mãos dentro dos bolsos e me deu um olhar de bad-boy indiferente. “E se eu estivesse?”

“Rose, essa não é a hora,” Dimitri disse.

Mas era a hora. Lissa tinha ignorado meus avisos sobre Christian há semanas. Essa era a hora de ir em frente e parar com aquele ridículo flerte entre os dois de uma vez por todas.

“Por que você não deixa ela em paz? Você está tão ferrado e desesperado por atenção que você não pode dizer quando alguém não gosta de você?” Ele olhou com raiva. “Você é um tipo de assediador louco, e ela sabe disso. Ela me contou tudo sobre sua estranha obsessão – como vocês estão sempre no sótão juntos, como você ateou fogo em Ralf para impressioná-la. Ela acha que você um esquisito, mas ela é muito boazinha para dizer alguma coisa.”

Seu rosto ficou pálido, e alguma coisa obscura se agitava nos olhos dele. “Mas você não é muito boazinha?”

“Não. Não quando eu sinto pena de alguém.”

“Chega” Dimitri disse, me dirigindo para longe.

“Obrigado pela ‘ajuda’ então.” Christian repreendeu, a voz dele transbordando animosidade.

“Sem problemas,” eu disse por cima dos meus ombros.

Quando fomos um pouco mais para frente, eu relancei um olhar para trás de mim e vi Christian logo além do jardim. Ele parou de andar e agora se estava olhando o caminho que levava até Lissa no pátio. Sombras cobriam seu rosto enquanto ele pensava e, em seguida, ele se virou voltando para o dormitório Moroi.

Doze

O sono veio relutantemente aquela noite e eu me agitei e me mexi durante um longo tempo antes de finalmente adormecer.

Mais ou menos uma hora depois, eu me sentei na cama, tentando relaxar e absorver as emoções vindo para mim. Lissa. Com medo e chateada. Desestabilizada. Os eventos da noite de repente vieram correndo de volta pra mim enquanto eu pensava sobre o que poderia estar incomodado ela. A rainha havia humilhado ela. Mia. Talvez até o Christian – ele poderia ter encontrado ela até onde eu sabia.

No entanto... nenhum desses era um problema no momento. Enterrado nela, havia algo mais. Algo terrivelmente errado.

Eu sai da cama, me vesti apressadamente, e considerei minhas opções. Eu tinha um quarto no terceiro andar agora – muito alto para descer, particularmente agora que eu não tinha a Sr. Karp para me concertar desta vez. Eu nunca seria capaz de escapulir para fora do hall principal. Então só restava os canais “apropriados”.

“Onde você acha que está indo?”

Uma das matronas que supervisionavam o hall olhou para cima da sua cadeira. Ela estava sentada estacionada no fim do hall, perto das escadas que iam para baixo. Durante o dia, as escadas não tinham supervisão. A noite, nós podíamos muito bem estar na prisão.

Eu cruzei meus braços. “Eu preciso ver Dim – O guardião Belikov.”

“É tarde.”

“É uma emergência.”

Ela me olhou de cima abaixo. “Você me parece estar bem.”

“Você vai estar com tantos problemas amanhã quando todo mundo descobrir que você me impediu de reportar o que eu sei.”

“Me diga.”

“É uma coisa privada dos Guardiões.”

Eu encarei ela o máximo que eu consegui. Deve ter funcionado, porque ela finalmente levantou e pegou um telefone celular. Ela chamou alguém – Dimitri, eu esperava – mas murmurou muito baixo para que eu pudesse ouvir. Nós esperamos vários minutos, e então a porta que levava as escadas abriu. Dimitri apareceu, totalmente vestido e alerta, embora eu tivesse certeza que nós o tínhamos tirado da cama.

Ele me olhou uma vez. “Lissa.”

Eu acenei.

Sem qualquer outra palavra, nós demos a volta e começamos a descer as escadas. Eu o segui. Nós andamos através da quadra em silêncio, até o imponente dormitório dos Moroi. Era ‘noite’ para os vampiros, o que significa que era dia para o resto do mundo. O sol do meio-dia brilhava com luzes douradas e frias em nós.

Os genes humanos em mim deram boas vindas aquilo e sempre meio que lamentavam como os Moroi eram sensíveis a luz, forçando a gente a viver na escuridão na maior parte do tempo.

A matrona do Hall de Lissa pasmou quando nós aparecemos, mas Dimitri era muito intimidante para se opor. “Ela está no banheiro,” eu disse a eles. Quando a enfermeira começou a me seguir para dentro, eu não a impedi. “Ela está muito chateada. Me deixe falar com ela sozinha, primeiro.”

Dimitri considerou. “Sim. Dê a elas um minuto.”

Eu abri a porta.

“Liss?”

Um som suave, como um soluço, veio de dentro. Eu andei 5 e encontrei o que estava fechado. Eu bati delicadamente.

“Me deixe entrar,” eu disse, esperando que eu soasse calma e forte.

Eu ouvi uma fungada, e alguns momentos depois, a porta se abriu. Eu não estava preparada para o que eu vi. Lissa estava na minha frente...

... coberta de sangue.

Horrorizada, eu deu um guincho e quase gritei por ajuda. Olhando mais de perto, eu vi que muito daquele sangue não estava realmente vindo dela. Estava untado nela, como se tivesse

estado em sua mão e ela tivesse esfregado seu rosto. Ela se afundou no chão, e eu me ajoelhei diante dela.

“Você está bem?” eu sussurrei. “O que aconteceu?”

Ela apenas balançou sua cabeça, mas eu vi seu rosto se enrugando quando ela derramou mais lágrimas. Eu peguei as mãos dela.

“Vem. Vamos limpar você – “

Eu parei. Ela estava sangrando afinal de contas. Linhas perfeitas atravessavam seus pulsos, nem perto de nenhuma veia crucial, mas o suficiente pra deixar traços molhados e vermelhos pela sua pele. Ela não tinha atingido nenhuma veia quando ela fez isso; a morte não era seu objetivo. Ela encontrou meus olhos.

“Eu sinto muito... eu não queria... por favor não deixe eles saberem...” disse soluçando.

“Quando eu vi aquilo, eu me apavorei.”

Ela acenou com a cabeça para os seus pulsos. “Isso aconteceu antes que eu pudesse impedir. Eu estava chateada...”

“Está tudo bem,” eu disse automaticamente, imaginando o que “aquilo” era. “Vamos.”

Eu ouvi uma batida na porta. “Rose?”

“Só um segundo,” eu respondi.

Eu a levei até a pia, e limpei o sangue dos seus pulsos. Pegando o primeiro kit de primeiros socorros, eu pus alguns Band-Aids nos cortes. O sangramento já tinha diminuído.

“Nós estamos entrando,” falou a matrona.

Eu tirei meu casaco e rapidamente entreguei pra Lissa. Ela tinha acabado de colocar quando Dimitri e a matrona entraram. Ele correu para o nosso lado em um instante, e eu percebi que ao esconder o sangue dos pulsos de Lissa, eu esqueci do sangue no seu rosto.

“Não é meu,” ela disse rapidamente, vendo a expressão dele. “É... é do coelho...”

Dimitri avaliou ela, e eu esperei que ele não olhasse para os pulsos dela. Quando ele estar satisfeito em ver que ela não tinha ferimentos, ele perguntou, “Que coelhos?” Eu estava imaginando a mesma coisa.

Com as mãos tremendo, ela apontou para a lata de lixo. “Eu limpei. Para que a Natalie não visse.”

Dimitri e eu ambos andamos e espiamos dentro da lata. Eu me puxei para longe imediatamente, engolindo a necessidade do meu estomago de vomitar. Eu não sei como Lissa sabia que era um coelho. Tudo o que eu podia ver era sangue. Sangue e toalhas de papel encharcadas de sangue. O cheiro era horrível.

Dimitri foi para mais perto de Lissa, se abaixando até que eles estivessem no mesmo nível de contato visual. “Me diga o que aconteceu.” Ele entregou a ela vários lenços.

“Eu voltei a mais ou menos uma hora. E estava aqui. Bem ali no meio do chão. Destruído. Foi como se ele tivesse...explodido,” Ela fungou. “Eu não queria que a Natalie o encontrasse, não queria assustá-la... então eu – eu limpei tudo. Então eu simplesmente não podia... não podia voltar...” Ela começou a chorar, e os ombros dela tremeram.

Eu podia adivinhar o resto, a parte que ela não contou a Dimitri. Ela encontrou o coelho, limpou tudo, e enlouqueceu. Então ela se cortou, esse era o jeito esquisito que ela lidava com as coisas que a deixavam chateada.

“Ninguém deveria ser capaz de entrar nesses dormitórios!” – exclamou a matrona. “Como isso está acontecendo?”

“Você sabe quem fez isso?” A voz de Dimitri era gentil.

Lissa pos a mão dentro dos bolsos do seu pijama e puxou um pedaço de papel amassado. Tinha tanto sangue encharcado naquilo, eu mal podia ler quando ele o segurou desamassou.

Eu sei o que você é. Você não vai sobreviver estando aqui. Eu vou me certificar disso. Vá embora agora. É o único jeito que você talvez possa sobreviver a isso.

O choque da matrona se transformou em algo mais determinado, e ela caminhou para a porta. “Eu vou buscar Ellen.” Levou um segundo para mim lembrar que esse era o primeiro nome da Kirova.

“Diga a ela que estaremos na clínica,” disse Dimitri. Quando ela saiu, ele se virou pra Lissa. “Você deveria se deitar.”

Quando ela não se moveu, eu liguei os meus braços nos dela. “Vem, Liss. Vamos sair daqui.”

Devagar, ela colocou um pé na frente do outro, e nós deixou guia-la até a clínica medica da Academia. Ela estava normalmente dirigida por alguns doutores, mas a essa hora da noite, apenas uma enfermeira estava atendendo. Ela se ofereceu para acordar um dos doutores, mas Dimitri recusou. “Ela só precisa descansar.”

Lissa tinha acabado de se esticar na estreita cama, quando Kirova e alguns outros apareceram e começaram a fazer perguntas.

Eu me meti na frente deles, bloqueando ela. “Deixei ela em paz! Vocês não podem ver que ela não quer falar sobre isso? Deixem ela dormir um pouco primeiro!”

“Srta Hathaway,” recusou Kirova, “você está fora da linha como sempre. Eu nem sei o que você está fazendo aqui.”

Dimitri perguntou se ele podia falar com ela em particular e a levou para o Hall. Eu ouvi sussurros irritados dela, calmos e firmes vindo dele. Quando eles voltaram, ela disse duramente, “Você pode ficar com ela por algum tempo. Nós vamos fazer com que os zeladores limpem e uma investigação no banheiro e na sala, Srta. Dragomir, e então discutiremos a situação com detalhes pela manhã.”

“Não acordem a Natalie,” sussurrou Lissa. “Eu não quero assustá-la. Eu limpei tudo no quarto de qualquer forma.”

Kirova parecia duvidar. O grupo recuou mas não antes da enfermeira perguntar se Lissa queria algo pra comer ou beber. Ela recusou. Quando nós finalmente estávamos sozinhas, eu deitei junto dela e coloquei meu braço ao redor dela.

“Eu não vou deixar eles descobrirem,” eu disse a ela, sentindo a preocupação dela por causa dos pulsos.”Mas eu esperava que você tivesse me dito antes de sair da recepção. Você disse que sempre viria a mim primeiro.”

“Eu não ia fazer naquela hora,” ela disse, os olhos dela encarando o nada.” Eu juro, eu não ia. Quer dizer, eu estava chateada...mas eu pensei... eu pensei que eu podia lidar com aquilo. Eu estava tentando tanto... de verdade, Rose. Eu estava. Mas então eu voltei pro meu quarto, e eu vi aquilo, e eu... simplesmente perdi a cabeça. Foi como a última gota, sabe? E eu sabia que eu tinha que limpar. Tinha que limpar antes que eles vissem, antes que eles descobrissem, mas tinha tanto sangue... e depois, depois que tudo estava feito, foi demais, e eu senti como se eu fosse... eu não sei...explodir, e era simplesmente demais, eu tinha que deixar sair, entende? Eu tinha –“

Eu interrompi a histeria dela. “Está tudo bem, eu entendo.”

Aquilo era uma mentira. Eu não entendia porque ela se cortava. Ela fazia aquilo esporadicamente, desde o acidente, e me assustava toda vez. Ela tentou explicar pra mim, como ela não queria morrer – ela só precisava tirar aquilo fora de algum jeito. Ela se sentia tão emocional, que ela dizia que era uma saída – dor física - era a única coisa que a fazia a dor interna ir embora. Era o único jeito que ela podia controlar aquilo.

“Porque isso está acontecendo?” ela chorou no seu travesseiro. “Porque eu sou uma aberração?”

“Você não é uma aberração.”

“Mas ninguém tem isso acontecendo com eles. Mais ninguém faz mágica do jeito que eu faço.”

“Você tentou fazer mágica?” Sem resposta. “Liss? Você tentou curar o coelho?”

]

“Eu o segurei, só para ver se talvez eu poderia curá-lo, mas tinha muito sangue ... eu não consegui.”

Quanto mais ela usava, pior ela ficava. Pare ela, Rose.

“Lissa estava certa. A mágica Moroi podia conjurar água e fogo, mover pedras e outros pedaços de terra. Mas ninguém podia curar ou trazer de volta a vida animais mortos. Ninguém exceto a Sra. Karp.

Pare ela antes que eles notem, antes que eles notem e a levem embora também. Leve ela embora daqui.

Eu odiava carregar esse segredo, principalmente porque eu não sabia o que fazer sobre isso. Eu não gostava de me sentir impotente. Eu precisava proteger ela disso – e dela mesma. E ainda sim, ao mesmo tempo, eu precisa proteger ela deles, também.

“Nós deveríamos ir,” eu disse de repente. “Nós vamos embora.”

“Rose-“

“Está acontecendo de novo. E está pior. Pior que da última vez.”

“Você está com medo do bilhete.”

“Eu não estou com medo de bilhete nenhum. Mas esse lugar não é seguro.”

Eu de repente desejei por Portland novamente. Pode ser mais sujo e mais lotado que a acidentada paisagem de Montana, mas pelo menos você sabe o que esperar – diferentemente do que acontece aqui. Aqui na Academia, passado e presente se juntavam. Pode ter esses lindos jardins e paredes antigas, mas por dentro, coisas modernas estão entrando sem ser notadas. As pessoas não sabiam como lidar com isso. Era igual aos próprios Moroi. As famílias reais ainda mantinham o poder na superfície, mas as pessoas estavam ficando descontentes. Dharmpirs que queriam mais das suas vidas. Moroi como Christian que queriam lutar contra os Strigois. A realeza ainda se apoiava em suas tradições, ainda angariando poder sobre todos, assim como os portões de ferro da Academia eram uma demonstração de tradição e invencibilidade.

E, oh, as mentiras e os segredos. Eles correm por esses halls e se escondem nos cantos. Alguém aqui, odiava Lissa, alguém que provavelmente sorria pra ela e fingia ser sua amiga. Eu não podia deixar eles a destruírem.

“Você precisa dormir um pouco,” eu disse a ela.

“Eu não posso dormir.”

“Sim, você pode. Eu estou bem aqui. Você não estará sozinha.”

Ansiedade e medo e outras emoções problemáticas percorreram através dela. Mas no final, as necessidades do corpo dela ganharam. Depois de um tempo, eu vi os olhos dela se fecharem. A respiração dela ficou igual, e a ligação cresceu silenciosa.

Eu a vi dormir, muito cheia de adrenalina pra me permitir algum descanso. Eu acho que talvez uma hora tinha passado quando a enfermeira voltou e me disse que eu tinha que sair.

“Eu não posso ir,” eu disse. “Eu prometi a ela que ela não ficaria sozinha.”

A enfermeira era alta, mesmo para uma Moroi, com olhos gentis e marrons. “Ela não ficará. Eu vou ficar com ela.”

Eu considerei o discurso dela.

‘Eu prometo.’

De volta ao meu quarto, eu tive meu próprio surto. O medo e a excitação tinham me exaurido, e por um instante, eu desejei poder ter uma vida normal e uma melhor amiga normal. Imediatamente, eu lancei esse pensamento pra fora. Ninguém era normal, não de verdade. E eu nunca teria uma amiga melhor que a Lissa... mas cara, era tão difícil as vezes.

Eu dormi pesado até a manhã. Eu fui para minha primeira aula timidamente, nervosa que o que tinha acontecido noite passada pudesse ter se espalhado. E como não podia deixar de ser, as pessoas estavam falando sobre ontem a noite, mas as atenções dela ainda estavam sobre a

rainha e a recepção. Eles não sabiam nada sobre o coelho. Ainda que fosse difícil de acreditar, eu quase tinha esquecido sobre aquelas outras coisas. Mesmo assim, de repente parecia como uma coisa pequena comparada a alguém causando uma explosão sangrenta no quarto de Lissa.

Ainda sim, conforme o dia passava, eu notei algo estranho. As pessoas pararam de olhar pra Lissa tanto. Eles começaram a olhar pra mim. Tanto faz. Ignorando eles, eu procurei e encontrei Lissa acabando com alimentador. Aquele sentimento engraçado que eu sempre tinha tomou conta de mim quando eu vi a boca dela trabalhar contra o pescoço do alimentador, bebendo o sangue dele. Um pingo derramava por sua garganta, se destacando contra sua pele pálida. O alimentador, embora fosse humano, estava quase tão pálido quanto um Moroi, devido a perda de sangue. Ele não parecia notar; ele estava alto por causa da mordida. Afogada em inveja, em decidi que eu precisava de terapia.

“Você está bem?” Eu perguntei pra ela depois, quando estávamos indo pra aula. Ela estava usando longas mangas, propositalmente escondendo seus pulsos.

“Sim... eu ainda não consigo parar de pensar naquele coelho... foi tão horrível. Eu fico vendo ele na minha cabeça. E então o que eu fiz.” Ela espremeu seus olhos até fechar, apenas por um momento, e então o abriu de novo. “As pessoas estão falando sobre nós.”

“Eu sei. Ignore-os.”

“Eu odeio isso,” ela disse irritada. Súbitas trevas apareceram nela e por entre nossa ligação. Fez com que eu encolhesse. Minha melhor amiga era alegre e gentil. Ela não tinha esse tipo de sentimentos. “Eu odeio toda essa fofoca. É tão estúpida. Como eles podem ser tão superficiais?”

“Ignore eles,” repeti calmamente. “Você foi esperta de não andar mais com eles.”

No entanto, ignorar eles foi mais e mais difícil. Os sussurros e olhares aumentaram. Em ‘Comportamento Animal’, eu não conseguia nem mesmo me concentrar no meu tópico favorito.

A Sra. Meissner tinha começado a falar sobre evolução e sobrevivência do mais adequado e como os animais buscam companheiros de bons genes. Me fascinou, mas até mesmo ela tinha dificuldades em ficar com uma tarefa, já que ela tinha que ficar gritando com as pessoas para que elas ficasse quietas e prestassem atenção.

“Alguma coisa está acontecendo,” eu disse a Lissa entre as classes. “Eu não sei o que, mas todos eles ouviram algo novo.”

“Alguma outra coisa? Fora o fato de que a rainha me odeia? O que mais poderia ser?”

“Eu gostaria de saber.”

As coisas finalmente chegaram num ponto crucial na nossa ultima aula do dia, Arte Eslava. Começou quando um cara que eu mal conhecia fez uma explícito e quase obscena sugestão para mim enquanto estávamos trabalhando em projetos individuais. Eu respondi gentilmente, informando-o exatamente o que ele podia fazer com o seu pedido.

Ele apenas riu. “Ora vamos, Rose. Eu sangro por você.”



Risadinhas barulhentas seguiram, e Mia nos cortou com um olhar de insulto. “Espera, é a Rose que sangra, certo?”

Mais risadas. O entendimento me atingiu no rosto. Eu empurrei Lissa pra longe. “Eles sabem.”

“Sabem o que?”

“Sobre nós. Sobre como... você sabe, como eu alimentei você enquanto estamos longe.”

Ela ficou boquiaberta. “Como?”

“Como você acha? Seu “amigo” Christian.”

“Não,” ela disse inflexível. “Ele não poderia.”

“Quem mais sabia?”

A confiança que ela tinha em Christian passou pelos olhos dela e pela nossa ligação. Mas ela não sabia o que eu sabia. Ela não sabia como eu tinha sido uma vaca com ele noite passada, como eu tinha o feito pensar que ela o odiava. Aquele cara era instável. Espalhar nosso maior segredo – bom, um deles - seria uma vingança adequada. Talvez ele tenha matado o coelho também. Afinal de contas, ele tinha morrido apenas algumas horas depois que eu contei pra ele.

Sem esperar pra ouvir os últimos protestos dela, eu fui até o outro lado da sala onde Christian estava trabalhando sozinho, como sempre. Lissa me seguiu de perto. Sem me importar se as pessoas nos vissem, eu me inclinei na mesa para perto dele, colocando meu rosto a centímetros da dele.

“Eu vou matar você.”

Os olhos dele se encontrando com o de Lissa, com um vislumbre fraco de desejo neles, e em seguida surgiu uma expressão carrancuda em seu rosto.

“Porque? É tipo, um crédito extra pra guardiões?”

“Pare com a atitude,” eu avisei, falando baixo. “Você contou. Você contou como Lissa tinha que se alimentar de mim.”

“Conte a ela,” disse Lissa desesperada. “Diga a ela que ela está enganada.”

Christian arrastou seus olhos de mim para ela, e enquanto eles consideravam um ao outro, eu senti uma onda tão poderosa de atração, foi uma sorte que não me derrubou. O coração dela estava nos olhos. Era obvio pra mim que ele sentia a mesmo sobre ela, mas ela não conseguia ver, particularmente já que ele esta flagrando ela.

“Você pode parar, sabe,” ele disse. “Você não tem que fingir mais.”

A atração vertiginosa de Lissa sumiu, substituída por dor e choque devido ao tom de voz dele.

“Eu... o que? Fingir o que? ...”

“Você sabe o que. Só pare. Pare com a atuação.”

Lissa o encarou, os olhos dela largos e feridos. Ela não tinha idéia sobre o que tinha acontecido ontem a noite. Ela não tinha idéia que ele acreditava, que ela o odiava.

“Supere o fato de você sentir pena de si mesmo, e nos diga o que está acontecendo,” eu surtei com ele. “Você contou ou não pra eles?”

Ele me olhou desafiante. “Não. Eu não contei.”

“Eu não acredito em você.”

“Eu acredito,” disse Lissa.

“Eu sei que é impossível acreditar que uma aberração como eu poderia manter sua boca fechada – especialmente já que nenhum de vocês pode – mas eu tenho coisas melhores a fazer do que espalhar rumores estúpidos. Você quer alguém pra culpar? Culpe seu garoto de ouro ali.”

Eu segui o seu olhar para onde Jesse estava rindo sobre algo com aquele idiota do Ralf.

“Jesse não sabe,” disse Lissa desafiante.

“Os olhos de Christian colaram em mim. “Ele sabe, no entanto, Não sabe, Rose? Ele sabe.”

Meu estomago afundou. Sim. Jesse sabia. Ele tinha descoberto aquela noite no lounge. “Eu não pensei... eu não pensei que ele fosse contar. Ele estava com muito medo do Dimitri.”

“Você contou pra ele?” Exclamou Lissa.

“Não, ele adivinhou.” Eu estava começando a me sentir doente.

“Ele aparentemente fez mais do que adivinhar,” murmurou Christian.

Eu me virei pra ele. “O que isso quer dizer?”

“Oh. Você não sabe.”

“Eu juro por Deus Christian, eu vou quebrar teu pescoço depois da aula.”

“Cara, você realmente é instável.” Ele disse quase feliz, mas suas próximas palavras eram mais sérias. Ele ainda usou aquela zombaria, ainda cheio de raiva, mas quando ele falou, eu pude ouvir uma fraca preocupação em sua voz. “Ele meio que elaborou sobre o que tinha em sua nota. Entrou em alguns detalhes.”

“Oh, entendi. Ele disse que nós transamos.” Eu não precisava cuidar com as palavras. Christian concordou. Então. Jesse estava tentando aumentar sua reputação. Ok. Eu podia lidar com isso. Não era como se a minha reputação fosse incrível pra começo de conversa. Todo mundo já acreditava que eu fazia sexo o tempo todo.

“E uh, Ralf também. Que você e ele –“

Ralf? Nenhuma quantidade de álcool ou substâncias ilegais iam fazer com que eu tocasse nele. “Eu – o que? Que eu transei com o Ralf também?”

Christian concordou.

‘Aquele filho da puta! Eu vou –’

“Tem mais.”

“Como? Eu dormi com todo o time de basquete?”

“Ele disse – ambos disseram – que você deixou... bem, você deixou eles beberem teu sangue.”

Isso parou até mesmo eu. Beber sangue durante sexo. A coisa mais suja das sujas. Era além de ser fácil ou vadia. Um milhão de vezes pior do que Lissa bebendo de mim para sobreviver. Era o território de uma meretriz de sangue.

“Isso é loucura!” Lissa choramingou. “Rose nunca – Rose?”

Mas eu não estava mais ouvindo. Eu estava no meu próprio mundo, um mundo que me levou através da sala de aula onde Jesse e Ralf sentavam. Os dois olharam pra cima, faces meio presunçosas e meio... nervosas, se eu tivesse que adivinhar. Não era inesperado, já que os dois estavam mentindo.

A classe inteira ficou paralisada. aparentemente eles estavam esperando por algum tipo de show. Minha instável reputação em ação.

“O que diabos vocês acham que está fazendo?” Eu perguntei numa baixa, e perigosa voz.

O olhar nervoso de Jesse se transformou em terror. Ele podia ser mais alto que eu, mas nós dois sabíamos quem iria ganhar se nos recorrêssemos a violência. Ralf, no entanto, me deu um sorriso arrogante.

“Nós não fizemos nada que você não queria que nós fizéssemos.” O sorriso dele se tornou cruel. “E nem pense em por uma mão na gente. Se você começar a brigar, Kirova vai expulsar você e vai viver com as meretrizes de sangue.”

O resto dos estudantes estava segurando suas respirações, esperando pra ver o que nós iríamos fazer. Eu não sei como o Sr. Nagy não viu o drama que estava ocorrendo na aula.

Eu queria socar os dois, acertá-los com tanta força que faria com que a briga de Dimitri com Jesse parecesse um tapinha nas costas. Eu queria arrancar aquele sorriso do rosto de Ralf.

Mas filho da puta, ou não, ele estava certo. Se eu tocasse neles, Kirova iria me expulsar num piscar de olhos. E se eu fosse expulsa, Lissa estaria sozinha. Respirando fundo, eu tomei uma das decisões mais difíceis da minha vida.

Eu caminhei pra longe.

O resto do dia foi miserável. Ter desistido da luta, me abriu pra zombaria de todos os outros. Os rumores e sussurros aumentaram. As pessoas me encaravam abertamente. Pessoas riam. Lissa ficava tentando falar comigo, me consolar, mas ignorei até mesmo ela. Eu passei pelo resto das minhas aulas como um zumbi, e então eu me dirigi pra praticar com Dimitri o mais rápido que eu pude. Ele me deu um olhar perplexo mas não fez perguntas.

Sozinha no meu quarto mais tarde, eu chorei pela primeira vez em anos.

Depois que eu tirei aquilo do meu sistema, eu estava pronta pra colocar meu pijama quando ouvi uma batida na porta. Dimitri. Ele estudou meu rosto e depois olhou pra longe, obviamente consciente de que eu tinha estado chorando. Eu podia saber, também, que os rumores finalmente tinham chegado até ele. Ele sabia.

“Você está bem?”

“Não importa se eu estou, lembra?” Eu olhei pra ele. “Lissa está bem? Isso vai ser difícil pra ela.”

Um olhar engraçado passou pelo rosto dele. Eu acho que ele se assombrou pelo fato de que eu ainda estava preocupada com ela ao invés de mim. Ele me chamou com um sinal pedindo para que eu o seguisse e me levou até uma volta na escada, onde normalmente ficava trancada para os estudantes. Mas estava aberta hoje, e ele fez um gesto de fora. “5 minutos,” ele me avisou.

Mais curiosa do que tudo, eu entrei. Lissa estava lá. Eu deveria ter sentido que ela estava perto, mas meus próprios sentimentos descontrolados tinham obstruído os dela. Sem uma palavra, ela pos seus braços ao meu redor e me segurou por vários segundos. Eu tive que segurar mais lágrimas. Quando nos separamos, ela me olhou com olhos calmos.

“Eu sinto muito,” ela disse.

“Não é sua culpa. Vai passar.”

Ela claramente duvidava disso. Eu também.

“É minha culpa,” ela disse. “Ela fez isso pra se vingar de mim.”

“Ela?”

“Mia. Jesse e Ralf não são espertos o suficiente pra pensar em algo assim sozinhos. Você mesmo disse: Jesse estava com muito medo de Dimitri pra falar muito sobre o que tinha acontecido. E porque esperar até agora? Aconteceu faz um tempo já. Se ele quisesse espalhar por aí, ele teria feito quando aconteceu. Mia está fazendo isso como uma retaliação por você ter falado sobre os parentes dela. Eu não sei como ela conseguiu, mas foi ela que arranjou pra que eles falassem aquelas coisas.”

No meu interior, eu percebi que Lissa estava certa. Jesse e Ralf eram as ferramentas; Mia tinha sido a mandante.

“Nada pra ser feito agora,” eu suspirei.

“Rose – “

“Esqueça, Lissa. Está feito, ok?”

Ela me estudou quieta por alguns segundos. “Eu não vejo você chorar já faz um longo tempo.”

“Eu não estava chorando.”

Um sentimento de angústia e simpatia atingiu nossa ligação.

“Ela não pode fazer isso com você,” ela argumentou.

Eu ri amargamente, meio surpresa com minha própria desesperança. “Ela já fez. Ela disse que ia se vingar de mim, que eu não seria capaz de proteger você. Ela o fez. Quando eu voltar pras aulas...” Um sensação de angústia se ajustou no meu estomago. Eu pensei nos amigos e no respeito que eu tinha conseguido, apesar de manter uma descrição. Isso iria sumir. Você não podia se recuperar de algo assim. Não entre os Moroi. Uma vez uma meretriz de sangue, sempre uma meretriz de sangue. O que era pior era que alguma secreta parte negra de mim, gostava de ser mordida.

“Você não deveria ter que ficar me protegendo,” ela disse.

Eu ri. “Esse é o meu trabalho. Eu vou ser sua guardiã.”

“Eu sei, mas eu quis dizer desse jeito. Você não deveria sofrer por minha causa. Você não deveria ter que sempre cuidar de mim. E ainda sim você sempre cuida. Você me tirou daqui. Você cuidou de tudo quando estamos por conta própria. Mesmo depois que nós voltamos... você sempre foi aquela que faz todo o serviço. Toda vez que eu perco controle – como ontem a noite – você está sempre lá. Eu, eu sou fraca. Eu não sou como você.”

Eu balancei minha cabeça. “Isso não importa. É o que eu faço. Eu não ligo.”

“É mas veja o que aconteceu. Sou eu quem ela tem algo contra – em pensar que eu ainda não sei porque. Tanto faz. Eu vou parar isso. Eu vou proteger você de agora em diante.”

Havia uma determinação na expressão dela, uma maravilhosa confiança saindo dela que me lembrou de como Lissa era antes do acidente. Ao mesmo tempo, eu podia sentir algo mais nela – algo negro, um senso de uma profunda raiva. Eu tinha visto isso antes, e eu não gostei. Eu não queria ela participando disso. Eu só a queria segura.

“Lissa, você não pode me proteger.”

“Eu posso,” ela disse ferozmente. “Tem uma coisa que a Mia quer mais que você e eu. Ela quer ser aceita. Ela quer sair com todos da realeza e sentir que ela é uma delas. Eu posso tirar isso dela.” Ela sorriu. “Eu posso fazer com que eles se virem contra ela.”

“Como?”

“Contando pra eles.” Seus olhos acessos.

Minha mente estava se movendo muito devagar essa noite. Eu demorei um tempo pra entender. “Liss – não. Você não pode usar compulsão. Não por aqui.”

“Eu posso muito bem arranjar um uso pra esses poderes estúpidos.”

Quanto mais ela usa, pior vai ficar. Pare ela, Rose. Pare ela antes que eles notem, antes que eles notem e levem ela embora também. Tire ela daqui.

“Liss, se você for pega – “

Dimitri pos sua cabeça pra fora. “Você tem que entrar, Rose, antes que alguém encontre você.”

Eu dei um olhar em apavorado pra Lissa, mas ela já estava se afastando. “Eu vou cuidar de tudo dessa vez, Rose. Tudo.”

## TREZE

O resultado da mentira de Jesse e Ralf foi tão horrível quanto eu esperava. O único jeito que eu sobrevivei foi me fazendo de cega, ignorando tudo e todos. Me mantive sã – por pouco – mas eu odiava. Eu sentia vontade de chorar o tempo todo. Eu perdi meu apetite e eu não dormia bem.

E no entanto, não importa o quão ruim era pra mim, eu não me preocupei tanto comigo como eu me preocupava com Lissa. Ela manteve sua promessa de mudar as coisas. Foi devagar no início, eu via um da realeza ou outro vindo até ela no almoço ou nas aulas pra dizer olá. Ela dava um sorriso brilhante, rindo e falando com eles como se eles fossem seus melhores amigos.

No início, eu não entendi como ela estava fazendo isso. Ela me disse que ela usaria compulsão pra ganhar os outros da realeza e os virar contra Mia. Mas eu não via isso acontecer. Era possível, é claro, que ela estivesse ganhando as pessoas sem usar compulsão. Afinal de contas, ela era engraçada, esperta, e querida. Qualquer um poderia gostar dela. Mas alguma coisa me disse que ela não estava ganhando amigos do jeito antigo, e eu finalmente descobri.

Ela estava usando compulsão quando eu não estava por perto. Eu apenas a via por uma pequena parte do dia, e já que ela sabia que eu não iria aprovar, ela usava seus poderes apenas quando eu não estava por perto.

Depois de alguns dias usando essa compulsão secreta, eu sabia o que eu precisava fazer: eu tinha que voltar pra cabeça dela de novo. Por escolha. Eu já tinha feito antes; eu poderia fazer de novo.

Pelo menos, foi isso que eu disse a mim mesma, quando estava sentada e relaxando na aula do Stan. Mas não foi tão fácil quanto eu pensei que seria, parcialmente porque eu me sentia muito agitada para relaxar e me abrir para os pensamentos dela. Eu também tive problemas porque eu escolhi uma hora em que ela estava relativamente calma. A cabeça dela se abria melhor quando as emoções dela estavam fortes.

Ainda sim, eu tentei fazer o que eu tinha feito antes, quando eu espionei ela e o Christian. A coisa da meditação. Respirar devagar. Olhos fechados. Me concentrar desse jeito ainda não era fácil pra mim, mas finalmente eu consegui a transição, entrando na cabeça dela e experimentando o mundo dela. Ela estava na sua aula de literatura americana, durante a hora do trabalho, mas como a maioria dos estudantes, ela não estava trabalhando. Ela e Camille Conta estavam encostadas numa parede na parte mas distante da sala, falando em sussurros.

“É nojento,” disse Camille firmemente, uma expressão carrancuda cruzando seu rosto bonito. Ela estava usando uma saia azul feita de um tipo de veludo, pequena o suficiente para mostrar

as suas longas pernas e possivelmente erguer dúvidas sobre as regras de se vestir. “Se vocês estavam fazendo, eu não estou surpresa que ela tenha se viciado e feito com o Jesse.”

“Ela não fez com o Jesse,” insistiu Lissa. “E não é como se nós tivéssemos transado. Nós apenas não tínhamos alimentadores, só isso.” Lissa concentrou sua atenção em Camille e sorriu. “Não tem nada demais. Todo mundo está exagerando.”

Camille parecia como se ela duvidasse seriamente, e então, quanto mais ela olhava pra Lissa, mais desfocados seus olhos ficavam. Um vazio tomou conta dela.

“Certo?” perguntou Lissa, com a voz como seda. “Não é nada demais.”

A carranca retornou. Camille tentou afastar a compulsão. O fato de que ela sequer chegou tão longe era incrível. Como Christian tinha observado, usar num Moroi era inédito.

O sorriso uma vez forte de Camille, perdeu a batalha. “Sim,” ela disse devagar. “Realmente não tem nada demais.”

“E o Jesse está mentindo.”

Ela concordou. “Definitivamente mentindo.”

Um cansaço mental queimou dentro de Lissa enquanto ela usava a compulsão. Foi necessário muito esforço, e então ela tinha terminado.

“O que vocês vão fazer hoje a noite?”

“Carly e eu vamos estudar para o teste do Mattheson no quarto dela.”

“Me convide.”

Camille pensou sobre isso. “Hey, você quer estudar com a gente?”

“Claro,” disse Lissa, sorrindo pra ela. Camille sorriu de volta.

Lissa parou com a compulsão, e uma onda de tontura tomou conta dela. Ela se sentia fraca. Camille olhou em volta, momentaneamente surpresa, e então “sacudiu” a estranheza. “Vejo você depois do jantar então.”

“Vejo você lá,” murmurou Lissa, observando ela se afastar. Quando Camille tinha ido embora, Lissa tentou prender seu cabelo para cima em um rabo de cavalo. Seus dedos não alcançavam todos os fios, e de repente um outro par de mãos chegou para ajudá-la. Ela virou e se encontrou encarando os olhos azuis-gelo de Christian. Ela se afastou dele.

“Não faça isso!” ela exclamou, tremendo quando se deu conta que tinha sido os dedos dele que haviam tocado nela.

Ele deu a ela o seu preguiçoso e ligeiramente torcido sorriso e tirou alguns fios do cabelo preto dela de seu rosto. “Você está me pedindo ou me mandando?”

“Cala a boca.” Ela olhou em volta, para evitar o olhar dele e ter certeza que ninguém estava ouvindo.

“Qual o problema? Preocupada com o que os seus escravos vão pensar se virem você falando comigo?”

‘Eles são meus amigos,’ ela respondeu.

“Oh. Certo. É claro que eles são. Eu quero dizer, pelo que eu vi, Camille provavelmente faria qualquer coisa por você, certo? Amigas até o fim.” Ele cruzou seus braços, e apesar da raiva dela, ela não pode deixar de notar como o verde da sua camiseta combinava com o seu cabelo preto e olhos azuis.

“Pelo menos ela não é que nem você. Ela não finge ser minha amiga um dia e depois me ignora sem qualquer razão.”

Um olhar incerto cruzou seu rosto. Tensão e raiva tinham crescido entre eles na última semana, desde que eu gritei com Christian depois da recepção da realeza. Acreditando no que eu tinha dito a ele, Christian tinha parado de falar com ela e a tratava de forma rude toda vez que ela tentava iniciar uma conversa. Agora magoada e confusa, ela tinha desistido de ser boazinha. A situação está ficando cada vez pior.

Olhando através dos olhos de Lissa, eu podia ver que ele ainda se importava com ela e ainda a queria. O orgulho dele havia sido ferido, no entanto, e ele não iria mostrar fraquezas.

“É?” ele disse numa voz baixa e cruel. “Eu pensei que era o jeito em que a realeza deveria agir. Você certamente parece estar fazendo um bom trabalho. Ou talvez você está usando compulsão em mim pra me fazer pensar que você é uma vaca de duas caras. Talvez você não seja. Mas eu duvido disso.”

Lissa corou com a palavra compulsão – e lançou outro olhar preocupado olhando em volta – mas decidiu não dar a ele a satisfação de continuar a discussão. Ela simplesmente deu a ele um último olhar antes de voltar e ir se juntar ao grupo da realeza se voltando para uma tarefa. Voltando para mim mesma, eu encarei a sala de aula, processando o que eu vi. Alguma parte bem pequena de mim estava começando a sentir pena de Christian. Era apenas uma pequena parte, e no entanto, muito fácil de ignorar.

No início do outro dia, eu me dirigi ao encontro com Dimitri. Essas praticas eram minha parte favorita do dia agora, em parte por causa da minha queda estúpida por ele em parte porque eu não tinha que ficar perto de outras pessoas.

Ele e eu começamos a correr como sempre, e ele correu comigo, quieto e quase gentil em suas instruções, provavelmente preocupado em ser o motivo de que eu perdesse o controle. Ele sabia sobre os rumores de algum jeito, mas ele nunca os mencionava.

Quando nós terminamos, ele me levou pra praticar algum exercício ofensivo onde eu podia usar qualquer arma improvisada que eu pudesse encontrar para atacá-lo. Para minha surpresa, eu consegui dar alguns golpes nele, embora eles parecessem fazer mais danos em mim do que nele. Os impactos sempre me faziam ir pra trás, mas ele nunca se mexia. Ainda sim não me impediu de atacar e atacar, lutando com uma raiva quase cegante. Eu não sabia com quem eu realmente estava lutando nesse momento: Mia ou Jesse ou Ralf. Talvez todos eles.



Dimitri finalmente pediu um tempo. Ele carregou o equipamento que nós usamos pelo campo e levou tudo de volta para o quarto de suprimentos. Enquanto ele guardava, ele olhou pra mim.

‘Suas mãos.’ Ele xingou em russo. Eu podia reconhecer agora, mas ele se recusava a me dizer o que aquilo significava. “Onde estão as suas luvas?”

Eu olhei para as minhas mãos. Elas sofreram por semanas, e hoje só tinha feito elas ficarem pior. O frio tinha feito a pele descascar e rachar, e algumas partes estavam sangrando um pouco. As minhas bolhas cresceram. “Não tenho nenhuma. Nunca precisei delas em Portland.”

Ele xingou de novo e me conduziu a uma cadeira enquanto pegava um kit de primeiros socorros. Limpando o sangue com um pano molhado, ele me disse rudemente, “Vamos pegar alguma pra você.”

Eu olhei pra baixo para as minhas mãos destruídas enquanto ele trabalhava. “Isso é apenas o começo, não é?”

“Do que?”

“Eu. Me transformando em Alberta. Ela... e todas as outras guardiãs. Elas são todas acabadas.\* Lutando e treinando sempre ao ar livre – elas não são mais bonitas.” Eu pausei. “Isso... essa vida. Destruí elas. A aparência delas, eu quero dizer.”

\*Não é exatamente isso que ela diz, mas é nesse sentido.

Ele hesitou por um momento e olhou para as minhas mãos. Aqueles quentes olhos marrom me inspecionaram, e algo se apertou no meu peito. Droga. Eu tinha que parar de me sentir desse jeito perto dele. ‘Não vai acontecer com você. Você é muito...’ Ele procurou pela palavra certa, e eu mentalmente a substituí por todo tipo de possibilidade. Como uma deusa. Incrivelmente sexy. Desistindo, ele simplesmente disse, “Não vai acontecer com você.”

Ele voltou sua atenção de volta para a minha mão. Ele... ele pensava que eu era bonita? Eu nunca duvidava da reação que eu causava aos caras da minha idade, mas ele, eu não sabia. O aperto em meu peito aumentou.

“Aconteceu com a minha mãe. Ela costumava ser linda. Eu acho que ela ainda é, mais ou menos. Mas não do jeito que ela costumava ser.” Amarga, eu acrescentei, “Não a vejo faz um tempo. Ela poderia estar parecendo completamente diferente até onde eu sei.”

“Você não gosta da sua mãe,” ele observou.

“Você notou, é?”

“Você mal conhece ela.”

“Esse é o ponto. Ela me abandonou. Ela me deixou pra que eu fosse criada pela Academia.”

Quando ele terminou de limpar meus ferimentos, ele encontrou uma pomada e começou a esfregar nas partes ásperas da minha pele. Eu meio que me perdi no sentimento da mão dele massageando a minha.

“Você diz isso... mas o que mais ela poderia ter feito? Eu sei que você quer ser uma guardiã. Eu sei o quanto significa pra você. Você acha que ela sente algo diferente? Você acha que ela deveria ter desistido para criar você quando você passa metade da sua vida aqui de qualquer forma?”

Eu não gostava de ter argumentos racionais jogados contra mim. “Você está dizendo que eu sou uma hipócrita?”

“Estou apenas dizendo que talvez você não devesse ser tão dura com ela. Ela é uma dhampir muito respeitada. Ela deixou você no caminho para ser o mesmo.”

“Não mataria ela me visitar mais,” eu murmurei. “Mas talvez você tem razão. Um pouco. Poderia ser pior, eu acho. Eu poderia ter sido criada por uma meretriz de sangue.”

Dimitri olhou pra cima. “Eu fui criado numa comunidade de dhampir. Eles não são tão ruins quanto você pensa.”

“Oh.” Eu de repente me sentia estúpida. “Eu não queria-“

“Está tudo bem.” Ele voltou sua atenção de volta para as minhas mãos.

“Então, você, tipo, tem família lá? Cresceu com eles?”

Ele concordou. “Minha mãe e duas irmãs. Eu não as vi muito depois que eu fui para escola, mas nós ainda mantemos contato. As comunidades são de família, principalmente. Tem muito amor lá, não importa o as histórias que você pode ter ouvido.”

Minha amargura retornou, e eu olhei pra baixo para esconder meus olhos molhados. Dimitri tinha tido uma família feliz com a sua mãe desgraçada e familiares e eu tinha a minha “respeitada” mãe guardiã. Ele certamente conhecia a mãe dele melhor do que eu conhecia a minha.

“Sim, mas... não é estranho? Não tem muitos homens Moroi visitando também, você sabe?...”

As mãos dele esfregaram círculos nas minhas. “Às vezes.”

Havia algo perigoso no tom dele, algo me disse que aquele não era um tópico bem vindo. “Eu – Eu sinto muito. Eu não queria trazer a tona algo ruim...”

“Na verdade...você provavelmente não deve achar que é ruim,” ele disse depois quase um minuto. Um pequeno sorriso se formou nos lábios dele. “Você não conhece o seu pai, conhece?”

Eu balancei minha cabeça. “Não. Tudo o que eu sei é que ele deve ter um cabelo louco e legal.”

Dimitri olhou pra cima, e os olhos dele me analisaram. “Sim. Ele deve ter.” Voltando para as minhas mãos, ele disse cuidadosamente, “Eu conheci o meu.”

Eu congelei. “Verdade? A maioria dos caras Moroi não fica – eu quero dizer, alguns sim, mas você sabe, normalmente eles simplesmente –“

“Bom, ele gostava da minha mãe.” Ele não disse “gostava” de um jeito legal. “E ele a visitava muito. Ele é o pai das minhas irmãs também. Mas quando ele vinha... bom, ele não tratava minha mãe muito bem. Ele fazia algumas coisas bem horríveis.”

“Tipo...” eu hesitei. Era sobre a mãe do Dimitri que nós estávamos falando. Eu não sabia até onde eu podia ir. “Coisas de meretrizes de sangue?”

“Como meter a mão nela,” ele respondeu.

Ele terminou o curativo mas ele ainda estava segurando as minhas mãos. Eu nem sei se ele tinha notado. Eu certamente sim. As mãos dele eram grandes e quentes, com dedos longos e graciosos. Dedos que poderiam ter tocado um piano em outra vida.

“Oh meu Deus,” eu disse. Quão horrível. Eu apertei minhas mãos contra as dele. Ele apertou de volta. “Isso é horrível. E ela...ela simplesmente deixava acontecer?”

“Ela deixava.” O canto da sua boca virou em um sorriso triste. “Mas eu não.”

Excitação surgiu em mim. “Me diga, me diga que você quebrou a cara dele.”

O sorriso dele cresceu. “Quebrei.”

“Wow.” Eu não pensei que Dimitri poderia ser mais legal, mas eu estava errada. “Você bateu no seu pai. Eu quero dizer isso é horrível...o que aconteceu. Mas, wow. Você é realmente bom.”

Ele piscou. “O que?”

“Hum, nada.” Apressadamente eu tentei mudar de assunto. “Quantos anos você tinha?”

Ele ainda parecia estar pensando sobre o meu comentário. “Treze.”

Uou. Definitivamente bom. “Você quebrou a cara do seu pai quando tinha treze anos?”

“Não foi muito difícil. Eu era mais forte do que ele, quase tão alto quanto. Eu não podia deixar ele continuar fazendo aquilo. Ele tinha que aprender que ser da realeza e Morei não significa que você pode fazer o que quiser com as pessoas – até mesmo meretrizes de sangue.”

Eu o encarei. Eu não podia acreditar que ele tinha acabado de dizer aquilo sobre a mãe dele. “Eu sinto muito.”

“Está tudo bem.”

Os pedaços se juntaram pra mim. “Foi por isso que você ficou tão chateado sobre o Jesse, não é? Ele era outro da realeza, tentando tirar vantagem de uma garota dhampir.”

Dimitri evitou meus olhos. “Eu fiquei chateado sobre aquilo por várias razões. Afinal de contas, você estava quebrando as regras e...”

Ele não terminou, mas ele olhou de novo para os meus olhos de um jeito que fez o calor crescer entre nós.

Pensar em Jesse piorou meu humor infelizmente. Eu olhei pra baixo. “Eu sei que você ouviu o que as pessoas estão dizendo, que eu –“

“Eu sei que não é verdade,” ele interrompeu.

A sua resposta certa e imediata me surpreendeu, e eu estupidamente me encontrei questionando ele. “É, mas como você-“

“Porque eu conheço você,” ele respondeu firmemente. “Eu conheço o seu caráter. Eu sei que você vai ser uma guardiã incrível.”

A confiança dele fez o sentimento de calor retornar. “Eu fico feliz que alguém saiba. Todos os outros acham que eu sou uma irresponsável.”

“Com o jeito em que você se preocupa mais com a Lissa do que consigo...” Ele balançou sua cabeça. “Não. Você entende suas responsabilidades melhor que qualquer guardião duas vezes mais velho que você. Você vai fazer o que tiver que fazer pra ter sucesso.”

Eu pensei sobre isso. “Eu não sei se eu posso fazer tudo que eu preciso.”

Ele fez aquela coisa legal com a sua sobrancelha.

“Eu não quero cortar meu cabelo,” eu expliquei.

Ele parecia perplexo. “Você não tem que cortar o seu cabelo. Não é requerido.”

“Todas as outras guardiãs cortaram. Elas mostram suas tatuagens.”

Inesperadamente, ele soltou minhas mãos e se inclinou pra frente. Devagar, ele alcançou meu cabelo e o prendeu, torcendo-o em volta de um dedo de forma pensativa. Eu congelei, e por um momento, não havia nada acontecendo no mundo a não ser ele tocando o meu cabelo. Ele soltou meu cabelo, parecendo um pouco surpreso – e embaraçado – com o que ele tinha feito.

“Não corte,” ele disse rude.

De algum jeito, eu lembrei de falar novamente. “Mas ninguém vai ver minhas tatuagens se eu não cortar.”

Ele se moveu para perto da porta, um pequeno sorriso no seus lábios. “Use-o preso.”

## QUATORZE

Eu continuei espionando Lissa através dos dias seguintes, me sentindo meio culpada toda vez. Ela sempre odiava quando eu fazia isso por acidente, e agora eu fazia de propósito.

Firme, eu assiste quando ela se reintegrava com os poderosos da realeza um por um. Ela podia usar compulsão em grupo, mas pegar uma pessoa sozinha era tão efetivo quanto só mais devagar. E realmente, muitos não precisavam de compulsão para começar a andar com ela novamente. Muitos não eram tão superficiais quanto pareciam; eles lembravam de Lissa e

gostavam dela por quem ela era. Eles se juntavam a ela, e agora, um mês e meio desde que havíamos voltado pra academia, era como se ela nunca tivesse partido. E enquanto sua fama aumentava, ela falava ao meu favor e contra Mia e Jesse.

Numa manhã, eu entrei na mente dela enquanto ela estava se aprontando pro café da manhã. Ela passou os últimos 20 minutos secando e alisando o seu cabelo, algo que ela não fazia a algum tempo. Natalie, estava sentada na cama no quarto delas, olhando o processo com curiosidade. Quando Lissa começou a se maquiar, Natalie finalmente falou.

“Hey, nós vamos assistir um filme no quarto da Erin depois da aula. Você vai vir?” Nós sempre fizemos piadas sobre a Natalie ser sem graça, mas a amiga dela Erin tinha a personalidade de uma parede.

“Não posso. Eu vou ajudar Camille a pintar o cabelo de Carly.”

“Você com certeza tem passado muito tempo com elas agora.”

“É, eu acho.” Lissa passou o rimel em seus cílios, instantaneamente os fazendo ficar maior.

“Eu pensei que você não gostasse mais delas.”

“Eu mudei de idéia.”

“Elas com certeza parecem gostar muito de você agora. Eu quero dizer, não que alguém não vá gostar de você, mas desde que você voltou e não falou com elas, elas pareciam ok em ignorar você. Eu escutei elas falarem muito de você. Eu acho que isso não é surpresa, já que eles são amigos da Mia também, mas não estranho o quanto eles gostam de você agora? Tipo, eu escuto eles sempre esperando pra saber o que você vai fazer antes deles fazerem planos. E muitos deles estão defendendo Rose agora, o que é realmente louco. Não que eu acredite naquelas baboseiras sobre ela, mas eu nunca pensei que isso fosse possível – “

Por debaixo da divagação da Natalie estava a semente da suspeita, e a Lissa captou isso. Natalie provavelmente nunca pensaria em compulsão, mas Lissa não podia arriscar que perguntas inocentes se tornassem algo mais. “Quer saber?” ela interrompeu. “Talvez eu passe na Erin mais tarde. Eu aposto que o cabelo da Carly não vai levar tanto tempo.”

A oferta tirou Natalie da sua linha de pensamento. “Verdade? Oh wow, isso é incrível. Ela estava me dizendo como ela está triste por você não estar mais por perto como antes, e eu disse a ela...”

E assim continuou. Lissa continuou usando compulsão e retornou aos populares. Eu assisti quieta, sempre me preocupando, mesmo percebendo que os seus esforços diminuiriam os olhares e as fofocas sobre mim.

“Isso vai sair pela culatra,” eu sussurrei pra ela um dia. “Alguém vai começar a perceber e a fazer perguntas.”

“Pare de ser tão melodramática. O poder muda o tempo todo por aqui.”

“Não desse jeito.”

“Você acha que a minha personalidade não poderia fazer isso sozinha?”

“Claro que poderia, mas se o Christian percebeu imediatamente, então mais alguém vai –”

Minhas palavras foram interrompidas quando dois caras sentados num dos bancos da igreja de repente explodiram em risadas. Olhei pra cima, e vi eles olhando diretamente pra mim, sem nem ao menos se preocupar em esconder os sorrisos afetados.

Olhando pra longe, eu tentei ignorá-los, desejando de repente que o pastor começasse de uma vez. Mas Lissa olhou pra eles, e uma ferocidade surgiu de repente em seu rosto. Ela não disse uma palavra, mas os sorrisos deles diminuíram devido ao seu olhar fixo.

“Diga a ela que vocês sentem muito,” ela disse a eles. “E façam com que ela acredite.”

Um segundo depois, eles praticamente tropeçaram em si mesmo se desculpendo, e implorando por perdão. Eu não podia acreditar. Ela havia usado compulsão em publico – na igreja, entre todos os lugares. E em duas pessoas ao mesmo tempo.

Eles finalmente esgotaram suas suplicas de desculpas, mas Lissa não tinha terminado.

“Isso é o melhor que vocês podem fazer?” ela surtou.

O olhar deles escondido por medo, os dois com medo que eles tivessem irritado ela.

“Liss,” eu disse rapidamente, tocando o braço dela. “Está tudo bem, eu, uh, aceito as desculpas deles.”

O rosto dela ainda radiava desaprovação, mas ela finalmente acenou. Os caras caíram de alívio.

Eca. Eu nunca fiquei mais aliviada de ver uma missa começar. Através do nosso laço, eu senti uma certa satisfação negra vindo de Lissa. Não era natural para ela, e eu não gostei.

Precisando me distrair do seu comportamento problemático, eu observei outras pessoas tanto quanto eu costumava fazer. Ali perto, Christian observava Lissa abertamente, um olhar perturbado em seu rosto. Quando ele me viu, ele fez uma careta e se virou pra longe.

Dimitri estava sentado mais atrás como sempre, pela primeira vez não avaliando todos os cantos em busca de perigo. A sua atenção estava em ali dentro, sua expressão quase doida. Eu ainda não sei porque ele veio para a igreja. Ele sempre parecia estar lutando contra algo.

Na frente o padre estava falando sobre o Santo Vladimir de novo.

“O espírito dele era forte, e ele tinha um dom genuinamente vindo de Deus. Quando ele tocava eles, os aleijados andavam, e os cegos podiam ver. Onde ele andava, flores floresciam.”

Cara, os Moroi precisavam arranjar mais santos –

Curando aleijados e cegos?

Eu esqueci tudo sobre o Santo Vladimir. Mason tinha mencionado que Vladimir trazia as pessoas de volta a vida, e isso tinha me lembrado da Lissa naquele tempo. Então outras coisas me distraíram. E eu não pensei mais sobre o santo ou seu guardião “Shadow-Kissed”\* - ou sua ligação – em algum tempo. Como eu podia ter ignorado isso? Sra. Karp, eu percebi, não era a única Moroi que podia curar como Lissa. Vladimir podia também.

\*Pra não estragar a leitura com uma tradução idiota Shadow-Kissed vai permanecer igual ao original, sem ser traduzido.

“E todo o tempo, as massas se reúnem ao lado dele, amando ele, ansiosos pra seguir seus ensinamentos e ouvi-lo pregar a palavra de Deus...”

Me virando, eu encarei Lissa. Ela me olhei perplexa. “O que?”

Eu não tive a chance de elaborar –eu nem sei se eu poderia formar palavras – porque eu estava de volta a minha prisão quase tão logo a missa havia terminado.

De volta ao meu quarto, eu entrei online para pesquisar sobre o Santo. Vladimir mas acabou sendo inútil. Merda. Mason tinha lido todos os livros da biblioteca e havia dito que tinha pouco lá. O que me restava? Eu não tinha outro jeito de saber mais sobre aquele santo velho e empoeirado.

Ou eu tinha? O que Christian tinha dito no primeiro dia com Lissa?

Lá nós temos uma caixa velha cheia de antigos escritos do abençoado e louco Santo Vladimir.

O armazém sobre a capela. Tinha escritos. Christian os tinha apontado. Eu precisava olhar eles, mas como? Eu não podia pedir para o padre. Como ele iria reagir se ele soubesse que estudantes estavam indo até lá? Iria colocar um fim no esconderijo de Christian. Mas talvez, talvez o próprio Christian pudesse ajudar.

No entanto era domingo, e eu não o veria até amanhã a tarde. Mesmo assim, eu não sabia se teria a chance de falar com ele sozinha.

Enquanto me dirigia ao treino, eu parei na cozinha esperando pegar uma barra de cereais. Enquanto eu esperava, eu passei por alguns caras novatos, Miles e Anthony. Miles assoviou quanto ele me viu.

“Como tem estado, Rose? Você está se sentindo sozinha? Quer companhia?”

Anthony riu. “Eu não posso morder você, mas eu posso dar a você outra coisa que você quer.”

Eu tinha que passar pela porta onde eles estavam pra chegar lá fora. Eu consegui os empurrar pra passar, mas Miles me pegou pela cintura, sua mão escorrendo para a minha bunda.

“Tire as suas mãos da minha bunda antes que eu quebre a sua cara,” eu disse a ele, me afastando. Fazendo isso eu apenas dei um encontrão em Anthony.

“Vamos,” Anthony disse, “Eu pensei que você não tinha problemas em pegar dois caras ao mesmo tempo.”

Uma voz nova falou. “Se vocês não se afastarem agora, eu quebro vocês dois.” Mason. Meu herói.

“Você é tão cheio de si, Ashford,” disse Miles. Ele era o maior dos dois e me deixou pra se acertar com o Mason. Anthony se afastou de mim, mais interessado em saber se haveria ou não uma luta. Tinha tanta testosterona no ar, que eu senti como se eu precisasse de uma máscara de gás.

“Você está fazendo com ela também?” Miles perguntou a Mason. “Você não quer dividir?”

“Diga mais alguma palavra sobre ela, e eu vou arrancar sua cabeça.”

“Porque? Ela só é uma barata meretriz –“

Mason socou ele. Não arrancou a cabeça de Mason ou fez nada quebrar ou sangrar, mas pareceu doer. Seus olhos se alargaram em direção a Mason e ele riu. O som das portas abrindo no hall fez com que todos congelassem. Novatos entravam em muitos problemas por brigar.

“Provavelmente alguns guardiões vindo.” Mason disse. “Você quer que eles saibam que estava batendo em uma garota?”

Miles e Anthony trocaram olhares. “Vamos,” Anthony disse, “Vamos embora. Nós não temos tempo pra isso.”

Miles o seguiu relutante. “Eu vou encontrar você depois, Ashford.”

Quanto eles foram embora, em me virei pro Mason. “Bateu numa garota?”

“De nada,” ele disse secamente.

“Eu não precisava da sua ajuda.”

“Claro. Você estava ótima sozinha.”

“Eles me pegaram com a guarda baixa, só isso. Eu poderia lidar com eles eventualmente.”

“Olha, não desconte a sua raiva deles em mim.”

“Eu só não gosto de ser tratada como... uma garota.”

“Você é uma garota. E eu estava só tentando ajudar.”

“Bom... obrigado. Desculpe por descontar em você.”

Nós conversamos um pouco, e eu consegui fazer com que ele me contasse mais algumas fofocas da escola. Ele tinha notado o status crescente de Lissa mas não achou estranho. Enquanto eu falava com ele, eu notei o olhar de adoração dele enquanto ele estava ao meu redor no rosto dele. Me fez ficar triste o fato de que eu não sentia o mesmo por ele. Me senti culpada, até.



O quão difícil seria, eu perguntava, sair com ele? Ele era legal, engraçado, e razoavelmente bonito. Nós nos dávamos bem. Porque eu fui pega por tantas confusões com outros caras quando eu tinha o cara perfeitamente doce que me queria? Porque eu não podia simplesmente retribuir os sentimentos dele?

A resposta veio até mim antes que eu terminasse de me fazer a pergunta. Eu não podia ser a namorada do Mason porque quando eu imaginava alguém me segurando e sussurrando coisas sujas no meu ouvido, ele tinha um sotaque russo.

Mason continuou a olhar maravilhado, sem saber o que se passava na minha mente. E vendo aquela adoração, eu de repente me dei conta de como eu poderia usá-la ao meu favor.

Me sentindo um pouco culpada, eu mudei o rumo da conversa a um estilo de flerte e observei os olhos de Mason brilharem mais.

Eu me inclinei pra perto dele na parede para que nossos braços se tocassem e dei a ele um sorriso preguiçoso. “Você sabe, eu ainda não aprovo o seu ato heróico, mas você os assustou. Isso quase valeu a pena.”

“Mas você não aprova?”

Eu toquei meus dedos no braço dele. “Não. Eu quero dizer, é sexy a principio mas não é pratico”

Ele riu. “Diabos que não é.” Ele pegou a minha mão e me deu um olhar de conhecimento. “As vezes você precisa ser salva. Eu acho que você gosta de ser salva as vezes mas simplesmente não admite.”

“E eu acho que você se excita em salvar as pessoas e não admite.”

“Eu não acho que você saiba o que me excita. Salvar donzelas como você é só uma coisa honrada de se fazer.” Ele declarou.

Eu reprimi a vontade de bater nele pelo uso da ‘donzela’. ‘Então prove. Me faça um favor só porque é o certo a se fazer.’

“Claro,” ele disse imediatamente. “Manda.”

“Eu preciso que você mande uma mensagem pra Christian Ozera.”

Sua vontade vacilou. “O que diabos -? Você não está falando sério.”

“Sim. Completamente.”

‘Rose... eu não posso falar com ele. Você sabe disso.’

“Eu pensei que você tinha dito que ia ajudar. Eu achei que você disse que ajudar “donzelas” era uma coisa honrada a se fazer.’

“Eu não vejo nenhuma honra envolvida aqui.” Eu dei a ele o olhar mais suplico que eu consegui. Ele caiu. “O que você quer que eu diga a ele?”

“Diga a ele que eu preciso dos livros do Santo Vladimir. Os que estão no depósito. Ele precisa me dar eles logo. Diga a ele que é por Lissa. E diga a ele... diga a ele que eu menti pra ele aquela noite na recepção.” Eu hesitei. “Diga a ele que eu sinto muito.”

“Isso não faz sentido.”

“Tem sim. Só faça isso. Por favor?” Eu dei meu sorriso lindo de novo.

Com garantias de que ele veria o que ele podia fazer, ele partiu para o almoço e eu fui para prática.

QUINZE

Mason entregou.

Ele me achou no outro dia antes da aula. Ele estava carregando uma caixa de livros.

“Eu peguei eles,” ele disse. “Pegue eles antes que você tenha problemas por ser vista falando comigo.”

Ele me entregou os livros, e eu resmunguei. Eles eram pesado. “Christian te deu todos esses?”

“Sim. Eu consegui falar com ele sem ninguém notar. Ele tem uma certa atitude, você notou isso?”

“Sim, eu notei.” Eu compensei Mason com um sorriso que ele gostou. “Valeu. Isso significa muito.”

Eu levei os livros até o meu quarto, consciente do qual estranho era que uma pessoa que odeia estudar tanto quanto eu prestes a ficar enterrada em livros empoeirados do século XIV. Quando eu abri o primeiro livro, eu vi esses deveriam ser Xerox do Xerox do Xerox, provavelmente porque algo assim tão velho provavelmente já teria se virando pó.

Xeretando pelos livros, eu descobri que eles caíam em 3 categorias: Livros escritos por pessoas depois que o Santo Vladimir tinha morrido, livros escritos por outras pessoas enquanto ele estava vivo, e um diário que foi escrito por ele. O que o Mason tinha dito sobre fontes primárias e secundárias? Esses eram os grupos de que eu queria.

Seja quem for que tinha reimprimido tinham reformulado os livros bastante para que eu não tivesse de ler eles em um inglês antigo ou algo assim. Ou talvez, Russo, eu suponha. O Santa Vladimir tinha vivido no antigo país.

Hoje eu curei a mãe de Sava que já faz tempo estava sofrendo de dores no estômago. Sua doença agora se foi, mas Deus não me permitiu fazer isso de forma fácil. Eu estou fraco e tonto, e a loucura está tentando entrar em minha mente. Eu agradeço a Deus todos os dias pela Shadow-Kissed Anna, pois sem ela, eu certamente não seria capaz de agüentar.

Anna de novo. E “Shadow-Kissed.” Ele falava muito sobre ela, entre outras coisas. Na maior parte do tempo ele escrevia longos sermões, como se ele estivesse na Igreja. Super chato. Mas

em outras partes, o livro se lia como um diário comum, recapitulando o que ele tinha feito naquele dia. E se fosse só um monte de merda, então ele curava o tempo todo. Pessoas doentes. Pessoas feridas. Até mesmo plantas. Ele trouxe colheitas de volta a vida quando as pessoas estavam famintas. As vezes ele fazia as flores florescerem só por fazer.

Lendo, eu descobri que era uma boa coisa que o velho Vlad tinha Anna por perto, porque ele era bem perturbado. Quanto mais ele usava o poder dele, mais eles o atingiam. Ele ficava irracionalmente irritado e triste. Ele culpava os demônios e coisas estúpidas do tipo, mas era obvio que ele sofria de algum tipo de depressão. Uma vez ele admitiu em seu diário, que ele havia tentado se matar. Anna o havia impedido.

Mais tarde, passando por um livro que um cara que conhecia Vladimir escreveu, eu li:

E muitas coisas são milagrosas também, o poder de abençoar que Vladimir mostra aos outros. Moroi e dhampirs se aproximam dele e ouvem suas palavras, felizes só de estar perto dele. Alguns dizem que é loucura o que toca nele e não o espírito, mas a maioria o adora e fariam qualquer coisa que ele pedisse. De certa forma Deus o marcou como seu favorito, e se tais momentos são permitidos por alucinações e desespero, é um pequeno sacrificio pela quantidade de coisas boas e espírito de liderança que ele mostra para as pessoas.

Soava muito com o que o padre tinha dito, eu senti algo mais que uma simples “boa personalidade” as pessoas o adoravam, fariam qualquer coisa que ele quisesse. Sim, Vladimir tinha usado compulsão em seus seguidores, isso era certo. Muitos Moroi faziam isso naquele tempo, antes de ser banido, mas eles não faziam em Moroi ou dhampir. Eles não podiam. Apenas Lissa podia.

Eu fechei o livro e me reclinei contra a cama. Vladimir cuidava das plantas e animais. Ele podia usar compulsão em grande escala. E até onde eu pude notar, usar esses poderes tinham feito ele enlouquecer e ficar deprimido.

Acrescentando a tudo, e fazendo tudo ficar muito mais estranho, e que todos ficavam descrevendo sua guardiã como uma “Shadow-Kissed.” A expressão estava me incomodando desde a primeira vez que eu a ouvi...

“Você é uma Shadow-Kissed! Você tem que cuidar dela!”

Sra. Karp tinha gritado essas palavras pra mim, as mãos delas agarrando minha camiseta e me trazendo pra perto dela. Tinha acontecido numa noite dois anos atrás quando eu entrei na parte superior da escola para devolver um livro. Já tinha quase passado o horário de se recolher, e os corredores estavam vazios.

Eu tinha ouvido uma forte comoção e, em seguida, a Sra. Karp tinha aparecido lagrimejando virando a esquina, parecendo frenética e abatida.

Ela me empurrou contra a parede, ainda me pressionando. “Você entende?”

Eu sabia o suficiente de defesa pessoal para empurrá-la para longe se eu quisesse, mas o choque me congelou.

“Não.”

“Eles estão vindo por mim. Eles virão por ela.”

“Quem?”

“Lissa. Você tem que protege-la. Quanto mais ela usa, pior ela vai ficar. Pare ela, Rose. Pare ela antes que eles notem, antes que eles notem e a levem embora também. Tire ela daqui.”

“Eu... o que você quer dizer? Tirar ela... você quer dizer da Academia?”

“Sim! Você tem que partir. Vocês estão ligadas. Cabe a você. Tire ela desse lugar.”

As palavras dela eram loucas. Ninguém saía da Academia. Mas enquanto ela me segurava lá e me encarava, eu comecei a me sentir estranha. Um sentimento confuso escureceu minha mente. O que ela disse de repente pareceu bem razoável, como a coisa mais razoável do mundo. Sim. Eu precisava levar Lissa embora, levar ela –

Pés fizeram barulho no corredor, e um grupo de guardiões viraram o corredor. Eu não os reconheci; eles não eram da escola. Eles nos separaram, segurando firme ela. Alguém perguntou se eu estava bem, eu só podia continuar olhando para a Sra. Karp.

“Não deixe ela usar os poderes!” ela gritou. “Salve ela. Salve ela dela mesma!”

Os guardiões mais tarde explicaram para mim que ela não estava bem e havia sido levada para um lugar onde ela pudesse se recuperar. Ela estaria segura e receberia cuidados, eles me asseguraram. Ela iria se recuperar.

Mas ela não se recuperou.

De volta ao presente, eu encarei os livros e tentei montar tudo junto. Lissa. Sra. Karp. Santo Vladimir.

O que eu deveria fazer?

Alguém bateu na minha porta, e me arrancou das minhas memórias. Ninguém havia me visitado, nem mesmo os empregados desde a minha suspensão. Quando eu abri a porta, eu vi o Mason no corredor.

“Duas vezes em um dia?” Eu perguntei. “Como é que você chegou aqui?”

Ele deu um sorriso. “Alguem pos um forforo acesso na lata de lixo do banheiro. Uma pena. Os empregados estão meio ocupados. Vem eu estou soltando você.”

Eu balancei minha cabeça. Ele colocar fogo era aparentemente um sinal de afeição. Christian havia feito e agora Mason. “Desculpe, sem salvamentos hoje a noite. Se eu for pega-”

“Ordens da Lissa.”

Eu calei a boca e deixei ele me tirar do prédio. Ele me levou até o dormitório Moroi e milagrosamente fez com que eu entrasse sem no quarto dela sem que ninguém notasse. Eu me perguntei se tinha um banheiro pegando fogo no dormitório deles também.

Dentro do quarto dela, eu encontrei uma festa acontecendo. Lissa, Camille, Carly, Aaron e alguns outros da realeza estavam sentados rindo, ouvindo música alta, e passando entre si garrafas de whiskey. Nada de Mia ou Jesse. Natalie, eu notei algum tempo depois, sentada longe do grupo, claramente sem saber como agir perto deles. Seu desconforto era totalmente óbvio.

Lissa tropeçou nos seus pés, os sentimentos confusos através da nossa ligação indicavam que ela estava bebendo fazia algum tempo. “Rose!” Ela se virou para Mason com um sorriso deslumbrante. “Você a trouxe.”

Ele fez uma reverência. “Estou às suas ordens.”

Eu esperava que ele tivesse feito aquilo pela emoção e não por causa da compulsão. Lissa colocou um braço ao redor da minha cintura e me puxou para perto dos outros. “Se junte às nossas festividades.”

“O que nós estamos celebrando?”

“Eu não sei. Você ter fugido hoje à noite?”

Alguns dos outros nos arranjaram copos de plástico, aplaudindo e me brindando. Xander Babica serviu mais dois copos, entregando eles para Mason e eu. Eu tomei o meu com um sorriso, enquanto sentimentos de apreensão surgiam com a virada de eventos dessa noite. A pouco tempo atrás eu teria dado boas vindas a uma festa como essa e teria virado meu drink em 30 segundos. Mas muita coisa estava me incomodando dessa vez. Como o fato de que a realeza estava tratando Lissa como uma deusa. Como se ninguém parecesse se lembrar que eles haviam me acusado de ser uma meretriz de sangue.

Ou como Lissa estava completamente infeliz apesar dos sorrisos e risadas.

“Onde você conseguiu o whiskey?” Eu perguntei.

“Sr. Nagy,” Aaron disse. Ele estava sentado bem perto de Lissa.

Todo mundo sabia que o Sr. Nagy bebia o tempo todo depois da aula e que ele mantinha um estoque no campus. Ele usava novos lugares para escondê-los toda hora- e os estudantes continuavam a encontrá-los.

Lissa se encostou nos ombros de Aaron. “Aaron me ajudou a entrar no quarto dele e a pegar elas. Ele as tinha escondido no fundo do closet.”

Os outros riram, e Aaron olhou pra ela com completa adoração. Me divertindo, eu me dei conta que ela não tinha que usar compulsão nele. Ele era simplesmente louco por ela. Ele sempre tinha sido.

“Porque você não está bebendo?” Mason me perguntou um tempo depois, falando baixo em meu ouvido.

Eu olhei para o meu copo, meio surpresa por vê-lo cheio. “Eu não sei. Eu acho que talvez os guardiões não deveriam beber perto dos seus protegidos.”

“Ela não é sua protegida ainda! Você não está em serviço. Você não vai estar em serviço por um longo tempo. Desde quando você é tão responsável?”

Eu não achava de verdade que eu fosse tão responsável. Mas eu estava pensando no que o Dimitri tinha dito sobre balancear diversão e obrigação. Parecia errada me deixar relaxar enquanto Lissa estava num estado tão vulnerável ultimamente. Passando pelo lugar apertado entre ela e Mason, eu fui sentar perto de Natalie.

“Hey Nat, você está quieta hoje a noite.”

Ela segurava um copo tão cheio quanto o meu. “Você também.”  
Eu ri suave. “Eu acho que sim.”

Ela inclinou sua cabeça assistindo Mason e a realeza como se eles estivessem em um tipo de experimento científico. Eles beberam muito mais whiskey desde que eu havia chegado, e a bobeira tinha aumentado consideravelmente. “Estranho, huh? Você costumava ser o centro das atenções. Agora ela é.”

Eu pisquei surpresa. Eu não tinha pensado assim. “Eu acho que sim.”

“Hey, Rose,” disse Xander, quase derrubando o seu drink quando ele andava para perto de mim. “Como que era?”

“Como que era o que?”

“Deixar alguém se alimentar de você?”

Os outros ficaram quietos, uma antecipação se apoderando deles.

“Ela não fez isso,” disse Lissa com uma voz de aviso. “Eu disse a você.”

“Sim, sim, eu sei que nada aconteceu com o Jesse e o Ralf. Mas vocês duas fizeram, certo? Enquanto estavam fora?”

“Deixa pra lá,” disse Lissa. Compulsão funcionava melhor com contato visual direto, e a atenção dele estava em mim, não nela.

“Eu quero dizer, é legal e tudo mais. Vocês fizeram o que precisavam, certo? Não é como você fosse uma alimentadora. Eu só quero saber como era. Danielle Szelsky me deixou morde-la uma vez. Ela disse que não parecia como nada.”

Houve um “eca” coletivo entre as garotas. Sexo e sangue com dhampirs era sujo; entre Moroi, era canibalismo.

“Você é um mentiroso,” disse Camille.

“Não, eu to falando sério. Foi só uma mordida pequena. Ela não ficou alta como os alimentadores. Você ficou?” Ele colocou seu braço livre em volta do meu ombro. “Você gostou?”

O rosto de Lissa ficou duro e pálido. O álcool emudeceu a força total dos sentimentos dela, mas eu podia ler o suficiente pra saber como ela se sentia. Pensamentos negros e assustadores passaram por mim – juntamente com raiva. Ela normalmente tinha um bom controle do seu temperamento – diferente de mim – mas eu já tinha visto isso acontecer antes. Antes tinha acontecido numa festa bem parecida com essa, apenas algumas semanas depois que a Sra. Karp tinha sido levada embora.

Greg Daskov – um primo distante de Natalie – tinha feito a festa em seu quarto. Os parentes dele aparentemente conheciam alguém que conheciam alguém, porque ele tinha um dos maiores quartos do dormitório. Ele tinha sido amigo do irmão de Lissa antes do acidente e tinha ficado mais que feliz em levar a irmãzinha do Andre no seu círculo social. Greg também tinha ficado feliz em me levar junto, e nós dois estávamos um em cima do outro aquela noite. Para uma estudante novata como eu, estar com um Moroi da realeza sênior era algo imenso. Eu bebi muito aquela noite, mas ainda consegui manter minha atenção em Lissa. Ela sempre mantinha uma certa ansiedade quando estava perto de tantas pessoas, mas ninguém tinha notado, porque ela era capaz de interagir com eles tão bem. O fato de estar bêbada manteve vários sentimentos longe de mim, mas enquanto ela parecesse bem, eu não me importava.

Greg, que beijava mais ou menos de repente parou e se afastou olhando pra algo por cima do meu ombro. Nós dois estávamos sentados na mesma cadeira, comigo no colo dele, e eu virei meu pescoço para ver. “O que foi?”

Ele balançou sua cabeça com uma certa exasperação divertida. “Wade trouxe um alimentador.”

Eu segui seu olhar para onde Wade Voda mantinha seus braços ao redor de uma garota frágil da minha idade. Ela era humana e bonita, com cabelos loiros ondulados e uma pele de porcelana pálida devido a perda de sangue. Alguns outros caras tinham se apoiado nela e ficado com Wade, rindo e tocando seu rosto e cabelo.

“Ela já alimentou muito hoje,” eu disse, observando seu olhar colorido e cheio de confusão.

Greg deslizou suas mãos no meu pescoço e me virou de volta a ele. “Rose.”

Eu olhei pro rosto de Lissa. Sua expressão ansiosa surpreendeu porque eu não podia sentir as emoções. Muita cerveja pra mim. Eu sai do colo de Greg.

“Onde você está indo?” ele perguntou.

“Já volto.” Eu puxei Lissa para o lado, de repente desejando estar sóbria. “Qual o problema?”

‘Eles.’

Ela acenou para onde os caras estavam com a alimentadora. Ela ainda tinha um grupo ao redor dela, e quando ela se virou pra olhar pra um deles eu vi pequenas marcas vermelhas espalhadas pelo pescoço dela. Eles estavam meio que se alimentando em grupo, se revezando para morder ela e fazendo sugestões nojentas. Alta e sem noção, ela deixava.

“Ela é uma alimentadora. Ninguém vai pará-los.”

Lissa olhou pra mim com olhos imploradores. Magoa, ultraje e raiva enchendo seus olhos.  
“Você vai?”

Eu sempre tinha sido a agressiva, cuidando dela desde que ela era pequena. Ver ela agora, tão chateada e esperando que eu concertasse as coisas, era mais do que eu podia agüentar. Dando a ela um aceno, eu fui em direção ao grupo.

“Você está tão desesperado para pegar alguma garota que você tem que drogá-las agora, Wade?” Eu perguntei.

Ele olhou pra cima de onde ele estava passando seus lábios pelo pescoço da humana.  
“Porque? Você terminou com o Greg e está procurando por mais?”

Eu pus minhas mãos nos meus quadris e esperei parecer feroz. A verdade é que eu estava começando a me sentir um pouco nauseada devido a toda aquela bebida. “Não existem drogas o suficiente no mundo para me fazer chegar perto de você,” eu disse a ele. Alguns dos amigos dele riram. “Mas talvez você possa ficar com o aquela lâmpada ali. Parece ser boa o bastante pra deixar você feliz. Você não precisa dela mais.” Mais alguns riram.

“Isso não é da sua conta,” ele disse. “Ela é só o almoço.” Se referir aos alimentadores como comida era a única coisa pior do que chamar dhampirs de meretrizes de sangue.

“Isso não é um quarto de alimentação. Ninguém quer ver isso.”

“É,” concordou uma garota sênior. “É nojento.” Alguns outros amigos dela concordaram.

Wade olhou pra todos, me encarando mais. “Ótimo. Nenhum de vocês tem que ver. Vem.” Ele agarrou o braço da alimentadora e a levou pra longe. Tropeçando, ela choramingava baixo.

“Foi o melhor que pude fazer,” eu disse a Lissa.

Ela me encarou chocada. “Ele só vai leva-la para o quarto dele. Ele vai fazer coisas ainda piores com ela.”

“Liss, eu também não gosto, mas não é como se eu pudesse sair perseguindo ele nem nada.” Eu esfreguei minha testa. “Eu poderia ir quebrar a cara dele ou algo assim, mas eu já estou sentindo que eu vou vomitar.”

O rosto dela ficou negro, e ela mordeu seu lábio. “Ele não pode fazer isso.”

“Desculpa.”

Eu voltei para a cadeira com Greg me sentindo um pouco mal sobre o que tinha acontecido. Eu não queria ver eles tirarem vantagem da alimentadora tanto quanto Lissa – me lembrava demais sobre o que os caras Moroí pensavam que podiam fazer com as garotas dhampir. Mas eu também não podia ganhar essa luta, não essa noite.

Greg tinha me mexido um pouco para ter uma visão melhor do meu pescoço, quando eu notei alguns minutos depois que Lissa tinha sumido. Praticamente caindo, eu subi no colo dele e olhei em volta. “Onde está Lissa?”

Ele me pegou. “Provavelmente no banheiro.”



Eu não consegui sentir nada através da nossa ligação. O álcool tinha a adormecido. Indo até o corredor, eu soltei um suspiro de alívio quando escapei da música e das vozes altas. Estava quieto lá fora, exceto por um som de batida a poucos quartos abaixo. A porta estava entreaberta, e eu a empurrei para dentro,

A alimentadora estava agachada no canto, apavorada. Lissa estava com os braços cruzados, seu rosto com raiva e terrível. Ela estava encarando Wade intensamente, e ele olhava de volta encantado. Ele também segurava um taco de baseball, e parecia que ele já o tinha usado, porque o quarto estava destruído: prateleiras, o som, o espelho...

“Quebre a janela também,” Lissa disse a ele. “Anda logo. Não importa.”

Hipnotizado, ele andou para perto de uma enorme e fina janela. Eu encarei, minha boca quase atingindo o chão, enquanto ele batia com o taco contra o vidro. Fez enormes cacos, que eram jogados por todos os lugares deixando entrar a luz da manhã que normalmente era bloqueada. Ele estremeceu com o brilho em seus olhos, mas ele não se mexeu.

“Lissa,” eu exclamei. “Pare com isso. Faça ele parar.”

“Ele deveria ter parado antes.”

Eu mal reconheci o olhar no rosto dela. Eu nunca a tinha visto tão chateada, e eu certamente nunca tinha visto ela fazer nada daquilo. Eu sabia o que era, óbvio. Eu soube de cara. Compulsão. Até onde eu sabia, ela estava a segundos de mandar ele bater com o taco em si mesmo.

“Por favor, Lissa. Não faça mais isso. Por favor.”

Através da confusão e da alta do álcool, eu senti um tremor em suas emoções. Elas eram fortes o suficiente pra quase me derrubar. Raiva. Impiedade. As sensações estavam vindo da doce e estabilizam Lissa. “Eu a conhecia desde o jardim de infância, mas naquele momento, eu mal a reconhecia.”

E eu estava com medo.

“Por favor, Lissa,” eu repeti. “Ele não vale a pena. Deixe ele ir.”

Ela não olhou pra mim. Seus olhos tempestuosos estavam focados inteiramente em Wade. Devagar e com cuidado, ele levantou o taco, fazendo com que ele se alinhasse com sua própria cabeça.

“Liss,” eu implorei. Oh meu Deus. Eu teria que atacar ela ou algo assim pra fazer ela parar. “Não faça isso.”

“Ele deveria ter parado,” Lissa disse. O taco se moveu rápido. Estava agora na posição exata para ganhar força e acertar o alvo. “Ele não deveria ter feito isso com ela. As pessoas não podem tratar outras pessoas desse jeito – até mesmo os alimentadores.”

“Mas você está assustando ela,” eu disse suave. “Olhe pra ela.”

Nada aconteceu a princípio, então Lissa voltou seu olhar para a alimentadora. A garota humana ainda estava no canto, os braços envolvendo ela mesma de forma protetora. Os seus olhos azuis estavam arregalados, luz refletia em seu suor, e lágrimas caíam no sobre seu rosto. Ela deu um soluço chocado e apavorado.

Lissa encarava impassiva. Dentro dela, eu podia sentir a batalha que ela estava travando para recobrar o controle. Alguma parte dela não queria ferir Wade, apesar da raiva cegante que a encheu. Seu rosto se enrugou e ela apertou seus olhos fechados. Sua mão direita alcançou seu pulso esquerdo e suas unhas se cravaram fundo em sua pele. Ela recuou com a dor, mas através da ligação, eu senti o choque da dor a distrair de Wade.

Ela parou com a compulsão, e ele largou o taco, de repente parecendo confuso. Eu respirei novamente. No corredor, o som de passos. Eu deixei a porta aberta, e quebrar a janela tinha chamado atenção. Alguns membros da equipe do dormitório entraram no quarto, ficando paralisados quando eles viram toda aquela destruição.

“O que aconteceu?”

Nos olhamos uns para os outros. Wade parecia completamente perdido. Ele encarava o quarto, o taco, e então pra Lissa e eu, “Eu não sei... eu não consigo...” Ele voltou toda a sua atenção pra mim com uma raiva crescente. “O que diabos – foi você! Você não deixou a coisa da alimentadora em paz.”

O membros que trabalhavam no dormitório me olharam questionando, e em alguns segundos, eu tomei uma decisão.

Você tem que protegê-la. Quanto mais ela usa, pior vai ser. Pare ela, Rose. Pare ela antes que eles notem, antes que eles notem e a levem embora também. Tire ela daqui.

Eu podia ver o rosto da Sra. Karp em minha mente, implorando de forma frenética. Eu dei a Wade um olhar arrogante, sabendo muito bem que ninguém iria questionar uma confissão ou suspeitar de Lissa.

“É, bom, se você a tivesse deixado ir,” eu disse a ele, “Eu não teria ter que fazer isso.”

Salve ela. Salve ela de si mesma.

Depois daquela noite, eu nunca mais bebi. Eu me recusei a baixar a guarda perto de Lissa. E dois dias depois, enquanto eu supostamente deveria estar suspensa por “destruição de propriedade,” eu peguei Lissa e a tirei da Academia.

De volta ao quarto de Lissa, quando os braços de Xander ao meu redor e o olhar raivosa e magoado dela, eu não sabia se ela faria algo drástico novamente. Mas a situação me lembrava demais daquela que aconteceu dois anos atrás, e eu sabia que eu tinha que pará-la.

“Só um pouco de sangue,” Xander estava dizendo. “Eu não vou tirar muito. Eu só quero ver qual o gosto de dhampir. Ninguém aqui se importa.”

“Xander,” rugiu Lissa, “deixe ela em paz.”

Eu sai dos braços dele e sorri, procurando por uma resposta divertido que não começaria uma briga. “Anda logo,” eu provoquei. “Eu tive que bater no ultimo cara que me pediu isso, e você é mais bonito que o Jesse. Seria um desperdício.”

“Bonito?” ele perguntou. “Eu sou incrivelmente sexy não bonito.”

Carly riu. “Não, você é bonito. “Todd me disse que você compra algum tipo de gel Frances para o cabelo.”

Xander, distraído assim como muitas pessoas bêbadas são, se virou para defender sua honra, me esquecendo. A tensão desaparecendo e ele levou a gozação sobre o seu cabelo bem.

Atraves do quarto, Lissa encontrou meus olhos com alivio. Ela sorriu e deu um breve aceno de agradecimento enquanto ela virava sua atenção para Aaron.

## DEZESSEIS

No outro dia, me atingiu em cheio o quanto as coisas tinham mudado desde que os rumores de Jesse e Ralf haviam começado. Para algumas pessoas, eu permaneci com uma fonte infinita de fofocas e risadas. Dos convertidos de Lissa, eu recebi amistosas e ocasionais defesas. No geral, eu percebi, nossos colegas me já davam pouco da atenção deles. Isso se tornou especialmente real quando algo novo os distraiu.

Lissa e Aaron.

Aparentemente, Mia tinha descoberto sobre a festa e tinha explodido quando ela soube que Aaron tinha estado lá sem ela. Ela reclamou com ele, e disse a ele que se ele quisesse ficar com ela ele não podia correr pra ficar com Lissa. Então Aaron havia decidido que ele não queria ficar com ela. Ele terminou com ela naquela manhã... e seguiu em frente.

Agora ele e Lissa não se largavam. Eles ficaram perto do hall na hora do almoço, com os braços segurando um ao outro, rindo e conversando. Minha ligação com Lissa mostrou apenas um pequeno interesse, apesar dos olhares que pareciam achar que ele era a coisa mais fascinante do planeta. A maior parte disso era pra se mostrar, sem ele saber. Ele parecia como se pudesse construir um santuário aos pés dela a qualquer momento.

E eu? Eu me sentia doente.

Meus sentimentos, no entanto, não eram nada comparados ao de Mia. No almoço, ela se sentou o mais longe possível de nós, com os olhos fixos pra frente, ignorando as consolações dos amigos que estavam perto dela. Ela tinha manchas cor de rosa, em sua pálidas e redondas bochechas, e os seus olhos estavam vermelhos. Ela não disse nada quando eu passei. Nenhuma piada. Nenhum olhar de gozação. Lissa a tinha destruído, assim como Mia tinha jurado fazer conosco.

A única pessoa mais miserável que Mia era Christian. Diferente dela, ele não tinha problemas em encarar o casal feliz enquanto demonstrava um olhar de ódio em seu rosto. Como de costume, ninguém nem mesmo notou.

Depois de assistir Lissa e Aaron ficarem pela décima vez, eu sai do almoço mais cedo e fui ver a Sra. Carmack, a professora que ensinava “Elementos Básicos.” Eu andava querendo falar com ela fazia um tempo.

“Rose, certo?” Ela parecia surpresa em me ver mas não irritada ou incomodando como metade dos professores parecia ultimamente.

‘Sim. Eu tenho uma pergunta sobre, hum, mágica.’

Ela levantou uma sobrancelha. Novatos não tinham aula de mágica. “Claro. O que você quer saber?”

“Eu estava ouvindo o padre falar sobre o Santo Vladimir no outro dia... Você sabe em que elemento ele era especializado? Vladimir, eu quero dizer. Não o padre.”

Ela amarrou a cara. “Estranho. Famoso como ele é, estou surpresa que isso nunca tenha vindo a tona. Eu não sou nenhum expert, mas em todas as histórias que eu ouvi, ele nunca fez nada que se conectasse com ninguém dos elementos. Ou é isso, ou ninguém nunca gravou nada.” “E quanto aos seus poderes de cura?” Eu fui adiante. “Tem um elemento que permite que você faça isso?”

“Não, não que eu saiba.” Seus lábios se abrindo num pequeno sorriso. “Pessoas de fé poderiam dizer que ele curava através dos poderes de Deus, não através de algum elemento mágico. Afinal de contas, uma coisa certa nas histórias era que ele era “cheio de espírito”.

“É possível que ele não tinha uma especialização em um elemento?”

O sorriso dela sumiu. “Rose, isso realmente é sobre o santo Vladimir? Ou é sobre a Lissa?”

“Não exatamente...” eu murmurei.

“Eu sei que é difícil pra ela- especialmente na frente dos outros colegas- mas ela tem que ser paciente,” ela explicou gentilmente. “Vai acontecer. Sempre acontece.”

“Mas as vezes não acontece.”

“Raramente. Mas eu não acho que ela vá ser um desses. Ela tem uma aptitude maior que o normal para os quatro elementos, mesmo que ela não tenha se especializado em um. Um deles vai se destacar a qualquer dia em breve.”

Isso me deu uma idéia. “É possível se especializar em mais de um elemento?”

Ela riu e balançou a cabeça. “Não. Muito poder. Ninguém poderia lidar com tanta mágica, não sem perder a cabeça.”

Ah. Ótimo.

“Ok. Obrigado.” Eu comecei a ir embora, e então pensei em mais uma coisa. “Hey, você se lembra da Sra. Karp? No que ela era especializa?”

Sra. Carmack deu um olhar desconfortável o mesmo que qualquer professor fazia quando alguém comentava sobre a Sra. Karp.

“Na verdade-“

“O que?”

“Eu quase esqueci. Eu acho que ela era um dos raros que nunca se especializou. Ela sempre mantinha um controle bem baixo dos quatro elementos.”

Eu passei o resto das aulas da tarde pensando sobre as palavras da Sra. Carmack, tentando encaixá-las na minha teoria Kissa-Karp-Vladimir. Eu também espionei Lissa. Tantas pessoas queriam falar com ela agora que ela mal notou o meu silêncio. Mas de vez enquanto eu a via olhar para mim sem sorrir, com um olhar cansado. Rir e fofocar o dia todo com pessoas que ela só meio gostava estava cansando-a.

“Missão cumprida,” eu disse a ela depois da aula. “Você pode parar com o Projeto Lavagem cerebral.”

Nós nos sentamos em bancos no jardim, e ela balançava suas pernas pra frente e pra trás. “O que você quer dizer?”

“Você conseguiu. Você fez as pessoas pararem de fazer minha vida horrível. Você destruiu Mia. Você roubou Aaron. Brinque com ele por mais algumas semanas, então largue ele e os outros da realza de mão. Você ficará mais feliz.”

“Você não acha que eu estou feliz agora?”

“Eu sei que você não está. Algumas das festas são divertidas, mas você odeia fingir ser amiga de pessoas que você não gosta – e você não gosta deles. Eu sei o quanto Xander irritou você aquela noite.”

“Ele é um idiota, mas eu posso lidar com isso. Se eu parar de andar com eles, tudo vai voltar a ser como era. Mia vai começar de novo. Desse jeito, ela não pode nos incomodar.”

“Não vale a pena se tudo o que você está fazendo está te incomodando.”

“Nada está me incomodando.” Ela soava um pouco defensiva.”

“É?” Eu perguntei vilmente. “Porque você ama tanto o Aaron? Porque você não consegue esperar em transar com ele de novo?”

Ela me encarou. “Eu mencionei que você pode ser uma enorme vaca as vezes?”

Eu ignorei. “Eu estou simplesmente dizendo que você já tem muita merda pra se preocupar. Você está se cansando com tanta compulsão que você está usando.”

“Rose!” Ela olhou ansiosa ao redor. “Fique quieta!”

“Mas é verdade. Usar todo esse tempo vai mexer com a sua cabeça. De verdade.”

“Você não acha que está exagerando?”

“E quanto a Sra. Karp?”

A expressão de Lissa ficou bem parada. “O que tem ela?”

“Você. Você é igual a ela.”

“Não, eu não sou!” Ultraje passou pelos seus olhos verdes.

“Ela tinha o poder de cura também.”

Me ouvindo falar sobre isso a chocou. Esse tópico sempre havia nos cansado, mas nós praticamente nunca falávamos sobre ele.

“Isso não significa nada.”

“Você não acha que significa? Você conhece mais alguém que consegue fazer isso? Ou que consegue usar compulsão em dhampirs e Moroi?”

“Ela nunca usou compulsão desse jeito,” ela argumentou.

“Ela usou. Ela tentou usar em mim na noite que nós partimos. Começou a funcionar, mas então eles a levaram embora antes que ela tivesse terminado.” Ou será que tinha funcionado? Afinal de contas, foi apenas um mês depois que eu e Lissa fugimos da Academia. Eu sempre pensei que tinha sido idéia minha, mas talvez a sugestão da Sra. Karp tenha sido a verdadeira responsável.

Lissa cruzou os braços. Seu rosto parecia desafiante, mas suas emoções estavam instáveis. “Ótimo. E daí? Então ela é uma aberração como eu. Isso não significa nada. Ela ficou louca porque... bom, porque esse era o jeito que ela era. Isso não tem nada a ver com absolutamente nada.”

“Mas não é só ela,” eu disse devagar. “Tem mais alguém como vocês, também. Alguém que eu descobri.” Eu hesitei. “Você sabe, o Santo Vladimir...”

E foi então que eu finalmente contei tudo. Eu disse a ela sobre como ela, a Sra. Karp, e o santo Vladimir podiam curar e usar super compulsão. Embora a tivesse feito se contorcer, eu contei a ela como eles ficavam facilmente chateados e como eles se machucavam.

“Ele tentou se matar,” eu disse, sem encontrar os seus olhos. “E eu costumava notar marcas na pele da Sra. Karp – como se ela tivesse arranhado seu próprio rosto. Ela tentava esconder com o seu cabelo, mas eu podia ver os antigos arranhões e então ela fazia novos.”

“Não significa nada,” insistiu Lissa. “É – é tudo coincidência.”

Ela soava como se ela quisesse acreditar nisso, e dentro dela, alguma parte dela realmente acreditava. Mas tinha outra parte dela, uma parte desesperada que queria a tanto tempo saber que ela não era uma aberração, que ela não estava sozinha. E mesmo que as notícias não fossem boas, ao menos ela sabia que tinham outros iguais a ela.

“É uma coincidência que nenhum deles parece ter se especializado em nada?”

Eu contei sobre a minha conversa com a Sra. Carmack e expliquei minha teoria sobre a especialização em quatro elementos. Eu também repeti o comentário da Sra. Carmack sobre como ele faria a pessoa enlouquecer.

Lissa esfregou seus olhos quando eu terminei, borrando um pouco da sua maquiagem. Ela me deu um sorriso fraco. “Eu não sei o que é mais maluco: o que você está me dizendo ou o fato de que você realmente leu algo pra descobrir tudo isso.”

Eu fiquei aliviada pelo fato de que ela tinha feito uma piada. “Hey, eu sei como ler também.”

“Eu sei que você sabe. Eu também sei que você levou um ano para ler o Código Da Vinci.” Ela riu.

“Aquilo não foi minha culpa! E não tente mudar de assunto.”

“Eu não estou.” Ela sorriu, então suspirou. “Eu só não sei o que pensar sobre isso.”

“Não tem nada o que pensar. Só não faça as coisas que te deixar triste. Lembra quando você estava no meio termo? Volte a isso. É muito mais fácil pra você.”

Ela balançou a cabeça. “Eu não posso fazer isso. Ainda não.”

“Porque não? Eu já disse pra você-” Eu parei, me perguntando porque eu não tinha entendido antes. “Não é só a Mia. Você está fazendo isso porque você sente que é a sua obrigação. Você ainda está tentando ser o Andre.”

“Meus pais iriam querer que eu-”

“Seus pais iriam querer que você fosse feliz.”

“Não é tão fácil, Rose. Eu não posso ignorar essas pessoas pra sempre. Eu também sou da realeza.”

“A maior parte deles são umas merda.”

“E muitos deles vão ajudar a reinar os Moroi. Andre sabia disso. Ele não era como os outros, mas ele fazia o que ele tinha que fazer porque ele sabia o quão importante era.”

Eu me encostei no banco. “Bom, talvez esse seja o problema. Você está decidindo quem é ‘importante’ baseado apenas na família, então nós acabamos com essas pessoas problemáticas tomando as decisões. É por isso que os números dos Moroi estão caindo e vacas como a Tatiana são rainhas. Talvez seja necessário um novo sistema de realeza.”

“Anda, Rose. Isso é do jeito que é; essa é a forma que tem sido por séculos. Nós temos que viver desse jeito.” Eu discordei. “Ok, e que tal isso?” ela continuou. “Você está preocupada sobre eu ficar igual a eles – como a Sra. Karp e o Santo Vladimir – certo? Bom, ela disse que eu não deveria usar meus poderes, que iria fazer as coisas ficarem piores se eu usasse. E seu eu simplesmente parasse? Compulsão, cura, tudo.”

Eu estreitei meus olhos. “Você poderia fazer isso?” A compulsão conveniente, era tudo o que eu queria que ela fizesse. A sua depressão tinha começado ao mesmo tempo que seus poderes emergiram, logo depois do acidente. Eu tinha que acreditar que eles estavam conectados, particularmente tendo em vista as evidências e os avisos da Sra. Karp.

‘Sim.’

Sua face estava completamente composta, sua expressão seria e firme. Com o seu cabelo pálido preso em uma trança francesa e um blazer por cima do seu vestido, ela parecia que podia tomar o lugar dos seus pais no conselho agora mesmo.

“Você tem que parar com tudo,’ eu a avisei. “Nada de cura, não importa o quão fofinho o animal seja. E nada mais de compulsão e deslumbrar a realeza.”

Ela concordou seria. “Eu posso fazer isso. Isso vai fazer você se sentir melhor?”

“Sim, mas eu ia me sentir ainda melhor se você parasse com a mágica e voltasse a andar com a Natalie.”

“Eu sei, eu sei. Mas eu não posso parar, ainda não.”

Eu não consegui fazer ela desistir daquele – ainda – mas saber que ela iria evitar usar seus poderes já era um alívio para mim.

“Tudo bem,” eu disse, pegando a minha mochila. Eu estava atrasada para o treino. De novo. “Você pode continuar brincando com o bando de pirralhos, desde que você mantenha as outras coisas sob controle.” Eu hesitei. “E você sabe, você já fez seu ponto com Aaron e Mia. Você não tem que o manter por perto pra continuar andando com os outros da realeza.”

“Porque eu sempre tenho a sensação que você não gosta mais dele?”

“Eu acho ele ok – o que é tudo que você acha dele. E eu não acho que você deve ficar quente e suada com alguém que você só acha ‘ok’”

Lissa escondeu seus olhos num falso espanto. “Isso é Rose Hathaway falando? Você foi reformada? Ou você tem alguém que gosta “mais que ok’?”

“Hey” eu disse desconfortável, “Eu só estou cuidando de você. Isso, e eu nunca notei o quão chato Aaron era antes.”

Ela brincou. “Você acha todo mundo chato.”

“O Christian não é.”

Escapou antes que eu pudesse impedir. Ela parou de sorrir. “Ele é um idiota. Ele simplesmente parou de falar comigo sem motivo nenhum um dia.” Ela cruzou os braços. “E você não odeia ele de qualquer forma?”

“Eu ainda posso odiar ele e achar ele interessante.”

Mas eu também estava começando a pensar que eu tinha cometido um erro com Christian. Ele era esquisito e negro e gostava de colocar as pessoas em chamar, é verdade. Mas por outro lado, ele era esperto e engraçado – de um jeito maluco – e de algum jeito ele acalmava Lissa.



Mas eu tinha estragado tudo. Eu deixei minha raiva e inveja tomar conta de mim e separei eles. Se eu tivesse deixado ele ir até o jardim aquela noite, talvez ela não tivesse se cortado. Talvez eles estivesse juntos agora, longe da política da escola.

O destino devia estar pensando a mesma coisa, porque 5 minutos depois que eu deixei Lissa, eu passei por Christian andando na quadra. Nossos olhos se encontraram por um momento antes da gente passar. Eu quase continuei andando. Quase. Respirando fundo, eu parei.

‘Espera... Christian.’ Eu o chamei. Droga, eu estava tão atrasada para o treinamento. Dimitri ia me matar.

Christian se virou para me encarar, as mãos no bolso do seu longo casaco preto, sua postura relaxada e sem se importar.

“Sim?”

“Obrigado pelos livros. “Ele não disse nada. “Aqueles que você deu para o Mason.”

“Oh, eu pensei que você tinha falado dos outros livros.”  
Sabichão. “Você não vai perguntar pra que eles eram?”

“Problema seu. Apenas imaginei que você estava entediada já que está suspensa.”

“Eu teria que estar muito entediada pra ler livros.”

Ele não riu da minha piada. “O que você quer, Rose? Eu tenho lugares pra ir.”

Eu sabia que ele estava mentindo, mas meu sarcasmo não parecia mais engraçado como era.  
“Eu quero que você, hum, saia com a Lissa de novo.”

“Você está falando sério?” Ele me estudou de perto, suspeita o enchendo. “Depois do que você disse pra mim?”

“Sim, bom... O Mason não te disse?...”

Os lábios de Christian zombaram. “Ele me disse algo.”

“E?”

“E eu não quero ouvir do Mason.” Sua zombarção aumentou e eu o encarei. “Você o mandou para se desculpar por você. Faça isso você mesma.”

“Você é um idiota.” Eu o informei.

“Sim. E você é uma mentirosa. Eu quero ver você comer o seu orgulho.”

“Eu tenho comido o meu orgulho a duas semanas,” eu rugi.

Dando nos ombros, ele se virou e começou a ir embora.

“Espere!” Eu chamei, colocando minha mão no ombro dele. Ele parou e me olhou. “Tá bem, tá bem. Eu menti sobre como ela se sentia. Ela nunca disse nada daquilo, ok? Ela gosta de você. Eu inventei aquilo, porque eu não gosto de você.”

“E ainda sim você quer que eu fale com ela.”

Quando as próximas palavras saíram da minha boca, eu mal pude acreditar. “Eu acho... que você pode... ser bom pra ela.”

Nós nos encaramos por alguns momentos. O seu sorriso afetado diminui um pouco. Não tinha muita coisa que o surpreendia. Isso surpreendeu.

“Eu sinto muito. Eu não ouvi você. Dá pra repetir?” Ele finalmente perguntou.

Eu quase soquei a cara dele. “Dá pra você parar? Eu quero que você saia com ela de novo.”

“Não.”

“Olha, eu disse pra você, eu menti-“

“Não é isso. É ela. Você acha que eu posso falar com ela agora. Ela é a princesa Lissa de novo.” Veneno derramou de suas palavras. “Eu não posso chegar perto dela, não quando ela está perto de tantos da realeza.”

“Você é da realeza também,” eu disse, mais pra mim mesma do que pra ele. Eu fico esquecendo que os Ozera também era uma das doze famílias reais.

“Não significa muita coisa numa família de Strigoi, né?”

“Mas você não é – espera. É por isso que ela se conecta com você. “Eu me dei conta.

“Porque eu vou me tornar um Strigoi?” Ele perguntou falsamente.

“Não...porque você também perdeu seus pais. Vocês dois os viram morrer.”

“Ela viu os dela morrer. Eu vi os meus serem assassinados.”

Eu recuei. “Eu sei. Eu sinto muito, deve ter sido... bom, eu não tenho idéia de como deve ter sido.”

Aqueles olhos azuis cristais ficaram desfocados. “Era como ver um exercito de invasores da morte na minha casa.”

“Você quer dizer...seus pais?”

Ele balançou a cabeça. “Os guardiões que vieram para matá-los. Eu quero dizer, meus pais eram assustadores, sim, mas eles ainda pareciam meus pais – um pouco mais pálidos, eu acho. Seus olhos estavam vermelhos. Mas eles andavam e falavam do mesmo jeito. Eu não sabia que tinha alguma coisa errada com eles, mas minha tia sabia. Ela estava tomando conta de mim quando eles vieram por mim.”

“Eles iam mudar você?” Eu esqueci minha missão original aqui, para saber mais sobre a história.

“Você era bem pequeno.”

“Eu acho que eles iam cuidar de mim até que eu fosse mais velho, e ainda me transformar. Minha tia Tasha não deixou eles me levarem. Eles tentaram ser razoáveis com ela, converter ela também, mas quando ela não os ouvir, eles tentaram pega-la a força. Ela lutou com eles – foi uma bagunça – e então os guardiões apareceram.” Seus olhos se voltaram pra mim. Ele sorriu, mas não tinha felicidade ali. “Como eu disse, um exercito da morte. Eu acho que você é louca, Rose, mas se você ficar igual ao resto deles, você vai ser capaz de fazer um serio dano algum dia. Mesmo eu não vou mexer com você.”

Eu me senti horrível. Ele tinha uma vida miserável, e eu tinha tirado dele uma das poucas coisas boas. “Christian, eu sinto muito por estragar as coisas entre você e Lissa. Foi idiota. Ela quer estar com você. Eu acho que ela ainda quer. Se você pudesse só –”

“Eu disse, eu não posso.”

“Eu estou preocupada com ela. Ela se meteu nessa coisa com a realza porque ela acha que vai se vingar da Mia – ela esta fazendo isso por mim.”

“E você não é agradecida?” O sarcasmo retornou.

“Estou preocupada. Ela não agüenta brincar com todos essas jogos políticos. Não é bom pra ela, mas ela não me escuta. Eu podia... eu podia usar uma ajuda.”

“Ela podia usar uma ajuda. Hey, não fique tão surpresa – eu sabia que tinha algo estranho acontecendo com ela. E eu não estou nem falando sobre o negocio dos pulsos dela.”

Eu dei um pulo. “Ela contou pra você?...” Porque não? Ela contou a ele todo o resto.

“Ela não precisou, ele disse. “Eu tenho olhos.” Eu devia parecer patética, porque ele suspirou e colocou a mão no cabelo. “Olha, se eu pegar a Lissa sozinha... eu vou tentar falar com ela. Mas honestamente... se você quer mesmo ajuda-la... bom, eu sei que eu deveria ser contra as regras, mas você pode conseguir a ajuda que precisa falando com alguem. Kirova. O seu cara guardião. Eu não sei. Alguem que saiba algo. Alguem que você confia.”

“Lissa não gostaria disso.” Eu considereei. “E nem eu.”

“Yeah, bom, todos temos que fazer coisas que não gostamos. É a vida.”

Eu me assombrei. “O que você é, um especial de depois da aula?”

Um sorriso fantasmagórico cruzou seu rosto. “Se você não fosse tão psicótica, você seria legal de andar junto.”

“Engraçado, eu sinto a mesma coisa em relação a você.”

Ele não disse mais nada, mas o seu sorriso aumentou, e ele se afastou.

DEZESSETE

Alguns dias depois, Lissa me encontrou longe do pessoal e me deu a melhor notícia do mundo.

“O tio Victor vai pegar a Natalie e a levar ela esse final de semana para o ir ao shopping em Missoula. Para o baile. Eles disseram que eu podia ir junto.”

Eu não disse nada. Ela parecia surpresa com o meu silêncio.

“Isso não é legal?”

“Pra você, eu acho. Não vejo nenhum shopping ou baile no meu futuro.”

Ela sorriu excitada. “Ele disse Natalie que ela podia levar duas pessoas além de mim. Eu a convenci em levar você e Camille.”

Eu ergui minhas mãos. “Bom, valeu, mas eu não posso nem ir na biblioteca depois da aula. Ninguém vai me deixar ir até Missoula.”

“O tio Victor acho que ele pode convencer a diretora Kirova em deixar você ir. Dimitri também está tentando.”

“Dimitri?”

“Eh. Ele tem que ir comigo se eu sair do campus.” Ela sorriu, pegando meu interesse em Dimitri tanto quanto no shopping. “Eles descobriram minhas finanças finalmente – eu tenho minha mesada de volta. Então nós podemos comprar outras coisas além do vestido. E você sabe, se eles deixarem você ir ao shopping, eles vão deixar você ir no baile.”

“Nós vamos a bailes agora?” Eu disse. Nós nunca tínhamos ido antes. Eventos patrocinados pela escola? De jeito nenhum.

“É claro que não. Mas você sabe que vai haver todo tipo de festa secreta. Nós vamos no início da baile e depois saímos de fininho.” Ela disse feliz. “Mia está com tanto ciúmes que ela mal consegue agüentar.”

Ela continuou falando sobre todas as lojas onde a gente iria, e todas as coisas que podíamos comprar. Eu admito, eu estava meio ansiosa sobre a perspectiva de comprar roupas novas, mas eu duvidava que eu pudesse pegar os novos lançamentos míticos.

“Oh ei,” ela disse excitada. “Você deveria ver os sapatos que a Camille me emprestou. Eu nunca soube que a gente usava o mesmo tamanho. Guenta aí.” Ela abriu sua mochila e começou a remexer.

De repente, La gritou e jogou pra longe. Livros e sapatos caíram. E também uma pomba morta.

Era uma das pombas marrom pálido que ficavam em fios na estrada e sob as árvores no campus. Tinha tanto sangue que eu pude imaginar qual eram os ferimentos. Quem ia saber que algo tão pequeno ia ter tanto sangue assim? Independentemente, o pássaro definitivamente estava morto.

Cobrindo sua boca, Lissa encarou sem palavras, com os olhos arregalados.

“Filho da mãe,” eu xinguei. Sem hesitar, eu peguei um graveto e tirei o corpo da pequena ave. Quando estava fora do caminho, eu comecei a colocar as coisas dela de volta na mochila, tentando não pensar em germes de aves mortas. “Porque diabos isso continua- Liss!”

Eu me abaixei e peguei ela, puxando-a para longe. Ela estava ajoelhada no chão, com suas mãos esticadas para o pombo. Eu não acho que ela nem se deu conta do que ela estava prestes a fazer. O instinto nela era tão forte, que agiu sozinho.

“Lissa,” eu disse, endurecendo minhas mãos ao redor dela. Ela ainda estava se inclinando em direção ao pássaro. “Não. Não faça isso.”

“Eu posso salva-lo.”

“Não, você não pode. Você prometeu, lembra? Algumas coisas tem que permanecer mortas. Deixa isso pra lá.” Ainda sentindo sua tenção, eu implorei. “Por favor, Liss. Você prometeu. Nada mais de curas. Você disse que não faria. Você me prometeu.”

Depois de mais alguns minutos, eu senti sua mão relaxar e o seu corpo tropeçar no meu. “Eu odeio isso, Rose. Eu odeio tudo isso.”

Natalie apareceu, inconsciente da vista horrível que a esperava.

“Hey, vocês – oh meu Deus!” Ela gritou, vendo o pombo. “O que é isso?”

Eu ajudei Lissa a se levantar. “Outra, hum, brincadeira.”

“Isso... tá morto?” Ela fez um careta de nojo.

“Sim”, eu disse com firmeza.

Natalie, absorvendo nossa tensão, olhou pra nós. “O que mais está errado?”

“Nada.” Eu entreguei pra Lissa sua mochila. “Isso é só uma estúpida e doente piada, e eu vou contar pra Kirova para que eles limpem isso.”

Natalie se virou, parecendo um pouco verde. “Porque as pessoas continuam fazendo isso com você? É horrível.”

Lissa e eu trocamos olhares.

“Eu não faço idéia,” eu disse. E no entanto enquanto eu andava para o escritório de Kirova, eu comecei a me perguntar.

Quando nós encontramos a raposa, Lissa tinha achado que alguém deveria saber sobre o corvo. Eu não tinha acreditado nisso. Nós estávamos sozinhas na floresta aquela noite, e a Sra. Karp não teria contado pra ninguém. Mas e sem alguém realmente tivesse visto? E se alguém ficava fazendo isso, não para assustar ela, mas fazer se ela podia fazer de novo? O que a nota que estava junto com o coelho dizia? Eu sei o que você é.

Eu não comentei nada disso com Lissa; Eu acho que só existe um certo numero das minhas teorias de conspiração que ela pode agüentar. Além do mais, quando eu a vi no outro dia, ela tinha praticamente esquecido sobre o pombo devido as outras noticias: Kirova tinha me dado

permissão para ir na viagem do fim de semana. A perspectiva de um shopping pode fazer com que muitas situações negras se iluminem – mesmo assassinato de animais – e eu pus minhas preocupações em espera.

Mas, quando veio a hora, eu descobri que eu fui liberada com algumas condições.

“A diretora Kirova acha que você tem se saído bem desde que voltou,” Dimitri me disse.

“Fora o fato de ter começado uma briga na aula do Sr. Nagy?”

“Ela não culpa você por isso. Não inteiramente. Eu a convenci de que você precisa de um tempo... e que você poderia usar isso como um exercício de treinamento.”

‘Exercício de treinamento?’

Ele me deu uma explicação breve enquanto nós andávamos para nos encontrar com os outros que iam conosco. Victor Dashkov, mais doente que nunca, estava lá com seus guardiões, e Natalie praticamente grudada a ele. Ele sorriu e deu a ela um cuidadoso abraço, que terminou quando uma tosse tomou conta. Os olhos da Natalie se alargaram de preocupação enquanto ela esperava a tosse passar.

Ele alegou que estava bem para nós acompanhar, e enquanto admirava sua determinação, eu pensei que ele estava passando por bastante coisa só sair as compras com um bando de garotas adolescentes.

Nós fizemos uma viagem de duas horas até Missoula numa van escolar grande, partindo logo depois do sol nascer. Muitos Moroi viviam separados dos humanos, mas muitos também viviam junto com eles, e para fazer compras no shopping, você tinha que ir no horário deles. A janela de trás da van tinha cobertura para filtrar a luz e manter o pior longe dos vampiros.

Nós tínhamos nove pessoas no grupo: Lissa, Victor, Natalie, Camille, Dimitri, eu e mais três outros guardiões. Dois dos guardiões, Bem e Spiridon, sempre viajavam com Victor. O terceiro era um guardião da escola: Stan, o idiota que tinha me humilhado no primeiro dia de volta.

“Camille e Natalie não tem guardiões pessoais ainda,” Dimitri me explicou. “Ambas estão sob proteção dos guardiões de sua família. Já que elas são estudantes da academia saindo do campus, um guardião da escola tem que acompanhá-las – Stan. Eu vou porque eu sou o guardião responsável por Lissa. A maioria das garotas da idade dela não teria um guardião responsável ainda, mas as circunstâncias a faz especial.”

Eu sentei no fundo da van com ele e Spiridon, para que eles pudessem me mandar mais da sabedoria dos guardiões como parte do “exercício de treinamento.” Bem e Stan sentaram na frente, enquanto os outros sentaram no meio. Lissa e Victor conversam entre si bastante, botando a fofoca em dia. Camille, criada para ser educada entre outros da realeza, sorria e concordava. Natalie, por outro lado, parecia deslocada e ficava tentando tirar a atenção do seu pai de Lissa. Não funcionou. Ele aparentemente tinha aprendido a se desligar da conversa dela.

Eu me virei de volta pra Dimitri. “Ela supostamente deveria ter dois guardiões. Príncipes e princesas sempre tem.”

Spiridon era da idade de Dimitri, com cabelos loiros pontudos e uma atitude mais casual. Apesar do seu nome grego, ele tinha um sotaque sulista. “Não se preocupe, ela terá vários

quando a hora chegar. Dimitri já é um deles. As chances são de que você será a outra. E é por isso que você está aqui hoje.”

“A parte do treinamento,” eu chutei.”

“Sim. Você será a parceira do Dimitri.”

Houve um momento de silêncio esquisito, provavelmente ninguém notaria a não ser eu e Dimitri. Nossos olhos se encontraram.

“Parceira guardiã,” Dimitri especificou sem necessidade, como se talvez ele também estivesse pensando em outro tipo de parceria.

“É,” concordou Spiridon.

Sem perceber a tensão envolta dele, ele continuou explicando como as duplas de guardiões funcionavam. Eram coisas padrão, tiradas direto dos meus livros, mas significa mais agora que estávamos fazendo no mundo real. Guardiões eram enviados ao Moroi baseados na importância. Dois era o mais comum, um provavelmente trabalharia com Lissa. Um guardião ficaria perto do alvo; o outro ficava atrás e ficava de olho nos arredores.

De forma maçante, aqueles que ficavam suas posições eram chamados de guardiões de perto e de longe.

“Você provavelmente sempre será a guardiã de perto,” Dimitri me disse. “Você é mulher e da mesma idade que a princesa. Você pode ficar perto dela sem chamar muita atenção.”

“E eu não posso nunca tirar meus olhos dela,” eu acenei. “Ou você.”

Spiridon riu de novo e levantou uma sobrancelha para Dimitri. “Você tem uma estudante brilhante aqui. Você deu a ela uma estaca?”

“Não. Ela não está pronta.”

“Eu estaria se alguém me mostrasse como usar uma,” eu discuti. Eu sabia que todo guardião na van tinha uma estaca e uma arma escondida.

“Tem mais do que simplesmente usar uma estaca,” disse Dimitri do seu jeito velho sábio. “Você ainda tem que estudá-las. E você tem que ser capaz de matá-los.”

“Porque eu não seria capaz?”

“A maioria dos Strigoí costumavam ser Moroi que se transformaram de propósito. As vezes eles são Moroi ou dhampirs que foram forçados a mudar. Não importa. Tem uma probabilidade bem alta de que você conheça algum deles. Você poderia matar alguém que você costumava conhecer?”

Essa viagem estava ficando cada vez menos divertida a cada minuto.

“Eu acho que sim. Eu teria que fazer isso, certo? Se for eles ou a Lissa...”

“Ainda sim você pode hesitar,” disse Dimitri. “E essa hesitação poderia matar você. E ela.”

“Então como você se certifica de que não vai hesitar?”

“Você tem que ficar repetindo a si mesmo que aquelas não são mais as pessoas que você costumava conhecer. Eles se transformaram em algo negro e distorcido. Algo que não é natural. Você tem que abandonar o que te ligava a eles e fazer o que é certo. Se eles tiverem qualquer vestígio deles mesmos, eles provavelmente ficaram agradecidos.”

“Agradecidos por eu mata-los?”

“Se alguém te transformasse numa Strigoi, o que você gostaria?” ele perguntou.

Eu não sabia como responder isso, então eu não disse nada. Sem nunca tirar seus olhos de mim, ele continuou pressionando.

“O que você iria querer se você soubesse que eles iriam te converter em um Strigoi contra a sua vontade?” Se você soubesse que iria perder todo o senso de moral e entendimento do que é certo e errado? Se você soubesse que iria viver o resto da sua vida – sua vida imortal – matando pessoas inocentes? O que você iria querer?”

A van tinha ficado desconfortavelmente silenciosa. Encarando Dimitri, exausta por todas aquelas perguntas, eu de repente entendi porque eu e ele tínhamos essa atração estranha, fora a beleza. Eu nunca tinha conhecido ninguém que levava tão serio ser um guardião, que entendi as consequências de vida ou morte. Certamente ninguém da minha idade; Mason não havia sido capaz de entender porque eu não podia relaxar e beber na festa. Dimitri tinha dito que eu entendia meu trabalho melhor que muitos guardiões mais velhos, e eu não entendi porque – especialmente quando eles teriam visto tantas mortes e perigo. – Mas eu soube naquele momento que ele tinha razão, que eu tinha um senso esquisito de como vida ou morte, bondade e maldade funcionavam entre si. E ele também. Nós podemos nos sentir sozinhos as vezes. Nós talvez tenhamos que colocar nossa diversão de lado. Nós talvez não sejamos capazes de viver nossas vidas do jeito que a gente quiser. Mas esse era o jeito que tinha que ser. Nós nos entendíamos, entendíamos que tínhamos outros pra proteger. Nossas vidas nunca seriam fáceis.

E tomar decisões dessas era apenas uma parte dela.

“Se eu me transformasse numa Strigoi... eu iria querer que alguém me matasse.”

“Eu também,” ele disse baixo. Eu pude perceber que ele teve os mesmos flash de entendimento, o mesmo senso de conexão entre nós.

“Me lembrou de Mikhail caçando Sonya,” murmurou Victor que estava pensativo.

“Quem eram Mikhail e Sonya?” Perguntou Lissa?

Victor parecia surpreso. “Bom, eu pensei que você sabia. Sonya Karp.”

“Sonya Kar... você quer dizer a Sra. Karp? O que temela?” Ela olhou pra mim e para o tio dela.

“Ela... se transformou numa Strigoi,” Eu disse, sem olhar para os olhos de Lissa. “Por escolha.”

Eu sabia que Lissa ia descobrir algum dia. Era a peça final da saga da Sra. Karp, um segredo que eu mantive pra mim mesma. Um segredo que me preocupava constantemente. O rosto de Lissa e o nosso laço registrou um enorme choque, crescendo intensamente enquanto ela se dava conta, que eu sabia e nunca tinha contado para ela.

“Mas eu não sei quem é Mikhail,” eu acrescentei.



“Mikhail Tanner,” disse Spiridon.

“Oh. O guardião Tanner. Ele estava lá antes de partimos.” Eu congelei. “Porque ele estava perseguindo a Sra. Karp?”

“Para matá-la,” disse Dimitri. “Eles eram amantes.”

O negocio todo do Strigoi mudou de foco diretamente pra mim. Se encontrar com um Strigoi durante a batalha era uma coisa. Caçar propositalmente alguém... alguém que eu havia amado. Eu não sabia se eu seria capaz de fazer isso, mesmo que fosse tecnicamente a coisa certa se fazer.

‘Talvez esteja na hora de falar sobre outra coisa,’ disse Victor gentilmente. “Hoje não é um dia de ficar arrastando tópicos deprimentes.”

Eu acho que todos nós ficamos aliviados ao chegar no shopping. Mudando para o papel de guarda-costas, eu fiquei ao lado de Lissa enquanto nós íamos de loja a loja, olhando pra todos os estilos que tinham ali. Era bom estar em publico de novo e fazer algo com ela que era só divertido e não envolvia nenhuma outra política distorcida da Academia. Era quase como nos velhos tempos. Eu sentia falta da gente só sair juntas. Eu sentia falta da minha melhor amiga.

Embora recém tinha passado metade de novembro, o shopping estava cheio de enfeites de natal e decorações. Eu decidi que eu tinha o melhor trabalho do mundo. Eu admito, eu me senti um pouco excluída quando eu me dei conta que eu não tinha um daqueles aparelhos de comunicação que os outros guardiões tinham. Quando eu protestei por não ter um, Dimitri havia me dito que eu aprenderia mais sem usar um. Que se eu pudesse dar conta de proteger Lissa do jeito antigo, eu podia lidar com qualquer coisa.

Victor e Spiridon ficaram conosco enquanto Dimitri e Ben se espalhavam, de alguma forma conseguindo não parecer uns perseguidores de garotas adolescentes esquisitos.

“Isso é tão você,” disse Lissa na loja Macy, me entregando uma camisa sem manga enfeitada com laços. ‘Eu foi comprar pra você.’”

Eu olhava aquilo ansiosa, já me imaginando naquilo. Então, fazendo com que meus olhos se encontrassem com o de Dimitri eu balancei a cabeça e voltei pra realidade. “O inverno está chegando. Eu vou ficar com frio.”

“Nunca impediu você antes.”

Dando nos ombros, ela colocou de volta. Ela e Camille experimentaram uma quantidade imensa de roupas, suas mesadas enormes permitindo que preço não fosse um problema. Lissa se ofereceu pra comprar qualquer coisa que eu quisesse. Nós tínhamos sido generosas com nós mesmas nossa vida toda, e eu não hesitei em aceitar a oferta. Minha escolha a surpreendeu.

“Você tem três camisas térmicas e um canguru.” Ela me informou, revirando uma montanha de jeans BCBG. “Você agindo como uma chata, comigo.”

“Hey, eu não vejo você comprando tops de vadias.”

“Não sou eu que os uso.”

“Muito obrigado.”

“Você sabe o que eu quero dizer. Você está até mesmo usando o seu cabelo preso.”

Era verdade. Eu tinha aceitado o conselho de Dimitri e tinha prendido meu cabelo em um coque, ganhando um sorriso quando ele o viu. Se eu tivesse tatuagens molnija, elas estariam aparecendo. Olhando ao redor, ela se certificou que mais ninguém pudesse nos ouvir. Os sentimentos na nossa ligação mudando para algo mais problemático.

“Você sabia sobre a Sra. Karp.”

“Sim. Eu ouvi sobre isso mais ou menos um mês depois que ela partiu.”

Lissa jogou um par de calças jeans decoradas por cima do braço, sem olhar pra mim. “Porque você não me disse?”

“Porque você não precisava saber.”

“Você achou que eu não conseguia dar conta?”

Eu mantive meu rosto em branco. Enquanto eu a encarava, minha mente voltava ao tempo, dois anos atrás. Já tinham se passado dois dias desde a minha suspensão por supostamente ter destruído o quarto de Wade quando um da realeza visitou a escola. Eu tinha recebido permissão pra ir para a recepção mas estava sobre forte guarda para terem certeza que eu não “tentaria nada.” Dois guardiões me escoltaram pela cafeteria e conversavam baixo entre eles no caminho.

“Ela matou o doutor que estava cuidando dela e quase pegou metade dos pacientes e enfermeiras que estavam no caminho.”

“Eles tem alguma idéia de pra onde ela foi?”

“Não, eles a estão perseguindo... mas, bem, você sabe como é.”

“Eu nunca esperei que ela fizesse isso. Ela não parecia o tipo.”

“É, bom, Sonya era maluca. Você viu como ela estava ficando violenta perto do fim? Ela era capaz de qualquer coisa.”

Eu estava me arrastando miseravelmente quando eu levantei minha cabeça pra cima.

“Sonya? Você quer dizer a Sra. Karp?” Eu perguntei. “Ela matou alguém?”

Os dois guardiões trocaram olhares. Finalmente, um disse seriamente. “Ela se tornou uma Strigoi, Rose.”

Eu parei de andar e o encarei. “A Sra. Karp? No... ela não faria...”

“Eu temo que sim,” o outro respondeu. “Mas... você deve manter isso pra você mesma. É uma tragédia. Não faça fofoca disso pela escola.”

Eu passei o resto da noite confusa. A Sra. Karp. Karp Louca. Ela tinha matado alguém para se tornar uma Strigoi. Eu não podia acreditar.

Quando a recepção acabou, eu consegui escapar dos meus guardiões e consegui alguns minutos precisos com Lissa. A ligação já estava forte, e eu não precisei ver seu rosto pra saber o qual miserável ela estava se sentindo.

“Qual o problema?” Eu perguntei pra ela. Nós estávamos no canto do corredor, perto da cafeteria. Seus olhos estavam vazios. Eu podia sentir que ela estava com dor de cabeça; a dor se transferiu pra mim. “Eu... eu não sei. Eu me sinto esquisita. Eu sinto como se estivesse sendo seguida, como se eu tivesse que ter cuidado, sabe?”

Eu não sabia o que dizer. Eu não achei que ela estava sendo seguida, mas a Sra. Karp costumava dizer a mesma coisa. Sempre paranóica. “Provavelmente não é nada.” Eu disse rapidamente.

“Provavelmente,” ela concordou. Seus olhos de repente se estreitaram. “Mas Wade não é. Ele não para de falar sobre o que aconteceu. Você não pode acreditar nas coisas que estão dizendo sobre você.”

Eu podia, mas eu não estava nem aí. “Esqueça ele. Ele não é nada.”

“Eu odeio ele,” ela disse. Sua voz estava afiada de maneira não característica. “Eu estou no comitê para angariar fundos com ele, e eu odeio ouvir ele falar com a sua boca gorda todo dia vendo ele fletar com qualquer garota que passa. Você não deveria ter sido punida pelo que ele fez. Ele precisa pagar.”

Minha boca ficou seca. “Está tudo bem... eu não ligo. Se acalme, Liss.”

“Eu me importo,” ela surto, virando sua raiva pra mim. “Eu queria que tivesse um jeito de fazer ele fazer ele pagar. Algum jeito de machucar ele como ele machucou você.” Ela colocou suas mãos nas costas e se remexeu pra frente e pra trás furiosa, seus passos fortes e decididos. O ódio e a raiva estavam fervendo dentro dela. Eu podia sentir através da ligação. Parecia uma tempestade, e me assustou pra caramba. Ao redor de tudo estava uma incerteza, uma instabilidade que fazia com que Lissa não soubesse o que fazer, mas ela queria desesperadamente fazer algo. Qualquer coisa. Minha mente voltou para a noite com o taco de baseball. E então em pensei na Sra. Karp. Ela se tornou uma Strigoi, Rose. Foi o momento mais assustador da minha vida. Mais assustador que vê-la no quarto de Wade. Mais assustador que vê-la curar o corvo. Mais assustador que os guardiões me pegarem. Porque naquele momento, eu não conhecia minha melhor amiga. Eu não sabia do que ela era capaz. Um ano antes, eu teria rido de qualquer um que dissesse que ela queria ser uma Strigoi. Mas a um ano, eu também teria rido de qualquer um que me dissesse que ela queria cortar seus pulsos ou fazer alguém “pagar.” Naquele momento, eu de repente acreditava que ela poderia fazer o impossível. E eu tinha que ter certeza que ela não o faria. Salve ela. Salve ela de si mesma.

“Nós estamos indo embora,” eu disse, pegando o braço dela e a guiando pelo corredor. “Agora mesmo.” Confusão substituiu a raiva momentaneamente. “O que você quer dizer? Você quer ir pra floresta ou algo assim?”

Eu não respondi. Algo em minha atitude ou palavras deve ter assustado ela, porque ela não fez perguntas enquanto eu a levava para fora da cafeteria, passando pelo campus em direção ao estacionamento onde os visitantes chegavam. Estava cheio de carros, que pertenciam aos convidados da festa. Um deles era um carro Lincoln Town grande, e eu observei quando o motorista o ligou.

“Alguem está indo embora cedo,” eu disse, olhando pra ele por um amontoado de arbustos. Eu olhei para trás de nós e não vi nada. “Eles provavelmente estarão aqui em um minuto.” Lissa entendeu. “Quando você disse, “Nós estamos indo embora.” Você quis dizer... não. Rose, nós não podemos sair da Academia. Nós nunca iríamos passar pelos pontos de checagem.”

“Nós não precisamos,” eu disse firme. “Ele passa.”

“Mas como ele vai nos ajudar?”

Eu respirei fundo, me arrependendo do que eu tinha que dizer mas vendo que era o menor dos males. “Você sabe como você fez Wade fazer aquelas coisas?”

Ela hesitou e acenou.

“Eu preciso que você faça a mesma coisa. Vá até aquela cara e diga a ele que ele precisa nós esconder no carro.”

Choque e medo se apoderaram dela. Ela não entendeu, e ela estava assustada. Extremamente assustada. Ela tinha estado assustada a semanas agora, desde ter curado o corvo e o humor e Wade. Ela estava frágil e a beira de algo que nenhuma de nós ia entender. Mas apesar de tudo isso, ela confiava em mim. Ela acreditava que eu a manteria segura.

“Ok,” ela disse. Ela deu alguns passos em direção a ele, e então olhou de volta pra mim. “Porque? Porque nós estamos fazendo isso?”

Eu pensei na raiva de Lissa, seu desespero, seu desejo de fazer qualquer coisa para se vingar de Wade. E eu pensei na Sra. Karp – na bonita e instável Sra. Karp – se tornando uma Strigoi. “Eu vou cuidar de você,” eu disse. “Você não precisa saber de mais nada.”

No shopping de Missoula, parada entre cabides de roupas desejáveis, Lissa perguntou de novo, “Porque você não me disse?”

“Você não precisava saber,” eu repeti.

Ela foi em direção ao provador, ainda sussurrando pra mim. “Você estava preocupada que eu fosse perder a cabeça. Você está preocupada que eu me torne uma Strigoi também?”

“Não. De jeito nenhum. Isso foi só ela. Você nunca faria isso.”

“Mesmo se eu fosse louca?”

“Não,” eu disse, tentando fazer uma piada. “Você apenas rasparia a cabeça e viveria com 30 gatos.”

Os sentimentos de Lissa ficaram mais obscuros, mas ela não disse mais nada. Parando fora do provador, ela puxou um vestido preto do cabide. Ela o lustrou um pouquinho.

“Esse é o vestido para o qual você nasceu. Eu estou me lixando pro quão pratica você é agora.”

Feito de um sedoso material preto, o vestido não tinha alças nem mangas, caindo até os joelhos. Embora tivesse uma leve barra de saia, o resto parecia que definitivamente seria

capaz de arranjar seria ação. Super sexy. Talvez até desafiando-o-código-de-vestimenta-da-escola sexy.

“Esse é o meu vestido,” eu admiti. Eu continuei olhando pra ele, o querendo tanto que eu senti uma coceira no peito. Esse era o tipo de vestido que podia mudar o mundo. O tipo de vestido que começava religiões. Lissa colocou perto de mim. “Experimente.”

Eu balancei minha cabeça e comecei a me afastar. “Eu não posso. Comprometeria você. Um vestido não vale a sua morte horrenda.”

“Então nós vamos simplesmente comprar sem que você o experimente.” Ela comprou o vestido.

A tarde continuou, e eu me encontrei ficando cansada. Sempre observando e estando em guarda de repente se tornou bem menos divertido. Quando nós chegamos na nossa ultima parada, uma loja de jóias, eu me senti meio feliz.

“Aqui vamos nós,” disse Lissa, apontando para uma nas caixas. “O colar feito para ir com o vestido.”

Eu olhei. Uma pequena corrente de ouro com dourado e cheio de diamantes pendente rosa. Ênfase na parte do diamantes.

“Eu odeio coisas rosas.”

Lissa sempre tinha adorado me dar coisas rosas – só para ver minha reação, eu acho. Quando ela viu o preço do colar, o sorriso dela desapareceu.

“Oh, veja isso. Até mesmo você tem limites,” eu provoquei. “Seus gastos loucos são parados finalmente.”

Nós esperamos que Victor e Natalie terminasse. Ele aparentemente estava comprando algo pra ela, e ela parecia que podia criar asas e voar para longe de tanta felicidade. Eu estava feliz. Ela estava morrendo pra ter sua atenção. Talvez ele estivesse comprando pra ela algo extremamente caro para compensar. Nós voltamos pra casa em silencio, nosso horário de dormir todo invertido por causa da viagem de dia. Sentada perto de Dimitri, eu me reclinei contra o banco e bocejei, muito ciente que nossos braços estavam se tocando. Aquele sentimento de proximidade e conexão queimou entre nós. “Então, eu posso algum dia experimentar roupas de novo?” Eu perguntei baixinho sem querer acordar os outros. Victor e os guardiões estavam acordados, mas as garotas tinham dormido.

“Quando você está em serviço, você não pode. Você pode fazer quando estiver de folga.”

“Eu nunca vou querer folga. Eu quero sempre cuidar de Lissa.” Eu bocejei de novo. “Você viu aquele vestido?”

“Eu vi o vestido.”

“Você gostou?”

Ele não respondeu. Eu entendi como um sim.

“Eu vou por em perigo minha reputação se eu o usar no baile?”

Quando ele falou, eu mal pude ouvir ele. “Você vai por em perigo a escola.”

Eu sorri e peguei no sono.

Quando eu acordei, minha cabeça descansava contra os ombros dele. Aquele casaco longo dele- a capa- me cobria como um cobertor. A van tinha parado; nós estávamos de volta na escola. Eu tirei a capa e levantei procurando por ele, de repente me sentindo bem acordada e feliz. Pena que a minha liberdade estava pra acabar.

“De volta a prisão,” eu suspirei, andando ao lado de Lissa nos dirigindo até a cafeteria. “Talvez se você fingir um ataque cardíaco, eu posso dar uma escapada.”

“Sem as suas roupas?” Ela me entregou minha sacola, e eu a balancei feliz. “Eu não posso esperar pra ver o vestido.”

“Eu também não. Se eles me deixarem ir. Kirova ainda está decidindo se eu fui boa o suficiente.”

“Mostre a ela aquelas camisetas sem graça que você comprou. Ela vai entrar em coma. Eu estou quase entrando.”

Eu ri e saltei num daqueles bancos de madeira, andando junto com ela enquanto eu andava junt. Eu pulei de volta pro chão quando eu cheguei no fim do banco. “Eles não são tão sem graça.”

“Eu não sei o que eu penso dessa nova, e responsável Rose.”

Eu pulei em outro banco. “Eu não sou tão responsável.”

“Hey,” chamou Spiridon. Ele e o resto do grupo nos seguiram mais atrás. “Você ainda está em serviço. Diversão não é permitida aqui.”

“Não tem diversão aqui,” eu respondi, ouvindo uma risada em sua voz. “Eu juro – merda.” Eu estava no terceiro banco, perto do fim dele. Meus músculos tensos, prontos pra pular pra baixo. Mas quando eu tentei, meu pé não foi comigo. A madeira que parecia forte e solida, tinha quebrado sobre os meus pés, quase como papel. Se desintegrou. Meu pé atravessou o buraco, meu tornozelo ficando preso no buraco enquanto o resto do meu corpo tentava ir em outra direção. O banco me segurou, empurrando meu corpo pro chão ainda segurando o meu pé. Meu tornozelo se curvou em uma direção nada natural. Eu cai. Eu ouvi o som de algo quebrando que não era a madeira. A pior dor da minha vida passou pelo meu corpo. E então eu desmaiei.

## DEZOITO

Eu acordei encarando o teto sem graça e branco da clinica. Uma luz filtrada - amenizada para os pacientes Moroi –brilhava em mim. Eu me sentia estranha, meio desorientada, mas sem dor.

‘Rose.’

A voz era como seda na minha pele. Gentil.Rica. Virando minha cabeça, eu encontrei os negros olhos de Dimitri. Ele estava sentado numa cadeira ao lado da cama onde eu estava deitada, seus cabelos que batiam em seu ombro inclinado pra frente emoldurando seu rosto.

“Hey,” Eu disse, minha voz soando como um resmungo.

“Como você se sente?”

“Estranha. Meio groge.”

“A Dra. Olendzki deu pra você algo pra dor – você parecia bem mal quando nós te trouxemos aqui.”

“Eu não me lembro disso... quanto tempo eu estive inconsciente?”

“Algumas horas.”

“Deve ter sido forte. Ainda deve ser forte.” Alguns detalhes voltaram. O banco.Meu tornozelo ficando preso. Eu não conseguia me lembrar muito depois disso.Tentada, eu tentei mover os dedos do meu pé saudável. “Não dói nada.”

Ele balançou sua cabeça. “Não.Porque você não ficou muito machucada.”

O som do meu tornozelo quebrando voltou na minha mente. “Você tem certeza? Eu lembro...o jeito que eu cai.Não. Algo deve ter quebrado.” Eu consegui me sentar, para que eu pudesse olhar para o meu tornozelo.

“Ou pelo menos torcido.”

Ele se moveu pra frente para me impedir. “Tome cuidado. Seu tornozelo pode estar bom, mas você provavelmente ainda está um pouco fora de si.”

Eu cuidadosamente fui para a ponta da cama e olhei pra baixo.Meus jeans estavam dobrados pra cima. O tornozelo estava um pouco vermelho, mas eu não tinha machucados ou marcas.

“Deus, eu tive sorte. Se eu tivesse me machucado, isso me tiraria do treino por um tempo.”

Sorrindo, ele voltou pra cadeira. “Eu sei. Você ficou me dizendo isso enquanto eu carregava você. Você estava bem chateada.”

“Você... me carregou até aqui?”

“Depois que nos quebramos o banco e soltamos o seu pé.”

Cara. Eu perdi bastante coisa. A única coisa melhor que imaginar Dimitri me carregando em seus braços, era imaginar ele me carregando sem camiseta em seu braços. Então a realidade da situação me atingiu.

“Eu fui derrubada por um banco,” eu suspirei.

“O que?”

“Eu sobrevivi o dia todo com o negocio de ser guardiã da Lissa, e vocês disseram que eu fiz um bom trabalho. Então eu voltei pra cá, e conheci a minha queda em um banco.” Ugh. “Você sabe o quão embaraçoso isso é?E todos aquelas caras viram, também.”

“Não foi sua culpa,” ele disse. “Ninguém sabia que o banco estava podre. Parecia ótimo.”

“Ainda sim. Eu deveria ter ficado na calçada como uma pessoa normal. Os outros novatos vão gozar com a minha cara quando eu voltar.”

Os lábios dele seguraram um sorriso. “Talvez presentes te animem.”

Eu sentei direito. “Presentes?”

O sorriso escapou, e ele me entregou uma pequena caixa com um pequeno papel.

“Isso é do Príncipe Victor.”

Surpresa no fato de Victor ter me dado qualquer coisa, eu li a nota. Eram só algumas linhas escritas com pressa em um pedaço de papel.

Rose-

Estou muito feliz de ver que você não sofreu ferimentos sérios devido a sua queda. Na verdade foi um milagre. Você leva uma vida charmosa, e Vasilisa tem sorte em ter você.

“Isso foi gentil dele,” eu disse, abrindo a caixa. E então eu vi o que tinha dentro. “Whoa. Muito gentil.”

Era o colar rosa, o que a Lissa tinha querido me dar mas não podia pagar. Eu o segurei, virando sua corrente entre as minhas mãos para que o brilhante, diamante ficasse pendurado e livre. “Isso é bem extremo pra um presente de ‘fique bem logo,” Eu notei, lembrando o preço.

“Na verdade ele comprou em homenagem a você ter ido tão bem no seu primeiro dia como uma guardiã oficial. Ele viu você e Lissa olhando isso.”

“Wow.” Era tudo o que eu podia dizer. “Eu não acho que eu fiz um trabalho tão bom.”

“Eu acho.”

Sorrindo, eu coloquei o colar de volta na caixa e a coloquei numa mesa ali perto. “Você disse ‘presentes,’ certo? Tipo, mais de um?”

Ele riu abertamente, e o som me envolveu como um carinho. Deus, eu adorava o som da risada dele. “Isso é meu pra você.”

Ele me deu uma sacola pequena e plana. Deslumbrada e excitada, eu a abri. Gloss, o tipo que eu gostava. Que eu tinha reclamado pra ele um numero enorme de vezes pra ele que estava acabando, mas que eu nunca pensei que ele estava prestando atenção.

“Como você conseguiu comprar isso?Eu vi você o tempo todo no shopping.”

“Segredos de guardião.”



“Pra que foi isso? Pelo meu primeiro dia?”

“Não,” ele disse simplesmente. “Porque eu pensei que iria fazer você ficar feliz.”

Sem nem ao menos pensar, eu me inclinei pra frente e o abracei. “Obrigado.”

Julgando pela sua postura dura, eu claramente o peguei de surpresa. E sim... também tinha me pego de surpresa. Mas ele relaxou alguns momentos depois, e quando ele pos as mão nas minhas costas, eu pensei que fosse morrer.

“Estou feliz que você esteja bem,” ele disse. Sua boca soava quase como se estivesse quase em meu cabelo, um pouco acima do meu ouvido.

“Quando eu vi você cair...”

“Você pensou, “Wow, ela é uma perdedora.””

“Não foi isso que eu pensei.”

Ele foi levemente pra trás, para que ele pudesse me ver melhor, mas ele não disse nada. Seus olhos eram tão negros e profundos que eu queria mergulhar neles. Olhar pra eles me fez sentir calor em todo o meu corpo, como se eles tivessem fogo dentro deles. Devagar, com cuidado, aqueles longos dedos dele traçaram a beira das minhas bochechas, se movendo para cima do meu rosto. Ao primeiro toque da pele dele na minha, eu me arrepiei. Ele segurou um pouco do meu cabelo com um dedo, como ele tinha feito na academia. Engolindo, eu arrastei meus olhos para os seus lábios. Eu estava contemplando o que parecia que seria um beijo. O pensamento me excitava e assustava, o que era estúpido. Eu tinha beijado muitos caras e nunca pensei muito sobre isso. Não tinha razão para que outro – mesmo um mais velho – devesse significar tanto. Ainda sim o pensamento dele diminuindo a distancia e colocando seus lábios no meu fez o mundo girar. Houve uma batida suave na porta, e eu apressadamente fui pra trás. A Dra. Olendzki enfiou sua cabeça pra dentro. “Eu pensei que tinha ouvido você falar. Como se sente?”

Ela andou para mais perto e fez eu me deitar. Tocando e curvando meu tornozelo, ela procurou por qualquer dano e finalmente balançou a cabeça e então ela tinha terminado.

“Você tem sorte. Com todo o barulho que você fez vindo aqui, eu pensei que teria que amputar seu pé. Deve ter sido só choque.” Ela deu um passo pra trás. “Eu me sentiria melhor se você não fizesse seu treinamento normal amanhã, mas fora isso, você pode ir.”

Eu dei um suspiro de alívio. Eu não lembrava da minha histeria – e na verdade era meio embaraçoso que eu tinha feito algo assim – mas eu estava certa sobre o fato de que o tombo deveria ter causado um osso quebrado ou uma torção. Eu não podia perder tempo aqui; eu precisava fazer meus testes e me graduar na primavera.

A Dra. Olendzki me liberou pra ir e então eu sair do quarto. Dimitri foi até uma outra cadeira e me trouxe meus sapatos e um casaco. Olhando pra ele, eu me senti corar um pouco enquanto eu lembrava o que tinha acontecido antes da doutora entrar.

Ele observou enquanto eu colocava um sapato. “Você tem um anjo da guarda.”

“Eu não acredito em anjos,” eu disse a ele. “Eu acredito no que eu posso fazer por mim mesma.”

“Bom, então você tem um corpo incrível.” Eu olhei pra cima para ele com um olhar questionador.

“Para se curar, eu quero dizer. Eu ouvi sobre o acidente...”

Ele não especificou que acidente era, mas só podia ser um. Falar sobre isso normalmente me incomodava, mas com ele, eu sentia que podia dizer qualquer coisa.

“Todos falaram que eu não deveria ter sobrevivido,” eu expliquei. “Por causa do lugar onde eu estava sentada e a forma com o carro bateu na árvore. Lissa era realmente a única que estava sentada num lugar seguro. Ela e eu saímos ilesas com apenas alguns arranhões.”

“E você não acredita em anjos ou milagres.”

“Nope. Eu –”

É verdadeiramente, um milagre. Você leva uma vida encantadora...

E bem assim, um milhão de pensamentos vieram na minha mente. Talvez... talvez eu tivesse um anjo da guarda afinal de contas...

Dimitri notou a mudança dos meus sentimentos imediatamente. “Qual o problema?”

Procurando dentro da minha mente, eu tentei expandir nossa ligação e afastar os efeitos dormentes da medicação. Alguns outros sentimentos de Lissa vieram através da ligação. Ansiedade. Magoa.

“Onde está Lissa? Ela está aqui?”

“Eu não sei onde ela está. Ela não saía do seu lado quando eu te trouxe aqui. Ela ficou bem perto da cama, até o doutor chegar. Você se acalmou quando ela sentou perto de você.”

Eu fechei meus olhos e senti como se eu fosse desmaiar. Eu tinha me acalmado quando Lissa estava perto de mim porque ela tinha aliviado a dor. Ela tinha me curado...

Assim como ela tinha feito na noite do acidente.

Tudo fazia sentido agora. Eu não deveria ter sobrevivido. Todo mundo tinha dito isso. Quem sabia que tipo de ferimentos eu realmente tinha sofrido? Hemorragia interna. Ossos quebrados. Não importava porque Lissa tinha concertado, assim como ela concertava tudo mais. É por isso que ela estava inclinada perto de mim quando eu acordei. É provavelmente por isso também, que ela desmaiou de exaustão quando eles a levaram para o hospital. Ela tinha estado exausta por dias depois disso. E foi aí que a sua depressão começou. Tinha parecido uma reação normal depois de parecer sua família, mas agora eu me perguntava se não tinha mais além disso, se me curado tinha tido algum papel na situação.

Abrindo minha mente de novo, eu a alcancei, precisando encontra-la. Se ela tinha me curado não dava pra saber como ela estava se sentindo agora. Seu humor e magia eram ligados, e esse tinha sido um show de mágica bem intenso. As drogas estavam quase fora do meu sistema, e bem assim, eu entrei na mente dela. Era quase fácil agora. Uma onda de emoções

tomou conta de mim, pior do que quando os pesadelos dela tomavam conta de mim. Eu nunca tinha sentido tanta intensidade dela antes. Ela estava sentada na capela, chorando. Ela não sabia direito porque ela estava chorando. Ela se sentia feliz e aliviada que eu não estava ferida, que ela tinha sido capaz de me curar. E ao mesmo tempo, ela se sentia fraca tanto mental quanto fisicamente. Ela estava exausta, como se ela tivesse perdido parte de si. Ela se preocupava que eu ficasse com raiva porque ela tinha usado seus poderes. Ela temia passar por mais um dia de aula amanhã, fingindo que ela gostava de estar perto de um bando de gente que não tinha outro interesse a não ser gastar o dinheiro de sua família e gozar com a cara daqueles mais feios ou menos populares. Ela não queria ir ao baile com Aaron e ver ele a olhar com tamanha adoração – e sentir ele tocar ela – quando ela só sentia amizade por ele. A maioria dessas preocupações eram normais, mas elas a atingiram com força, com mais força que eles atingiriam uma pessoa normal, eu imaginei. Ela não conseguiu passar por eles ou imaginar como resolve-los.

“Você está bem?”

Ela olhou pra cima e tirou seu cabelo de onde estava grudado em suas bochechas. Christian estava parado na entrada do sótão da igreja. Ela nem tinha ouvido ele subir as escadas. Ela estava muito perdida em sua própria dor. Um vacilo tanto de raiva como de saudade acendeu dentro dela.

“Eu estou ótima,” ela surtoi. Fungando, ela tentou parar de chorar, não querendo que ele a visse como uma fraca.

Se apoiando contra a parede, ele cruzou seus braços e tinha uma expressão ilegível.

“Você... você quer conversar?”

“Oh...” Ela riu duramente. “Você quer conversar agora? Depois que eu tentei tantas vezes-”

“Eu não queria aquilo! Aquilo foi a Rose-”

Ele a cortou e eu estremeci. Eu tinha sido completamente.

Lissa levantou e foi em direção a ele. “O que tem a Rose?”

“Nada,” Sua máscara de indiferença de volta em seu lugar. “Esqueça.”

“O que tem a Rose?” ela deu um passo mais pra perto. Mesmo através da sua raiva, ela ainda sentia uma atração inexplicável por ele. E então ela entendeu. “Ela obrigou você, não é? Ela falou pra você parar de falar comigo?”

Ele ficou olhando pra frente. “Foi provavelmente pro melhor. Eu teria estragado as coisas pra você. Você não estaria onde está agora.”

“O que isso quer dizer?”

“O que você acha que significa? Deus. As pessoas vivem ou morrem ao seu comando agora, Vossa Alteza.”

“Você está sendo meio melodramático.”

“Eu estou? O dia todo, eu escuto pessoas falando sobre o que você está fazendo e o que você está pensando e o que você está usando. O que você aprova. Quem você gosta. Quem você odeia. Eles são suas marionettes.”

“Não é desse jeito. Além do mais, eu tinha que fazer isso. Para me vingar de Mia...”

Virando seus olhos, ele olhou pra longe dela. “Eu nem sei pelo que você está se vingando dela.”

A raiva de Lissa aumentou. “Ela fez com o que o Jesse e o Ralf dissessem aqueles coisas sobre a Rose! Eu não podia deixar ela escapar ilesa disso.”

“Rose é durona. Ela teria superado.”

“Você não a viu,” ela respondeu obstinada. “Ela estava chorando.”

“E daí? As pessoas choram. Você está chorando.”

“A Rose não.”

Ele se virou pra ela, com um sorriso negro em seus lábios. “Eu nunca vi nada como vocês duas. Sempre tão preocupadas uma com a outra. Eu entendo ela – é algum tipo de coisa dos guardiões – mas você é igual.”

“Ela é minha amiga.”

“Eu acho que é assim tão simples. Eu não saberia.” Ele suspirou momentaneamente pensativo, e então voltou para o modo sarcástico. “De qualquer forma. Mia. Então você se vingou sobre o que ela fez com a Rose. Mas você está perdendo o ponto. Porque ela fez isso?”

Lissa franzir as sobrancelhas. “Porque ela estava com inveja de mim e Aaron-“

“Tem mais que só isso, Princesa. Porque ela teria ciúmes? Ela já tinha ele. Ela não precisava atacar você para tê-lo. Ela poderia ter feito um grande show sobre estar com ele. Meio como o que você faz agora,” ele adicionou ironicamente.

“Ok. O que mais tem aí, então? Porque ela quer arruinar minha vida? Eu nunca fiz nada pra ela – antes disso tudo, eu quero dizer.”

Ele se inclinou pra frente, com seus olhos azuis-cristalinos encarando os dela.

“Você está certa. Você não fez- mas seu irmão sim.”

Lissa se afastou dele. “Você não sabe nada sobre o meu irmão.”

“Eu sei que ele fudeu a Mia. Literalmente”

“Pare, pare de mentir.”

“Eu não estou. Eu juro por Deus ou pelo que mais você quiser acreditar. Eu costumava conversar com a Mia de vez em quando, quando ela ainda era caloura. Ela não era muito popular, mas ela era esperta. Ainda é. Ela costumava trabalhar em muitos comitês com a

realeza – bailes e coisas assim. Eu não sei de tudo. Mas ela conheceu o seu irmão em um desses comitês, e eles meio que ficaram juntos.”

“Eles não ficaram. Eu saberia. Andre teria me dito.”

“Não. Ele não disse a ninguém. Ele disse a ela não contar também. Ele a convenceu que deveria ser algum tipo de romance secreto quando, na realidade, ele só não queria que nenhum de seus amigos soubessem que ele estava ficando pelado com uma garota caloura que não era da realeza.”

“Se a Mia te falou isso, ela estava inventando,” exclamou Lissa.

“Sim, bom, eu não acho que ela estava inventando quando eu a vi chorando. Ele se cansou dela algumas semanas depois e a largou. Disse a ela que ela era muito nova e não poderia ficar serio com uma pessoa que não era de uma boa família. Pelo que eu entendi, ele nem foi legal sobre o que aconteceu – nem se incomodou com a parte do ‘vamos ser apenas amigos’”

Lissa foi pra perto do rosto de Christian. “Você nem conhecia Andre! Ele nunca faria isso.”

“Você não o conhecia. Eu tenho certeza que ele era legal com sua irmãzinha; tenho certeza que ele te amava. Mas na escola, com os amigos dele, ele era tão idiota quanto o resto da realeza. Eu o vi porque eu vejo tudo. É fácil quando ninguém nota você.”

Ela segurou um soluço, sem saber se devia ou não acreditar nele. “Então é por isso que Mia me odeia?”

“Sim. Ela te odeia por causa dele. Isso, e porque você é da realeza e ela fica insegura ao redor de todos da realeza, e é por isso que ela trabalhou tanto para subir no rank e ser amiga deles. Eu acho que foi uma coincidência que ela acabou com o seu ex-namorado, mas agora que você voltou, isso provavelmente fez a situação piorar. Entre rouba-lo e espalha aquela história sobre os pais dela, vocês escolheram o melhor jeito para fazê-la sofrer. Bom trabalho.”

Uma pequena quantidade de culpa se apoderou dela. “Eu ainda acho que você está mentindo.”

“Eu sou muitas coisas, mas não sou um mentiroso. Esse é o seu departamento. E o de Rose.”

“Nós não –”

“Contam histórias exageradas sobre a família das pessoas? Dizem que me odeiam? Fingem ser amigas de pessoas que vocês odeia? Namoram caras que vocês não gostam?”

“Eu gosto dele.”

“Gosta ou GOSTA?”

“Oh, tem uma diferença?”

“Sim. Gosta é quando você namora um grande e loiro idiota e ri das suas piadas estúpidas.” E então do nada, ele se inclinou pra perto dela e a beijou. Foi quente e rápido e furioso, uma efusão de raiva e paixão e desejo que Christian sempre manteve preso dentro de si. Lissa nunca tinha sido beijada daquele jeito, e eu senti a respiração dela, a resposta dela pra ele – como ele a fazia sentir tão mais viva do que quando ela estava com Aaron ou qualquer outra

pessoa. Christian se afastou do seu beijo mas manteve seu rosto perto do dela. “Isso é o que você faz com alguém que você GOSTA.”

O coração de Lissa batia com raiva e desejo. “Bom, eu não gosto ou GOSTO de você. E eu acho que você e Mia estão mentindo sobre Andre. Aaron nunca inventaria algo assim.”

“Isso é porque Aaron não diz nada que necessite de palavras de mais de uma sílaba.”

Ela se afastou. “Vai embora. Fique longe de mim.”

Ele olhou em volta se divertindo. “Você não pode me expulsar. Ambos assinamos o aluguel.”

“Sai. Daqui!” ela gritou. “Eu odeio você!”

Ele se curvou. “O que você quiser, Vossa Alteza.” Com um último olhar negro, ele saiu do sótão.

Lissa caiu de joelhos, deixando sair as lágrimas que ela tinha segurando. Eu mal podia fazer sentido do que estava machucando ela. Só Deus sabia das coisas que me deixavam chateada – como o incidente com o Jesse – mas eles não me atacavam da mesma forma. Eles faziam uma confusão nela, batendo no seu cérebro. As histórias sobre o Andre. O ódio de Mia. O beijo de Christian. Me curar. Isso, eu percebi, era o que a verdadeira depressão era. Era como se sentir maluca. Sujeita a sua própria dor aterradora, Lissa tomou a única decisão que ela pode. A única coisa que ela podia fazer para canalizar aquelas emoções. Ela abriu sua bolsa e encontrou uma pequena navalha que ela sempre carregava...

Afundando, e ainda sim incapaz de se quebrar, eu senti quando ela cortou seu braço, fazendo marcas perfeitas, assisti quando o sangue fluiu através de sua pele. Como sempre, ela evitou veias, mas seus cortes eram mais profundos dessa vez. A dor do corte era horrível, ainda sim fazendo isso, ela era capaz de se focar na dor física, e se distrair da angústia mental para que ela pudesse sentir no controle.

Pingos de sangue respingaram no chão sujo, e ela começou a ficar tonta. Ver seu próprio sangue a intrigava. Ela tinha tirado sangue de outros a sua vida toda. De mim. Dos alimentadores. Agora, aqui estava vazando. Com uma risada nervosa, ela decidiu que era engraçado. Talvez por deixar ele sair, ela estivesse dando de volta para aqueles de quem ela tinha roubado. Ou talvez ela estivesse desperdiçando, desperdiçando o sagrado sangue Dragomir por qual todo mundo era tão obcecado.

Eu forcei minha saída da cabeça dela, e agora eu podia entender. As emoções dela tinham me entrelaçado agora – elas eram fortes e muito poderosas. Mas eu tinha que escapar – eu sabia com todo o meu ser. Eu tinha que impedi-la. Ela estava muito fraca por ter me curado para perder tanto sangue. Era hora de contar a alguém. Quebrando nossa ligação, eu me encontrei de volta na clínica. As mãos de Dimitri em cima da minha gentilmente me balançando enquanto ele dizia o meu nome de novo e de novo num esforço de chamar minha atenção. A Dra. Olendzki estava atrás dele, com a face negra de preocupação. Eu encarei Dimitri, vendo de verdade o quanto ele se preocupava e se importava comigo. Christian tinha me dito para arranjar ajuda, para arranjar alguém a quem eu confiava pra ajudar Lissa. Eu ignorei seus avisos porque eu não confiava em ninguém exceto ela. Mas olhando para Dimitri agora, sentindo aquele senso de compreensão que nós partilhávamos, eu sabia que eu confiava em mais alguém. Eu senti minha voz rachar quando eu falei. “Eu sei onde ela está. Lissa. Nós temos que ajuda-la.”

## DEZENOVE

É difícil dizer o que finalmente me fez agir. Eu guardei o muitos segredos por muito tempo, fazendo o que eu acreditava que era o melhor para proteger Lissa. Mas proteger o fato de que ela se cortava não fazia nada para ajuda-la. Eu não tinha sido capaz de fazer ela parar – e na verdade, eu agora me pergunto se foi minha culpa por ela ter começado. Nada disso tinha acontecido até ela me curar do acidente. E se ela tivesse me deixado machucada? Talvez eu tivesse me recuperado. Talvez ela estivesse bem hoje.

Eu fiquei na clinica enquanto Dimitri foi buscar Alberta. Ele tinha hesitado por um segundo, quando eu disse a ele onde Lissa estava. Eu disse que estava em perigo, e ele saiu imediatamente. Tudo depois disso se mexeu meio que um pesadelo em câmera lenta. Os minutos se arrastaram enquanto eu esperava. Quando ele finalmente voltou com Lissa inconsciente, uma confusão se formou na clinica, e todos queriam que eu ficasse longe. Ela tinha perdido muito sangue, e enquanto eles tinha um alimentador em mãos despertar ela o bastante para que ela bebesse o sangue foi difícil. Só foi até a metade da noite na Academia que ela estava estável o suficiente pra mim visitá-la.

“É verdade?” ela perguntou quando eu entrei no quarto. Ela estava deitada na cama, com os pulsos bem enfaixados. Eu sabia que eles tinham colocado muito sangue de volta nela, mas ela ainda parecia pálida pra mim. “Eles disseram que foi você. Você contou pra eles.”

“Eu precisei,” eu disse, com medo de me aproximar. “Liss... você se cortou pior do que jamais tinha se cortado. E depois de me curar... e tudo o que aconteceu com Christian... você não conseguiu dar conta. Você precisa de ajuda.”

Ela fechou os olhos. “Christian. Você sabe sobre isso. É claro que você sabe. Você sabe tudo.”

“Eu sinto muito. Eu só queria ajudar.”

“O que aconteceu com o que a Sra. Karp disse? Sobre manter tudo em segredo?”

“Ela estava falando sobre as outras coisas. Eu não acho que ela queria que você continuasse a se cortar.”

“Você contou a eles sobre “as outras coisas”?”

Eu balancei minha cabeça. “Ainda não.”

Ela se virou pra mim, os olhos gelados. “Ainda”. Mas você vai.”

“Eu preciso. Você pode curar outras pessoas... mas está matando você.”

“Eu curei você.”

“Eu teria ficado bem eventualmente. O tornozelo teria se curado. Não vale a pena pelo o que faz com você. E eu acho que eu sei como começou... quando você me curou pela primeira vez...”

Eu expliquei minhas descobertas sobre o acidente e como todos os outros poderes e a depressão tinham começado depois disso. Eu também apontei sobre como a nossa ligação se formar depois do acidente também, embora eu não entendesse direito ainda.

“Eu não sei o que está acontecendo, mas isso é entre nós. Nós precisamos da ajuda de alguém.”

“Eles vão me levar embora,” ela disse sem rodeios. “Como fizeram com a Sra. Karp.”

“Eu acho que eles vão tentar ajudar você. Eles estão realmente preocupados. Liss, eu estou fazendo isso por você. Eu só quero que você fique bem.”

Ela se virou para longe de mim. “Vai embora, Rose.”

E eu fui.

Eles a liberaram no dia seguinte com a condição de que ela voltasse todos os dias para falar com o conselheiro. Dimitri me disse que eles também planejavam colocá-la em algum tipo de medicação para ajudar com a depressão. Eu não era muito fã de pílulas, eu mas eu torci por qualquer coisa que pudesse ajuda-la. Infelizmente, algum estudante do segundo ano tinha ido a clínica por causa de um ataque de asma. Ele a tinha visto entrar com Dimitri e Alberta. Ele não sabia porque ela tinha sido internada, mas isso não o impediu de contar as pessoas o que ele tinha visto. E então eles contaram para outros no café da manhã. Até o almoço, todos sabiam da sua visita a clínica. E mais importante, todos sabiam que ela não estava falando comigo. E bem assim, qualquer vida social que eu tinha desapareceu. Ela não me condenou diretamente mas o seu silencio movia legiões, e as pessoas se comportavam de acordo. O dia todo, eu andei pela Academia feito um fantasma. As pessoas me observavam e ocasionalmente falavam comigo, mas poucos faziam algum esforço para isso. Eles seguiram a liderança de Lissa, imitando o silencio dela. Ninguem foi abertamente maldoso comigo – eles provavelmente não queriam arriscar caso nós fizéssemos as pazes. Ainda sim eu ouvi “Meretriz de Sangue” sussurrado de vez enquanto quando alguém achava que eu não estava ouvindo. Mason teria me dado as boas vindas na sua mesa do almoço, mas alguns dos seus amigos não teriam sido tão gentis. Eu não queria ser a causa de uma abriga entre eles. Então eu escolhi Natalie ao invés dele.

“Eu ouvi que Lissa tentou fugir de novo, e você a impediu,” Natalie disse. Ninguem tinha idéia do porque ela tinha estado na clínica ainda. Eu esperava que permanecesse desse jeito. Fugir? Da onde diabos isso tinha saído? “Porque ela iria dizer isso?”

“Eu não sei.” Ela abaixou o tom de voz. “Porque ela partiu antes? Foi só o que eu ouvi.”

A história se arrastou com o passar do dia, assim como todo o tipo de rumor sobre porque a Lissa tinha ido até a clínica. Gravidez e aborto eram uma teoria popular. Alguem sugeriu que ela talvez tivesse pego a doença de Victor. Ninguem nem chegou perto da verdade. Saindo da nossa ultima aula o mais rápido possível, eu fiquei impressionada quando Mia começou a andar na minha direção.

“O que você quer? Eu exigi. “Eu não posso sair pra brincar hoje, garotinha.”



“Você com certeza tem atitude, pra alguém que não existe no momento.”

“Ao contrario de você?” Eu perguntei. Lembrando sobre o que Christian tinha dito, eu sentia um pouco de pena dela. Essa culpa desapareceu quando eu olhei pro rosto dela. Ela pode ter sido uma vitima, mas algo ela era o monstro. Tinha alguma coisa no olhar frio e perspicaz dela, bem diferente daquele olhar desesperado e deprimido que ela tinha no outro dia. Ela não tinha ficado se martirizando pelo que Andre tinha feito com ela – se isso fosse pelo menos verdade, e eu acreditava que era – e eu duvidava que ela ficasse com o que Lissa fez pra ela também. Mia era uma sobrevivente.

“Ela se livrou de você, e você é muito orgulhosa para admitir.” Seus olhos azuis praticamente saltados de fúria.

“Você não quer se vingar dela?”

“Você está mais maluca que o usual? Ela é minha melhor amiga. E porque você ainda está me seguindo?”

Mia fez um barulho com a lingua. “Ela não gosta de você. Anda, me conta o que aconteceu na clinica. É algo grande, não é? Ela realmente está grávida, certo? Me diga o que é.”

“Vá embora.”

“Se você me contar, eu faço Jesse e Ralf dizerem que eles inventaram aquelas coisas.”

Eu parei de andar e me virei para encara-la. Assustada, ela deu uns passos pra trás. Ela deve ter lembrado de algo do meu passado violento. “Eu já sei que eles inventaram aquilo, porque eu não fiz nada daquilo. E se você tentar me virar contra a Lissa mais uma vez, as histórias vão ser sobre você sangrando, porque eu arranquei o seu pescoço!”

Minha voz foi ficando mais alta a cada palavra até que eu praticamente gritei. Mia se afastou mais, claramente apavorada.

“Você é realmente maluca. Não é de se admirar que ela largou você de mão.” Ela deu nos ombros. “Tanto faze. Eu vou descobrir o que está acontecendo sem você.”

Quando o dia do baile chegou aquele final de semana, eu decidi que eu não queria ir. Tinha parecido idiota pra começo de conversa, e eu estava interessada em ir apenas em festas depois do baile de qualquer jeito. Mas sem Lissa, era improvável que eu ganhasse algum convite. Então, eu fiquei no meu quarto, tentando – e falhando – fazer algum dever de casa.

Atraves da ligação, eu senti um mix de emoções através dela, particularmente ansiedade e excitação. Tinha que ser difícil andar a noite toda com um cara que você não gostava. Cerca de 10 minutos depois do baile começar, eu decidi limpar tudo e tomar um banho. Quando eu voltei do banheiro para o corredor, com uma toalha em volta da minha cabeça, eu vi Mason parado perto da minha porta. Ele não estava exatamente vestido, mas ele também não estava usando jeans. Era inteligente.

“Aí estava você, garota festeira. Eu já estava quase pronto pra desistir.”

“Você começou outro incêndio? Os caras não são permitidos nesse corredor.”

“Tanto faz. Como se fizesse alguma diferença.” Verdade. A escola podia ser capaz de manter os Strigoi longe, mas eles faziam um péssimo serviço em nos manter longe uns dos outros. “Me deixe entrar. Você tem que se aprontar.”

Levei um minuto para entender o que ele queria dizer. “Não. Eu não vou.”

“Anda,” ele falou, me seguindo pra dentro. “Porque você brigou com a Lissa? Vocês duas vão fazer as pazes. Não tem razão pra você ficar aqui a noite toda. Se você não quer ficar perto dela, Eddie vai fazer uma festinha no quarto dele depois.”

Meu espírito velho e adorador de diversão se infiltrou na minha cabeça só um pouco. Nada de Lissa, provavelmente ninguém da realeza. “É?” Vende que ele estava começando a me convencer, Mason riu. Olhando para os meus olhos, eu percebi de novo o quanto ele gostava de mim. E de novo em me perguntei, porque eu não podia ter um namorado normal? Porque eu queria o gostoso, e velho mentor – o mentor que eu provavelmente acabaria sendo responsável pela demissão?

“São só novatos,” Mason continuou, inconsciente dos meus pensamentos. “E eu tenho uma surpresa pra você quando chegarmos lá.”

“Está numa garrafa?” Se Lissa queria me ignorar, eu não tinha razão para ficar sóbria. “Não, isso é com o Eddie. Anda logo e se vista. Eu sei que você não vai usando isso.”

Eu olhei para as minhas jeans rasgadas e minha camiseta da Universidade de Oregon. É. Definitivamente não vou usando isso.

15 minutos depois, nós passamos pela quadra, rindo quando lembramos o quão desastrado tinha sido um dos nossos colegas de aula que tinha conseguido dar a si mesmo um olho roxo no treinamento. Andar rápido pelo chão congelado não era fácil, e ele ficava agarrando meu braço para me impedir de cair no chão, meio que me arrastando junto. Fez a gente rir ainda mais. Um sentimento feliz começou a se apoderar de mim – Eu não estava completamente livre da coceira que era a Lissa, mas já era um começo. Talvez eu não tivesse ela ou seus amigos, mas eu tinha os meus amigos. E também era bem possível que eu fosse ficar super bebida está noite, o que, embora não fosse um jeito legal para resolver meus problemas, seria pelo menos engraçado. É. Minha vida podia ser pior. E então eu encontrei Dimitri e Alberta. Eles estavam a caminho de algum lugar, falando sobre assuntos de guardiões. Alberta sorriu quando ela nos viu, nos dando um olhar meio indulgente que as pessoas sempre dão as mais novas que parecem estar se divertindo e agindo como bobos. Como se ela achasse que nós fôssemos fofos. Que coragem. Nós tropeçamos quando paramos e Mason colocou sua mão no meu braço para me segurar.

“Sr. Ashford, Srta. Hathaway. Estou surpresa que vocês já não estejam no salão.”

Mason deu a ela um olhar angelical, do estilo cãozinho sem dono. “Nós atrasamos, Guardiã Petrov. Você sabe como são as garotas. Sempre tem que ter a aparência perfeita. Você especialmente deve saber sobre isso.”

Normalmente eu teria levantado as sombrancelhas por ele ter dito algo tão estúpido, mas eu estava encarando Dimitri incapaz de falar. Talvez o mais importante, ele estava me encarando. Eu estava usando o vestido preto, e era tudo o que eu tinha esperado que fosse. De fato, era de se admirar que Alberta não falou algo sobre o código de vestimenta da escola. O vestido

marcava todos os lugares, e os peitos de nenhuma garota Moroi iriam segurar esse vestido. O colar de Victor estava pendurado no meu pescoço, e eu tinha secado o meu cabelo rapidamente, deixando ele solto do jeito que eu sabia que Dimitri gostava. Eu não estava usando meia-calças porque ninguém usava meia-calças com esses vestidos mais, então meus pés estavam congelando nos saltos. Tudo belo bem da boa aparência. E eu tinha certeza que eu parecia muito bem, mas o rosto de Dimitri não estava deixando transparecer nada. Ele apenas olhou pra mim-olhou, olhou e olhou. Talvez isso dissesse algo sobre a minha aparência ao invés de palavras. Me lembrando de como Mason meio que tinha segurando minha mão, eu me afastei dele. Ele e Alberta tinham terminado suas piadinhas, e nós fomos para caminhos diferentes.

O som da musica estava alto no salão quando chegamos, luzes de natal brancas e – ugh – uma bola de discoteca lançava para todos os lugares a única luz do que teria sido um quarto escuro. Corpos giravam, a maioria eram nossos colegas, amontoados na pista de dança. Aqueles que eram da nossa idade que eram do grupo dos muito descolados se amontoados nas pontas do salão, esperando por uma oportunidade pra se mandar. Uma quantidade de acompanhantes, professores, guardiões e Moroi, patrulhavam o lugar, separando os pares que faziam algo mais que dançar.

Quando eu vi Kirova numa vestido sem mangas, eu virei para Mason e disse, “Você tem certeza que nós não podemos pegar as bebidas ainda?”

Ele riu e pegou minha mão de novo. “Anda, hora da surpresa.”

Deixando ele me guiar, eu andei pelo salão, cortando caminho pelos calouros que pareciam jovens de mais para fazer o tipo de exercício pélvico que eles estavam tentando. Onde estavam os acompanhantes quando nós precisávamos deles? E então eu vi pra onde ele estava me levando e dei uma parada repentina.

“Não,” Eu disse, sem me mover quando ele segurou minha mão.

“Anda, vai ser ótimo.”

“Você está me levando até o Jesse e o Ralf. O único jeito de que algum dia eu possa ser vista com eles, e se eu tiver um objeto cortante e estiver mirando entre as pernas deles.”

Ele me puxou de novo. “Não mais. Anda.”

Relutantemente, eu finalmente comecei a me mover: meus piores pesadelos se realizaram quando alguns pares de olhos se viraram na nossa direção. Ótimo. Tudo estava recomeçando. Jesse e Ralf não nos notaram a principio, mas quando eles perceberam, uma expressão de entretenimento passou por seus rostos. Primeiro eles viram meu corpo e vestido. A testosterona tomou conta quando a luxuria puramente masculina brilhou no rosto deles. E então eles pareceram se dar conta de que era eu e prontamente ficaram aterrorizados. Ótimo. Mason deu a Jesse um cutucão no seu ombro com a ponta do seu dedo. “Está certo, Zeklos. Conte a ela.”

Jesse não disse nada, e Mason repetiu o gesto, só que mais forte.

“Conte a ela.”

Sem olhar para os meus olhos, Jesse murmurou, “Rose, nós sabemos que nada daquelas coisas aconteceram.”

Eu quase engasguei com a minha própria risada. “É mesmo? Wow. Eu estou muito feliz de ouvir isso. Porque você vê, até você dizer isso, eu estava pensando que tinha acontecido. Graças a Deus que vocês estavam aqui para arrumar as coisas em seu devido lugar e me dizer o que diabos eu fiz ou não fiz!”

Ele recuou, e a expressão de Mason se escureceu para algo mais negro.

“Ela sabe disso,” ele rugiu. “Conte a ela o resto.”

Jesse suspirou. “Nós fizemos isso porque a Mia nos mandou.”

“E?” Estimulou Mason.

“Nós sentimos muito.”

Mason se virou para Ralf. “Eu quero ouvir de você, garotão.”

Ralf também não me olhava nos olhos, mas ele murmurou algo que parecia vagamente como um pedido de desculpas.

Parecendo derrotados, Mason ficou mais alegre. “Você ainda não ouviu a melhor parte.” Eu dei a ele um olhar pelo canto dos olhos. “É? Como a parte onde nós voltamos no tempo e nada disso aconteceu?”

“Quase tão bom quanto.” Ele cutucou Jesse de novo. “Conte a ela. Conte a ela porque você fez isso.”

Jesse olhou pra cima e trocou olhares ansiosos com Ralf.

“Caras,” avisou Mason, claramente satisfeito com algo, “Vocês estão fazendo com que Hathway e eu fiquemos bem irritados. Contem a ela porque vocês fizeram isso.”

Com olhares de que nada poderia ficar pior, Jesse finalmente me olhou nos olhos. “Nós fizemos isso, porque ela dormiu com nós a gente. Com nós dois.”

VINTE

A minha boca caiu. “Uh...espera... vocês querem dizer sexo?” Meu espanto me impedindo de dar uma resposta melhor. Mason estava histérico. Jesse parecia que queria morrer.

“É claro que eu quero dizer sexo. Ela disse que faria se nós falássemos...você sabe...”

Eu fiz uma cara. “Vocês dois, não,uh, fizeram ao mesmo tempo, fizeram?”

“Não,” disse Jesse angustiado. Ralf meio que parecia que não teria se importado.  
“Ótimo,” eu murmurei, tirando o cabelo do meu rosto. “Eu não acredito que ela nós odeia tanto.”

“Hey,” exclamou Jesse, entendendo minha insinuação. “O que isso quer dizer? Nós não somos tão ruins. E você e eu- nós estivemos bem perto de-“

“No. Nós não estivemos nem perto disso.” Mason riu de novo, e alguém me atingiu. “Se isso... se isso tivesse acontecido naquele tempo, então... ela ainda tinha que estar namorando o Aaron.”

Os três caras concordaram.

“Oh.Whoa.”

Mia realmente nos odiava. Ela tinha acabado de passar da garata-pobre-enganada-pelo-irmão-da-Lissa e vai para o território dos sociopatas. Ela dormiu com esses dois caras e traiu o seu namorado que parecia adorar ela. Jesse e Ralf pareciam incrivelmente aliviados quando nós saímos de lá. Mason colocou um braço disfarçadamente no meu ombro. “Bom? O que você acha? Eu commando, certo? Você pode me dizer. Eu não vou me importar.”

Eu ri. “Como você descobriu ?”

“Eu cobrei vários favores. Usei algumas ameaças. O fato de que a Mia não pode fazer nada ajudou também.”

Eu me lembrei de Mia me seguindo no outro dia. Eu não achava que estava completamente desprotegida ainda mas não disse nada.

“Eles vão começar a contar para as pessoas na segunda.” Ele continuou. “Eles prometeram. Todos vão saber até a hora do almoço.”

“Porque não agora?” Eu perguntei mal humorada. “Eles transaram com uma garota. Vai machucar mais ela do que eles.”

“É.Verdade.Eles não queriam lidar com isso hoje a noite. Você pode começar a contar pras pessoas se você quiser. Nós podíamos fazer uma faixa.”

Com todas aquelas vezes que a Mia tinha me chamado do vadia e vaca?Não era uma má idéia.  
“Você tem caneta e papel?...”

Minhas palavras morreram quando eu vi no ginásio onde estava Lissa, cercada por admiradores, com os braços de Aaron envolvendo-a. Ela usava um vestido com uma bainha de algodão de um tom de cor de rosa de uma tonalidade que nunca cairia bem em mim. Seu cabelo loiro tinha sido amarrado em um coque onde ela tinha posto pequenos grampos com cristais na ponta. Quase parecia como se ela usasse uma coroa.

Princesa Vasilisa.Os mesmos sentimentos de antes tinham surgido em mim, ansiedade e excitação. Ela simplesmente não conseguia simplesmente se divertir hoje a noite. Observando-a do outro lado do salão, escondido da escuridão, estava Christian. Ele praticamente tinha se misturado com a janela. “Pare com isso,” Mason me censurou, notando quem eu encarava. “Não se preocupe com ela hoje a noite.”

“Difícil não se preocupar.”

“Faz você parecer deprimida. E você está muito gostosa nesse vestido para parecer deprimida. Vamos, lá está o Eddie.”

Ele me arrastou para longe, mas não antes de lançar um olhar para Lissa por cima do meu ombro. Nossos olhos se encontraram brevemente. Arrependimento passou pela ligação. Mas eu a tirei da minha mente – figurativamente falando – e consegui fazer uma cara legal quando nos juntamos com os outros novatos. Nós ganhamos muitos pontos ao contar sobre o escândalo de Mia e, com pena ou não, vendo o meu nome sendo limpo e me vingar dela foi muito bom. E eu pude ver a notícia se espalhando enquanto aqueles que estavam no nosso grupo andavam por todos os cantos se misturando com outros. E nós íamos esperar até segunda. Tanto faz. Eu não me importava. Eu estava me divertindo na verdade. Eu voltei a minha antiga eu, feliz por ver que eu não tinha ficado enferrujada em fazer graça e a flertar. Ainda sim, conforme o tempo passou e a festa do Eddie se aproximou, eu comecei a sentir a ansiedade de Lissa aumentando. Preocupada, eu parei de falar e me virei para olhar ao redor, procurando por ela.

Lá. Ela ainda estava com um grupo de pessoas, ela ainda era o sol no sistema solar deles. Mas Aaron estava se apoiando nela, dizendo algo no ouvido dela. Um sorriso que eu reconheci como falso estava em seu rosto, e a ansiedade dela aumentou ainda mais. E então eu avistei. Mia estava andando até eles. O que quer que fosse que ela tinha ido dizer, ela não perdeu tempo dizendo. Com os olhos admirados de Lissa nos dela, a pequena Mia com seu vestido vermelho balançando selvagemmente, a boca trabalhando animada. Eu não podia ouvir as palavras, mas o sentimento ficou cada vez mais negro através da nossa ligação.

“Eu tenho que ir,” Eu disse a Mason.

Eu meio que andei, meio que corri para o lado de Lissa, pegando apenas o final do discurso de Mia. Ela estava gritando com Lissa com toda vontade e chegando perto dela. Pelo que eu pude perceber, ela tinha ouvido sobre o Jesse e o Ralf terem delatado ela.

“-você e sua amiga piranha! Eu vou contar pra todo mundo o quão louca você é e como eles tiveram que trancar você na clínica porque você é maluca. Eles estão medicando você. É por isso que você e Rose partiram antes que alguém pudesse descobrir-“

“Uou, nada bom. Assim como nosso primeiro encontra na cafeteria, eu a peguei e a empurrei para longe.

“Hey,” eu disse. “A amiga piranha está aqui. Lembra o que eu disse sobre ficar perto demais dela?”

Mia resmungou mostrando as presas. Como eu tinha notado antes, eu não podia sentir mais pena dela. Ela era perigosa. Ela tinha decidido muito baixo para se vingar de mim. Agora, de alguma forma, ela sabia sobre a Lissa se cortar. Sabia mesmo; ela não estava só chutando. A informação que ela tinha agora pareciam o que os guardiões tinha relatado, assim como o que eu tinha contado a eles sobre a história da Lissa. Talvez alguma coisa confidencial sobre médico e paciente. Mia roubou as fichas de algum jeito. Lissa se deu conta também, e pelo olhar no seu rosto- assustado e fragil, não mais real – eu tomei minha decisão. Não importava o que a Kirova tinha dito sobre me dar liberdade, porque eu estava me comportando, e que eu podia ir a festa hoje a noite. Eu ia arruinar tudo, aqui e agora. Eu não sou muito boa controlando impulsos. Eu soquei Mia o mais forte que eu pude – mais forte, eu acho, que até

mesmo eu tinha batido no Jesse. Eu ouvi um crack no primeiro impacto do meu punho com o nariz dela, e sangue começou a sair. Alguem gritou. Mia gritou e voou para trás. Garotas que não queriam sangue nos seus vestidos gritavam. Eu me lancei em cima dela, dando mais um soco muito bom nela antes que alguém nos separasse.

Eu não lutei contra quem me segurou como quando eles tinham me levado da classe do Sr. Nagy. Eu esperei por isso assim que eu a ataquei. Parando com qualquer sinal de resistência, eu deixei dois guardiões me levarem para fora enquanto a Sra. Kirova tentava trazer alguma senso de ordem. Eu não me importava com que eles fizessem comigo. Não mais. Punimento ou expulsão. Tanto faz. Eu podia lidar com aquilo-

Na nossa frente, através da orda dos alunos passando pelas portas, eu vi uma figura de rosa. Lissa. Minha própria falta de controle tinha suprimido a dela, mas ali elas estavam, voltando pra mim. Devastação. Desespero. Todos sabiam o segredo dela agora. Ela estava encarando mais que especulação agora. Tudo estava desmoronando. Ela não podia lidar com isso. Sabendo que eu não ia a lugar nenhum, eu procurei freneticamente por algo que a ajudasse. Uma figura negra me chamou atenção. "Christian!" Eu gritei. Ele estava olhando para a figura de Lissa de longe, mas ergueu a cabeça quando ouviu seu nome.

Um dos meus acompanhantes silenciou e pegou meu braço. "Fique quieta."

Eu ignorei ela. "Vá atrás dela," eu gritei para Christian. "Depressa."

Ele estava só parado lá, e eu suprimi um rugido.

"Vá, seu idiota!"

Meus guardiões me repreenderam mandando eu ficar quieta de novo, mas algo dentro de Christian acordou. Saindo da sua posição, ele foi em direção a onde Lissa estava.

Ninguém queria lidar comigo aquela noite. Seria o inferno amanhã – eu ouvi uma conversa sobre suspensão ou quem sabe até mesmo expulsão – mas Kirova tinha suas mãos cheias com uma Mia sangüenta e um corpo de estudantes histérico. Os guardiões me levaram até o meu guarda e eu fiquei sobre a forte vigilância da matrona do meu dormitório que me informou que viria me checar de hora em hora para ter certeza que eu estava no meu quarto. Dois guardiões também iriam ficar perto da entrada do dormitório. Aparentemente eu era um alto risco a segurança. Eu provavelmente tinha acabado de arruinar a festa do Eddie; um grupo nunca ia escapar para o quarto dele agora.

Descuidando o meu vestido, eu batia o pé contra o chão do meu quarto, cruzando minhas pernas abaixo de mim. Eu alcancei Lissa. Ela estava mais calma agora. Os eventos do baile ainda a magoavam muito, mas Christian estava confortando ela de algum jeito, o que é que ele estava fazendo, falando coisas simples ou macumba, eu não sabia dizer. Eu não me importava. Desde que ela se sentisse melhor e não fizesse nada estúpido. Eu voltei a mim mesma.

Sim, as coisas iam ficar uma bagunça agora. As acusações de Mia e Jesse iam botar a escola em fogo agora. Eu provavelmente seria expulsa e teria que viver com um bando de dhampir vadias. Pelo menos Lissa deve ter percebido o quão chato o Aaron é e que ela quer ficar com Christian. Mas mesmo se isso for a coisa certa, ainda significa- Christian. Christian.

Christian estava ferido.

Eu voltei pro corpo de Lissa, de repente sendo sugada pelo terror que passava por ela. Ela estava cercada, cercada por homens e mulheres que tinham vindo de lugar nenhum, entrando no sótão da igreja onde ela e Christian tinham ido para conversar. Christian se acendeu, fogo saindo dos dedos dele. Um dos invasores bateu na cabeça dele com algo duro, fazendo seu corpo cair no chão.

Eu desesperadamente esperava que ele estivesse bem, mas eu não podia desperdiçar mais energia me preocupando com ele. Todo meu medo era por Lissa agora. Eu não podia deixar o mesmo acontecer com ela. Eu não podia deixar eles machucarem ela. Eu precisava salvar ela, tirar ela de lá. Mas eu não sabia como. Ela estava muito longe, e no momento eu nem podia sair da cabeça dela, muito menos sair correndo para buscar ajuda. Os agressores se aproximaram dela, chamando ela de princesa e dizendo para que ela não se preocupasse, que eles eram guardiões. E eles pareciam guardiões. Definitivamente dhampirs. Se movendo precisa e de forma eficiente. Mas eu não os reconheci como guardiões da escola. Nem Lissa. Guardiões não teriam atacado Christian. E guardiões certamente não estariam amordaçando e colocando uma venda nela. Algo me forçou para fora da cabeça dela, e eu franzi as sobrancelhas, olhando ao redor do meu quarto. Eu precisava voltar para ela e descobrir o que estava acontecendo. Normalmente nossa conexão diminuía ou eu a fechava, mas isso – isso era como se algo realmente tivesse me tirado da ligação. Me puxado de volta. Minha mente ficou em branco. Eu não consegui lembrar sobre o que eu estava pensando. Tudo tinha sumido. Como estática no meu cérebro. Onde eu estava? Com Lissa? O que tinha a Lissa?

Me levantando, eu coloquei meus braços ao meu redor, confusa, tentando descobrir onde eu estava indo. Lissa. Alguma coisa com Lissa. Dimitri, uma voz de repente disse. Vá até Dimitri. Sim. Dimitri. Meu corpo e espírito queimaram por ele de repente, e eu queria estar com ele mais do que eu jamais tinha querido. Eu não podia ficar longe dele. Ele saberia o que fazer. E ele tinha me dito para ir até ele se algo estivesse errado com Lissa. Pena que eu não consegui lembrar o que era. Eu sabia que ele cuidaria de tudo.

Ir para a ala do pessoal não foi difícil, já que eles queriam me manter lá dentro hoje a noite. Eu não sabia onde o quarto dele era, mas não importava. Algo estava me puxando para ele, me encorajando a chegar mais perto. Um instinto me fez parar em um das portas e eu bati. Depois de alguns momentos, ele abriu, seus olhos marrons chocados quando ele me viu.

“Rose?”

“Me deixe entrar. É a Lissa.”

Ele imediatamente abriu espaço pra mim entrar. Eu aparentemente o tinha pego dormindo, porque as cobertas estavam viradas e apenas uma pequena lâmpada brilhava na escuridão. Além do mais ele usava apenas calças de pijama; seu peito – que eu nunca tinha visto antes, e wow, parecia incrível – estava nu. As pontas do seu cabelo negro úmidos e grudados no seu queixo como se ele tivesse acabado de tomar um banho.

“Qual o problema?”

O som da voz dele me animou, e eu não pude responder. Eu não podia parar de olhar pra ele. A força que tinha me feito chegar aqui me puxava para ele. Eu queria tanto que ele me tocasse, tanto que eu mal podia agüentar. Ele era tão incrível. Tão incrivelmente lindo. Eu sabia que em algum lugar algo estava errado, mas não pareceu importante. Não quando eu estava com ele. Com quase 10 centímetros nos separando, não tinha jeito de que eu



conseguisse beijar ele sem sua ajuda. Então ao invés disso, eu mirei no seu peito, querendo sentir o gosto daquela pele quente e sexy.

“Rose!” ele exclamou, dando um passo pra trás. “O que você está fazendo?”

“O que você acha?”

Eu movi em direção a ele de novo, precisando tocar nele e beijar ele e tantas outras coisas.

“Você está bêbada?” ele perguntou, colocando suas mãos num gesto protetor.

“Bem que eu queria.” Eu tentei desviar em volta dele, e então parei, momentaneamente em dúvida. “Eu pensei que você queria- você não acha que eu sou bonita?” Todo o tempo que a gente se conhecia, com toda essa atração que tinha sido criada, ele nunca tinha me dito que eu era bonita. Ele tinha dado dicas, mas isso não era o mesmo. E apesar de toda a segurança que eu tinha que os outros caras achavam que eu era a coisa mais gostosa do mundo, eu precisava ouvir isso do cara que eu queria.

“Rose, eu não sei o que está acontecendo, mas você precisa voltar para o seu quarto.”

Quando eu fui na direção dele de novo, ele segurou meus pulsos. Com esse toque, uma corrente magnética passou por nós dois, e eu vi ele esquecer o que quer que fosse que ele estivesse preocupado. Algo também o agarrou, algo que de repente fez ele me querer tanto quanto eu o queria.

Soltando meus pulsos, ele moveu suas mãos para os meus braços, deslizando devagar pela minha pele. Me segurando em sua negra e faminta contemplação, ele me puxou para ele, me pressionando contra o seu corpo. Uma de suas mãos se moveram para o minha nuca, seus dedos torcendo meu cabelo e inclinando meu rosto até o dele. Ele trouxe seus lábios para baixo, mal tocando eles contra os meus.

Engolindo, eu perguntei de novo, “Você acha que eu sou bonita?”

Ele me deu um olhar serio, como ele sempre fazia. “Eu acho que você é linda.”

“Linda?”

“Você é tão linda, que as vezes chega a me doer.”

Seus lábios se moveram no meu, gentilmente no início, e depois com mais força e fome. As suas mãos que estavam em meus braços desceram, para os meus quadris, até ponta do meu vestido. Ele juntou o tecido com suas mãos e começou a o empurrar acima da minha perna. Eu derreti com seu toque, com o seu beijo e com o jeito que ele queimava contra a minha boca. Suas mãos continuaram deslizando cada vez mais pra cima, e ele puxou o vestido por cima da minha cabeça e o jogou no chão.

“Você... você se livrou do vestido rápido,” eu apontei entre as nossas respirações pesadas. “Eu pensei que você gostava dele.”

“Eu gosto,” ele disse. Sua respiração tão pesada como a minha. “Eu amo.”

E então ele me levou para a cama.

## VINTE UM

Eu nunca tinha estado completamente nua perto de um cara antes. Me assustou pra caramba – embora também me excitasse. Deitada nas cobertas, nós grudamos um no outro e continuamos nos beijando – e beijando e beijando e beijando. Suas mãos e lábios se apossaram do meu corpo, e cada toque era como fogo na minha pele.

Depois de sentir saudades dele por tanto tempo, eu mal podia acreditar que isso estava acontecendo. E enquanto as coisas mentais eram maravilhosas, eu também gostava de estar só perto dele. Eu gostava do jeito que ele me olhava, como se eu fosse a coisa mais sexy, a coisa mais incrível no mundo. Eu gostava do jeito que ele dizia meu nome em Russo, murmurando com uma oração: Roza, Roza...

E em algum lugar, em meio a tudo isso, estava aquela voz urgente que tinha me levado até o quarto dele, uma voz que não soava como a minha mas que eu não conseguia ignorar. Fique com ele, fique com ele. Não pense em mais nada a não ser ele. Continue tocando ele. Esqueça sobre todo o resto.

Eu ouvi-não que eu realmente precisasse de um convencimento extra.

O fogo nos olhos dele me disseram que ele queria fazer muito mais do que já estávamos fazendo, mas ele levou as coisas devagar, talvez porque ele sabia que eu estava nervosa. Suas calças de pijama ainda estavam nele. Num certo ponto, eu me desloquei para que eu ficasse por cima dela, meu cabelo pendurado em volta dele. Ele inclinou sua cabeça ligeiramente, e eu mal pude ver a sua nuca. Eu passei meus dedos por cima das seis pequenas tatuagens ali.

“Você realmente matou seis Strigoi?” Ele acenou. “Wow.”

Ele trouxe o meu próprio pescoço para a boca dele e me beijou. Seus dentes gentilmente arranhavam minha pele, diferente de um vampiro mas tão emocionante quanto. “Não se preocupe. Você vai ter muito mais tatuagens que eu um dia.”

“Você se sente culpado?”

“Hmm?”

“Por mata-los. Você disse na van que era a coisa certa a se fazer, mas ainda sim incomoda você. É por isso que você vai a igreja, não é? Eu vi você lá, mas você não estava trabalhando.”

Ele sorriu, surpreso e distraído pelo fato de que tinha adivinhado mais um segredo dele. “Como você sabe essas coisas? Eu não sinto culpa exatamente... só triste algumas vezes. Todos eles eram humanos ou dhampir ou Moroi. É um desperdício, só isso, mas como eu disse antes, é algo que eu tenho que fazer. Algo que nós todos temos que fazer. Algumas vezes me incomoda, e a igreja é um bom lugar para pensar sobre esse tipo de coisa. As vezes eu encontro paz lá, mas não freqüentemente. Eu encontro mais paz com você.”

Ele me rolou de cima dele e ficou por cima de novo. Os beijos aumentaram mais uma vez, mas forte dessa vez. Mais urgente. Oh Deus, eu pensei. Eu finalmente vou fazer. É isso. Eu posso sentir.

Ele deve ter visto a decisão nos meus olhos. Sorrindo, ele deslizou sua mão na minha nuca e desatou o colar do Victor.

Ele o colocou na cabeceira. Assim que as correntes deixaram seus dedos, eu senti como se tivesse levado um tapa na cara. Eu sorri surpresa.

Dimitri deve ter se sentido do meus jeito. “O que aconteceu?” ele perguntou.

“Eu-eu não sei.” Eu senti como se eu estivesse tentando acordar, como se eu estivesse dormindo a dois dias. Eu precisava lembrar de algo.

Lissa. Algo com a Lissa.

Minha cabeça parecia estranha. Nada de dor ou tontura, mas... a voz, eu percebi. A voz que me levava até Dimitri tinha desaparecido. Isso não quer dizer que eu não o queria mais porque ei, vendo ele ali com aquelas calças de pijama sexy, com aquele cabelo marrom pálido do lado do seu bonito rosto era muito bom. Mas eu não tinha mais aquela influencia externa que me puxava para ele. Estranho.

Ele parou, não estava mais excitado. Depois de alguns segundos pensando, ele se esticou e pegou o colar. No instante que o seus dedos o tocaram, eu vi desejo varrer ele de novo. Ele deslizou sua outra mão nos meus quadris, e de repente, aquela luxuria queimante voltou para mim. Meu estomago deu voltas enquanto a minha pele começou a pinicar e a ficar quente de novo. Minha respiração ficou pesada. Seus lábios se moveram na direção do meu de novo.

Alguma parte pequena de mim lutou contra.

“Lissa,” eu sussurrei, apertando meus olhos para que se fechassem. “Eu tenho que te contar algo sobre a Lissa. Mas eu não consigo... lembrar... eu me sinto tão estranha...”

“Eu sei.” Ainda me segurando, ele pos sua bochecha na minha testa. “Tem algo... algo aqui...” Ele puxou sua face pra longe, e eu abri meus olhos. “O colar. Esse é aquele que o Principe Victor te deu?”

Eu acenei e pude ver o processo de pensamento através dos olhos dele enquanto ele tentava se libertar. Respirando fundo, ele tirou sua mão do meu quadril e foi pra longe.

“O que você está fazendo?” eu exclamei. “Volte aqui...”

Parecia que ele queria- demais- mas ao invés disso ele saiu da cama. Ele e o colar foram pra longe de mim. Eu senti como se ele tivesse arrancado parte de mim, mas ao mesmo tempo, eu tinha aquela sensação de acordar, como se eu pudesse pensar claramente de novo sem que meu corpo tomasse todas as decisões.

Por outro lado, Dimitri ainda tinha um olhar apaixonadamente animal em seu rosto, e parecia ser uma grande dificuldade pra ele atravessar o quarto. Ele alcançou a janela e conseguiu a abrir com uma mão. O ar frio entrou, e eu esfreguei minhas mãos sobre meus braços para esquentá-los.

“O que você está fazendo com-?” A resposta me atingiu, e eu saltei da cama, assim que o colar voou pela janela. “Não! Você sabe o quanto isso deve-?”

O colar desapareceu, e eu não sentia mais como se eu estivesse acordando. Eu estava acordada. De forma dolorosa e assustadora.

Eu olhei ao meu redor. O quarto de Dimitri. Eu nua. A cama bagunçada.

Mas tudo isso não era nada comparada ao que me atingiu em seguida.

“Lissa!” Eu engasguei. Tudo voltou, as memórias, as emoções. E, na verdade, as emoções dela de repente entraram em mim – em níveis vacilantes. Mais terror. Terror intenso. Aqueles sentimentos querendo me sugar de volta para o corpo dela, mas eu não podia deixar. Ainda não. Eu lutei contra ela, precisando ficar aqui. Com as palavras saindo rapidamente, eu contei a Dimitri tudo que tinha acontecido.

Ele estava em movimento antes de terminar, colocando roupas e parecendo um agressivo. Me ordenando para que me vestisse, ele me jogou um abrigo com os dizeres “Cirílico” para mim usar por cima do vestido.

Eu tive dificuldades em seguir ele para o andar de baixo; ele não fez esforço pra diminuir a velocidade para mim acompanhá-lo dessa vez. Ligações foram feitas quando chegamos lá. Ordens gritadas. Sem demora, eu acabei no escritório dos guardiões com ele. Kirova e outros professores estavam lá. A maior parte dos guardiões da escola. Todos pareciam falar ao mesmo tempo. Enquanto isso, eu sentia o medo de Lissa, sentia ela indo cada vez mais pra longe.

Eu gritei com eles pra que eles andassem logo e fizessem alguma coisa, mas ninguém exceto Dimitri era acreditado na minha história sobre como a levaram até que alguém pegasse Christian na igreja e então verificasse que Lissa realmente não estava no campus.

Christian entrou assustado, suportado por dois guardiões. Dra. Olendzki apareceu logo depois, examinando ele e limpando o sangue da sua cabeça.

Finalmente, eu pensei, algo iria acontecer.

“Quantos Strigoi eram?” Um dos guardiões me perguntou.

“Como diabos eles entraram?” murmurou mais alguém.

Eu encarei. “O q-? Não eram Strigoi.”

Vários pares de olhos me encararam. “Quem mais a teria levado?” perguntou a Sra. Kirova primeiro. “Você deve ter visto errado pela...visão.”

“Não. Eu tenho certeza. Era... eles era.. guardiões.”

“Ela está certa,” murmurou Christian, ainda sendo atendido pela doutora. Ele recuou algo quando ela fez algo na sua cabeça. “Guardiões.”

“Isso é impossível,” alguém disse.

“Eles não eram guardiões da escola.” Eu esfreguei minha testa, lutando pra não deixar a conversa e voltar para Lissa. Minha irritação cresceu. “Dá pra vocês se mexerem? Ela está se afastando!”

“Você está dizendo que um grupo de guardiões particulares vieram seqüestrá-la?” O tom de voz de Kirova implicando que eu estava fazendo alguma piada.

“Sim,” eu respondi através de dentes cerrados. “Eles...”

Devagar, com cuidado, eu diminuí minha corrente mental e fui até o corpo de Lissa. Eu estava sentada em um carro, um carro caro com janelas com proteção para manter a maior parte do sol longe, podia ser ‘noite,’ aqui, mas era dia no resto do mundo. Um dos guardiões que estavam no igreja dirigia, outro estava sentado ao lado dele na frente – um eu reconheci. Spiridon. Atrás, Lissa estava sentada com as mãos amarradas, outro guardião ao lado dela, e no outro lado –

“Eles trabalham para Victor Dashkov,” eu arfei, me focando de volta em Kirova e nos outros. “Eles são dele.”

“O príncipe Victor Dashkov?” perguntou um dos guardiões com um pigarreio. Como se tivesse algum outro Victor Dashkov.

“Por favor,” eu gemi, as mão segurando com força minha cabeça. “Façam algo. Eles estão se afastando. Eles estão...”

Uma imagem breve, fora da janela do carro, resplandeceu na minha visão. “Oitenta e três. Indo para o sul.”

“Oitenta e três já? A quanto tempo eles partiram? Porque você não veio antes?”

Meus olhos se viraram ansiosos para Dimitri.

“Um feitiço compulsório,” ele disse devagar. “Um feitiço compulsório colocado no colar que ele deu a ela. Fez ela me atacar.”

“Ninguém pode usar esse tipo de compulsão,” exclamou Kirova. “Ninguém faz isso a séculos.”

“Bom, alguém fez. Até a hora que eu a contive e peguei o colar, muito tempo tinha passado,” Dimitri continuou, rosto perfeitamente controlado. Ninguém questionou a história.

Finalmente, finalmente, o grupo entrou em ação. Ninguém queria me trazer, mas Dimitri insistiu quando ele se deu conta que eu podia dizer onde ela estava. Os guardiões foram até 3 SUVs pretas sinistras. Eu estava na primeira, sentada no banco do passageiro enquanto Dimitri dirigia. Minutos se passara. A única vez que nós falamos era quando eu ia dar um relatório.

“Eles ainda estão na Oitenta e três... mas a volta está vindo. Eles não estão correndo. Eles não querem ser parados.”

Ele acenou, sem olhar pra mim. Ele definitivamente estava correndo.

Olhando ele de lado, eu voltei aos acontecimentos de hoje a noite. Com os olhos da minha mente, eu podia ver tudo de novo, o jeito que ele me olhava e me beijava.

Mas o que tinha sido isso? Uma ilusão? Um truque? No caminho para o carro ele me disse que realmente tinha um feitiço de compulsão no colar, um de luxúria. Eu nunca tinha ouvido falar nisso, mas quando eu pedi para mais informações, ele só disse que era o tipo de magia que os usuários da terra uma vez tinham praticado mas que não faziam mais isso.

“Eles estão fazendo a curva,” Eu disse de repente. “Eu não consigo ver o nome da rua, mas eu vou saber quando estivermos perto.”

Dimitri resmungou em entendimento, e eu afundei mais no meu banco. O que tudo tinha significado? Não tinha significado nada pra ele? Tinha definitivamente significado muito pra mim.

“Ali,” eu disse vinte minutos depois, indicando a curva que o carro de Victor tinha feito. O chão não era pavimentado, e a SUV nos deu uma vantagem sobre o carro luxuoso dele.

Ele dirigiu em silêncio, o único som vinha dos pneus amassando o chão. Poeira cobriu as janelas, fazendo um redemoinho ao nosso redor.

“Eles fizeram outra curva.”

Eles foram cada vez mais longe das vias principais, e nós os seguimos o tempo todo, levados pelas minhas instruções. Finalmente, eu senti o carro do Victor parar.

“Eles estão fora de uma pequena cabana.” Eu disse. “Eles estão levando ela-“

“Porque você está fazendo isso? O que está acontecendo?”

Lissa. Chorando e assustada. Seus sentimentos me puxaram para ela.

“Anda, criança,” disse Victor, se movendo até a cabana, oscilante na sua bengala. Um dos guardiões mantinha a porta aberta. Outro levava Lissa consigo e a sentou em uma cadeira perto de uma pequena mesa de canto. Está frio ali, especialmente por causa do vestido. Victor sentou na frente dela. Quando ela começou a levantar, um guardião deu a ela um sinal de aviso. “Você pensa que eu machuquei você seriamente?”

“O que você fez com o Christian?” ela chorou, ignorando a pergunta. “Ele está morto?”

“O garoto Ozero? Eu não queria que aquilo acontecesse. Nós não esperávamos que ele estivesse ali. Nós esperávamos pegar você sozinha, para convencer outros que você fugiu de novo. Nós fizemos com que rumores circulassem em relação a isso.”

Nós? Eu lembrei como as histórias tinha ressurgido essa semana... vinda da Natalie.

“Agora?” Ele suspirou, espalhando suas mãos em um gesto inofensivo. “Eu não sei. Eu duvido que alguém ligue conosco, mesmo que eles não acreditem que você fugiu. Rose iria ser o maior problema. Nós iríamos... nos livrar dela, fazendo os outros pensar que ela tinha fugido também. O espetáculo que ela criou no seu próprio baile fez isso impossível, mas eu tinha outro plano pra ter certeza que ela ficaria ocupada por algum tempo... provavelmente até amanhã. Nós vamos ter que lidar com ela depois.”

Ele não tinha contando com Dimitri descobrindo sobre o feitiço. Ele achou que eu ficaria ocupada a noite toda me dando bem.

“Porque?” perguntou Lissa. “Porque você está fazendo tudo isso?”

Seus olhos verdes se ampliaram, me lembrando os olhos dela ou do pai dela.

Eles podem ser parentes distantes, aqueles olhos verdes como jades corriam pelas veias tanto dos Dragomirs e dos Dashkovs. “Estou surpreso que você tenha que perguntar, querida. Eu preciso de você. Eu preciso que você me cure.”

VINTE DOIS

“CURAR VOCÊ?”

Curar ele? Meus pensamentos ecoaram com os dela.

“Você é a única alternativa,” ele disse pacientemente. “O único jeito de curar doenças. Eu tenho vigiado você a anos, esperando até eu ter certeza.”

Lissa balançou sua cabeça. “Eu não posso...não. Eu não posso fazer nada disso.”

“Seus poderes de cura são incríveis. Ninguém tem nem idéia do quanto.”

“Eu não sei sobre o que você está falando.”

“Anda, Vasilisa. Eu sei sobre o corvo – Natalie viu você fazer aquilo. Ela começou a seguir você. E eu sei que você curou a Rose.”

Ela percebeu que não tinha como negar. “Aquilo... era diferente. Rose não estava tão machucada. Mas você... eu não posso fazer nada sobre a Síndrome de Sandovsky.”

“Não estava tão machucada?” ele riu. “Eu não estou falando sobre o tornozelo dela- que ainda sim foi impressionante. Eu estou falando sobre o acidente de carro. Porque você tem razão, você sabe. Rose não ficou “tão machucada. Ela morreu.”

Ele deixou as palavras penetrarem.

“Isso... não. Ela estava viva,”Lissa finalmente conseguiu dizer.

“Não. Bem, sim, ela estava. Mas eu li todos os laudos. Não tem forma que ela pudesse ter sobrevivido – especialmente com tantos machucados. Você a curou. Você a trouxe de volta.” Ele suspirou, meio cuidadoso, meio desejoso. “Eu suspeitei que você poderia fazer isso há muito tempo, então eu tentei tanto repetir... para ver o seu nível de controle...”

Lissa tossiu e se engasgou. “Os animais. Era você.”

“Com a ajuda de Natalie.”

“Porque você faria isso? Como você pode?”

“Porque eu tinha que saber. Eu só tenho mais algumas semanas de vida, Vasilisa. Se você pode realmente trazer de volta a vida os mortos, então você pode curar Sandovsky. Eu tinha que saber antes de te levar para longe que você podia curar e que esse não era só um momento de pânico.”

“Porque me raptar?” Um centelha de raiva crescendo dentro dela. “Você é o meu tio mais próximo. Se você queria que eu fizesse isso – se você realmente acha que eu posso...” Sua voz e sentimentos me mostravam que ela não estava completamente certa de que ela podia curar ele. “Então porque me raptar? Porque você não pediu?”

“Porque não é uma coisa de uma só vez. Eu demorei muito tempo pra descobrir o que você é, mas eu consegui adquirir algumas das velhas histórias... pergaminhos do museu Moroi. Quando eu li sobre o espírito funciona-“

“Como funciona o que?”

“Espírito. É no que você é especializada.”

“Eu não me especializei em nada! Você é louco.”

“Da onde mais você acha que os seus poderes vem? Espírito é outro elemento, poucas pessoas ainda o tem.”

A mente de Lissa ainda estava se vacilando do seqüestro e a possível verdade que ela tinha me trazido de volta dos mortos. “Isso não faz sentido nenhum. Mesmo que não seja comum, eu ainda teria ouvido falar de outro elemento! Ou de algo que o tivesse.”

“Ninguém mais sabe sobre o espírito. Foi esquecido. Quando as pessoas se especializam nele, as pessoas não se dão conta. Eles acham que a pessoa simplesmente não tem nenhuma especialização.”

“Olha, se você só está tentando me fazer sentir-“ Ela abruptamente parou. Ela estava com raiva e com medo, mas por trás dessas emoções, sua maior preocupação era ter certeza que ela processasse o que ele tinha dito sobre os usuários de espírito e especialização. Eu agora tinha entendido. “Oh meu Deus, Vladimir e a Sra. Karp.”

Ele deu a ela um olhar sábio. “Você sabe disso a muito tempo.”

“Não! Eu juro. Era só algo que a Rose estava pesquisando... ela disse que eles eram iguais a mim...” Lissa estava começando a passar de muito assustada para completamente apavorada. As novidades tinham sido um choque.

“Eles são como você. Os livros até mesmo dizem que Vladimir era “cheio de espírito.” Victor parecia achar engraçado. Ver aquele sorriso me fez ter vontade de dar um tapa nele.

“Eu pensei...” Lissa ainda queria que ele estivesse errado. A idéia de não se especializar era mais segura do que se especializar em algum tipo de elemento esquisito. “Eu pensei que isso significava, tipo, o Espírito Santo.”

“Assim como todo mundo, mas não. É algo inteiramente diferente. Um elemento que está dentro de todos nós. Um elemento mestre que dá controle a todos os outros.”Aparentemente minha teoria sobre a especialização em elementos não estava muito longe da verdade.

Ela lutou pra se recuperar da noticia e o seu próprio controle. “Isso não responde minha pergunta. Não importa se eu tenho o espírito ou qualquer coisa assim. Você não tinha que me raptar.”



“Espírito, você pode ver, pode curar ferimentos físicos. Infelizmente, só é bom com ferimentos agudos. Uma coisa de uma vez. O tornozelo de Rose. Os ferimentos do acidente. Para algo crônico – tipo, uma doença genética como Sandovsky – curas continuadas são necessárias. Caso contrário vai continuar voltando. É isso que vai acontecer comigo. Eu preciso de você, Vasilisa. Eu preciso que você me ajude a lutar contra isso e mantenha isso longe. Para que eu possa viver.”

“Isso ainda não explica porque você me agarrou,” ela discutiu. “Eu teria ajudado você se você tivesse pedido.”

‘Eles nunca deixariam você fazer isso. A escola. O conselho. Assim que eles se recuperassem do choque de encontrar uma usuária do Espírito, eles se apoiariam na ética. Afinal de contas, como um escolhe quem curar? Eles diriam que não era justo. Isso é como brincar de Deus. Ou então eles se preocupariam no que isso exigiria de você.’

Ela recuou sabendo exatamente o que ele queria dizer.

Vendo a expressão dela, ele acenou. “Sim. Eu não vou mentir pra você. Vai ser difícil. Vai cansar você- mentalmente e fisicamente. Mas eu devo fazer isso. Eu sinto muito. Você vai receber alimentadores e outros entretenimentos por seus serviços.”

Ela saiu da cadeira. Ben imediatamente andou pra frente e a empurrou de volta. “E depois? Você vai me fazer sua prisioneira aqui? Sua enfermeira privada?”

Ele fez aquele gesto irritante com a palma aberta de novo. “Eu sinto muito. Não tenho escolha.”

Uma raiva implodiu dentro dela junto com o medo. Ela falou numa voz baixa. “Sim. Você não tem escolha, porque é de mim que nós estamos falando.”

“É melhor pra você desse jeito. Você sabe como os outros ficaram. Como Vladimir passou seus últimos dias, completamente enraivecido. Como Sonya Karp teve que ser levada embora. O trauma que você experimentou desde o acidente vem mais além do que simplesmente a perda da sua família. É de usar Espírito. O acidente acordou o Espírito em você; seu medo de ver Rose morta vez ele surgir, te permitindo curá-la. Forjou a ligação de vocês. E uma vez que se manifestou, você não pode mais se livrar dele. É um elemento poderoso – mas é também perigoso. Os usuários de terra pegam seus poderes da terra, os usuários do ar pegam do ar. Mas espírito? Da onde você acha que isso vem?”

Ela encarava furiosa.

“Vem de você, da sua própria essência. Para curar outro, você deve dar partes de si mesma. Quanto mais você faz isso, mas vai destruir você com o passar do tempo. Você já deve ter notado. Notado como certas coisas deixam você chateada, como você é frágil.”

“Eu não sou frágil,” surtou Lissa. “E eu não vou enlouquecer. Eu vou parar de usar o Espírito antes que as coisas piorem.”

Ele sorriu. “Parar de usar?” “Você pode muito bem parar de respirar. Espírito tem uma agenda... você sempre tem aquela vontade para ajudar e curar. É parte de você. Você resiste com os animais, mas você não pensou duas vezes em ajudar Rose. Você pode até usar compulsão – que é algo que o Espírito te deu uma força especial. E é assim que sempre será. Você não pode

evitar o Espírito. É melhor ficar aqui, isolada, longe de outras fontes de estresse. Ou você ficaria cada vez mais instável na Academia, ou eles te colocavam a usar uma pílula que ia atordoar seus poderes.”

Uma confiança veio para ela, uma bem diferente da que eu observei nos últimos anos. “Eu amo você, tio Victor, mas sou eu quem tem que lidar com isso e decidir o que fazer. Não você. Você está me fazendo desistir da minha vida pela sua. Isso não é justo.”

“É uma questão de qual significa mais. Eu também amo você. Muito. Mas os Moroi estão se partindo em pedaços. Nossos números estão caindo enquanto deixamos os Strigoi nos fazerem de presa. Nós costumávamos procurar por eles. Agora Tatiana e os outros líderes se esconderam. Eles mantêm você e seus pares isolados. Antigamente, você era treinado para lutar junto com seu guardião! Nos era ensinado que magia era uma arma. Agora não mais. Nós esperamos. Nós somos vítimas.” Enquanto ele encarava, Lissa e eu o quão apegado a sua paixão ele estava. “Eu podia ter mudado isso se eu fosse o rei. Eu deveria ser o herdeiro de Tatiana. Ela estava pronta para me nomear antes deles descobrirem a doença, e então ela não o fez. Se eu for curado... se eu for curado, eu poderia pegar meu lugar de direito...”

Suas palavras acionaram algo dentro de Lissa, uma consideração pelo estado dos Moroi. Ela nunca tinha contemplado o que ele havia dito, sobre como as coisas poderiam ser diferentes se os Moroi e seus guardiões lutassem juntos para livrar o mundo dos Strigoi e seu mal. Isso a tinha lembrado Christian e o que ele tinha dito sobre usar a magia como uma arma. Mas mesmo que ela apreciasse as convicções de Victor, nenhuma de nós duas achava que valia a pena o que ele queria que ela fizesse.

“Eu sinto muito,” ela sussurrou. “Eu sinto muito por você. Mas por favor não me faça fazer isso.”

“Eu preciso.”

Ela olhou diretamente nos olhos dele. “Eu não vou fazer isso.”

Ele inclinou sua cabeça, e alguém saiu do canto. Outro Moroi. Ninguém que eu conhecia. Andando atrás de Lissa, ele desamarrou as mãos dela.

“Esse é Kenneth.” Victor colocou suas mãos perto das mãos dela. “Por favor, Vasilisa. Pegue minhas mãos. Mande a magia através de mim assim como você fez com Rose.”

Ela balançou sua cabeça. “Não.”

Sua voz era menos gentil quando ele falou de novo. “Por favor. De um jeito ou de outro, você vai me curar. Eu prefiro que seja nos seus termos, não nos nossos.”

Ela balançou sua cabeça de novo. Ele fez um leve gesto em direção a Kenneth.

E foi quando a dor começou.

Lissa gritou. Eu gritei.

Na SUV, Dimitri diminuiu surpreso, nos fazendo desviar. Me lançando um olhar alarmado, ele começou a parar.

“Não,não!Continue!” Eu pressionei minhas mãos nas têmporas.”Nós temos que chegar lá!”

Atrás do meu banco, Alberta se inclinou pra frente e pos sua mão no meu ombro.”Rose, o que está acontecendo?”

Eu segurei as lágrimas. “Eles estão torturando ela.. . com ar. Esse cara... Kenneth... está fazendo uma pressão com ele, na cabeça dela. A pressão é insana. É como se – o crânio dela fosse explodir.” Eu comecei a gemer.

Dimitri olhou pra mim com o canto do olho e pos o pé no pedal ainda mais.

Kenneth não parou com sua força de ar. Ele também a usou para afetar a respiração dela. Algumas vezes ela a sufocava; outras vezes ela aumentava tanto que a fazia respirar fundo.Depois de agüentar tudo isso na primeira vez – e foi ruim o suficiente na segunda vez – eu me senti bem confiante que eu faria qualquer coisa que eles quisessem.

E finalmente, ela fez.

Machucada e com olhos sangrando, Lissa pegou as mãos de Victor. Eu nunca tinha estado na cabeça dela quando ela fazia mágica e eu não sabia o que esperar. No inicio, eu não senti nada... só um senso de concentração. Então... era como se... eu nem sei como descrever. Cor e luz e musica e vida e felicidade e amor... tantas coisas maravilhosas, todas as coisas boas que fazem o mundo ser bom e valer a pena viver nele.

Lissa invocou todas essas coisas, o máximo que ela pode, e as mandou para Victor. A mágica fluiu por nós duas, brilhante e doce. Estava viva. Ela era a vida dela. E assim como era maravilhoso, ela ficava cada vez mais fraca. Mas enquanto todos aqueles elementos – ligados pelo poderoso elemento do Espírito – flutuavam até Victor, ele ficou cada vez mais forte.

A mudança estava começando. Sua pele se alisou, não era mais enrugada e macabra. O pouco cabelo grisalho cresceu, se tornando negro e lustroso. Os olhos verdes- ainda da cor de jade - brilhavam de novo, se tornando alertas e vividos.

Ele tinha se tornado o Victor que ela se lembrava de quando era pequena.

Exausta, Lissa desmaiou.

No SUV, eu tentei relatar o que tinha acontecido. O rosto de Dimitri ficou cada vez mais negro, e ele lançou uma quantidade de pragas russas, palavras que eu ainda não sabiam o que significavam.

Quando nós estávamos a um quarto de milha da cabana, Alberta fez uma ligação com o telefone dela, e todo nosso comboio parou. Todos os guardiões - mais de uma dúzia- saíram e se reuniram, planejando estratégias. Alguém foi na frente pra olhar o lugar e voltou com um relatório de numero de pessoas dentro e fora da cabana. Quando o grupo parecia preparado para se dispersar, eu comecei a sair do carro. Dimitri me impediu.

‘Não, Roza. Você fica aqui.’

“Pro inferno com isso. Eu tenho que ir ajudá-la.”

Ele pegou meu queixo com suas mãos, me encarando com os olhos. “Você a ajudou. Seu trabalho está feito. Você fez muito bem. Mas esse não é um lugar pra você. Ela e eu ambos precisamos que você fique segura.”

Apenas eu ter me dado conta que a discussão iria atrasar o salvamento me fez ficar quieta. Engolindo qualquer protesto, eu acenei. Ele acenou de volta e se juntou aos outros. Todos eles se separaram na floresta, se misturando com as árvores.

Suspirando, eu chutei o banco do passageiro para trás e deitei. Eu estava tão cansada. Mesmo que o sol brilhasse através do pára-brisas era noite para mim, eu estava de pé a maior parte do tempo, e muito tinha acontecido todo esse tempo. Entre a adrenalina do meu próprio papel e sentir a dor de Lissa, eu podia ter desmaiado assim como ela tinha.

Mas ela estava acordada agora.

Devagar, suas percepções tomaram conta da minha mente de novo. Ela estava deitada no sofá da cabana. Um dos escudeiros de Victor deve ter carregado ela depois que ela desmaiou. O próprio Victor – vivo e bem agora, graças ao seu abuso dela – estava parado na cozinha com os outros enquanto eles conversam em vozes baixas sobre o plano deles. Só um estava perto de Lissa, observando. Seria fácil derrubá-los quando Dimitri e sua equipe invadissem o lugar.

Lissa estudou o guardião e então olhou pra janela perto do sofá. Ainda tonta por causa da cura, ela conseguiu sentar. O guardião se virou, observando ela cuidadosamente. Ela encontrou os olhos dele e sorriu.

“Você vai ficar quieto não importa o que eu fizer,” ela disse a ele. “Você não vai chamar por ajuda ou dizer a ninguém quando eu sair. Ok?”

O traço da compulsão deslizou por ele. Ele acenou de acordo.

Se movendo em direção a janela, ela a destrancou e levantou o vidro para cima. Enquanto ela fazia isso, muitas considerações corriam por sua mente. Ela era fraca. Ela não sabia o quão longe da Academia – de qualquer coisa na verdade – ela estava. Ela não tinha idéia do quão longe ela poderia ir até que alguém notasse.

Mas ela também sabia que ela talvez não tivesse outra chance de escapar. Ela não tinha intenção nenhuma de passar o resto da vida dela numa cabana na floresta.

Em qualquer outro momento, eu teria aplaudido sua coragem, mas não dessa vez. Não quando todos aqueles guardiões estavam prestes a salva-la. Ela precisava ficar lá. Infelizmente, ela não podia ouvir meu conselho.

Lissa subiu na janela, e eu xinguei em voz alta.

“O que? O que você vê?” Perguntou uma voz atrás de mim.

Eu sai da minha posição reclinada no banco do carro, batendo minha cabeça no teto. Dando uma olhada, atrás de mim, eu encontrei Christian espreitando pelo compartimento de carga. Atrás do banco de trás mais distante.

“O que você está fazendo aqui?” Eu perguntei.

“O que parece que eu estou fazendo? Eu sou um passageiro clandestino.”

“Você não tem uma concussão ou algo assim?”

Ele deu nos ombros como se não importasse. Que par ótimo ele e Lissa eram. Nenhum deles tinha medo de fazer grandes façanhas enquanto se machucavam seriamente. Ainda sim, se Kirova tivesse me feito ficar pra trás, eu estaria ali ao lado dele.

“O que está acontecendo?” ele perguntou. “Você viu algo novo?”

Hesitantemente, eu contei a ele. Eu também sai do carro enquanto falava. Ele me seguiu.

“Ela não sabe que nós estamos indo buscá-la. Eu vou pega-la antes que ela se mate de exaustão.”

“E quanto aos guardiões? Da escola, eu quero dizer. Você vai dizer a eles que ela foi embora?”

Eu balancei minha cabeça. “Eles provavelmente já quebraram as portas da cabana. Eu vou atrás dela.” Ela estava em algum lugar perto da cabana. Eu podia ir naquela direção mas eu não seria capaz de dizer exatamente onde ela estava. Ainda sim, não importava. Eu tinha que acha-la. Vendo o rosto de Christian, eu não pude resistir em dar a ele um sorriso seco. “E sim, eu sei. Você vai comigo.”

## VINTE E TRÊS

Eu nunca tive tanta dificuldade em me manter longe da cabeça de Lissa antes, mas também, nós nunca tínhamos imaginado que algo assim iria acontecer. A força dos pensamentos dela e seus sentimentos ficavam tentando me puxar e eu corri através da floresta.

Correndo através dos arbustos e das árvores, Christian e eu nós movemos para cada vez mais longe da cabana. Cara, como eu queria que a Lissa tivesse ficada aqui atrás. Eu teria adorado ver a invasão através dos olhos dela. Mas isso estava atrás de nós agora, e enquanto eu corria, a insistência de Dimitri em dar voltas no campo valeu a pena. Ela não estava se movendo muito rápido, e eu podia sentir a distancia diminuindo entre nós, me dando uma idéia mais precisa de onde ela estava. Igualmente, Christian não podia me acompanhar. Eu comecei a diminuir a velocidade por causa dele, mas logo me dei conta o quão estúpido isso era.

E ele também. “Vá.” Que arfou, me empurrando pra ir mais cedo.

Quando eu cheguei em um ponto perto o bastante que eu achei que ela podia me ouvir, eu gritei seu nome, esperando que ela voltasse. Mas ao invés disso, o que me respondeu foi um par de uivos- e um suave ronronar.

Psi-hounds. É claro. Victor tinha dito que ele caçava com eles; ele podia controlar essas bestas. Eu de repente entendi porque ninguém na escola se lembrava de ter mandado psi-hounds atrás de Lissa e eu em Chicago. A Academia não tinha arranjado isso; Victor tinha.

Um minuto mais tarde, eu cheguei a uma clareira onde Lissa estava escondida, atrás de uma árvore. Pela sua aparência e os sentimentos na nossa ligação, ela deveria ter desmaiado a muito tempo. Somente uma enorme força de vontade a fez continuar. Seus olhos abertos e o rosto pálido, ela encarava horroziada quatro psi-hounds que a estavam encurralando ela. Notando o sol, me ocorreu que ela e Christian tinham outro obstáculo aqui fora.

“Hey,” eu gritei para os hounds, tentando chamar atenção para mim mesma. Victor deve ter mandado eles para pega-la, mas eu esperava que eles sentissem e respondessem a outra doce- especialmente a um dhampir. Psi-hounds não gostavam de nós tanto quanto nenhum outro animal gostava.

Certa o suficiente, eles se viraram para mim, seus dentes cerrados e baba saindo de suas bocas. Eles se pareciam com lobos, mas tinham pelo marrom e olhos que brilhavam como fogo. Ele provavelmente tinha mandado eles não a ferirem, mas eles não tinham essas instruções sobre mim.

Lobos. Exatamente como na aula de ciências. O que a Sra. Meissner tinha dito? Muita dos confortos tinha a ver com força de vontade? Fechando minha mente, eu tentei projetar uma atitude de um alfa, mas eu não acho que eles caíram nessa. Qualquer um deles me passava. “Oh yeah- eles também estavam em maior número. Não, eles não tinham motivos para ter medo.

Tentando fingir que isso era só um luta de vale tudo com Dimitri, eu peguei um galho do chão que tinha o mesmo peso e altura de um taco de baseball. Eu o posicionei na minha mão quando dois dos psi-hounds pularam pra cima de mim. Garras e dentes se agarram em mim, mas eu me segurei surpreendentemente bem enquanto eu tentava me lembrar de tudo que eu tinha aprendido nesses dois meses sobre lutar contra oponentes mais fortes e maiores.

Eu não gostei de machuca-los. Eles me lembravam muito de cachorros. Mas era eu ou eles, e os sentimentos de sobrevivência tomar conta. Um deles eu consegui derrubar no chão, ele estava morto ou inconsciente eu não sabia. O outro ainda estava em cima de mim, ainda vindo rápido e furioso. Seus companheiros pareciam preparados para se juntar a ele,mas então um novo competidor apareceu em cena-mais ou menos. Christian.

“Saia daqui,” eu gritei pra ele, sacudindo meu psi-hounds enquanto suas garras rasgavam a pele nua da minha perna, quase me fazendo cair. Eu ainda estava usando o vestido, embora tivesse tirado os saltos fazia algum tempo.

Mas Christian, como qualquer cara apaixonado, não ouviu. Ele também pegou um galho e o balançou para perto dos hounds. Chamas brotaram da floresta. O hounds se apoiou, ainda compelido a seguir as ordens de Victor, embora estivesse claramente com medo do fogo.

Seus companheiros, os quatro hounds, circularam a fogueira e vieram por trás de Christian. Bastardos espertos. O bicho pulou em cima de Christian, batendo nele primeiro. O galho voou de suas mãos, o fogo imediatamente se apagando. Os dois hounds então pularam para sua forma caída. Eu terminei com o meu hound- de novo me sentindo doente com o que eu tive que fazer para derruba-los – e me movi em direção dos outros dois, me perguntando se eu tinha a força para derrubar os dois últimos.

Mas eu não precisei. Socorro apareceu na forma de Alberta, emergindo de algumas árvores.

Com uma arma na mão, ela atirou nos hounds sem hesitação. Elas eram muito chatas- e completamente inúteis contra Strigoi-mas contra outras coisas? Armas eram eficazes. Os hounds pararam de se mexer e cair perto do corpo de Christian.

E o corpo de Christian...

Nós três fomos em direção a ele-Lissa e eu praticamente nos arrastando. Quando eu o vi, eu tive que olhar para o outro lado. Meu estômago se contorceu, e foi necessário muito esforço para mim não vomitar. Ele não estava morto ainda, mas eu não achava que ele ia durar muito.

Os olhos de Lissa, espantados e distraídos, se embevecia dele. Em uma tentativa, ela estendeu suas mãos em direção a ele mas as derrubou.

“Eu não posso,” ela disse baixo. “Eu não tenho mais forças.”

Alberta, levantou seu rosto cheio de dureza e compaixão, e gentilmente acariciou o braço dela. “Vamos, princesa. Nós precisamos te tirar daqui. Vamos mandar ajuda.”

Me virando de volta para Christian, eu me forcei a olhar pra ele e me deixei sentir o quanto Lissa gostava dele.

“Liss,” eu disse hesitante. Ela olhou para mim, como se ela tivesse esquecido que eu estava lá. Com dificuldade, eu tirei meu cabelo do meu pescoço e me inclinei em direção a ela.

Ela encarou por um momento, seu rosto branco; então o entendimento brilhou em seus olhos.

Aquelas presas que estavam atrás do seu bonito sorriso morderam meu pescoço, um lamento escapou dos meus lábios. Eu não tinha me dado conta do quanto eu sentia falta, da doce, maravilhosa dor que fluiu gloriosamente maravilhosa. Felicidade se apoderou de mim. Deslumbramento. Alegria. Como estar em um sonho.

Eu não me lembro exatamente por quanto tempo Lissa bebeu de mim. Provavelmente não muito. Ela nunca iria considerar beber uma quantidade suficiente para matar uma pessoa ou a transformar num Strigoi. Ela terminou, e Alberta me segurou quando eu comecei a oscilar.

Tonta, eu observei quando Lissa se curvou em direção de Christian e colocou suas mãos nele. A distancia, eu ouvi os outros guardiões invadindo a floresta.

Não houve brilho ou fogos de artifício na cura. Tudo aconteceu invisível, ocorrendo apenas entre Lissa e Christian. E em pensar que a mordida cheia de endorfinas tinha entorpecido minha conexão com ela, eu lembrei de quando Victor tinha sido curado e das cores lindas e da musica que ela devia estar trazendo a tona.

Um milagre se desdobrou na frente dos meus olhos, e Alberta se arfou. Os ferimentos de Christian estavam curados. O sangue tinha secado. Cor – o tanto que um Moroi tinha, pelo menos – voltou para suas bochechas. Suas pálpebras tremeram, e seus olhos retornaram a vida de novo. Se focando em Lissa, ele sorriu. Era como assistir um filme da Disney.

Eu devo ter me inclinado depois disso, porque eu não me lembro de mais nada depois disso.

Eventualmente, eu acordei na clinica da Academia, onde eles forçaram fluidos e açúcar em mim por dois dias. Lissa ficou do meu lado praticamente todo o tempo, e devagar, os eventos do seqüestro se desdobraram.

Nós tivemos que contar para Kirova e mais alguns sobre os poderes de Lissa, e como ela tinha curado Victor e Christian, e, bem, eu. As notícias foram chocantes, mas os administradores concordaram em manter segredo do resto da escola. Ninguém nem mesmo considerou levar Lissa embora como tinham feito com a Sra. Karp.

No geral o que os estudantes sabiam era que Victor Dashkov tinha seqüestrado Lissa Dragomir. Eles não sabiam porque. Alguns de seus guardiões tinham morrido quando o bando de Dimitri atacou-uma pena, já que o número de guardiões já é tão pequeno. Victor agora estava sendo mantido sob vigilância 24 horas por dia na escola, esperando que um regimento real de guardiões o levassem embora. Os governantes dos Moroi poderiam ser simbólicos já que eles estavam dentro de outro país com um grande governo, mas eles tinham um sistema de justiça, e eu ouvi falar das prisões Moroi. Não é um lugar que eu queira ir.

Quanto a Natalie... ela foi complicada. Ela ainda era menor, mas ela tinha conspirado com seu pai. Ela trouxe os animais mortos e manteve os olhos em Lissa-mesmo antes de nós partimos. Sendo uma usuária de Terra como Victor, ela também tinha sido responsável pelo apodrecimento do banco que tinha quebrado meu tornozelo. Depois que ela tinha me visto afastar Lissa do pombo, ela e Victor se deram conta que eles precisavam me ferir para fazer ela agir – era a chance deles de fazer ela curar de novo. Natalie simplesmente tinha esperado por uma boa oportunidade. Ela não foi presa ou algo assim ainda, e a Academia não sabia o que fazer com ela até que a guarda real chegasse.

Eu não podia evitar de sentir pena dela. Ela era tão desajeitada e auto-consciente. Qualquer um podia ter manipulado ela, ainda mais seu pai, a quem ela amava e de quem ela queria desesperadamente atenção. Ela teria feito qualquer coisa. Dizem os rumores que ela ficou parada gritando perto do centro de detenção, implorando que eles a deixassem vê-lo. Eles se recusaram e levaram ela pra longe.

Enquanto isso, Lissa e eu voltamos a ser amigas como se nada tivesse acontecido. No resto do mundo dela, muita coisa tinha ocorrido. Depois de toda a excitação e o drama, ela pareceu ganhar um novo senso de importância pra ela. Ela terminou com Aaron. Eu tenho certeza que ela foi muito gentil, mas ainda teve de ser difícil pra ele. Ela tinha dado o fora nele duas vezes agora. E o fato de que a sua última namorada tinha traído ele provavelmente não estava ajudando a melhorar sua confiança.

E sem hesitação, Lissa começou a sair com Christian, sem se importar com as conseqüências para sua reputação. Os vendo em publico, de mãos dadas, me fez fazer uma tomada dupla. Ele não parecia ser capaz de acreditar em si mesmo. O resto dos nossos colegas estavam muito surpresos para compreender ainda. Eles mal podiam processar o conhecimento de que ele existia, muito mais estar perto de alguém como ela.

Meu estado romântico era menos rosa que o deles – se eu sequer pudesse dizer de estado romântico. Dimitri não tinha me visitado durante a minha recuperação, e nossas aulas foram suspensas indefinidamente. Não foi até o quarto dia desde que Lissa tinha sido seqüestrada que eu me encontrei com ele no ginásio. Nós estávamos sozinhos.



Eu tinha voltado para buscar minha bolsa de ginástica e eu congelei quando eu o vi, incapaz de falar. Ele começou a passar mas então parou.

“Rose...” ele começou depois de vários momentos desconfortáveis. “Você precisa reportar o que aconteceu. Com a gente.”

Eu estive esperando muito tempo para falar com ele, mas essa não era a conversa que eu tinha imaginado.

“Eu não posso fazer isso. Eles vão despedir você. Ou pior.”

“Eles deveriam me demitir. O que eu fiz foi errado.”

“Você não podia impedir. Era o feitiço...”

“Não importa. Foi errado. E idiota.”

Errado? Idiota? Eu mordi meus lábios, e lágrimas começaram a encher meus olhos. Eu tentei recuperar minha compostura rapidamente. “Olha, não é grande coisa.”

“É grande coisa! Eu me aproveitei de você.”

“Não,” eu disse de maneira justa. “Você não se aproveitou.”

Devia ter alguma revelação no tom da minha voz porque os olhos dele encontraram os meus com uma profunda e seria intensidade.

“Rose, eu sou vários anos mais velho que você. Em 10 anos, isso não significaria muito, mas agora, é bastante. Eu sou um adulto. Você é uma criança.”

Ai. Eu recuei. Era mais fácil ele ter me socado.

“Você não pareceu achar que eu era uma criança quando estava em cima de mim.”

Agora ele recuou. “Só porque o seu corpo... bom, isso não faz de você uma adulta. Nós estamos em dois lugares bem diferentes. Eu estive no mundo. Eu estive sozinho. Eu matei, Rose – pessoas, não animais. E você... você está apenas começando. Sua vida é sobre dever de casa e roupas e bailes.”

“É só com isso que você acha que eu me importo?”

“Não, é claro que não. Não totalmente. Mas é tudo parte do seu mundo. Você ainda está crescendo e descobrindo quem você é e o que é importante. Você precisa continuar fazendo isso. Você precisa ficar com caras da sua idade.”

Eu não queria caras da minha idade. Mas eu não disse isso. Eu não disse nada.

“Mesmo que você escolha não dizer nada, você precisa entender que foi um erro. E nunca vai acontecer de novo,” ele acrescentou.

“Porque você é muito velho pra mim? Porque não é responsável?”

Sua face estava perfeitamente vazia. “Não. Porque eu simplesmente não estou interessado em você desse jeito.

Eu encarei. A mensagem- a rejeição – apareceu alta e clara. Tudo daquela noite, tudo que eu tinha acreditado que era tão lindo e cheio de significado, se tornou pó na frente dos meus olhos.

“Isso só aconteceu por causa do feitiço. Você entendeu?”

Humilhada e com raiva, eu me recusei a fazer papel de boba discutindo ou implorando. Eu só concordei. “É. Eu entendi.”

Eu passei o resto do dia de mal humor, ignorando a tentativa de Lissa e Mason de me arrastar para fora do meu quarto. Era irônico que eu quisesse ficar dentro. Kirova tinha se impressionado o suficiente com a minha performance no resgate que ela acabou com a prisão domiciliar.

Antes da escola no outro dia, eu fui até onde Victor estava sendo mantido preso. A academia tinha celas de prisão, com barras de ferro, e dois guardiões estavam vigiando em um corredor ali perto. Foi necessário um pouco de trapaça de minha parte para fazer eles me deixarem entrar pra falar com ele. Nem mesmo Natalie tinha permissão. Mas um dos guardiões tinha andando comigo na SUV e me viu sentir a tortura de Lissa. Eu disse a ele que precisava perguntar a Victor sobre o que ele tinha feito com Lissa. Era uma mentira, mas os guardiões caíram e sentiram pena de mim. Eles me permitiram 5 minutos para falar com ele, se afastando discretamente do corredor para onde eles podiam observar mas não ouvir.

Parada fora da cela de Victor, eu não podia acreditar que eu já tinha sentido pena dele. Ver seu corpo novo e forte me encheu de raiva. Ele estava sentado com as pernas cruzadas em uma cama estreita, lendo. Quando ele me viu se aproximar, ele olhou pra cima.

“Rose, que surpresa boa. Sua esperteza nunca falha em me impressionar. Eu não achei que eles me permitiram receber visitas.”

Eu cruzei meus braços, tentando dar a ele um olhar de guardião feroz. “Eu quero que você quebre o feitiço. Termine com ele.”

“O que você quer dizer?”

“O feitiço que você fez pra mim e Dimitri.”

“O feitiço está acabado. Ele se destruiu.”

Eu balancei minha cabeça. “Não. Eu continuo pensando nele. Eu continuo querendo que ele...”

Ele sorriu entendendo quando eu não pude continuar. “Minha cara, isso já estava lá, muito antes de eu fazer isso.”

“Não era assim. Não era tão ruim.”

“Talvez não conscientemente. Mas todo o resto... a atração-física e mental – já estava em você. E nele. Não teria funcionado caso contrário. O feitiço não adicionou nada novo- só removeu as inibições e reforçou o sentimentos que vocês já tinham um pelo outro.”

“Você está mentindo. Ele disse que não se sente assim sobre mim.”

“Ele está mentindo. Eu te disse, o feitiço não teria funcionado se fosse ao contrário, e honestamente, ele deveria saber mais. Ele não tinha direito de se deixar se sentir desse jeito. Você pode ser desculpada por uma paixão escolar. Mas ele? Ele deveria ter demonstrado mais controle e escondido seus sentimentos. Natalie viu e me falou. Depois de apenas algumas observações próprias, era obvio para mim também. Me deu a chance perfeita para distrair vocês dois. Eu lancei o feitiço no colar para vocês dois, e vocês fizeram o resto.”

“Você foi nojento filho da mãe, fazendo isso comigo e com ele. E com Lissa.”

“Eu não tenho arrependimentos sobre o que eu fiz com ela,” ele declarou, se inclinando contra a parede. “Eu faria de novo se pudesse. Acredite no que você quiser, eu amo minha gente. O que eu queria fazer era o melhor para eles. Agora? Difícil dizer. Eles não tem líder, nenhum líder real. Não tem ninguém digno, na verdade. “Ele balançou sua cabeça em direção a mim, considerando. “Vasilisa na verdade pode ser uma - se ela puder algum dia acreditar em algo dentro dela e superar as influencias do Espírito. É irônico, na verdade. Espírito pode moldar alguém em um líder e também destruir suas habilidade de continuar um. O medo, a depressão, e a incerteza dominam, e mantém sua força enterrada dentro dela. Ainda sim, ela tem o sangue dos Dragomirs, o que não é algo pequeno. E é claro, ela tem você a sua guardião shadow-kissed. Quem sabe? Ela pode ainda nos surpreender.”

“Shadow-Kissed?” Aí estava de novo, a mesma coisa que a Sra. Karp tinha me chamado.

“Você foi beijada pelas sombras. Você cruzou com a Morte, no outro lado, e voltou. Você acha que algo assim não deixa uma marca na alma? Você tem um grande senso de vida e o mundo – muito maior que até mesmo eu tenho – mesmo que você não se dê conta. Você deveria ter continuado morta. Vasilisa tocou a Morte para trazer você de volta e a ligou com você para sempre. Você estava na verdade nos braços dele, e alguma parte de você vai sempre lembrar disso, é por isso que você luta para se agarrar a vida e experimenta tudo que pode. É por isso que você é tão descuidada em tudo que você faz. Você não segura seus sentimentos, sua paixão, sua raiva. Faz você incrível. E faz você ser perigosa.”

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Eu estava sem palavras, o que ele parecia ter gostado.

“É o que cria a ligação de vocês, também. Os sentimentos dela sempre pressionam para sair, atingindo outros. A maior parte das pessoas não capta isso a não ser que ela esteja realmente dirigindo seus pensamentos em direção a ela usando compulsão. Você, no entanto, tem uma mente sensível a forças extra sensoriais – a dela em particular. “ Ele suspirou, quase felizes, e eu me lembrei quando li que Vladimir tinha salvado Anna da morte. Isso deve ter feito o laço deles também.

“Sim, essa Academia ridícula não tem idéia o que eles tem com você e ela. Se não fosse o fato de que eu precisava matar você, eu teria feito você parte da minha guarda real quando você fosse mais velha.”

“Você nunca terá uma guarda real. Você não acha que as pessoas não teriam desconfiado da sua recuperação milagrosa? Mesmo que ninguém descobrisse sobre Lissa, Tatiana nunca teria feito de você o rei.”

“Você pode estar certa, mas não importa. Existem outros meios de assumir o poder. Algumas vezes é necessário ir além das linhas de poder. Você acha que Kenneth era o único Moroi que me seguia? As maiores revoluções muitas vezes começam quietas, escondidas nas sombras.” Ele me olhou. “Lembre-se disso.”

Sons estranhos vieram da entrada do centro de detenção, e eu me virei para ver de onde estavam vindo. Os guardiões que tinham me deixado entrar tinham sumido. Do canto, eu ouvi alguns gemidos e pancadas. Eu franzir as sobrancelhas e fiquei na ponta dos pés para dar uma olhada melhor.

Victor se levantou. “Finalmente.”

Medo atingiu minha espinha – pelo menos até eu ver Natalie no canto.

Simpatia e raiva misturadas passaram por mim, mas eu forcei um sorriso gentil. Ela provavelmente não veria seu pai de novo quando eles o levassem. Vilões, ou não, eles deveriam poder se despedir.

“Hey,” eu disse, vendo ela caminhar em minha direção. Tinha uma postura anormal nos seus movimentos que uma parte de mim notou não estar certa. “Eu não achei que eles deixariam você entrar.” É claro, eles também não deveriam ter me deixado entrar também.

Ela andou direto pra mim e – sem exagero – me jogou para a parede mais longe. Meu corpo bateu com força, e eu vi estrelas.

“O que?...” Eu pus uma mão na minha testa e tentei levantar.

Sem se preocupar comigo agora, Natalie soltou Victor com um par de chaves que eu tinha visto no sintô dos guardiões. Cambaleando nos pés, eu me aproximei dela.

“O que você está fazendo?”

Ela me olhou, e foi quando eu vi. O vermelho nas suas pupilas. Pele muito pálida, mesmo para um Moroi. Marcas de sangue ao redor de sua boca. E o mais notável de tudo, o olhar nos olhos dela. Um olhar tão frio e maligno, que meu coração quase paralisou. Era um olhar que dizia que ela não andava mais entre os vivos – um olhar que dizia que ela agora era um Strigoi.

## VINTE E QUATRO

Apesar de todo o treinamento que eu recebi, todas as lições sobre as habilidades Strigoi e como me defender delas, eu nunca tinha visto um. Era mais assustador do que eu esperava.

Dessa vez, quando ela se balançou contra mim, eu estava preparada. Mais ou menos. Eu desviei, ficando fora de alcance, imaginando quais eram as minhas chances. Eu lembrei da piada de Dimitri sobre o shopping. Nada de estaca de prata. Nada pra cortar sua cabeça fora.

Não tinha como colocar fogo nela. Correr parecia a melhor opção afinal, mas ela estava bloqueando o caminho.

Me sentindo imprestável, eu simplesmente me afastei enquanto ela avançava pra mim, seus movimentos muito mais graciosos do que eles jamais tinha sido quando ela estava viva.

Então, também mais rápido que ela jamais tinha feito em vida, ela pulou, me agarrando, e esmagando minha cabeça contra a parede. A dor explodiu no meu crânio, e eu tinha quase certeza que estava sentindo o gosto de sangue na boca. Eu lutei contra ela, freneticamente, tentando construir algum tipo de defesa, mas era como lutar contra Dimitri quebrada.

“Minha querida,” murmurou Victor, “tente não matá-la se você puder. Nós podemos ser capaz de usá-la mais tarde.”

Natalie parou seu ataque, me dando um momento para me afastar, mas ela nunca tirou seus olhos frios de mim. “Eu vou tentar.”

Tinha um tom céptico em sua voz. “Saia daqui. Eu encontro você quando eu acabar.”

“Eu não posso acreditar em você!” Eu gritei pra ele. “Você fez sua própria filha se tornar um Strigoi?”

“Um ultimo recurso. Um sacrifício necessário feito em prol do bem maior. Natalie entende.” Ele partiu.

“Você entende?” Eu esperava poder ficar falando com ela, como nos filmes. Eu também esperava que minhas perguntas escondessem como eu estava aterrorizada. “Você entende? Deus, Natalie. Você...você mudou. Só porque ele te pediu?”

“Meu pai é um grande homem,” ela respondeu. “Ele vai salvar os Moroi dos Strigoi.”

“Você está louca?” Eu choraminguei. Eu estava me afastando e de repente atingi a parede. Minhas unhas afundaram nela, quando eu pensei que podia passar por ela. “Você é um Strigoi.”

Ela deu nos ombros, quase parecendo como a antiga Natalie. “Eu tive que fazer isso para tirar ele daqui antes que os outros viessem. Um Strigoi para salvar todos os Moroi. Valeu a pena, desistir do sol e da mágica.”

“Mas você quer matar os Moroi! Você não vai ser capaz de se conter.”

“Ele vai me ajudar a ficar controlada. Caso contrario, eles terão que me matar.” Ela se aproximou e agarrou meus ombros, e eu tremi em quão casualmente ela falava sobre si. Era quase tão casual quanto o jeito que ela estava contemplando a minha morte.

‘Você é louca. Você não pode amar ele tanto assim. Você não pode de verdade-’

Ela me jogou contra a parede de novo, e enquanto o meu corpo caia no chão, eu tinha a impressão que eu não levantaria dessa vez. Victor tinha dito a ela para não me matar... mas tinha um olhar nos olhos dela, um olhar que dizia que ela queria. Ela queria se alimentar de mim; a fome estava lá. Era o jeito dos Strigoi. Eu não deveria ter falado com ela, eu percebi. Eu hesitei, como Dimitri tinha me avisado.

E então, de repente, ele estava lá, correndo pelo corredor parecendo a Morte num casaco de cowboy.

Natalie girou. Ela era rápida, muito rápida. Mas Dimitri também era rápido e ele evitou o ataque, um olhar de pura força e poder na sua face. Com uma fascinação assustada, eu vi eles se moverem, circulando um ao redor do outro como parceiros em uma dança mortal. Ela era mais forte que ele, claramente, mas ela também era um Strogoi nova. Ganhar super poderes não significa que você saiba como usar eles.

Dimitri, no entanto, sabia como usar o que ele tinha. Depois de ambos dar e receber vários golpes, ele fez seu movimento. A estaca de prata passou por sua mão como um trovão, e então ela entrou – dentro do coração dela. Ele a arrancou para fora e deu um passo pra trás, seu rosto impassivo enquanto ela gritava e caía no chão. Depois de alguns momentos horríveis, ela parou de se mexer.

Tão rápido quanto, ele se curvou em cima de mim, me pegando nos braços. Ele levantou, me carregando do mesmo jeito de quando eu tinha machucado o tornozelo.

“Ei, Camarada,” eu murmurei, minha própria voz soando sonolenta. “Você estava certa sobre o Strigoi.” O mundo começou a ficar escuro, enquanto minhas pálpebras se fechavam.

“Rose.Roza.Abre seus olhos.” Eu nunca tinha ouvido sua voz tão tensa, tão frenética. “Não vá dormir agora. Ainda não.”

Eu olhei enquanto ele me carregava para fora do prédio, praticamente correndo em direção a clínica. “Ele estava certo?”

“Quem?”

“Victor... ele disse que não teria funcionado. O colar.”

Eu comecei a me perder na escuridão da minha mente, mas Dimitri me puxou de volta pra da inconsciência.

“O que você quer dizer?”

“O feitiço. Victor disse que você tinha que me querer...que se importar comigo...para funcionar.” Quando ele não disse nada, eu tentei segurar sua camiseta, mas meus dedos estavam muito fracos. “Você queria?Você me queria?”

As palavras dele saíram espessamente. “Sim, Roza. Eu queria você.Eu ainda quero. Eu queria... que nós pudéssemos ficar juntos.”

“Então porque você mentiu pra mim?”

Ele chegou na clínica, e ele conseguiu abrir a porta enquanto ainda me segurava. Assim que ele entrou, ele começou a gritar por socorro.

“Porque você mentiu?” eu murmurei de novo.

Ainda me segurando em seus braços, ele olhou para mim. Eu podia ouvir vozes e passos se aproximando.

“Porque nós não podemos ficar juntos.”

“Por causa da coisa idade, certo?” Eu perguntei. “Porque você é o meu mentor?”

Seus dedos gentilmente limpavam uma lagrima que escorreu pela minha bochecha. “Isso é parte do motivo,” ele disse. “Mas também... bem, você e eu seremos guardiões de Lissa algum dia. Eu preciso protegê-la a todo custo. Se um grupo de Strigoi vier, eu preciso jogar meu corpo contra o dela para proteger ela.”

“Eu sei disso. É claro que é isso que você tem que fazer.” As estrelas estavam girando na minha mente de novo. Eu estava perdendo a consciência.

“Não. Se eu me deixar amar você, eu não vou me jogar na frente dela. Eu vou me jogar na sua frente.”

A equipe medica chegou e me tirou dos braços de Dimitri.

E foi assim que, dois dias depois de ser sido liberada, eu acabei voltando para a clinica. Minha terceira vez em dois meses desde que havíamos voltado pra Academia. Tinha que ser algum tipo de recorde. Eu definitivamente tinha uma concussão e provavelmente hemorragia interna, mas nós nunca descobrimos realmente. Quando sua melhor amiga é uma curandeira incrível, você meio que não tem que se preocupar com as coisas.

Eu ainda tive que ficar lá por alguns dias, mas Lissa – e Christian, seu novo parceiro – quase não deixavam meu lado quando eles não estavam em aula. Atraves deles, eu soube de pedaços sobre o resto do mundo. Dimitri tinha se dado conta que tinha um Strigoi no campus quando ele viu a vitima de Natalie morta e drenada: O Sr. Nagy de todas as pessoas. Uma escolha surpreendente, mas já que ele era o mais velho, ele tinha lutado menos. Nada mais de arte eslava pra nós. Os guardiões que estavam cuidando da detenção tinham sido feridos mas não tinham morrido. Ela simplesmente os jogou contra a parede como ela tinha feito comigo.

Victor tinha sido encontrado e recapturado enquanto tentava fugir do campus. Eu estava feliz, mesmo sabendo que isso significava que o sacrifício de Natalie tinha sido em vão. Diziam os rumores que Victor não parecia estar com medo quando os guardas vieram e o levaram. Ele simplesmente sorria o tempo todo, como se ele tivesse um segredo que nós não soubéssemos.

Na medida que eu consegui, eu voltei para vida normal depois disso. Lissa não se cortou mais. O doutor prescreveu pra ela algo – uma droga anti-depressivo ou anti-ansiedade, eu não consegui lembrar qual – isso fez ela se sentir melhor. Eu nunca sei nada sobre esse tipo de pílula. Eu achei que elas faziam as pessoas ficarem bobas e felizes. Mas era uma pílula como qualquer outra, para curar algo, e principalmente a deixava normal e se sentindo estável.

O que era uma boa coisa- porque ela tinha alguns outros problemas pra lidar. Como Andre. Ela finalmente tinha acreditado na história de Christian, e se permitiu reconhecer que Andre poderia não ser o herói que ela sempre acreditou. Era difícil pra ela, mas ela finalmente chegou a uma decisão pacifica, aceitando que ele podia ter um lado bom e um ruim, como todos tem. O que ele tinha feito com Mia entristecia ela, mas não mudou o fato que ele tinha sido um bom irmão que a amava. Mais importante de tudo, finalmente a libertou do

sentimento de que ela precisava ser ele para deixar sua família orgulhosa. Ela podia ser ela mesma – o que ela provava todos os dias com sua relação com Christian.

A escola ainda não tinha conseguido superar isso. Ela não se importou. Ela riu, ignorando os olhares chocados e o desdém da realeza que não podia acreditar que ela namorava alguém de uma família humilhada. Nem todos se sentiam desse jeito no entanto. Uns tinham conseguido conhecê-la durante sua breve tempestade de vida social e gostavam dela por ela, a compulsão não era necessária. Eles gostavam da sua honestidade aberta, preferindo isso aos joguinhos que a realeza fazia.

Muitos da realeza a ignoravam, é claro, e falavam maldades sobre ela pelas suas costas. O mais surpreendente de tudo, Mia – apesar de ter sido humilhada – conseguiu voltar para as graças de alguns da realeza. Provou meu ponto. Ela não ficaria embaixo por muito tempo. E, de fato, eu vi o primeiro sinal de sua vingança se espalhando de novo quando eu passei por ela um dia quando estava indo pra aula. Ela estava com algumas pessoas falando alto, claramente esperando que eu ouvisse.

“- o par perfeito. Os dois vem de famílias completamente desgraçadas e rejeitadas.”

Eu cerrei meus dentes e continuei andando, seguindo seu olhar para onde Lissa e Christian estavam. Eles estavam perdidos em seu próprio mundo e formavam uma pintura linda, ela loura e bonita e ele com seus olhos azuis e cabelo preto. Eu não podia evitar de olhar. Mia estava certa. A família deles eram desgraçadas. Tatiana tinha publicamente denunciado Lissa, e enquanto ninguém “culpava” os Ozera pelo que tinha acontecido com os pais de Christian, o resto das famílias reais continuaram a manter distancia.

Mas Mia também tinha estado certa sobre a outra parte também. Em alguns jeitos, Lissa e Christian eram perfeitos um pro outro. Talvez eles fossem excluídos, mas os Dragomirs e os Ozera estavam entre os mais poderosos líderes dos Moroi. E em pouco tempo, Lissa e Christian tinham começado a moldar um ao outro de formar que eles podiam ser colocados lado a lado de seus ancestrais. Ele estava pegando um pouco da sua pose polido e social; ela estava aprendendo como defender suas paixões. Quanto mais eu os observava, mas eu podia ver uma energia e confianã irradiar deles.

Eles também não ficariam por baixo.

E eu acho que, junto com a bondade de Lissa, deveria ser o que a atraiam as pessoas a ela. Seu circulo social começou pouco a pouco a aumentar. Mason se juntou, é claro, e não fez segredo do seu interesse em mim. Lissa me provocou bastante sobre isso, e eu ainda não sabia ainda o que fazer. Parte de mim pensei que talvez fosse hora de dar a ele uma chance de ser um namorado sério, mesmo sabendo que parte de mim desejava Dimitri.

A maior parte do tempo, Dimitri me tratava como qualquer um esperaria de um mentor. Ele era eficiente. Profundo. Rígido. Inteligente. Não tinha nada fora do ordinário, nada que faria alguém suspeitar sobre o que tinha ocorrido entre nós – a não ser as ocasiões em que nossos olhos se encontravam. E quando eu superei minha reação emocional inicial, eu sabia que ele estava – tecnicamente – certo sobre nós. Idade era um problema, sim, particularmente enquanto eu fosse uma estudante na Academia. Mas a outra coisa que ele tinha mencionado... nunca tinha entrado direito na minha cabeça. Deveria. Dois guardiões em uma relação poderiam distrair eles dos Moroi que eles deviam proteger. Nós não podíamos permitir que isso acontecesse, não podíamos arriscar a vida dela pelos nossos desejos. Caso contrário, nós



não seríamos melhores que o guardião Badica que tinha se fugido. Eu tinha dito a Dimitri uma vez que meus sentimentos não importavam. Ela vinha primeiro.

Eu só esperava que eu pudesse provar.

“É uma pena sobre a cura,” Lissa me disse.

“Hmm?” Nós estávamos no quarto dela, fingindo estudar, mas minha mente pensando em Dimitri. Eu dei um sermão nela sobre manter segredos, mas eu não tinha dito a ela sobre ele ou o quão perto eu estive de perder minha virgindade. Por alguma razão, eu não conseguia contar.

Ela largou os livros de história que estava segurando. “Que eu tive que desistir de curar. E da compulsão.” Ela franziu as sobrancelhas na última parte. A parte da cura tinha sido considerada um dom maravilhoso que precisava ser estudado/ a compulsão tinha sido profundamente repreendida por Kirova e a Sra. Carmack. “Eu quero dizer, estou feliz agora. Eu deveria ter pedido ajuda a muito tempo – você estava certa sobre isso. Estou feliz de estar tomando medicamentos. Mas Victor também estava certo. Eu não posso mais usar Espírito. Mas eu ainda posso sentir ele... eu sinto saudades de ser capaz de tocá-lo.”

Eu não sabia exatamente o que dizer. Eu gostava mais dela desse jeito. Perder aquela sombra de loucura tinha feito ela inteira de novo, confiante e sociável, como a Lissa que eu sempre conheci e amei. Vendo ela agora, era fácil acreditar que no que Victor tinha dito sobre ela ser uma líder. Ela me lembrava os seus pais e Andre – como eles costumavam inspirar devoção em quem os conhecia.

“E tem mais uma coisa” ela continuou. “Ele disse que eu não podia desistir. Ele estava certo. Doi, não ter mágica. Eu a quero tanto as vezes.”

“Eu sei,” eu disse. Eu podia sentir aquilo nela. As pílulas tinham entorpecido sua magia, mas não nossa ligação.

“E eu fico pensando sobre todas as coisas que eu poderia fazer, todas as pessoas que eu poderia ajudar.” Ela parecia arrependida.

“Você tem que se ajudar primeiro,” eu dizia a ela ferozmente. “Eu não quero que você se machuque de novo. Eu não vou deixar.”

“Eu sei. Christian diz a mesma coisa.” Ela tinha aquele sorriso bobo que ela sempre fazia quando ela pensava nele. Se eu soubesse que eles iam ficar tão idiotamente apaixonados, eu poderia não ter ficado tão entusiasmada para os fazer ficar juntos de novo.” E eu acho que vocês estão certos. Melhor querer a mágica e ser sã do que a ter e ser lunática. Não tem meio termo.”

“Não,” eu concordei. “Não com isso.”

E então, de algum lugar, um pensamento me atingiu. Esse era o meio termo. As palavras de Natalie me lembraram. Vale a pena, valeu a pena desistir do sol e da magia.

A magia.

A Sra. Karp não tinha se tornando uma Strigoi simplesmente porque ela tinha ficado louca. Ela tinha virado um Strigou para ficar sã. Ser um Strigoi cortava a pessoa totalmente fora da mágica. Fazendo isso, ela não podia usar isso. Ela não podia senti-la. Ela não iria querê-la mais. Encarando Lissa, eu senti um pouco de preocupação em mim.

E se ela descobrisse? Ela iria querer fazer isso também? Não, eu decidi rapidamente. Lissa nunca faria isso. Ela era uma pessoa muito forte, muito moral. E enquanto ela permanecesse tomando as pílulas, a razão a impediria de fazer algo tão drástico.

Ainda sim, todo o conceito me pinicou uma última vez. Na manhã seguinte, eu fui até a igreja e esperei num dos bancos até que o padre aparecesse.

“Olá, Rosemarie.” Ele disse, claramente surpreso. “Posso ajudar você em alguma coisa?”

Eu levantei. “Eu preciso saber sobre o Santo Vladimir. Eu li aquele livro que você me deu e mais alguns outros.” Melhor não falar pra ele sobre o roubo do sótão. “Mas nenhum deles dizia como ele morreu. O que aconteceu? Como a vida dele terminou? Ele foi, tipo, um mártir?”

O padre cerrou as sobrancelhas. “Não. Ele morreu devido a idade. Pacificamente.”

“Você tem certeza? Ele não se transformou num Strigoi e se matou?”

“Não, é claro que não. Porque você pensaria isso?”

“Bom...ele era santo e tudo mais, mas ele também era meio louco, certo? Eu li sobre isso. Eu pensei que ele talvez tivesse, eu não sei, entrado nisso.”

Seu rosto era serio. “É verdade que ele lutou contra demônios – a insanidade – sua vida toda. Era uma luta, e as vezes ele queria morrer. Mas ele superou. Ele não se deixou perder.”

Eu comecei a me perguntar. Vladimir não tinha pílulas, e ele claramente continuou a usar magia.

“Como? Como ele fez isso?”

“Força de vontade, eu acho. Bem...” ele parou. “Isso e a Anna.”

“Ana Shadow-Kissed,” eu murmurei. “A guardiã dele.”

O padre concordou. “Ela ficou com ele. Quando ele ficava fraco, ela o ajudava. Ela o fazia querer ficar forte e a nunca ficar louco.”

Eu deixei a igreja deslumbrada. Anna tinha conseguido. Anna tinha deixado Vladimir conhecer o meio termo, ajudando ele a fazer milagres no mundo sem encontrar um fim terrível. A Sra. Karp não tinha tido tanta sorte. Ela não tinha uma ligação com um guardião. Ela não tinha ninguém para ajudá-la.

Lissa tinha.

Sorrindo, eu cruzei a quadra em direção ao refeitório. Eu não me sentia tão bem sobre a vida fazia um bom tempo. Eu podia fazer isso, Lissa e eu. Nós podíamos fazer isso juntas.

E bem assim eu vi uma figura negra com o canto do meu olho. Ela me ultrapassou e pousou numa árvore perto. Eu parei de andar. Era um corvo, grande e parecendo feroz, com brilhantes penas negras.

Um momento depois, eu me dei conta que não era um corvo; era O corvo. Aquele que Lissa tinha curado. Nenhum outro pássaro pousaria tão perto de um dhampir. E nenhum outro pássaro estaria olhando pra mim de forma tão inteligente, e familiar. Eu não conseguia acreditar que ele ainda estava por perto. Um calafrio percorreu minha espinha, e eu comecei a me afastar. E então a verdade me atingiu.

“Nós estamos ligados a ela, não estamos?” eu perguntei, ciente que qualquer um que me visse acharia que eu era louca. “Ela trouxe você de volta. Você é um Shadow-kissed.”

Isso na verdade era muito legal. Eu estendi meu braço, meio que esperando que ele viesse pousar nele de algum jeito meio drástico, numa gesto igual a de um filme. Mas tudo o que ele fez foi olhar pra mim como se eu fosse uma idiota, abriu suas asas e voou para longe.

Eu observei enquanto ele voou para longe para o crepúsculo. E então eu me virei e fui procurar Lissa. De longe, eu ouvi o som de um grasnar, soando quase como uma risada.

Agradecendo a ajuda na tradução de:

Gaby ^kitty^, Rose, Leticia e Rafaela/Naru-Chan.

Para mais livros traduzidos entre na Comunidade do Orkut “Tradução de Livros”

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>

E fiquem ligados a história de Vampire Academy continua em Vampire Academy Frostbite.